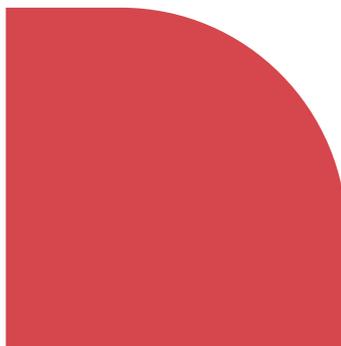


1866

SOCEPE

Santa Maria/Itaara - RS



A SOCIEDADE CONCÓRDIA

CAÇA E PESCA *história e memória*

da SOCEPE

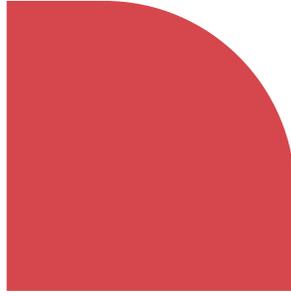
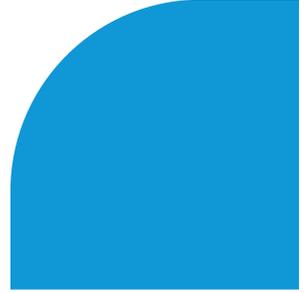
Eva
Regina
Coelho



1866

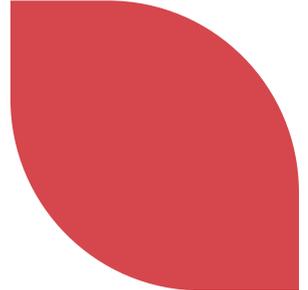
SOCEPE

Santa Maria/Itaara - RS



A SOCIEDADE CONCÓRDIA CAÇA E PESCA *história e memória da SOCEPE*

Eva
Regina
Coelho



**EDITORA UFN**

Rua Silva Jardim, 1535 | Prédio 7, Sala 305
Centro | Santa Maria, RS
97010-491 | (55) 3220.1203

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Salette Mafalda Marchi

CAPA

Pauline Soares Carpes

PROJETO GRÁFICO

Fagner Millani e Pauline Soares Carpes

DIAGRAMAÇÃO

Fagner Millani

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Janette Mariano Godois

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Carolina Coelho Sokolowicz

C672s Coelho, Eva Regina
A Sociedade Concórdia Caça e Pesca : história e memória
da SOCEPE / Eva Regina Coelho – Santa Maria, RS :
Universidade Franciscana, UFN, 2024.
106 p. : il.

ISBN: 978-65-5852-324-6 (Online)
ISBN: 978-65-5852-323-9 (Impresso)

1. Sociedade Concórdia Caça e Pesca – história 2. SOCEPE
– história I. Título

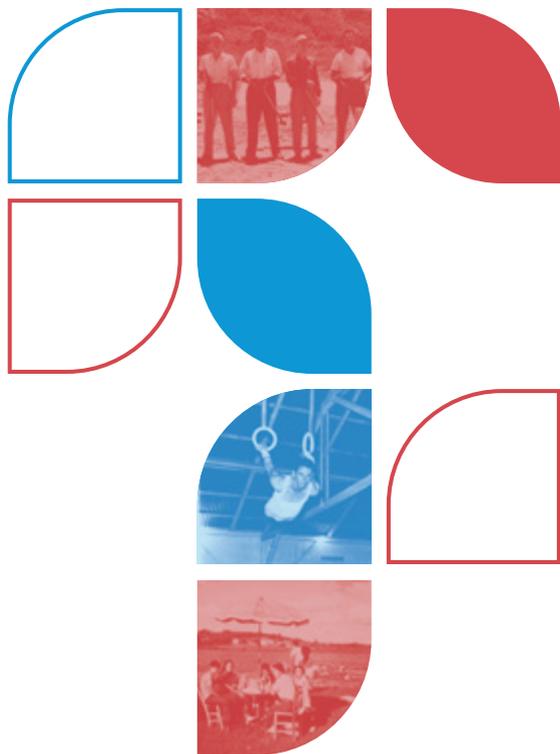
CDU 821.134.(816.5)-94

Ficha elaborada por Eunice de Olivera, CRB 10-1491

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es). A Editora UFN não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Sumário



Agradeço	4
Apresentação	6
Prefácio	8
<i>Capítulo I</i> <i>Deutscher Hilfsverein</i>	10
<i>Capítulo II</i> A Sociedade Concórdia de Santa Maria	36
<i>Capítulo III</i> Clube de Caça e Pesca de Santa Maria	58
<i>Capítulo IV</i> A SOCEPE	96
Referências	266
Anexos	270

Agradecço

A Horst Oscar Lippold pela confiança no meu trabalho e sua persistência em reviver as memórias que compõem este livro.

Ao historiador José Antônio Brenner pela cedência de seu texto inédito sobre os primeiros anos da *Deutscher Hilfsverein*.

Ao Hardy Ervin Bathelt e Egon Treptow pelas conversas descontraídas e produtivas sobre suas vivências desde os tempos da Sociedade Concórdia e do Clube Caça e Pesca de Santa Maria.

Aos sócios atletas da antiga Concórdia e dos anos iniciais da SOCEPE que relembrou episódios e conquistas das equipes esportivas daquela época.

Aos professores e técnicos das várias modalidades esportivas da SOCEPE, aos responsáveis pelo 24º Grupo de Escoteiros sediado na SOCEPE, ao coordenador do Grupo de Danças *Lustige Tänzer* pelos dados sobre seus grupos e suas conquistas, tornando possível este resgate histórico, e à coordenadora do Grupo SOCEPE Ativa pela receptividade.

À Maria Elena Camillo, companhia nas infundáveis manhãs debruçadas sobre os álbuns de fotografias e jornais na tentativa de recuperar a história dos eventos sociais da SOCEPE.

Ao Victor Rocha pela presença nas reuniões e o importante auxílio na identificação das fotografias antigas da SOCEPE.

À Neiva Dalcin, gerente administrativa da SOCEPE, pela compreensão, Jairo Regis Rosário Oliveira, Maritiele Alves de Ávila, Camila Pereira de Souza e Leane Maria de Vargas, funcionários SOCEPE, pelo sorriso amável com que me recebiam a cada manhã de trabalho nesta jornada.

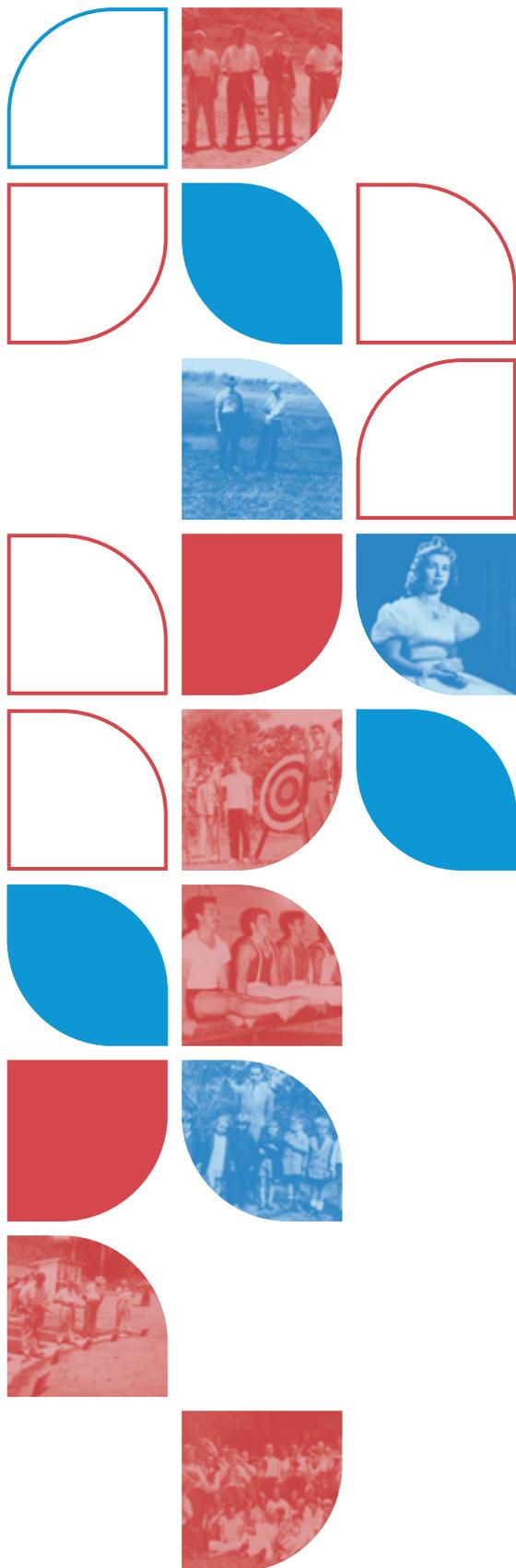
Ao Jairo Regis Rosário de Oliveira, agradeço também pelo completo relato sobre a origem do 24º Grupo de Escoteiros da SOCEPE.

À Silvia Regina Plein Ziegler, secretária da SOCEPE por 17 anos, Tatiane Bovo Beviláqua, que trabalhou como organizadora de eventos da SOCEPE, pelas informações sobre várias atividades sociais, e Claudia Ravazi de Castro, apaixonada pelo jogo de bocha, pela sua contribuição para o livro.

Finalmente, a todos os entrevistados e demais pessoas que direta ou indiretamente contribuíram de alguma maneira para a criação deste livro.

Muito obrigada!

Eva Regina Coelho



Apresentação

A cada geração, parte considerável de uma história desaparece.

Para evitar isso, devemos escrever nossas memórias, resgatar momentos, independentemente da importância que tenham para nós. Assim, eles não se perderão com o passar do tempo. As gerações futuras não conhecerão essas importantes memórias se não as preservarmos, sejam elas alegres, sejam tristes.

A ideia de um livro sobre a trajetória da Sociedade Concórdia Caça e Pesca (SOCEPE), desde a *Deutscher Hilfsverein*¹, fundada em 1866, surgiu da necessidade de resgatar essa parte da história de nossa comunidade, escrevê-la e oferecê-la aos jovens para que também se orgulhem desse passado.

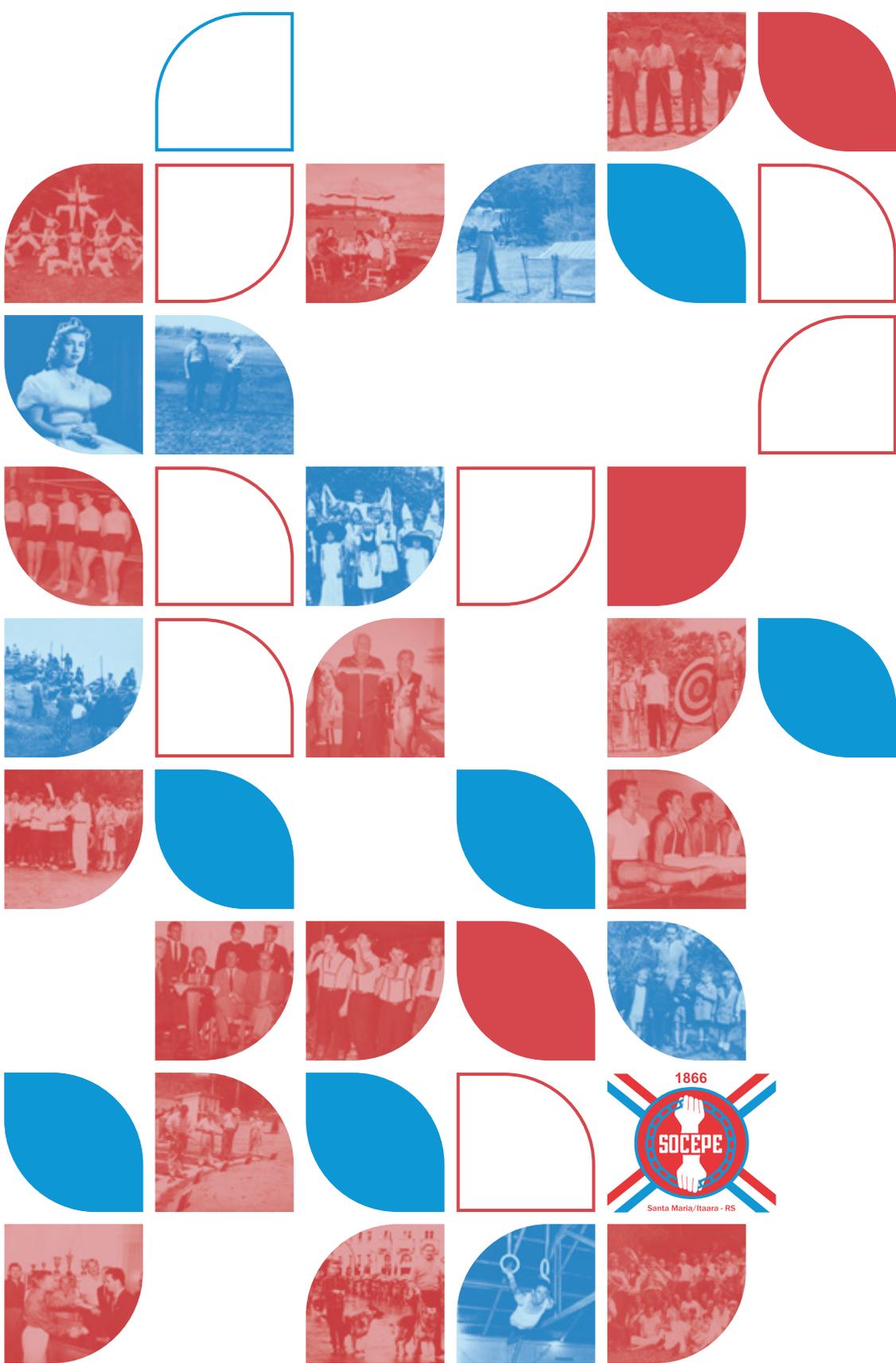
É com alegria que apresentamos o livro “A Sociedade Concórdia Caça e Pesca: história e memória da SOCEPE”, resultante de uma longa, cuidadosa e minuciosa pesquisa.

Dedicamos a todos os sócios fundadores, aos sócios atuais, às futuras gerações de sócios e à comunidade santa-mariense, agradecendo pelo apoio durante esta jornada.

Aproveitem a leitura!

Horst Oscar Lippold





Prefácio

A ideia de escrever este livro surgiu do senhor Horst Oscar Lippold, na época presidente da SOCEPE, que sentiu a necessidade de materializar as memórias do início dessa sociedade. Em 2008, a ideia da elaboração do livro foi levada à professora Rut Friedrich Marquetto, do Curso de Turismo da UNIFRA, hoje Universidade Franciscana (UFN), que, junto à Comunitá (Cooperativa de Desenvolvimento Turístico), apresentou uma proposta à SOCEPE. Em 30 de abril de 2009, a Diretoria Executiva da SOCEPE aprovou-a em reunião ordinária.

Após a aprovação do projeto, iniciou-se um longo processo de pesquisa para a construção do livro, coordenado pela professora do Curso de Turismo, Eva Regina Barbosa Coelho, com colaboração inicial das alunas Prescilla Silveira Saquett e Alexandra Bergueristain da Silva, membras da Comunitá.

As informações contidas neste livro sobre a SOCEPE e as entidades que a precederam (*Deutscher Hilfsverein*, Sociedade Concórdia e Clube de Caça e Pesca de Santa Maria) e todos os assuntos relatados ao longo do texto foram obtidos de bibliografias, entrevistas, jornais da cidade, periódicos internos da SOCEPE, fotos antigas e atuais e atas das reuniões oficiais das respectivas entidades.

Os livros de Atas das Assembleias Gerais e das Diretorias da Sociedade Concórdia, Clube de Caça e Pesca e da SOCEPE foram consultados com a autorização da presidência, desde o início da pesquisa, como fonte histórica principal para a criação do texto. Por outro lado, a pesquisa bibliográfica, as entrevistas e consultas a jornais e publicações internas da SOCEPE ocorreram concomitantemente com a pesquisa em atas e serviram para o aprofundamento ou elucidação de pontos importantes da história narrada.

Desde o projeto inicial, previu-se a divisão do texto em capítulos, de acordo com as fases atravessadas pela entidade, seguindo-se, portanto, seus passos de maneira cronológica. Segundo esse critério, no Capítulo I, intitulado *Deutscher Hilfsverein*, procurou-se recriar o cenário histórico de Santa Maria do século XVIII durante a criação e o desenvolvimento

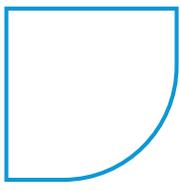
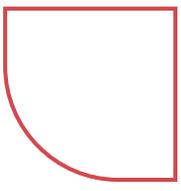
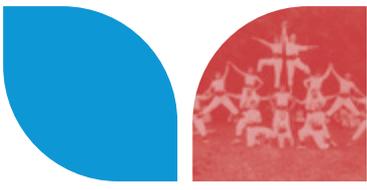
da cidade junto à chegada dos primeiros povoadores. Entre esses povoadores estavam os colonos alemães, que criaram uma sociedade de apoio mútuo, a *Deutscher Hilfsverein*, e a comandaram desde 1866 até a sua transformação em Sociedade Concórdia após a 2ª Guerra Mundial. Para o desenvolvimento do texto, recorreu-se aos reconhecidos pesquisadores da história local e regional, jornais locais e entrevistas.

No Capítulo II, discorre-se sobre a Sociedade Concórdia, nomeado à *Deutscher Hilfsverein*, após a II Guerra Mundial, graças ao esforço de antigos sócios. Segue o relato do crescimento da Sociedade Concórdia na vida social e esportiva de Santa Maria, principalmente com o aumento do número de sócios e o apoio à ginástica olímpica promovida pela entidade. Esse resgate histórico realizou-se com base nas atas de assembleias e na história de vida de sócios e atletas da Concórdia.

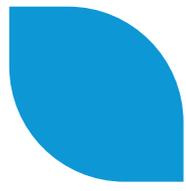
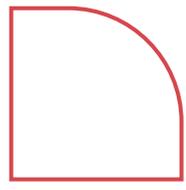
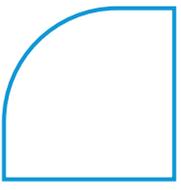
O Clube de Caça e Pesca de Santa Maria é tema do Capítulo III, que foi elaborado a partir das atas das assembleias, fotografias, narrativas pessoais e jornais. O clube agregava considerável número de sócios, cuja maioria era também de sócios da Sociedade Concórdia. Ambos funcionavam no mesmo local. O clube diferenciava-se da coirmã pelo apoio à caça e pesca esportivas. Seu crescimento foi rápido graças às promoções de torneios de tiro ao alvo, tiro ao pombo, concursos de pesca, arqueirismo e outras atividades esportivas relacionadas. A compra de uma grande área própria para instalação de uma sede campestre no então Distrito de Itaara permitiu à Direção do Caça e Pesca pensar e discutir com seus sócios uma proposta de fusão com a Sociedade Concórdia, que foi aprovada em 1966, dando origem à SOCEPE.

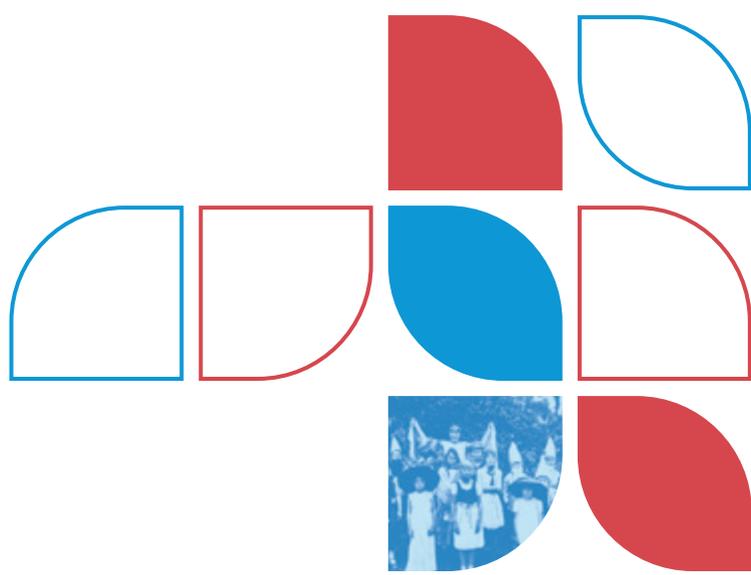
A Sociedade Concórdia Caça e Pesca – SOCEPE, herdeira da cultura alemã e da ginástica olímpica da Concórdia e dos esportes ligados à natureza do Clube Caça e Pesca, inaugura uma nova era de convivência harmoniosa entre os sócios e a natureza e diversas modalidades esportivas, festas e diversões. A sua história é resgatada no Capítulo IV, com auxílio de relatos de sócios, leitura de atas das assembleias, fotografias, jornais e revistas que permitiram a escrita.





Capítulo I





Deutscher Hilfsverein

Santa Maria surgiu na região central do Rio Grande do Sul, originada de um acampamento militar português no final do século XVIII, época em que Portugal e Espanha definiam seus limites no sul da América. Em 1819, quando foi elevada à categoria de 4º Distrito de São João de Cachoeira (hoje Cachoeira do Sul), era ainda um pequeno povoado, chamado Capela Curada de Santa Maria da Boca do Monte.

Quando, em 1828, instalou-se ali o 28º Batalhão de Caçadores, formado por soldados mercenários alemães contratados pelo Império Brasileiro para lutar na Guerra da Cisplatina, a população de Santa Maria era de pouco mais de mil habitantes, a maioria descendentes de paulistanos, lagunenses, açorianos, índios e negros. O referido Batalhão estava acantonado em Santa Maria, quando aconteceu a assinatura do acordo de paz (1828) entre o Império Brasileiro e Províncias Unidas do Prata e a declaração de independência do Uruguai (antiga Cisplatina). O 28º Batalhão foi dissolvido e, embora licenciados, alguns ex-soldados germânicos dirigiram-se para Porto Alegre, outros foram para Rio Pardo e grande parte permaneceu em Santa Maria “onde vários casaram com moças brasileiras pertencentes às famílias locais”, conforme explica Brenner (1995, p. 74).

Pode-se considerar este o primeiro grande momento do estabelecimento de colonos de origem germânica na região de Santa Maria, o que corresponde a uma época de relativa prosperidade para o núcleo, pois o soldo dos recém-desengajados movimentou o comércio da pequena Santa Maria. Muitos desses ex-convocados se estabeleceram como comerciantes, alfaiates, ferreiros, oleiros, pedreiros, marceneiros, lombilheiros, carpinteiros, alfaiates, curtidores e agricultores (Brenner, 1992). Constituíram famílias numerosas e trabalharam lado a lado com a população local, contribuindo para o crescimento econômico e social de Santa Maria.

A comunidade alemã de Santa Maria progredia, diversificando principalmente o comércio local, quando eclodiu a Revolução Farroupilha (1835-1845). Praticamente todos os rio-grandenses válidos ingressaram para lutar por um ou por outro partido, na Província. Em certa manhã de 1836, Santa Maria acordou praticamente despovoada, “nas ruas viam-se apenas mulheres, crianças e velhos valetudinários” (Belém, 2000, p. 94), ou seja, inválidos. O comércio que florescia teve considerável colapso, embora os principais comerciantes, os alemães, não tivessem sido convocados por serem estrangeiros.

Aos primeiros negociantes, juntaram-se outros atraídos pela relativa calma e neutralidade do povoado em relação às escaramuças entre os partidários de ambos os lados da Revolução dos Farrapos. Com o passar dos anos, novas famílias de origem germânica instalaram-se em Santa Maria e, com a trégua de 1840, os revolucionários retornaram aos seus lares. A vida ressurgiu aos poucos, e o comércio, que já atendia outras cidades, firmou-se cada vez mais, principalmente quando assinada a paz, em 1845. O campo e a cidade, então, respiram aliviados, e a vida política, social e econômica volta à normalidade.

O segundo momento da corrente imigratória germânica para a região de Santa Maria ocorreu a partir de 1851, quando o governo imperial brasileiro contratou cerca de mil e novecentos militares germânicos para reforçar o Exército Imperial Brasileiro em guerra contra o ditador Rosas, da Argentina, na luta pela hegemonia na região do Rio da Prata. Nesse momento, a situação na região dos estados alemães, reunidos desde 1815 na Confederação Germânica por decisão do Congresso de

Viena², após derrota dos exércitos napoleônicos, era de grave crise social, econômica e psicológica (Brenner, 1992, p. 79) em decorrência do longo período de dominação estrangeira.

Outro fator importante que contribuiu para o movimento emigratório germânico foi a disputa com a Dinamarca pelos ducados de Schleswig e Holstein, cujas populações de maioria alemã rebelaram-se contra o domínio dinamarquês em 1848. A Prússia acorreu em auxílio aos ducados, expulsando as tropas dinamarquesas. No entanto, pressionada por potências do continente que viam nessa conjugação de forças uma ameaça ao equilíbrio europeu, a Prússia devolveu os ducados à Dinamarca.

A perda das províncias de Schleswig e Holstein abalou os ânimos dos prussianos, principalmente dos mais jovens, que haviam participado da luta e tiveram seu patriotismo ferido. Esses jovens aderiram de imediato ao chamado do governo imperial brasileiro, que, aproveitando-se da situação de desagrado das famílias prussianas frente à derrota de seus exércitos pelos inimigos, lançou entre as populações daquelas províncias germânicas uma campanha de alistamento de soldados voluntários para o exército brasileiro (Azevedo, 1914, p. 20). Uniram-se os interesses do governo imperial brasileiro, que, em 1851, buscava ampliar seus efetivos para as campanhas militares contra os países do sul da América com os anseios de jovens prussianos. Na grande maioria, os novos mercenários “eram obscuros operários e camponeses, eram abastados filhos de famílias de aprimorada educação, eram legítimos representantes da nobreza prussiana” (Azevedo, 1914, p. 20) que preferiram aquela aventura à humilhação de ver sua pátria dominada por estrangeiros.

O contrato com o exército brasileiro valia por quatro anos. Após esse período, cada soldado poderia optar por um auxílio de 80\$000 e voltar a sua pátria ou por um pedaço de terra equivalente à 22.000 braças³ quadradas e permanecer no Brasil (Azevedo, 1914). A guerra terminou em 1852 com a vitória dos aliados, Brasil e Uruguai, contra a Confederação Argentina. Grande parte dos mercenários optou por permanecer no

² Congresso de Viena de 1815: convenção dos estados europeus que decidiu os destinos dos territórios dominados pelo Imperador Napoleão Bonaparte, após o exílio.

³ Braça é uma antiga medida de comprimento equivalente a 2,20 metros linearmente.

Brasil, sendo que alguns deles se estabeleceram em Santa Maria, dedicando-se às atividades urbanas e tornaram-se conhecidos pelo seu trabalho, dando origem a proeminentes famílias locais.

Desde que os germânicos se estabeleceram em Santa Maria, a vila ganhou novo colorido, como muito bem descreveu o viajante e médico alemão Robert Avé-Lallemant, que a visitou em 1858:

Só no dia seguinte (27 de março) examinei a singularmente alemã Santa Maria. Mas não preciso descrevê-la. Imagine-se uma rica aldeia à margem da estrada de Darmstadt a Heidelberg ou outro lugar à entrada da montanha, e estamos no centro de Santa Maria. Até o dialeto do palatinado se fala aqui nas ruas, como língua do país e, como lá se ouve em toda parte. No entanto, no “palatinalismo” se intromete a originalidade da vida rio-grandense. Quase nunca os jovens alemães tiram a espora e o poncho listrado. (...) os grosseiros carros de carga de duas rodas são carregados de produtos do país e de artigos de importação, para cuja produção e venda Santa Maria é ponto muito importante. Por isso, existe entre os negociantes alemães de Santa Maria gente rica, por menos que se note isso à primeira vista. O homem mais rico, entre esses alemães, possui uma fortuna de 150.000 *táleres*⁴. Há vários, no lugar, que possuem mais de 5.000 *táleres* (Avé-Lallemant, 1980, p. 214).

Percebe-se que os alemães e seus descendentes se integraram sem problemas à vida local. Unidos, trabalhadores, práticos e organizados, rapidamente formaram uma sólida comunidade em Santa Maria. Sua presença era sentida principalmente por sua alegria e musicalidade. Como em todos os locais do Rio Grande do Sul onde se fizeram presentes, os alemães e seus descendentes assimilaram a música popular dos gaúchos, dando a ela um toque germânico. Introduziram, por exemplo, os instrumentos de sopro e o acordeão e, a partir de então, o *schotisch*, a *mazurca*, a *polka* e a valsa se tornaram comuns nos bailes da província como sinal de integração dos alemães à comunidade local (Lopes, 2003). Em entrevista, Brenner afirma que essas características atraíam cada vez mais famílias germânicas ou seus filhos, que, das Colônias Alemãs,

deslocavam-se para Santa Maria ou para a recém-criada Colônia do Pinhal, hoje Itaara.

O ano de 1866 foi de suma importância para as famílias alemãs radicadas na cidade, pois, nesse ano, foram criadas a Comunidade Evangélica Alemã de Santa Maria e a sociedade *Deutscher Hilfsverein*, que contribuíram de maneira relevante para o conagraçamento e a união entre os germânicos e seus descendentes e para a manutenção de traços de sua cultura.

Com 105 sócios, a Comunidade Evangélica Alemã foi fundada em abril de 1866 e logo deu início à construção da sua igreja. O templo, inaugurado em 14 de dezembro de 1873, foi construído à Rua Barão do Triunfo e era uma edificação singela sem torre, com aspecto de residência. Não possuía sinos, pois, no Brasil monárquico, não havia liberdade religiosa, portanto, era proibida a construção de igrejas que não fossem católicas. Os sinos encomendados da Alemanha chegaram a Santa Maria em agosto de 1886 e em seguida a Comunidade construiu a torre para abrigá-los. Os sinos da Comunidade Evangélica Luterana passaram a badalar aos domingos, chamando o povo para os cultos. A ousadia provocou a reação do delegado local, Américo Furtado Camboim, que ameaçou com fortes punições a comunidade evangélica. A proibição desencadeou um movimento das comunidades não católicas da região e da província que, com apoio, inclusive dos católicos, solicitou uma mudança na Constituição Imperial, garantindo liberdade de culto a todas as religiões. Isso foi feito por meio do projeto de lei do político gaúcho Gaspar Silveira Martins e encaminhado ao Senado, mas tal solicitação não foi aceita pela Câmara.

Apesar disso, em 30 de outubro de 1888, os sinos da igreja Evangélica Luterana de Santa Maria voltaram a tocar em sinal de vitória da comunidade alemã, o que provocou repercussão nacional (Foletto *et al.*, 2008). Hoje, a conhecida “igreja dos alemães” preserva na sua singeleza a identidade da comunidade que tanto se integrou com Santa Maria. A Igreja tem arquitetura simples, que pouco conservou da construção original destruída pelo incêndio provocado pelas perseguições aos germânicos durante a Segunda Guerra.

Sempre alegres e muito comunicativos, os alemães criaram bandas musicais e grupos corais e organizavam bailes e festas, lembrando

o calendário festivo do país de origem. Foram os introdutores dos costumes hoje tão comuns na região, como a árvore de natal ornamentada, os ovos de Páscoa, a Festa do Pentecostes, a ginástica e outros esportes, como o tiro ao alvo, todos já incorporados à cultura local (Lopes, 2003).

A preocupação com a educação dos filhos levou os alemães e seus descendentes a criarem suas próprias escolas para a formação de suas crianças e jovens, já que as aulas públicas eram raras, e o ensino em língua portuguesa se tornava de difícil assimilação para os descendentes germânicos. Isso tudo era aliado à preocupação de preservar as origens culturais e a convicção de que a formação cultural, longe de ser um luxo, era uma necessidade. As primeiras iniciativas da comunidade germânica nesse sentido vieram ainda na década de 1850, com vários professores de origem alemã: Pastor Klein, que fundou um colégio em 1861; Theodoro Poettcke e Frederico Schneider, que criaram o Colégio Central, existente até 1881, e ainda Teodoro Schmidt (Belém, 2000). Todos contribuíram não só para o ensino da língua alemã, mas iniciaram o processo de ensino sistemático na cidade.

O crescimento de Santa Maria e sua posição geograficamente privilegiada tornava-a um núcleo promissor em vários aspectos, o que atraía gente de todo lugar, principalmente famílias de colônias alemãs originárias de locais onde as terras e as oportunidades começavam a escassear. Para atender às necessidades dos recém-chegados, os alemães criaram várias associações na cidade. A tradição associativista dos alemães chegou à região com os *brummer*, antigos lanceiros do batalhão de prussianos convocados pelo Imperador Pedro II para lutar contra Rosas (Governante da Argentina) e Oribe (Governante do Uruguai), unidos contra o Brasil. Em 1852, o batalhão se desfez, e muitos dos *brummer* permaneceram no Rio Grande do Sul.

Os *brummer* se diferenciavam dos demais colonos por serem letrados e com um grau de instrução além da média da maioria dos imigrantes. Eles tinham costume de contestar e questionar a situação quando não lhes agradava, motivo pelo qual eram chamados de *brummer*; o apelido que significa “zumbido” em alemão. Trabalhavam pela integração dos compatriotas imigrados à comunidade, auxiliando na sua incorporação à cultura e ao mercado de trabalho. Muitos *brummer* eram

professores nas comunidades habitadas por alemães, tendo ajudado na criação de comunidades religiosas, jornais e sociedades de ajuda mútua (Kreutz, 2003).

Entre os *brummer* que se estabeleceram em Santa Maria em 1866, encontrava-se o jovem capitão de artilharia Carl Ferdinand Otto Brinckmann (Azevedo, 1914), que fazia parte do grupo responsável pela criação da associação alemã de assistência *Deutscher Hilfsverein*. O historiador santa-mariense João Belém conta que, “em 1866, os membros mais conspícuos da colônia alemã de Santa Maria organizaram uma associação que denominaram *Deutscher Hilfsverein*, cuja finalidade era amparar os germânicos que, passando pela cidade, estivessem baldos de recursos como era comum naquela época de intensa imigração” (Belém, 2000, p. 263).

As atas da fundação da sociedade e as dos seus primeiros 47 anos estão desaparecidas, mas, conforme destaca o historiador José Antônio Brenner, na lista dos 71 fundadores da sociedade, em 1866, publicada por João Belém em sua obra sobre a História de Santa Maria, “ou eram alemães natos ou filhos de imigrantes alemães” (Brenner, 2005, p. 1). A primeira diretoria da *Deutscher Hilfsverein* incluía, além do presidente eleito, Carl Ferdinand Otto Brinckmann; o vice-presidente, Francisco Weimann; o secretário, Guilherme Fischer; o tesoureiro, Pedro Cassel; os diretores, Nicolau Ehlers, Jacob Krebs, Filipe Jacob Schirmer e Jacob Maurer, todos naturais da Alemanha.

A Sociedade Beneficente Alemã, como ficou conhecida, durante muito tempo, teve como principal preocupação amparar os alemães que passassem ou se fixassem em Santa Maria e que estivessem em dificuldade. Mais tarde, tornou-se sociedade de amparo mútuo, com prédio próprio e considerável patrimônio, que oferecia atividades esportivas e recreativas em sua sede, além de manter a Escola Teuto-Brasileira.

Sobre a importância social da *Deutscher Hilfsverein* para Santa Maria, é importante destacar a referência feita a ela pelo *Almanach* Municipal de Santa Maria⁵, em 1899:

⁵ Almanach Municipal de Santa Maria: Acervo da Casa Memória Edmundo Cardoso em Santa Maria.

A cidade de Santa Maria da Boca do Monte tem se desenvolvido nestes últimos anos de modo assombroso. Acompanhando a evolução que em si se há operado, o espírito de sociabilidade accentua-se dia a dia. D'ahi as corporações diversas que iremos assignalando, com as respectivas directorias actuaes: A Sociedade Beneficente Alemã, fundada em 1866. Patrimônio, 7:000\$000. Presidente: Otto Brinckmann; Vice-presidente: Carlos Brenner; Secretário: Ildefonso Brenner; Tesoureiro: Pedro Weimmann (Almanach Municipal de Santa Maria, 1899, p. 79).

O texto ainda destaca que a sociedade alemã estava entre as que detinham grandes patrimônios, como Club Caixeiral Santa Mariense, Club Atiradores Santa-mariense, Theatro Treze de Maio, Loja Maçônica Capitular “Paz e Trabalho”, Societá Italiana de Mutuo Socorso em Santa Maria da Bocca do Monte, entre outras.

Na segunda década do século XX, houve a determinação oficial de que todas as sociedades deveriam ter seus estatutos em língua portuguesa a fim de adquirir personalidade jurídica. Com isso, cerca de 100 membros da *Deutscher Hilfsverein* reuniram-se em assembleia no Theatro Treze de Maio, em 26 de janeiro de 1913, para escolher a nova diretoria entre as duas chapas concorrentes às eleições. A nova diretoria foi encabeçada por Francisco Pedro Brenner, como presidente, e Ildefonso Brenner, como vice-presidente. Coube a ela a elaboração dos novos estatutos da entidade, aprovados no final de 1913, graças aos quais se conhece “a data de sua fundação revelada no artigo segundo: ‘...28. Oktober 1866’” (Brenner, 2005). A determinação de que seus estatutos deveriam ser redigidos em língua portuguesa foi cumprida em 1916, ocasião em que a *Deutscher Hilfsverein* passou a ser chamada oficialmente de Sociedade Beneficente Alemã de Santa Maria da Boca do Monte (Brenner, 2010b).

A sociedade conservou seus objetivos fundamentais, que eram promover o auxílio aos sócios necessitados e aos alemães e seus familiares sem condições de associar-se, por um motivo ou outro. A associação mantinha a Caixa de Pecúlio Mutuário que, ao falecimento do sócio, fornecia à família auxílio mensal durante seis meses, além da assistência funerária.

A assistência e os serviços fúnebres prestados pelo *Deutscher Hilfsverein* eram completos, basta constatar o anúncio publicado diariamente pelo jornal Diário do Interior no ano de 1913⁶:

Carro Fúnebre

A Sociedade Beneficente Alemã dispõe de um carro fúnebre em condições de preencher os serviços funerários. Além, de prestar o serviço aos sócios, também pode ser utilizado por pessoa estranha a sociedade, mediante preço de aluguel ao alcance de cada um.

Para tratar com o tesoureiro da Sociedade, Sr. Guilherme Falkenberg em casa do Sr. Francisco P. Brenner. Rua do Comercio n^o. 59.

Com a Primeira Guerra Mundial iniciada em 1914 na Europa, “as manifestações populares antigermânicas tornaram a situação tensa para as sociedades alemãs no Brasil” (Brenner, 2010a, p. 105), no ano de 1917, quando o Brasil declara guerra à Alemanha. Em Porto Alegre, por exemplo, vários estabelecimentos de alemães e descendentes foram atacados. Para evitar sobressaltos, o *Deutscher Hilfsverein* decidiu não desenvolver qualquer atividade social ou assembleia e “entrou em prolongada inatividade de setembro de 1918 a maio de 1925, quando nenhum registro foi lançado no livro de atas” (Brenner, 2010a, p. 105).

Apenas em 18 de maio de 1925, a sociedade realizou reunião da diretoria, que convocou assembleia geral para eleger a nova direção e proceder à reforma estatutária, já que nenhum motivo impedia que os trabalhos da sociedade fossem reiniciados. Nesse dia, reuniu-se no *Gemeinnütziger Verein*⁷ a mesma diretoria decidiu paralisar as atividades

⁶DIÁRIO DO INTERIOR, Santa Maria, 25 de abril de 1913, p. 2.

⁷Gemeinnütziger Verein: sociedade alemã de utilidade comunitária, cuja sede funcionava em um chalé na Rua Silva Jardim, segundo entrevista de J. A. Brenner.

em 1917, sob a presidência de João Link Sobrinho, pois o presidente na época, Carlos Cassel, havia falecido no período de recesso.

Em 24 de julho de 1925, a Assembleia Geral extraordinária da *Deutscher Hilfsverein* elegeu “Guilherme Cassel Sobrinho para presidente e Ildefonso Brenner para vice-presidente” (Brenner, 2010a, p. 105). Na sessão do dia 4 de agosto de 1924, foi nomeada a comissão formada por Fritz Hoppe, Ildefonso Brenner, Friedrich Klaue e Alfredo Puhlmann para alterar os estatutos da sociedade.

O recesso prolongado custou à sociedade a redução dos membros para apenas 60 sócios (Brenner, 2010a), o que foi logo revertido durante o mandato da primeira diretoria eleita após o recesso. Ao final do seu mandato, “o quadro social chegou a 223 sócios e os bens da *Deutscher Hilfsverein* aumentaram consideravelmente de 21 contos de réis para 46 contos de réis, em janeiro de 1929” (Brenner, 2010a, p.106).

Segundo entrevista com o pesquisador José Antônio Brenner, as reuniões da *Deutscher Hilfsverein* aconteciam num pavilhão de madeira localizado na Rua Silva Jardim e que servia de salão de ginástica (*Turnhalle*) do *Gemeinnütziger Verein*, o *Clube Gymnastico*, uma sociedade de utilidade comunitária, que reunia alemães e descendentes moradores de Santa Maria.

Em 1913, em assembleia no Theatro Treze de Maio, os sócios demonstraram a intenção de vender um terreno à Rua Floriano Peixoto para construir a sede própria, o que só foi concretizado em 1932, com o lançamento da pedra fundamental, na Rua Venâncio Aires, onde hoje está a sede central da SOCEPE.

Brenner (2010b) narra que, em assembleia do dia 28 de julho de 1931, o Pastor Heinz Giessel propôs a instalação de todas as sociedades alemãs em um futuro prédio da Casa Alemã, pois, nas assembleias anteriores, havia sido discutida a necessidade de construção da sede própria, a *Deutsche Haus*, a Casa Alemã, de Santa Maria. Após alguns meses, a diretoria passou a discutir sobre a possibilidade de construção da sede própria em um dos terrenos oferecidos à venda para a sociedade na época, situados na Rua Ernesto Beck, na Rua Venâncio Aires e na Rua Riachuelo.

Segundo Brenner (2010b), estas eram as ofertas de propriedade para a construção da sede da *Deutscher Hilfsverein*. O terreno na Venâncio

Aires, oferecido para venda por Hernann Krueel, parecia ser o mais favorável, pois, além de estar na zona central, possuía 18,04 m de frente, 73,92 m de fundo e custaria 20:000\$000 (vinte contos de réis). Se o espaço fosse pouco para o que a sociedade pretendia, o proprietário do terreno ao lado, Constantino Fernandes, colocava à disposição mais 3,74 m por 5:000\$000 (Brenner, 2010b).

No dia 19 de dezembro de 1931, o presidente Francisco Brenner colocou em votação as três ofertas, sendo o resultado o seguinte: a propriedade da Rua Venâncio Aires teve 13 votos, a da Rua Ernesto Beck obteve 4 votos e a da Rua Riachuelo também 4 votos.

A concorrência para a construção da *Deutsche Haus* foi vencida pela empresa Rieth & Jagnow, de Cachoeira do Sul, pelo valor de 38:592\$000. Seu projeto de arquitetura previa uma edificação de três pavimentos. No térreo, no nível inferior à rua, ficaria o restaurante, copa, cozinha e cancha de bolão (Brenner, 2010b). O segundo pavimento teria um salão de festas e três salas destinadas às aulas da Escola Brasileira Alemã e instalações sanitárias (Brenner, 2010b). No terceiro, no sótão, servidas por janelas de mansarda, ficariam as dependências destinadas à moradia do ecônomo da sociedade (Brenner, 2010b).



■ Grupo de sócios da Sociedade Alemã, na década de 1920. | Fonte: acervo de Egon Treptow.

Lançamento da pedra fundamental da sede social da *Deutscher Hilfsverein*, em 20 de março de 1932. | Fonte: acervo de Egon Treptow.

O lançamento da pedra fundamental da sede da Sociedade Beneficente Alemã aconteceu festivamente em um domingo, em 20 de março de 1932. Segundo Brenner (2010b, p. 11), “autoridades civis e militares estiveram presentes além de representantes das associações locais, de imprensa e membros da colônia alemã”, que ouviram o Hino Nacional Brasileiro entoado por alunos da Escola Brasileira Alemã e a seguir o discurso do orador oficial, o conhecido advogado e ex-promotor público local, João Geiger Bonumá. O orador exaltou os esforços na sociedade de beneficência e a tradição cooperativista dos alemães, enfatizando o trabalho e a participação dos imigrantes germânicos no desenvolvimento da cidade desde a primeira metade do século XIX.



O segundo orador, o Pastor Heinz Giessel, da Comunidade Evangélica Alemã de Santa Maria, pronunciou-se em alemão e anunciou a realização de um leilão entre os presentes pelo direito de assinar a ata da cerimônia que seria depositada na pedra fundamental e que a quantia arrecadada seria usada na construção da sede. Os vencedores do leilão foram: senhora Nelly Bauer Timm, o senhor Frederico Treptow e o Clube Atirador Esportivo, com os lances de 200\$000, 250\$000 e 300\$000, respectivamente (Brenner, 2010b).

A festa foi animada pela banda do 7º Regimento de Infantaria e, aos convidados, foram servidos sanduíches e chope.

As reuniões da *Deutscher Hilfsverein*, a Sociedade Beneficente Alemã, antes da construção da sede própria, aconteciam no pavilhão do *Gemeinnütziger Verein*, no Theatro Treze de Maio ou na casa de um diretor ou de um secretário da Sociedade (Brenner, 2010c). Após a inauguração da sede social própria, na Rua Venâncio Aires, em 11 de dezembro de 1932, todas as sessões passaram a ser realizadas no novo prédio. Mesmo antes da inauguração, há indicativos de que, durante a construção, havia no local uma sala em condições de ser usada para as assembleias, pois a ata da assembleia de 28 de agosto de 1932 (na qual aconteceu alteração dos Estatutos) consta que a reunião se realizou “*im Saale des Deutschen Hilfsverein*”, ou seja, no salão da Sociedade Beneficente Alemã (Brenner, 2010b).

Apenas nove meses depois do lançamento da pedra fundamental, a *Deutscher Hilfsverein* inaugurou sua sede social com grande festividade, num domingo, dia 11 de dezembro de 1932, para a qual estavam convidados os sócios, os amigos e benfeitores da sociedade (Brenner, 2010b).

Abriu-se a solenidade com a apresentação de um grupo de coral de senhoras, o *Evangelischer Frauenverein*, para uma plateia formada por membros da comunidade alemã local, “representantes das autoridades civis e militares, delegações de sociedades congêneres de localidades vizinhas, representantes da imprensa local e de Porto Alegre e outros convidados” (Brenner, 2010b, p.14). Em seguida, o orador João Geiger Bonumá assumiu a palavra, ele que havia feito o discurso de lançamento da pedra fundamental da sede resgatou a atuação histórica da *Deutscher Hilfsverein* em Santa Maria e a importância do associativismo germânico para o desenvolvimento da cidade. No seu discurso, Bonumá destacou que Santa Maria

era ainda uma aldeia, núcleo quase ignorado na geografia política do Rio Grande do Sul, quando um grupo de alemães aqui radicados fundou a sociedade que tomou o nome de *Deutscher Hilfsverein*.- Sociedade Alemã de Auxílios, foi isso em 1866 (Brenner, 2010b, p. 14).

Bonumá encerrou seu discurso agradecendo a honra de ser o orador por ocasião do lançamento da pedra fundamental e da inauguração

da sede da sociedade de mútuo socorro alemão, destacando que “Santa Maria se orgulha de mais um monumento onde se cultivarão o trabalho, a virtude e o amor ao próximo, mais uma instituição beneficente, mais um centro de cultura humana (Brenner, 2010b, p. 15).

Nesse endereço, a Sociedade Beneficente Teuto-Brasileira, como passou a ser conhecida, mantinha a Escola Teuto-Brasileira, ou Escola Alemã. De acordo com Brenner (2010b), a *Deutsche Schule*, Escola Alemã, foi instalada no pavilhão de ginástica do *Deutscher Turnverein Jahn*, ou Clube Ginástico Alemão Jahn, na Rua Silva Jardim e mantida pela *Deutscher Hilfsverein*. Tal clube primava pelo ensino da ginástica, das artes cênicas, além de cumprir currículo regular. Quando a sede localizada na Rua Venâncio Aires foi inaugurada, a escola para lá foi transferida.



■ O Clube Ginástico Alemão, em Santa Maria, RS, 1905.
| Fonte: acervo do Museu Gama D’Eça, Santa Maria.

No Colégio Alemão, o ensino era ministrado em língua alemã e em língua portuguesa, com classes mistas desde o Jardim da Infância (*Kindergarten*) até a 5ª série do ensino primário, correspondendo hoje ao ensino fundamental. As aulas eram ministradas de acordo com os mais avançados preceitos pedagógicos da época por professores alemães e brasileiros.

3.

COLLEGIO BRAZILEIRO ALEMÃO

BOLETIM MENSAL

(A ser alocado: *Treptow*)

Obtece as seguintes notas:

Portuguez	8 1/4	
Leitura	9	
Alemão	8	Inglês: 8
Arithmetica	5 1/2	
(Geometria) Calc.	7	Cartografia: 6
H. do Brasil	9	Hist.: 9
Geographia	7	Geog.: 10
Desenho		
Trab. manuaes	—	
Gymnastica	10	
Canto	7	
Faltas	5 x	Atras: 1 x
Comportamento	9	
Applicação	9	
Assignatura dos paes		L. J. S.

Treptow

Boletim da aluna Ledi Treptow, de 1931, escrito em língua portuguesa, fornecido pela Escola Teuto-Brasileira de Santa Maria, ou Colégio Brasileiro Alemão. | Fonte: acervo de Egon Treptow.

DEUTSCH-BRASILIANISCHE SCHULE SANTA MARIA

Monatszeugnis für

Egon Treptow

über den Monat September 1938

Betragen	<u>10</u>	Fleiss	<u>9</u>
Aufmerksamkeit	<u>9</u>	Ordnung	<u>9</u>

faltou 4 meses
Santa Maria, den 5. Oktober 1938

M. J. Schmidt, H. Pereira
(Unterschrift der Lehrer.)

F. A. Treptow
(Unterschrift des Vaters.)

Boletim do aluno Egon Treptow, de 1938, escrito em língua alemã, fornecido pela Escola Teuto-Brasileira de Santa Maria. | Fonte: acervo de Egon Treptow.

O economista e professor aposentado da Universidade Federal de Santa Maria, Hardy Ervin Bathelt, nascido em Santa Maria e descendente de alemães, conta em entrevista, que frequentou a Escola Alemã a partir de 1932, quando ingressou no Jardim de Infância com apenas três anos de idade. Ele morava com sua família próximo à Escola e “...o professor Zimmermann me buscava frequentemente para brincar com as crianças do Jardim de Infância...” e foi ele que lhe ministrou as primeiras letras, em alemão. Conta também o senhor Hardy, que o ensino era “equivalente ao primário até o (exame de) admissão, naquela época, a 5ª série. Depois partia (o aluno) para o ginásio, não nesta escola, mas num colégio do estado”.



■ Grupo do Jardim de Infância da Escola Alemã de Santa Maria (1933) com o Professor Zimmermann. Da esquerda para a direita: 1 - ?; 2 - Nelly Ellwanger; 3 - Arauka Haynalka Parwis Blees; 4 - ?; 5 - ?; 6 - Gerg?; 7 - Hardy Ervin Bathelt; 8 - Walter Meyer; 9 - Erich Wutz. | Fonte: acervo de Hardy E. Bathelt.

O ensino da língua alemã aos pequenos tinha, pelo que consta, caráter prático, já que em casa as famílias de origem germânica só se comunicavam em alemão. Os mais velhos, os avós, não sabiam falar português. Senhor Hardy explica:

Eu aprendi a falar o alemão, depois o português. Então isso me foi muito útil, porque eu falava (alemão) e a alemoada não falava português... então a gente chegava na casa dos avós tinha que falar alemão (...) então a escola alemã primeiro ensinava a gurizadinha, tudo era pequenininho, a balbuciar em alemão.

Juntamente com o professor Zimmermann, citado pelo senhor Hardy, também lecionavam na Escola Alemã a professora Maria Ideque Schmidt e a professora Gerda Grau. Na escola, além do estudo das disciplinas curriculares, eram oferecidas aos alunos atividades, como canto coral, arte da representação, artes manuais e ginástica, na própria sede. Também eram realizadas atividades de lazer em contato com a natureza, como a que o senhor Hardy narra com tanta clareza:

Periodicamente, os grupos de alunos acompanhados pelos professores deslocavam-se para uma espécie de matinho que atualmente corresponderia à Vila Schirmer, na proximidade do Vale do Diabo para um Ausflug um ' passeio na natureza'. Na ocasião, 'cada menino e menina, levava sua merenda reforçada preparada em casa pela mãe: ovo cozido, pães e galinha enfarofada'. Com estas delícias, o ar livre e a inocência da garotada, a diversão era completa: pegar peixinho do Rio Vacacaí Mirim, ouvir histórias dos Irmãos Grimm, como a "Branca de Neve", cantar, correr, fazer piquenique, enfim, brincadeiras sadias o dia todo.



■ Uma das representações teatrais dos alunos do Colégio Brasileiro Alemão de Santa Maria. | Fonte: acervo de Egon Treptow.

Como era mantida pela Sociedade Teuto-Brasileira, a escola alemã destinava-se aos filhos dos sócios, conforme conta o senhor Hardy:

A gente fazia o kerb, três dias e três noites de festa. [...] várias atividades, tais como bordados que as mães faziam para vender, porque revertia para o colégio, para a Sociedade de Socorro. Então era feito um só prato numa panela: botavam horrores ali dentro, principalmente repolho e a gente comia dali. O kerb era para arrecadar fundos, por que a alemoada que chegava à Santa Maria, saía de um trem e não sabia nem onde tinha chegado, era encaminhado para receber 5 mil réis para se alimentar em Santa Maria. Era a sociedade de socorro aos alemães.

Para ilustrar a narrativa do Sr. Hardy, destaca-se o seguinte convite, retirado do jornal local⁶, que se refere a um encontro realizado numa data anterior à sua vivência como aluno da Escola Alemã. No entanto, a nota do jornal ilustra bem o costume da comunidade de origem germânica de realizar seus encontros comunitários ao ar livre, valorizando o convívio e a preservação dos seus costumes originais.

Após ser várias vezes adiado em virtude do mau tempo que fazia na cidade, o piquenique anunciado no convite realizou-se no dia 17 de março daquele ano, reunindo inúmeras famílias de sócios que se divertiram todo dia numa festa tipicamente campestre, na chácara da família Cassel, região correspondente hoje à extensa área do bairro Nossa Senhora de Lourdes e ao Bairro Nossa Senhora das Dores (Brenner, 2010a). O jornal local⁸ trouxe uma nota explicando sobre os objetivos da fundação da Sociedade e seus feitos em benefício dos germânicos que transitavam ou se instalavam em Santa Maria:

[...] a linda festa realizou-se em um pitoresco bosque da família Cassel, nos subúrbios da cidade. Esteve presente grande número de sócios acompanhados de suas exmas. Famílias que se entregaram durante o dia a diversões desportivas e danças, transformando-se o verde tapete da relva que circunda o bosque em um bucólico salão de baile.

⁸ DIÁRIO DO INTERIOR, Santa Maria, 19 de março de 1929, p. 1.



■ Nota no Diário do Interior de 25 de fevereiro de 1929, p. 2. | Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria.

Mais adiante, o jornalista narra sobre as brincadeiras realizadas e os vencedores de cada modalidade: “corrida de saco”, “corrida de agulha” e “corrida de ovos”. O jornalista continua:

aos presentes foi servido um farto churrasco em espeto e regado à cerveja e vinho nacional e os representantes da imprensa, convidados gentilmente, foram acolhidos pelo presidente da Sociedade senhor Fritz Hopp, enquanto o comerciante local, senhor Guilherme Seyffarth ofereceu a cada convidado um profuso copo da cerveja por ele fabricada nesta cidade.

Encerrando a nota, lê-se:

entre a alegria expansiva e sã que caracteriza a raça teutônica, prolongou-se o animado convescote até o cair da tarde, regressando os convivas muito bem impressionados das agradáveis horas que ai viveram⁹

⁹DIÁRIO DO INTERIOR, Santa Maria, 19 de março de 1929, p. 1.

Um dos piqueniques realizados pela comunidade alemã de Santa Maria nas terras dos Cassel, local conhecido como Mato do Abrão ou Chácara dos Cassel. | Fonte: acervo de Egon Treptow.



O senhor Carlos Lopes, sócio da Concórdia e da SOCEPE, conta em entrevista que, quando criança, costumava passar os seus horários de folga na Escola Alemã, pois morava próximo e lembra que todo dia de manhã eram hasteadas duas bandeiras, “uma em cada janela da casinha do sótão” da Escola: a bandeira da Sociedade Alemã e a bandeira da Alemanha. Às 17h30, as bandeiras eram recolhidas. Isso aconteceu até a Escola Alemã ser fechada pelo governo brasileiro.

O senhor Carlos Lopes conta que costumava hastear e arriar as bandeiras da Escola Alemã a pedido do encarregado da Escola em troca de alguns trocados que lhe permitiam ir à matiné no Cine Imperial aos fins de semana.

Alguns anos mais tarde, a Sociedade Beneficente Teuto-Brasileira e a Escola Teuto-Brasileira, ou Colégio Brasileiro-Alemão, foram desativadas devido à campanha de nacionalização instituída pelo presidente Getúlio Vargas.

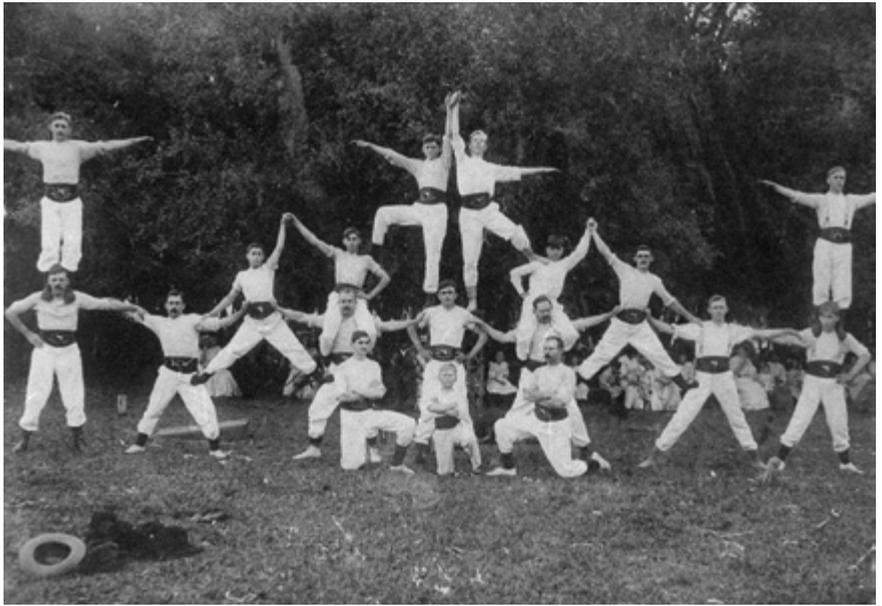
Em 1942, veio a declaração de guerra do Brasil aos países do Eixo, e o prédio onde a Sociedade Alemã e a Escola Teuto Brasileira funcionavam, na Venâncio Aires, foi requisitado pelo Exército Brasileiro para ali instalar o Círculo Militar.

Com o término da Segunda Guerra, alguns sócios da antiga *Deutscher Hilfsverein* conseguiram a devolução do prédio e, com dificuldade, restabeleceram a Sociedade com o nome de Sociedade Concórdia. Esse nome era comum a sociedades alemãs no Brasil reerguidas após a Segunda Guerra, cujo significado traduzia o desejo de paz, harmonia de vontades e de opiniões.

Embora em 2013, a *Deutscher Hilfsverein* tenha completado 147 anos de fundação (um dos mais antigos clubes do estado), parte importante das fontes de sua história contidas nas atas dos primeiros 47 anos de existência se perderam. A mais antiga ata preservada traz a data de 06 de outubro de 1913, quando Francisco Pedro Brenner era o presidente da sociedade (Brenner, 2010b). Essa ata e

as oito seguintes foram lavradas pelo secretário Friedrich Paul Kopp, Pastor da Comunidade Evangélica Alemã de Santa Maria, e mais oito atas por seu sucessor Max Werner; até 27 de fevereiro de 1916, foram todas escritas na antiga escrita cursiva alemã, *die Deutsche Schrift*, vulgarmente chamada de gótica (Brenner, 2010b, p. 3).

Apresentação
do *Turnverein
Jahn*, realizada,
possivelmente,
no seu Ginásio à
Rua Silva Jardim,
n. 1913. | Fonte:
acervo da SOCEPE.

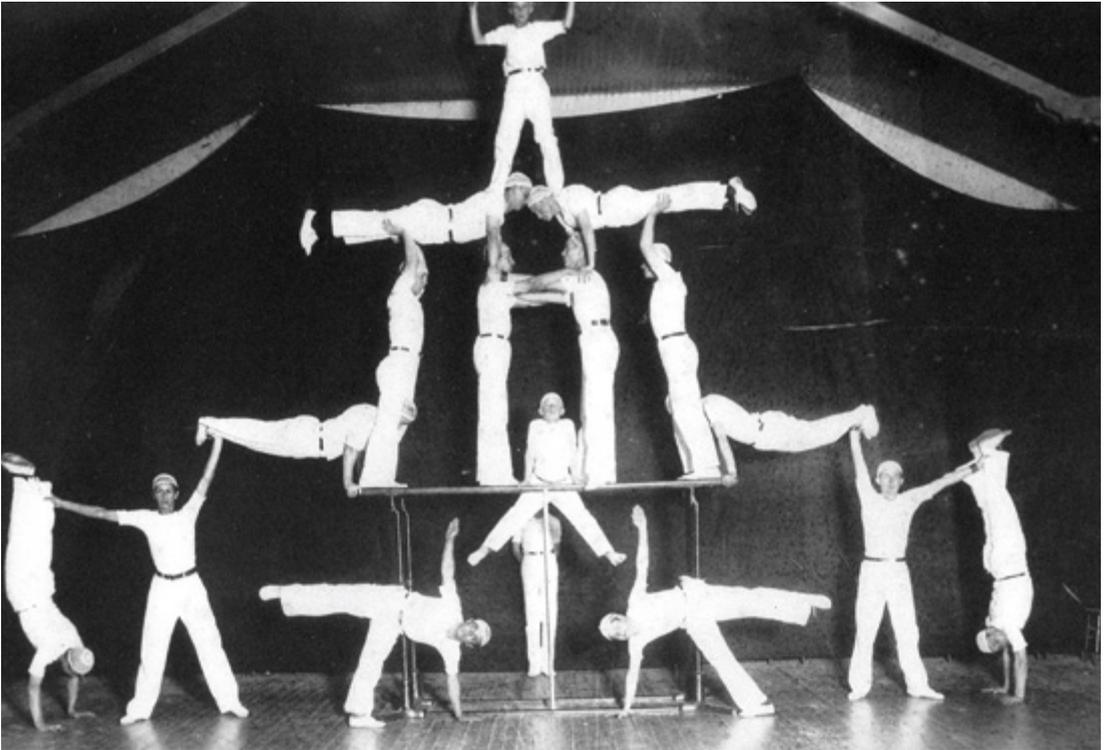


Brenner (2010b) destaca que o livro, denominado pelo secretário Koop de *3. Buch* (3º Livro), contém registros até 30 de junho de 1930 e que o segundo livro conservado foi aberto pelo secretário Otto Werner e contém atas de 21 de julho de 1930 até 1º de setembro de 1936, todas escritas em alemão, porém com letras latinas.

Os livros de atas mais antigos do *Deutscher Hilfsverein* de que se tem conhecimento foram resgatados por Horst Oscar Lippold do lixo depositado nas dependências da sede social da SOCEPE, antiga sede da Sociedade Concórdia

entre os anos de 1972-75 (Brenner, 2010b). Na ocasião, junto com os livros do *Deutscher Hilfsverein* foi encontrado o livro de atas do *Deutscher Männergesangverein "Teutonia"* com os registros desde sua fundação, em 1899, até 1922. Os livros de atas do Coral *"Teutonia"* encontravam-se junto às atas remanescentes do *Deutscher Hilfsverein*, possivelmente porque ambas as sociedades realizavam suas sessões conjuntamente por um certo tempo na sede do *Gemeinnütziger Verein* (que resultou da fusão do *Teutonia* com a *Turnverein Jahn*) (Brenner, 2010b).

Segundo narrou o professor Brenner, o grande impulso para ginástica olímpica na Alemanha foi dado pelo lema dos quatro efes (*Froh*: alegre; *Frei*: livre; *Fromm*: dedicado; *Frisch*: renovado), criado por Friedrich Ludwig Jahn no século XIX, considerado o pai da ginástica olímpica, após a derrota do império alemão frente à França em 1870. O grupo tinha o propósito de despertar a autoestima e elevar o moral da juventude alemã. Em Santa Maria, a comunidade alemã homenageou o criador da ginástica olímpica com a fundação do *Deutscher Turnverein Jahn* e, posteriormente, do *Gemeinnütziger Verein*.



■ Grupo Ginástico Alemão/SM, em 1915. Foram identificados os seguintes atletas olímpicos: Alfredo Schwartz, Alberto Rimen Schneider, Mario Cantanhedi, Fritz Cassel, Oscar Henrique Zappe, Guilherme Schmitz, Franz Rudolf, Frederico Eggers, Guilherme Falkenberg, Carlito Schirmer, Oswaldo Scherer (segundo informações do Prof. J. A. Brenner). | Fonte: acervo da SOCEPE.

O registro do *Deutscher Hilfsverein* foi estabelecido durante a gestão do presidente Carlos Cassel, a partir da Assembleia Geral Ordinária de 27 de fevereiro de 1916. Na ocasião, o presidente determinou que os estatutos da sociedade fossem traduzidos para o português, condição estabelecida para o reconhecimento.

Em 22 de novembro de 1916, a Diretoria aprovou a tradução de uma versão resumida dos estatutos assim denominados: “Estatutos da Sociedade Beneficente Alemã de Santa Maria da Bocca do Monte”, que estabelecia:

Art.1º. A sociedade girará sob o nome de Sociedade Beneficente Alemã de Santa Maria da Bocca do Monte;

Art.2º. Sede da Sociedade - A Sociedade Beneficente terá sua sede na cidade de Santa Maria da Bocca do Monte;

Art.3º. O fim da Sociedade - A Sociedade Beneficente terá por finalidade:

prestar auxílio aos sócios necessitados; prestar auxílio aos alemães aqui domiciliados ou descendentes, cujo estado pecuniário ou invalidez não lhes permita contribuir para a Sociedade Beneficente, como por exemplo, em caso de moléstia ou óbitos;

Pôr à disposição dos sócios o carro fúnebre pertencente à Sociedade, conforme preços estipulados na tabela do serviço fúnebre.

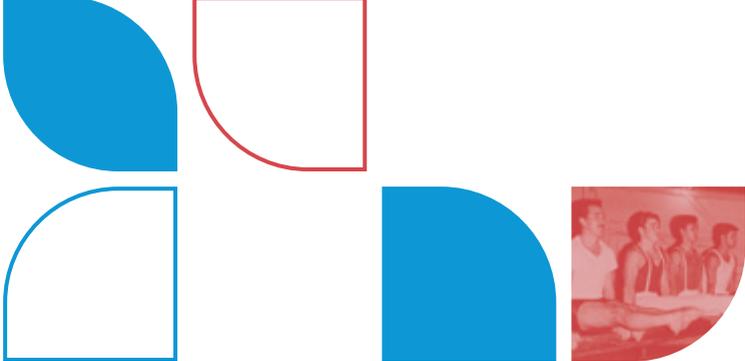


Soc. Teuto-Brasileira (Deutscher Hilfsverein) → Soc. Concórdia → SOCEPE. Construída em 1932 e demolida em 1982. Reprod. e correção digital em out. 2005 – J. A. Brenner

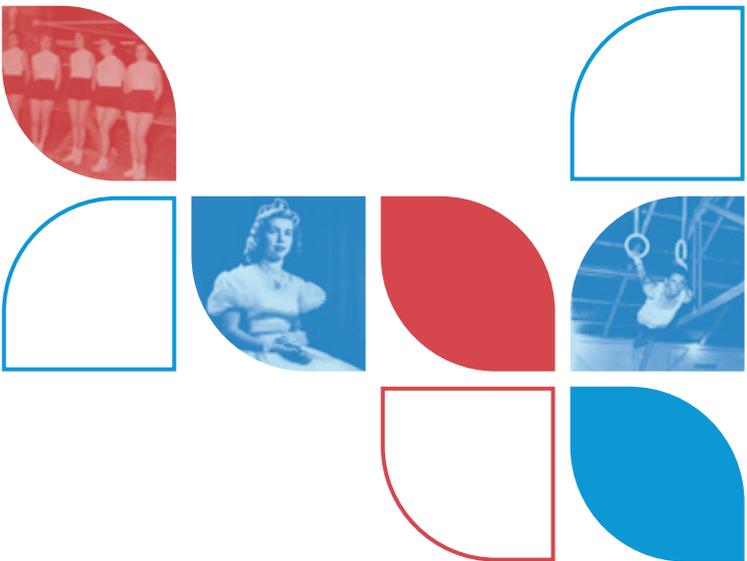
■ Antiga sede da *Deutscher Hilfsverein* (depois Concórdia) em Santa Maria, situada na Rua Venâncio Aires, n. 1596. | Fonte: acervo da SOCEPE.

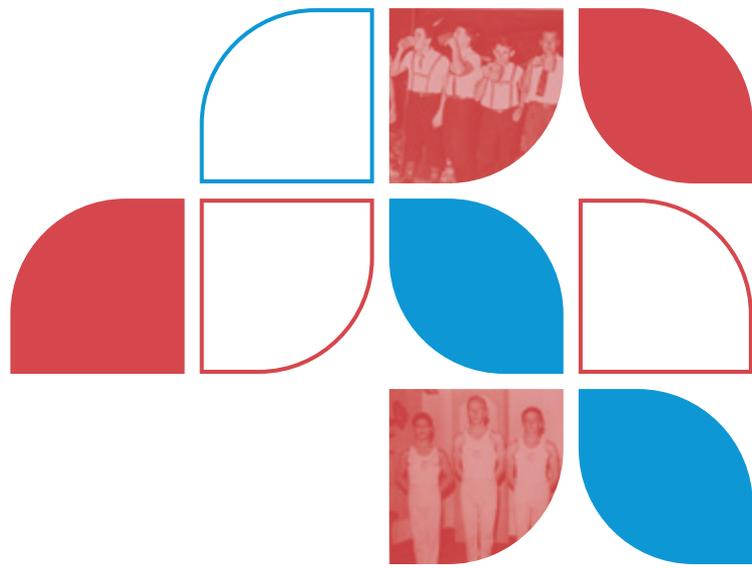
Como previu Bonumá em seu discurso de inauguração em 1932, a sede da Rua Venâncio Aires converteu-se em ponto de encontro e de socialização da comunidade de origem alemã residente em Santa Maria. Ali, desenvolveriam-se pelas décadas seguintes, atividades culturais e educacionais, esporti-

vas e de lazer, que dariam destaque não só à Sociedade como também à cidade de Santa Maria. Enfim, ali se desenvolveram momentos de convivência harmoniosa e pacífica que permitiriam seu perfeito entrosamento com a sociedade local, sem se desvincular de seus objetivos beneméritos originais. □■□



Capítulo II





A Sociedade Concórdia de Santa Maria

Nos anos finais da década de 1930, o mundo se preparava para a guerra iminente entre os países do Eixo (Alemanha e Itália) e dos Aliados (Inglaterra e França). O Brasil, embora não declarasse ainda seu apoio a nenhum dos países envolvidos, aparelhava-se principalmente com legislação, como a legalização dos estrangeiros no país.

A determinação do governo brasileiro sobre a obrigatoriedade de nacionalização dos estrangeiros que exerciam cargos públicos foi amplamente noticiada nos jornais locais, e o prazo para a nacionalização venceria em julho de 1939. Outra preocupação do governo brasileiro era quanto ao ensino ministrado em outras línguas, principalmente na região sul, onde eram muito comuns as escolas de orientação cultural italiana ou alemã, tendo em vista o grande número de descendentes de colonos e de imigrantes dessas duas nacionalidades.

Apesar do tenso cenário internacional, Santa Maria desenvolvia-se a olhos vistos no final da década de 1930 e início dos anos 1940. A administração modernizadora do Intendente Antônio Xavier da Rocha promovia reformas urbanas com abertura de novas vias e criação de novos locais de convívio, reformulando antigas ruas e avenidas e ajardinando praças públicas.

Um dos jornais locais, com um texto repleto do ufanismo comum na época, elogiava o empenho do governo do intendente na modernização da cidade. Elogiava também os “capitalistas locais”, que antes “guardavam dinheiro”¹⁰ e agora se preocupam em aplicá-lo no desenvolvimento da produção e no comércio. O texto destaca ainda o grande número de obras de construção, hotéis, prédios de apartamento, casas modernas, iniciativas que colocariam o Município de Santa Maria, na época com pouco mais de 80 mil habitantes (Oliveira Mesquita, 1999) definitivamente, no caminho da modernidade.

Nesse período, em 1939, na Europa, a Alemanha anexou a Polônia ao seu território, desencadeando uma espécie de reação em cadeia por parte dos países contrários aos seus interesses (os aliados), iniciando a Segunda Guerra Mundial. No Brasil, os reflexos foram sentidos em seguida, principalmente no âmbito econômico. Inicialmente, houve uma alta dos preços dos produtos de primeira necessidade, o princípio da especulação dos preços e necessidades decorrentes de um tabelamento determinado pelo governo federal, a chamada “lei de proteção ao povo”.

Apesar dos rumores da guerra e das precauções do governo para preservar a neutralidade brasileira e a manutenção dos direitos de todos os cidadãos, a vida social, econômica e cultural em Santa Maria transcorria normalmente. A convivência era pacífica entre os santa-marienses e as várias comunidades étnicas que aqui haviam encontrado abrigo há muito tempo, sendo já seus descendentes considerados cidadãos locais. Exemplo disso eram as animadas noites de carnaval noticiadas amplamente no jornal local. O jornal fazia o chamamento em nome dos diversos clubes para os bailes e desfiles de numerosos “blocos” que

animavam os salões, dos mais luxuosos aos mais populares, e as ruas da cidade, numa espécie de competição burlesca. Na matéria do jornal *A Razão*, com o título “Rumores de Momo”¹¹, eram expostas as atividades dos clubes para o pré-carnaval, destacando-se o seguinte convite:

NA SOCIEDADE TEUTO-BRASILEIRA:

A Sociedade Teuto-Brasileira levará a efeito, hoje à noite o seu segundo grande baile de pré-carnaval. A festa de hoje era do bloco Ziguezague. Entretanto, o bloco bamba fará seu baile sábado próximo e hoje se divertirá à bessa na festa da Teuto-Brasileira da qual é filiado.

O entusiasmo é estupendo, prevendo-se outra folia descomunal como a de sábado passado. O baile de hoje terá início às 22 horas com o Jazz Becker animando o "cordão"¹².

A Sociedade Alemã (como era conhecida a *Deutscher Hilfsverein*) continuava recebendo seus sócios e amigos para suas animadas festas e concorridos bailes, como anunciado no dia 20 de abril de 1940

Sociedade Beneficente Teuto-Brasileira

Convite

Pelo presente são convidados os associados e exmas. Famílias, para o baile que será levado a efeito, hoje à noite, em nossa sede social, com início às 21 horas.

Santa Maria, 20 de abril de 1940

A Diretoria¹³.

¹¹ JORNAL A RAZÃO. Rumores de Momo, Santa Maria, 20 de janeiro de 1940, p. 3.

¹² Nesse texto, foi mantida a ortografia original.

¹³ JORNAL A RAZÃO. Santa Maria, 20 de abril de 1940, p. 2.

No entanto, os reflexos da Segunda Guerra na Europa começaram a repercutir em Santa Maria em 1942. A historiadora Cátia Dalmolin descreve os momentos em que foram sentidos os reflexos das notícias do suposto torpedeamento dos navios brasileiros pelos nazistas, aliados de Mussolini, e da declaração de guerra ao Eixo pelo Brasil (Dalmolin, 2012). Entre as comunidades de descendentes de alemães e italianos em Santa Maria e arredores, assim como em outras regiões do país, instalou-se o medo da repressão, pois os jornais noticiavam que “a indignação e a revolta atingiram praticamente todo o território nacional” (Dillenburg *apud* Dalmolin, 2012).

Em Santa Maria, sede de expressivas comunidades de origem germânica e italiana, formaram-se movimentos de apoio ao governo varguista e contra os regimes nazifascistas. O movimento de revide, vingança e xenofobismo que cresceu na cidade parece ter chegado ao ápice na noite de 18 de agosto de 1942. A cidade viveu momentos de grande tensão quando estabelecimentos comerciais de descendentes alemães e italianos foram totalmente depredados por populares. Foram saqueadas as dependências da Comunidade Evangélica Luterana, o que resultou no incêndio dos móveis e arquivos da Igreja da Comunidade na praça em frente ao templo.

De acordo com texto publicado no Jornal A Razão¹⁴,

apesar de todas as medidas de vigilância e de precaução adotadas pelas autoridades policiais, foram depredadas numerosas casas comerciais e fábricas de propriedades de súditos do eixo, bem como de simpatizantes. Muitos objetos retirados das residências de elementos descendentes dos países totalitários e brasileiros quinta-colunistas¹⁵ foram levados, pelos populares, para o chafariz da Praça Saldanha Marinhos e ali mergulhados. Cerca de 23:30, o movimento no centro da cidade entrou em declínio. Contudo, colunas populares percorriam as zonas mais afastadas, onde também se verificavam depredações contra casas de elementos totalitários.

¹⁴ JORNAL A RAZÃO, Santa Maria, 20 de agosto de 1942, p. 5. In: DALMOLIN, 2012.

¹⁵ Derivado de Quinta-coluna: Pessoa (estrangeira ou nacional) que age sub-repticiamente em um país beligerante ou que está para entrar em guerra com outro, preparando auxílio a serviço do outro em caso de invasão ou fazendo espionagem e propaganda subversiva.

No entanto, como recorda o senhor Hardy, passados alguns dias,

as escolas, os clubes, os hotéis, tudo permaneceu, só trocamos o nome, ninguém podia falar italiano, alemão ou japonês, era proibido, era crime. Então quando chegávamos na casa dos avós tínhamos que falar baixinho porque os avós não falavam outra língua. Era complicado. ... “na ocasião, a Sociedade Beneficente Teuto-Brasileira passou a se chamar Concórdia, de concordância, anos mais tarde o Clube de Caça e Pesca uniu-se com a Sociedade Concórdia e tornou-se SOCEPE.

A Escola Alemã foi fechada do período de 1936-1937 quando, segundo recorda o senhor Hardy, o professor Zimmermann, que a dirigia, viajou para a Alemanha e não regressou mais. Enquanto isso, a Sociedade Beneficente Alemã, que tanto apoio prestara a inúmeros alemães ao chegarem à cidade por quase um século, fechou suas portas em 1942, após a declaração de guerra do Brasil ao Eixo. A sede da Sociedade Beneficente Alemã, à Rua Venâncio Aires, 1596, foi confiscada para uso social do Exército, enquanto o restaurante da Sociedade encerrou suas atividades nessa ocasião (Brenner, 2005). O restaurante era, na época, um dos mais bem conceituados da cidade, frequentado por grupos de intelectuais, grupos de teatro local e convidados e por companhias de teatro vindas para os países platinos.

A Sociedade Beneficente Alemã permaneceu mais um longo período em recesso, até que fosse terminada a Segunda Guerra Mundial. Um grupo de antigos sócios, liderados por Carlos Lang, conseguiu a devolução da sede e, embora com as dificuldades iniciais, reergueram a entidade, que adotou o nome de Concórdia, assim como outras sociedades de origem alemã do estado, tradução adotada para o termo alemão *Eintracht*. Segundo Brenner (2010a), a expressão é uma alusão ao desejo de “acordo, paz, harmonia de vontades e união entre os descendentes germânicos e os brasileiros”.

Luiz Kirchhof, 67 anos, ex-atleta da equipe da Concórdia, e mais tarde da SOCEPE, conta que, no início da década de 1950, ele e Walter Günther Lippold trabalharam junto ao grupo que se empenhava na organização da Sociedade Concórdia, resgatando e localizando antigos

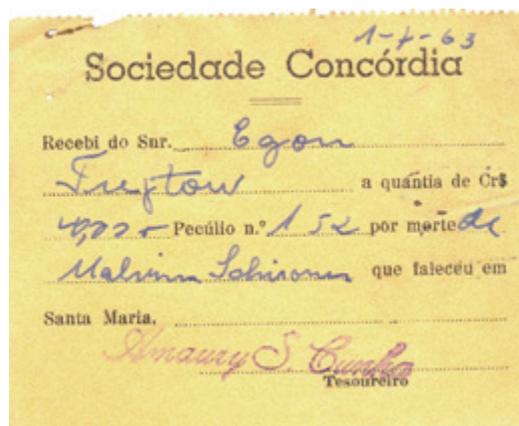
sócios que ainda estavam em Santa Maria. Conseguiram reunir um grupo de 80 membros da antiga Sociedade Beneficente Alemã.

No empenho de reerguer a sociedade e recuperar suas funções sociais e culturais, o presidente Carlos Lang e sua diretoria lançaram, em setembro de 1954, após consulta prévia aos associados, certo número de apólices de títulos proprietários. As apólices eram vendidas aos sócios a exemplo daquela adquirida pelo Sr. Egon Treptow no ano de 1954.

Passada a fase de recuperação, a Sociedade Concórdia ainda mantinha o sistema de pecúlio por morte dos associados, como este da imagem a seguir, pago à família de Malvina Schirmer, em 1º de julho de 1963, por ocasião de sua morte. Esse sistema de pecúlio e assistência aos associados foi herança do *Deutscher Hilfsverein*, que, desde sua criação, em 1866, tinha como objetivo auxiliar o associado e sua família.



- Apólice da Sociedade Concórdia do associando Egon Treptow, adquirida de Oswaldo P. Souza, em 1954, assinada pelo Presidente Carlos Lang, pelo Tesoureiro João Zwetch e pelo Secretário Erich Weber. | Fonte: acervo pessoal de Egon Treptow.



- Recibo de um dos pecúlios pagos por associados, por morte dos segurados. Este foi pago aos familiares de Malvina Schirmer, falecida em 1963. | Fonte: acervo pessoal de Egon Treptow.

Senhorita Rute Lippold, primeira Rainha de Festas da Sociedade Concórdia, eleita em 1953.
| Fonte: acervo de Horst Oscar Lippold.

Com o processo de reativação da Sociedade, o antigo Restaurante da Sociedade Alemã adotou o nome de Restaurante Concórdia e passou a funcionar no mesmo prédio da entidade de forma terceirizada, sob a direção de Evaldo Lang, irmão do Presidente Carlos Lang. Por longo tempo, o Restaurante Concórdia encabeçou a lista dos locais mais bem frequentados e requisitados para festas, homenagens especiais e bailes, anunciados em guias e jornais da cidade.

Em 1953, foi eleita a primeira Rainha da Sociedade Concórdia, filha do Sr. Fritz Lippold, a senhorita Rute Lippold, que passa a comandar as festas, bailes e demais reuniões sociais da entidade.

As primeiras atas da Sociedade Concórdia, após sua reorganização, são de 1960, o que explica a pouca informação disponível sobre esse período de existência da sociedade, que, em 1966, uniu-se ao Clube de Caça e Pesca de Santa Maria.

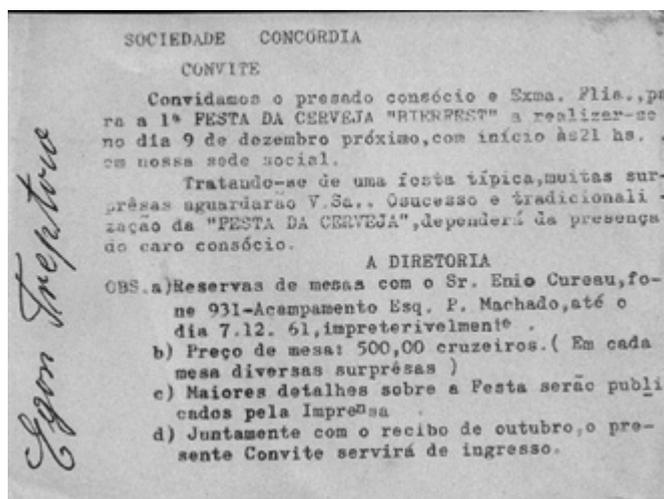
Em dezembro de 1961, já reorganizada, a Sociedade Concórdia realizou seu baile de final do ano. Para animar a festa, a Orquestra Santa-mariense foi contratada, garantindo o sucesso do evento ao som das marchinhas germânicas. O tradicional baile de fim de ano



da sociedade de origem alemã ganhou nova característica, passou a receber o nome de Baile da Cerveja, a *Bierfest*. Este seria o primeiro de uma série de grande sucesso, os “bailes da cerveja”, até hoje realizados na Sociedade Concórdia Caça e Pesca (SOCEPE), sua sucessora.

As famílias divertiam-se sadicamente, ao som das marchinhas tradicionais, acompanhadas da cerveja gelada e da comida típica dessas festas. Desde a primeira edição da festa, os sócios e amigos da Sociedade recebem um copo para cerveja típica alemã, com ilustrações relativas à tradicional e folclórica preferência germânica pela bebida.

Convite nominal enviado ao sócio Egon Treptow para a 1ª Festa da Cerveja, *Bierfest*, 1961. | Fonte: arquivo pessoal de Egon Treptow.

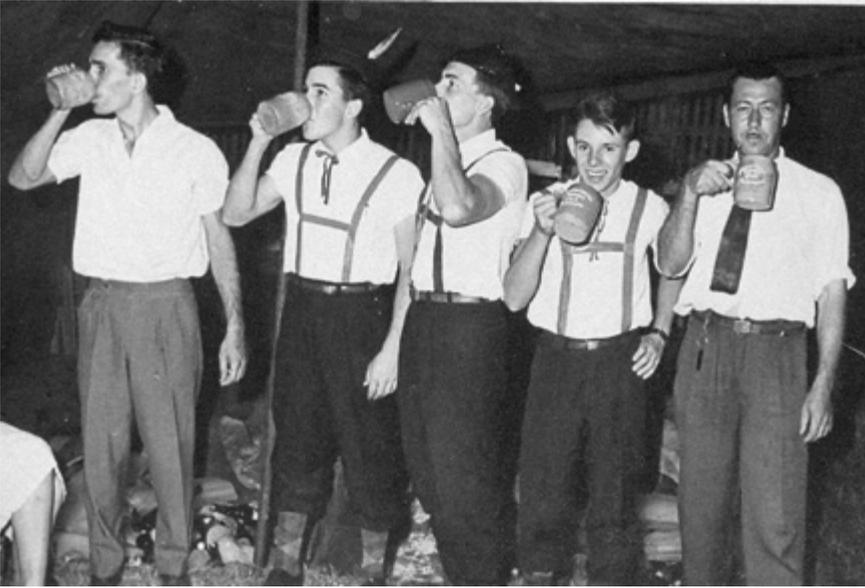


Para viabilizar a realização do evento, foi criada a comissão organizadora da primeira festa da cerveja, nomeada na reunião da Diretoria da Concórdia, do dia 2 de setembro de 1960. A festa deveria marcar os festejos do dia 28 de outubro de 1960 em comemoração ao 94º aniversário do *Deutscher Hilfsverein*.

Segundo o Sr. João Lobo D'Ávila (76 anos, ex-atleta da Sociedade Concórdia e da SOCEPE), fizeram parte da comissão os atletas da equipe de ginástica olímpica da sociedade Concórdia: Walter Günther Lippold, João F. Lobo D'Ávila, Edgar Ricardo Prade, Aluísio Otávio Vargas Ávila e Amaury Saldanha da Cunha. O grupo foi acrescido da participação de Luiz Kirchhof, Vicente do Canto, Ademar do Canto e mais as meninas da equipe da ginástica, Rute Lippold, Helga (hoje Prade).

Aluísio Otávio Vargas Ávila, atleta da Concórdia desde o início dos anos 60 e aluno de Walter Günther Lippold, ajudou na organização da primeira Festa da Cerveja. O Sr. Aluísio narra que, originalmente, a ideia era organizar uma Festa do Chope, mas como não havia quem fornecesse ou fabricasse a bomba de chope na cidade, foi preciso mudar para Festa da Cerveja.

Na oportunidade, os copos para a noite da festa foram encomendados pelo grupo organizador à fábrica de cerâmicas Kosorosky, situada na Rua Riachuelo, em Santa Maria. Feitos artesanalmente e pintados à mão pelos próprios ginastas da Concórdia, os copos levavam a inscrição "1ª Festa da Cerveja - 1961 - Sociedade Concórdia - dezembro". A Comissão Organizadora cuidou de todos os detalhes para garantir o êxito da Festa, e foram enviados convites aos sócios e autoridades.



■ O alegre grupo dos jovens atletas: Vicente do Canto, Aluísio Otávio Vargas Ávila, João Lobo D'Ávila, João Kirschhof (e...?) durante o II Baile da Cerveja da Sociedade Concórdia, em 1962. | Fonte: acervo de João Lobo D'Ávila.

Um dos canecos ■ produzidos pelo próprio grupo de ginástica da Concórdia para o II Baile da Cerveja, 1962, hoje faz parte do acervo da SOCEPE. | Fonte: acervo de Eva Coelho.



Alguns dos copos manufaturados pelos atletas para as primeiras festas da cerveja no início da década de 1960. Este ainda se encontram preservados no acervo da

■ SOCEPE. | Fonte: acervo de Eva Coelho.



As animadas festas, desde sua primeira edição, em 1961, realizavam-se no pavilhão de madeira, ao fundo da sede na Rua Venâncio Aires, o chamado “pavilhão de ginástica”, pois lá aconteciam também as atividades do grupo de ginástica olímpica da Sociedade.

Desde que reiniciou suas atividades sociais e culturais, a Sociedade Concórdia esmerou-se em recuperar a simpatia da sociedade santamariense, reintegrando-se aos costumes locais. Em 1961, programou festa junina, com animação da “bandinha Santa Maria” e a colaboração dos sócios, com doações dos pratos típicos, como pipoca, pinhão, batata-doce. A Sociedade também cedeu sua sede social para outras entidades, como o recém-fundado Centro de Pesquisas Folclóricas Piá do Sul e o também novo Clube de Caça e Pesca de Santa Maria, para que realizassem suas atividades sociais e culturais. Participou também das festividades do Dia do Colono, que, em julho de 1961, realizou-se com a colaboração da Colônia Japonesa de Santa Maria.

Uma das primeiras atividades esportivas reorganizadas pela Sociedade Concórdia e oferecidas aos sócios foi a ginástica olímpica em aparelhos, que despertou interesse de grupos de jovens e adultos. Horst Oscar Lippold conta que, na década de 1950, um grupo dirigido pelo seu pai, senhor Fritz Lippold, recuperou no sótão da sede da Concórdia alguns antigos aparelhos de ginástica, da fase anterior ao fechamento da Sociedade, como argolas, paralelas, barras e cavalo, e remontaram os aparelhos no galpão que ficava no fundo da sede. Na ocasião, organizou-se um grupo de ginástica sob a coordenação inicial de Fritz Lippold e posteriormente de Walter Günther Lippold, que treinou as equipes até 1975.

As equipes de ginástica olímpica da Concórdia destacaram-se nos campeonatos locais e estaduais, colocando em evidência, cada vez mais, o preparo e a garra dos grupos masculino e feminino. Em uma de suas atuações fora de Santa Maria, a equipe participou pela segunda vez do Campeonato Estadual de Ginástica Olímpica, em dezembro de 1959, em Porto Alegre. Obteve a primeira colocação, realizando “mais um brilhante feito pelo esporte de Santa Maria”¹⁶. Nas apresentações, as equipes da Sociedade Concórdia atuaram com competência e espírito de equipe, sob a direção do professor Walter Günther Lippold.



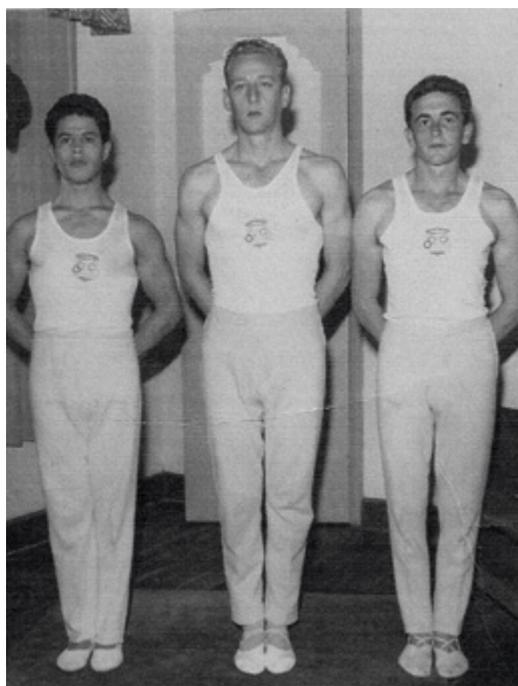
■ Equipe de ginástica feminina ao lado do ringue ao ar livre, ao fundo da sede da Sociedade Concórdia, onde depois foi construído o galpão da ginástica olímpica. Da esquerda para direita: Zuleika Muller, Ana Carolina Muller, Cleide Brasil, Rute Lippold, Erica Lang, Flor de Liz Bittencourt e Sonia Vieira, em 28 de outubro de 1954. | Fonte: acervo da SOCEPE.

Conforme recorda João Lobo D'Ávila, no início dos anos 1950, o professor Nemitto Marques, conhecido como Gorila, ministrava aulas de boxe aos atletas da ginástica olímpica. Por iniciativa do professor, foi construído um ringue para a prática do esporte no fundo do terreno da sede social, onde depois foi erguido o galpão. As atividades no ringue eram ministradas com intuito de aquecer os atletas antes dos treinos da ginástica olímpica e não como mais uma atividade esportiva. Com a construção do pavilhão, o ringue foi transferido para dentro da nova construção e acabou desativado definitivamente por decisão

da Diretoria Executiva em setembro de 1960.

João Lobo D'Ávila, narra que se integrou ao grupo de ginastas olímpicos da Sociedade Concórdia desde a sua reativação, na década de 1950, por iniciativa de Fritz Lippold, e que, após o falecimento do técnico Walter Günther Lippold, revezava-se com os demais ginastas adultos no trabalho de técnico das equipes. Ele conta que o grupo passou a treinar ao ar livre, no local onde “depois foi construído o galpão da Sociedade Concórdia, antes era campo de basquete do Atlético Sport Club”. Em seguida, foi erguido ali o galpão de madeira para realização da ginástica olímpica.

No centro, Élvio Rabenschlag; à direita, João Lobo D'Ávila; à esquerda, Beno Mello. Local: Sociedade Vinte e Um de Abril, numa apresentação de ginástica olímpica entre 1962/63. | Fonte: acervo de João Lobo D'Ávila.



Élvio Rabenschlag, engenheiro e professor da UFSM, foi atleta da Sociedade Concórdia entre os anos de 1956 e 1963 e vivenciou a época de formação e de consolidação da equipe de ginástica olímpica treinada por Moacyr Mesquita de Ávila e depois Aluísio Ávila. O Sr. Élvio conta que os atletas participavam também individualmente de campeonatos regionais de ginástica. Em julho de 1959, o atleta foi campeão estadual individual de ginástica olímpica em Porto Alegre, representando a Sociedade Concórdia, entre outras conquistas. Élvio deixou a equipe quando foi aprovado no vestibular para o Curso de Engenharia na Universidade Federal de Santa Maria, em 1963, mas recorda com muito carinho da época em que participou do conceituado grupo de ginastas da Sociedade Concórdia de Santa Maria.

Em 1961, devido aos destaques da atuação da equipe de ginástica da Sociedade Concórdia, o coordenador do Departamento de Ginástica, Walter Günther Lippold, propôs, em reunião da Diretoria, que a Sociedade Concórdia organizasse e fosse anfitriã de um festival de ginástica de âmbito estadual em Santa Maria. O plano provisório desse festival foi apresentado à diretoria e, após discussões, foi aprovada a sua realização. O Campeonato realizou-se no Ginásio do Corinthians, em Santa Maria, em 1965, com a participação de equipes da SOGIPA, Sociedade Ijuí, Sociedade Concórdia de Santa Maria, Clube União e Navegantes de Porto Alegre, conforme depoimento de João Lobo D'Ávila.



- Apresentação do Campeonato Estadual de Ginástica Olímpica, realizado no Ginásio do Corinthians, em 1965, em Santa Maria: representantes das equipes do estado com seus estandartes. Na primeira fila, Berenice Arruda, da Sociedade Navegantes de Porto Alegre e Carlos Pinent, da SOGIPA e que também atuava na Sociedade Concórdia. Na segunda fila, o ginasta João Lobo D'Ávila, da Sociedade Concórdia, portando a bandeira da sociedade. Na terceira fila, aparece Silvia Pinent, da SOGIPA, que depois atuou na SOCEPE. | Fonte: acervo de João Lobo D'Ávila.

Os atletas olímpicos da Sociedade Concórdia vinham se apresentando em eventos locais, como na Sociedade Vinte e Um de Abril, em maio de 1961, e outros eventos de âmbito regional. Os atletas venceram o Campeonato Regional de Ginástica, em Ijuí, em julho de 1961, o que fez com que a equipe recebesse voto de louvor da diretoria da Sociedade Concórdia.

Conforme narra o ex-atleta Aluísio Vargas Ávila, todos os anos aconteciam campeonatos regionais, estaduais e nacionais, como o importante 3º Campeonato

Brasileiro de Interclubes de Ginástica, em Porto Alegre, em 1963. No referido campeonato, Walter Günther Lippold, Aluísio Otávio Vargas Ávila, Beno Mello, Moacyr Mesquita de Ávila e João Lobo D'Ávila atingiram o desempenho máximo da equipe treinada por Walter Günther Lippold. Depois dessa expressiva vitória, o atleta Aluísio Otávio passou a treinar o grupo de atletas formado por Moacyr Mesquita de Ávila, Alcion Leite, Péricles Medeiros, Carlos Alberto Teixeira, Flavio (?) e Carlos Ávila.

Os atletas da Sociedade Concórdia: Walter Günther Lippold, Aluísio Otávio Vargas Ávila, Beno Mello, João Lobo D'Ávila e Moacyr Mesquita de Ávila no 3º Campeonato Interclubes de Ginástica Olímpica, em Porto Alegre, 1963. | Fonte: acervo de Aluísio Otávio Vargas Ávila.



Segundo Aluísio, eram costumeiras as competições internas na Sociedade Concórdia, realizadas entre cinco atletas, principalmente para incentivar a formação de equipes de acordo com as categorias.



A importante data dos 95 anos da Sociedade Alemã, agora Sociedade Concórdia, foi festejada condignamente com um grande baile, no dia 28 de outubro de 1961, na sede social, momento em que tomou posse a nova diretoria da entidade. Para tanto, foi contratada a conhecida e animada Orquestra Jazz e Típica Roos de São Pedro do Sul. A imprensa santa-mariense foi convidada especial para a festa. Durante a festa, os convidados tiveram oportunidade de degustar o excelente “*boule*”¹⁷, preparado pelo sócio Ghünter Hans Stoever.

Em fevereiro de 1962, uma expressiva doação foi entregue à Sociedade Concórdia. Frederico A. Treptow, um dos antigos sócios da Sociedade Concórdia, enviou um documento valioso, o Estatuto da *Deutscher Hilfsverein*, em língua alemã, escrito em 1925, uma relíquia a ser preservada pela Sociedade. Tal documento corresponde à ocasião referida no primeiro capítulo, no qual foi narrada a reorganização da *Deutscher Hilfsverein* após o receso decretado em 1918 devido

às repercussões da declaração de guerra do Brasil à Alemanha, em 1917. Em 1925, a sociedade beneficente alemã voltou a se reunir, tendo sido eleita nova diretoria e seus estatutos reestruturados.



■ Cópia da 1ª página do Estatuto da *Deutscher Hilfsverein*, original, escrito em alemão, doada à SOCEPE.
| Fonte: acervo da SOCEPE.

¹⁷ Boule: bebida preparada com refrigerante, às vezes também com espumante ou cidra e pedaços de frutas.



■ Apresentação de ginástica no Ginásio Santa Maria, em novembro de 1957. Da esquerda para direita: Moacyr Mesquita de Ávila; Joel Saldanha (em parada de mão); Orion Melo; Vicente do Canto; João D'Ávila; Ademar do Canto e Clândio (?) (em parada de mão). | Fonte: acervo de João Lobo D'Ávila.

A equipe de ginástica olímpica da Sociedade Concórdia seguia conquistando prêmios nos torneios esportivos da cidade e da região, como no torneio promovido pelo Clube de Caça e Pesca de Santa Maria, criado em 1959, sempre comandada pelo destacado atleta Aluísio

Otávio Vargas Ávila. Em reunião, o então diretor do departamento esportivo Ênio Cureau destacou a atuação dos atletas da equipe de ginástica olímpica, saudando-os pela conquista do primeiro lugar individual e do segundo lugar por equipe no referido torneio.



As reuniões da Diretoria da Sociedade no início da década de 1960 foram marcadas por uma série de novas propostas de melhorias e inovações para a sede. As melhorias sempre procuravam atender à necessidade de atrair novos sócios, como o plano de construção de uma piscina na sede, o lançamento de novos títulos de sócios proprietários, a construção de uma pista olímpica, um salão de festas e um ringue de patinação. De todos os projetos, o mais viável foi o salão de festas, que evoluiu nas discussões, e, no início do ano de 1963, a Diretoria estudava projetos para sua construção. Para arcar com os gastos, a sociedade já possuía um plano de lançamento de novos títulos de sócios proprietários.

■ Equipe feminina e equipe masculina de ginástica Olímpica da Sociedade Concórdia/SM, 1960 a 1966. Da esquerda para direita, Carlos Lopes, duas pessoas não identificadas, Vicente do Canto, Ademar do Canto, não identificado (de óculos), Fritz Lippold, Beno Mello, João Lobo D'Ávila, Walter Günther Lippold e dois homens de terno não identificados. As atletas são Ana Carolina Muller, Sonia Vieira, Cleide Brasil, Erica Lang, Flor de Liz Bittencourt e Rute Lippold. | Local: antigo galpão de ginástica da Concórdia. | Fonte: acervo de Horst Oscar Lippold.



■ João Lobo D'Ávila em apresentação de ginástica olímpica nas barras paralelas, em 1962, no pátio da Escola Industrial Hugo Taylor. | Fonte: acervo de João Lobo D'Ávila.



■ O atleta da Sociedade Concórdia Aluísio Otávio Vargas Ávila durante um giro de costas no Campeonato Estadual de Ginástica Olímpica no Corinthians de Santa Maria, realizado de 13 a 15 de novembro de 1965. | Fonte: acervo de Aluísio Otávio Vargas Ávila.



■ Torneio Interno da Concórdia, 1965: 1º lugar – Moacyr Mesquita de Ávila, 2º lugar – Aluísio Otávio Vargas Ávila, 3º lugar – João Lobo D'Ávila. | Fonte: acervo de Aluísio Otávio Vargas Ávila.



■ Atleta Aluísio Otávio Vargas Ávila num salto mortal da barra durante o Campeonato Estadual de Ginástica Olímpica no Ginásio Corinthians de Santa Maria, em 14 de novembro de 1965. | Fonte: acervo de Aluísio Otávio Vargas Ávila.



■ Luiz Kirchhof nas argolas, no Salão de Ginástica da Sociedade Concórdia. | Fonte: acervo da SOCEPE.

As propostas de construção do salão foram analisadas pela Diretoria e, em votação, foi aprovada a enviada pelo construtor Ady Baldissera, que faria o levantamento de paredes de tijolos, com colunas e vigas de concreto e telhado de zinco, num total de seiscentos e cinquenta mil cruzeiros.

Enquanto a sede da Sociedade Concórdia passava por ampliações no início dos anos 1960, estava em pleno crescimento o Clube de Caça e Pesca de Santa Maria (CCPSM), criado em 1959, formado inclusive por alguns sócios da Sociedade Concórdia, na sua própria sede. Nesse período, o novo espaço do salão de festas da Concórdia recebia não só as reuniões festivas e assembleias de seus membros, mas também apoiava e acolhia reuniões semelhantes da nova entidade que ali surgira.

Isso acontecia porque o CCPSM não possuía sede social própria, e grandes números de seus sócios pertenciam também ao quadro social da Sociedade Concórdia. Além disso, alguns cargos de gestão das diretorias das duas entidades eram ocupados pelas mesmas pessoas.

Por isso, as duas entidades resolveram, no final do ano de 1965,

unir seus interesses. A Sociedade Concórdia precisava aumentar seu quadro social e possuía uma privilegiada sede social no centro da cidade, enquanto o Clube de Caça e Pesca crescia em número de sócios a cada ano, possuía uma sede campestre em Camobi e carecia com urgência de uma sede urbana que alojasse condignamente seu quadro social durante os eventos.



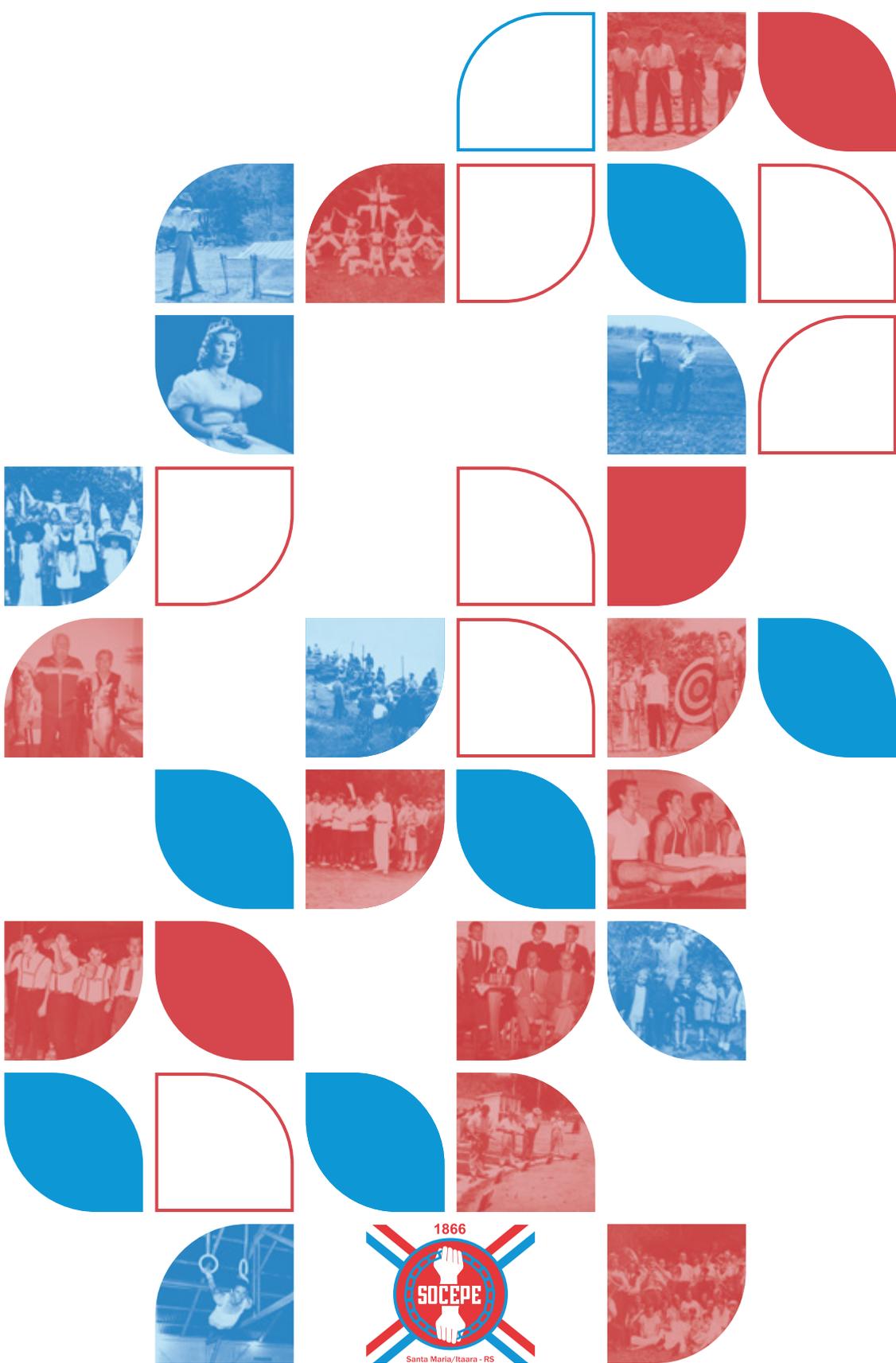
■ Flâmula da Sociedade Concórdia de Santa Maria. | Fonte: acervo da SOCEPE.

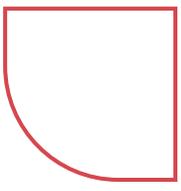
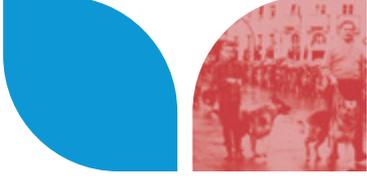


■ Distintivo oferecido como lembrança à SOCEPE pela sociedade que lhe deu origem, a Sociedade Concórdia, em julho de 1961. “À SOCEPE lembrança do Clube de origem. Julho de 1966”. | Fonte: acervo da SOCEPE.

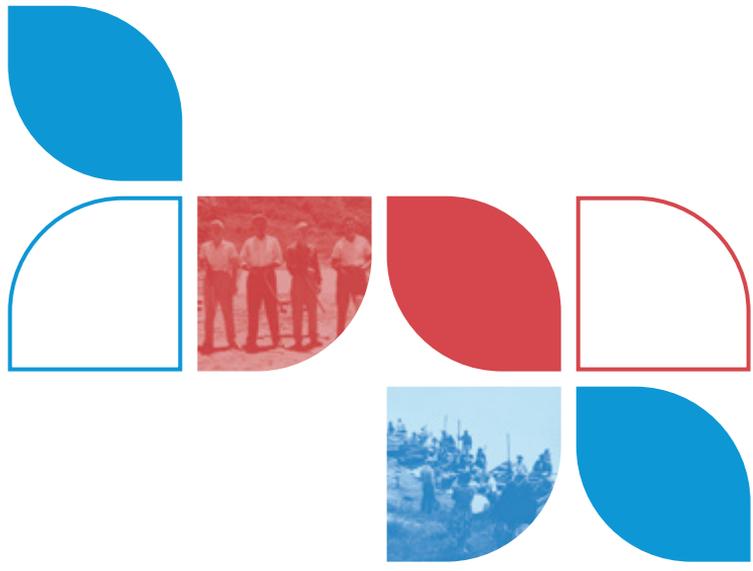
Depois de muitas discussões e tratativas, na noite de 7 de julho de 1966, em uma grande assembleia no Salão de Ginástica da Sociedade Concórdia, as duas entidades acolheram a proposta de união sob o novo título: Sociedade Concórdia Caça e Pesca de Santa Maria – SOCEPE.

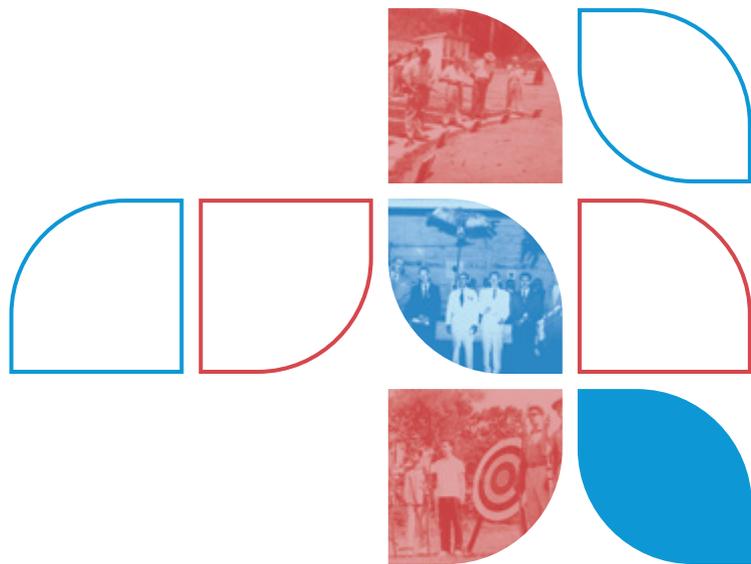
Todas as atividades esportivas, sociais e culturais das duas entidades originais foram incorporadas pela SOCEPE. A antiga sede da *Deutscher Hilfsverein*, erguida em 1932, na Rua Venâncio Aires, tornou-se a sede social, enquanto a sede do Balneário em Itaara, comprada pelo CCPSM, converteu-se a partir de então, em sua sede campestre. 





Capítulo III





Clube de Caça e Pesca de Santa Maria

Ao final dos anos 1950 e, principalmente, na década de 1960, mudanças ocorreram no mundo de forma incondicional: novas ideias, novas músicas, novas tecnologias, mudanças políticas, novos estilos de vida e correntes de pensamento que tentavam explicar as transformações sociais e comportamentais. Movimentos estudantis, operários e camponeses modificaram o aspecto das cidades brasileiras e, assim como em outros países, provocaram reação e endurecimento do governo. Iniciava então os chamados “anos de chumbo”, de repressão e fiscalização.

Santa Maria, sem grandes mudanças urbanísticas, ampliava suas ligações asfálticas com a capital e com cidades do norte e do sul do estado. No perímetro urbano, nem todas as ruas tinham pavimentação, mas notava-se um grande cuidado com o calçamento e o ajardinamento das praças e das Avenidas Rio Branco e Presidente Vargas, principalmente.

Ergueram-se edifícios no centro da cidade com 10, 11 e 12 andares. Esta era uma novidade absoluta nesse início de uma nova era na cidade, visto que o seu grande parque ferroviário, o maior do sul do país, que até agora fizera e transportara a riqueza da região, mostrava sinais de fraqueza, assim como todo o sistema ferroviário nacional. No entanto, o curso natural da história se encarregou de ajustar a situação na cidade. Em 1960, por iniciativa e articulação de um grupo de professores locais de grande visão de futuro, foi criada a Universidade de Santa Maria, que mais tarde se tornou a Universidade Federal de Santa Maria.

A universidade foi a primeira instituição pública federal de ensino superior do país instalada fora dos grandes centros ou capitais. Essa iniciativa correspondia a um desejo antigo de interiorização e democratização do ensino superior no Brasil. Com seu perfil de polo educacional, Santa Maria satisfazia os interesses de grupos de vanguarda e soube atender bem e usufruir o novo título de cidade universitária.

A nova situação determinou uma grande corrida imobiliária na cidade, crescimento comercial e aumento de prestação de serviços. Aos poucos, Santa Maria se tornou atraente para novos investimentos culturais, sociais e comerciais. Novos tipos sociais povoaram as ruas e locais de encontro: estudantes e professores universitários, pesquisadores estrangeiros ou vindos de grandes centros do país, intelectuais, artistas e jornalistas, todos apostando na nova Santa Maria da Boca do Monte, que, a partir de então, foi conhecida como “cidade cultura”.

Sobre Santa Maria nos anos 1960, Érico Veríssimo (Veríssimo apud Marchiori; Noal Filho, 1997, p. 276) escreveu:

Santa Maria, encruzilhada ferroviária e cultural. Seu progresso nestes últimos anos tem sido extraordinário. Rejuvenesceu com o sangue novo que lhe injetaram, representado por milhares de estudantes de suas muitas escolas e colégios, bem como sua florescente universidade, que no futuro há de rivalizar com as mais importantes do País.

Apesar dessa enxurrada de ideias novas que povoaram as aspirações, os grupos não deixaram de cultivar o contato direto com a natureza por meio da prática de esportes, como a caça e a pesca, assim como pela

ginástica e outras modalidades esportivas já radicadas na região desde a vinda dos germânicos. Dentre estes grupos destacava-se aquele formado pelos amigos Walter Günther Lippold, Horst Oscar Lippold, Ronaldo Carlos Lippold, Adão Noé da Costa, e Egon Treptow, que entre outros interesses, tinham em comum o gosto pelos esportes e pela caça e pesca.

Em outubro de 1959, o grupo reuniu outros comparsas para discutirem a possibilidade de fundação de um clube dedicado a caçadores e pescadores de Santa Maria. Segundo Horst Oscar Lippold, Ronaldo Carlos Lippold, Adão Noé da Costa e Egon Treptow, as reuniões realizavam-se na residência dos Lippold, à Rua dos Andradas, mais precisamente no quarto de Horst. Em entrevista, Horst Oscar Lippold fez uma narrativa sobre o grupo: “...no grupo original éramos em seis: nós três (Horst, Adão e Ronaldo), o Walter (Lippold), Nabor (Dornelles) e Egon, e fomos lá para trocarmos as primeiras ideias sobre a fundação do Caça e Pesca”.

Mais tarde, segundo contam os mesmos entrevistados, as reuniões passaram a realizar-se no Bar do Aita, na Avenida Rio Branco, no centro da cidade. Egon Treptow, que conhecia um clube de Ijuí com essas características, entusiasmou o grupo de amigos, todos caçadores e pescadores, sugerindo a fundação de um clube semelhante em Santa Maria.

Entre uma e outra reunião no Bar do Aita, “ali onde hoje é o Unibanco, ali para dentro tinha um bar”, lembra Ronaldo Lippold. Ronaldo também lembra que, entre uma e outra rodada de cerveja, ficou acertado que o dia 3 de novembro de 1959 seria a data oficial da fundação do Clube de Caça e Pesca de Santa Maria (CCPSM).

Considerando a observação do senhor Ronaldo Lippold de que o “Bar do Aita seria onde hoje é o Unibanco”, conclui-se que o tal bar se localizava na esquina da Rua dos Andradas com a Avenida Rio Branco, em frente ao Colégio Hugo Taylor onde atualmente situa-se uma filial do Bradesco.

Ainda sobre a localização das primeiras reuniões, Horst afirmou que “...outro dia o Aita falou comigo e disse ‘tu não me esquece (*sic*) que as primeiras reuniões de fundação do Caça e Pesca foram feitas lá no meu Bar!!!!’ ...”



■ Horst Oscar Lippold e Egon Treptow, em 2009, durante a entrevista quando narravam suas lembranças sobre a iniciativa de fusão da Sociedade Concórdia com o Clube de Caça e Pesca, em Santa Maria, 1966. | Fonte: acervo de Eva Coelho.

Para a solenidade de abertura dos trabalhos da nova sociedade, foi cedido o Pavilhão de Ginástica da Sociedade Concórdia, já que grande parte dos sócios da recém-formada entidade era comum às duas sociedades. No entanto, segundo a ata preliminar do dia 26 de outubro de 1959, “foi realizada no museu particular do Sr. Horst Oscar Lippold (na Rua dos Andradas, 1139), a primeira reunião para os estudos sobre a fundação do Clube

de Caça e Pesca de Santa Maria”. Compareceram nessa reunião os seguintes caçadores e pescadores: Horst Oscar Lippold, Egon Treptow, Ronaldo Carlos Lippold, Nabor Dornelles, José Varella e Adão Noé da Costa. Na citada reunião, ficou decidido que a data da fundação da nova agremiação seria no dia 3 de novembro de 1959, na sede da Sociedade Concórdia (Pavilhão de Ginástica), gentilmente cedida pela Direção, situada na rua Venâncio Aires, 1596.

Em assembleia marcada antecipadamente para o dia 3 de novembro de 1959, no Pavilhão de Ginástica da Sociedade Concórdia, tomou posse a diretoria provisória do Clube de Caça e Pesca de Santa Maria, assim composta:

Presidente: Horst Oscar Lippold

1º Vice: Nabor Dornelles

2º Vice: Egon Treptow

Secretário: Ronaldo Carlos Lippold

1º Vice: Bráulio Araújo Souza

Tesoureiro: Alfredo Blankenheim

1º Vice: Walter Günther Lippold

Bibliotecário: José Washington do Carmo

Veterinário Assistente: Marçal da Rocha Brum

Conselho Fiscal: Adão Noé da Costa, Osmar Armando Block e José Varella.

Na pauta da primeira assembleia da diretoria da nova entidade, constava a discussão sobre o valor da joia e da mensalidade para o ingresso de sócios. Ficou estipulado que a joia seria de Cr\$ 200,00 e a mensalidade de Cr\$ 20,00. Ficou decidida também a confecção imediata de 500 propostas para sócios, das quais, já haviam sido aceitas 59 na assembleia do dia 16 de novembro.

Nessa mesma assembleia, foi aprovada a criação do Departamento de Caça e Pesca e do Departamento de Propaganda, bem como aceita a sugestão de compra da primeira máquina lança-pratos, com 1.000 pratos, a ser efetuada no Rio de Janeiro, pelo sócio Milton Grau. De acordo com decisão tomada em assembleia, quando chegasse a Santa Maria, tal artefato deveria ficar exposto em vitrine de uma loja no centro da cidade.

Tendo em vista que o Clube ainda não possuía sede própria, os sócios Marçal da Rocha Brum, Frederico A. Treptow e Júlio Pereira de Andrade disponibilizaram ao Clube suas respectivas chácaras para a realização de eventos, como churrascos, torneios de tiro ao alvo, tiro ao prato e outras modalidades.

Para suprir a falta de espaço ao ar livre para realização de eventos, como torneios de diversas modalidades de tiros, foi organizada uma

comissão de sócios esportistas que deveriam, em nome do Clube, solicitar ao presidente do Clube Atirador Esportivo, Renato Rocha, o empréstimo de sua sede para realização dessas competições. Os sócios Nabor Dornelles, Egon Treptow e Ronaldo Carlos Lippold foram indicados para formar a referida comissão. O grupo obteve sucesso na tarefa, pois o senhor Renato Rocha colocou à disposição do Clube de Caça e Pesca as dependências do Clube Atirador Esportivo para realização da competição na linha de tiro e churrasco durante a festa do CCPSM, marcada para dia 13 de dezembro de 1959. Cabe dizer que, nessa sociedade, havia uma linha de tiro em que os imigrantes alemães praticavam torneios de “tiro do rei”¹⁸.

No domingo da realização da competição, a sede do Clube Atirador Esportivo amanheceu enfeitada com 500 flâmulas confeccionadas especialmente pelo CCPSM para a sua primeira grande festa. Tudo deveria correr dentro da mais perfeita normalidade. Para isso, foi organizada uma equipe de recepção encarregada de controlar o uso de armas apenas na cintura, já que se tratava de uma festa de atiradores e caçadores desportistas. A mesma comissão encarregou-se igualmente de conter os ânimos em caso de excesso de bebidas.

O valor das inscrições para as competições era o seguinte: tiro de Flaubert: Cr\$ 20,00; tiro de revólver calibre 38 (três tiros): Cr\$ 40,00; tiro de revólver calibre 32 (três tiros): Cr\$ 40,00. A classificação do 1º Torneio de Tiro à bala, do dia 13 de dezembro de 1959, no Clube Atirador Esportivo foi a seguinte:

No Torneio de Flaubert, séries de 5 tiros em 30 metros, foram classificados em 1º lugar, Ronaldo Carlos Lippold, com 41 pontos; em 2º lugar, José Varella, com 40 pontos; em 3º lugar, Osmar Armando Block, com 39 pontos.

No Torneio de Revólver 38, séries de três tiros em 30 metros, foram classificados em 1º lugar, Darcy Piovezan, com 22 pontos; em 2º lugar, Osmar Armando Block, com 20 pontos; em 3º lugar, Horst Oscar Lippold, somando 18 pontos.

¹⁸ Tiro de Rei. Conforme Brenner (2010b), era uma festa anual com provas de tiro, na qual o vencedor recebia faixa e era aclamado com o título de “Rei”. Foi introduzida no Clube Atiradores Santa-mariense pelos alemães radicados na cidade no final do séc. XIX.



■ Campeonato de Pesca do CCPSM de 1960 no Rio Jacuí, localidade de Cerro Chato. | Fonte: acervo de Horst Oscar Lippold.

Por fim, no Torneio de Revólver 32, séries de três tiros em 30 metros, foram classificados em 1º lugar Anito Gustavo Schilling, com 23 pontos; em 2º lugar, aconteceu empate entre Osmar Armando Block e Ildefonso Machado, com 17 pontos; em 3º lugar, empate entre Ronaldo Carlos Lippold e Nabor Dornelles, com 13 pontos.

Os primeiros e segundos colocados foram agraciados com prêmios, oferecidos por empresas locais, como Ferragem Santa Maria Ltda, Casa Gaúcha, Casa Lang Ferragem Ltda, F. A. Treptow e Filho Ltda, Dona Carlota Treptow e a Fábrica de Móveis de Fritz Lippold e Filhos Ltda.

O entusiasmo dos sócios pelo esporte da caça e da pesca determinou a programação de um novo concurso, desta vez de Pesca de Pintado e Jundiá, marcado para dia 24 de janeiro, a realizar-se às margens do Rio Jacuí, no município de Agudo a cerca de 50 quilômetros de Santa Maria. O valor da inscrição foi estabelecido em Cr\$100,00, incluindo a passagem de ônibus e o aluguel do barco para o torneio, que deveria ocorrer pela manhã, das 8h às 11h.

A dupla vencedora seria aquela que conseguisse pescar a maior quantidade de pintados.

Para preparar o campeonato, Horst Oscar Lippold conta que, uns dias antes, deslocava-se para as colônias alemãs de pescadores às margens do Rio Jacuí e lá tratava do aluguel dos barcos com os trabalhadores para o domingo seguinte. Os esportistas viajavam domingo bem cedo para Cerro Chato, muitos levavam sua família, e o dia transcorria num clima de festa, amizade e descontração.

No domingo do “Concurso de Pesca ao Pintado e Jundiá”

em Cerro Chato, foi montada a estrutura de um acampamento para acomodar os participantes e suas famílias, os juízes e demais sócios.

A camioneta FARGO, da Firma F. A. Treptow & Filho Ltda, transportou as tábuas que serviram de mesa para o almoço, durante o qual foi servido o ensopado de pintado, e sua tampa traseira serviu de apoio para a balança com a qual a comissão julgadora do concurso conferiu o peso dos peixes.



■ Parte do acampamento montado às margens do Rio Jacuí no Cerro Largo, onde ocorreu o Concurso de Pesca ao Pintado e do Jundiá, em 1960. Em destaque a camioneta da Empresa F. A. Treptow & Filho Ltda e o ônibus que transportou os sócios participantes e famílias. | Fonte: acervo da SOCEPE, doado por Egon Treptow.

Como premiação dos vencedores do torneio de pesca, os sócios Francisco Vargas, Oscar Grau e Osmar Armando Block arrecadaram vários e interessantes prêmios gentilmente doados por empresas do comércio local.

A premiação ficou assim configurada:

1º lugar (dupla): 01 carretel de linha de nylon, 01 cinzeiro, 01 conhaque e 01 vermute;

2º lugar (dupla): 01 lanterna e 01 vermute;

1º lugar (individual): 01 caixa de linhas;

2º lugar (individual): 01 litro de gin.

A comissão julgadora do concurso esteve composta pelos pescadores Horst Oscar Lippold, Júlio Pereira de Andrade e Walter Günther Lippold e apresentou o seguinte resultado do torneio:

Classificação de Duplas:

1º lugar: Wilde Schenkel e Ildefonso Machado, com 13 pontos;

2º lugar: Dario Simões e Cirilo Munhoz, com 12 pontos;

3º lugar: Francisco Vargas e Antônio Carvalho, com 09 pontos.

Classificação Individual:

1º lugar: Arlindo Marchi, 500 gramas;

2º lugar: Francisco Vargas, 450 gramas;

3º lugar: Fernando Pereyron e Ulisses Gonçalves, 400 gramas.

Como o Clube ainda não possuía sede social própria, as assembleias, reuniões de diretoria e outras reuniões extraordinárias eram realizadas em locais cedidos por outras entidades recreativas. O restaurante da Sociedade Concórdia e o salão do Clube de Atiradores Santa-mariense disponibilizavam seu espaço para o Clube. O conhecido Bar do Expedicionário, de propriedade do Francisco Vargas, colocou à disposição da diretoria do CCPSM uma sala de seu estabelecimento para a realização das reuniões.

Os entrevistados sobre as origens do Clube lembram o episódio pitoresco envolvendo o senhor Francisco, o “Seu Chico”, proprietário do Bar do Expedicionário. Egon Treptow recorda que

o Bar do Expedicionário era lá na Vale Machado. Ele (o “Seu Chico”) escapou da morte por um acaso porque ele botou a arma em uma árvore e o cachorro pulou e disparou e pegou na barriga dele. E o cachorro ficou sacudindo o rabo. Mas isso não tem nada a ver com a história!

Mais tarde, foi instalada uma sala provisória (Rua Venâncio Aires, 1363) alugada do senhor Américo Aita, considerada a “sede social” do clube, na qual eram realizadas as reuniões de diretoria do CCPSM.

A primeira reunião da Diretoria (eleita em 30 de março de 1960) foi realizada em 19 de abril de 1960, no Restaurante da Sociedade Concórdia. Os presentes aprovaram o anteprojeto do Estatuto do CCPSM e manteve-se por aclamação a Diretoria Provisória, cujos membros passaram a formar, a partir de então, a Diretoria eleita sob a presidência de Horst Oscar Lippold.

Por proposta do Presidente, na ocasião, foi aprovada a organização de uma ampla campanha de divulgação do CCPSM a partir de uma exposição sobre o clube em vitrines de lojas que ofereciam artigos para caça e pesca, como Ferragem Santa Maria S.A. e Casa Lang Ferragens Ltda. Essas lojas de ferragens, inclusive, ofereciam descontos aos sócios do CCPSM que apresentassem a carteirinha no momento da compra de artigos esportivos de caça e pesca.

Como parte da campanha de divulgação do clube foi feito um levantamento de empresas que confeccionavam flâmulas e foi solicitado em reunião que os diretores dos departamentos apresentassem sugestões com relação às cores e tipos de bandeiras que melhor representassem o CCPSM. As flâmulas seriam entregues como forma de agradecimento às pessoas que apoiassem as ações do clube ou que, de alguma maneira, prestassem serviços e ajuda à entidade.

O protótipo da flâmula escolhido foi o trabalho apresentado pelo sócio Pedro Augusto de Seixas Mazza. O sócio Júlio Pereira de Andrade, funcionário da Gráfica do Patronato (hoje Gráfica Pallotti), foi responsável pela impressão do trabalho.

O distintivo do Clube Caça e Pesca de Santa Maria trazia, conforme a concepção do autor, um caniço e uma espingarda cruzados em X. Ao alto, trazia a cabeça de um cão perdigueiro e abaixo do X um peixe preso ao anzol do caniço, representando as atividades esportivas da caça e da pesca.



■ Flâmula idealizada por Pedro Augusto de Seixas Mazza para representar o Clube de Caça e Pesca de Santa Maria, em 1960. | Fonte: acervo de Egon Treptow.

■ Flâmula confeccionada pelo sócio Júlio Pereira de Andrade como protótipo do trabalho de Pedro Augusto de Seixas Mazza, em 1960. | Fonte: acervo da SOCEPE, doado por Egon Treptow.



■ Protótipo do distintivo do Clube de Caça e Pesca de Santa Maria, realizado por Pedro Augusto de Seixas Mazza e conservado por Egon Treptow. | Fonte: acervo de Egon Treptow.

Pelos serviços prestados ao Clube de Caça e Pesca, o sócio Pedro Augusto de Seixas Mazza recebeu da Diretoria do Clube a isenção do pagamento da joia, caderneta e o pagamento das mensalidades por três anos. Pedro Augusto, hoje médico, residente em Santa Maria, criou o protótipo da flâmula sem exigência de recompensa financeira.

Concluídas as primeiras encomendas das flâmulas, em setembro de 1960, a direção do CCPSM estabeleceu que se oferecesse um exemplar às seguintes pessoas e entidades como forma de agradecimento pelo apoio recebido: Prefeito Municipal, Dr. Miguel Sevi Vieiro, Engenheiro Chefe do DAER-SM, apoiadores Frederico A. Treptow e Delmo Machado Hansen, Sociedade Concórdia, Comandante da Polícia Rural Montada e rádios emissoras e jornais locais.

Outra iniciativa em relação à divulgação da entidade e recrutamento de novos sócios foi realizada por meio das rádios locais Santa-Mariense, Imembuí e Guarathan, que passaram a publicar textos de esclarecimento e propaganda da nova sociedade esportiva de Santa Maria.

Com necessidade de um local próprio para realização de seus torneios esportivos, a diretoria do CCPSM resolveu, após deliberação, aceitar a gentil oferta de Frederico A. Treptow. Com seu consentimento, realizou algumas mudanças na área emprestada por Frederico para a construção de um galpão do tamanho 3 x 2 m que permitisse a realização de competições de tiro ao prato.

A área em questão localizava-se na Chácara das Flores, na Zona Norte da cidade. Por conseguinte, o sócio diretor do departamento de tiro, Adão Noé da Costa, obteve junto ao Departamento de Estradas de Rodagem (DAER), a concessão de uma niveladora para fazer os melhoramentos necessários de terraplanagem a fim de facilitar a construção da Linha de Tiro. No mês de setembro de 1960, a casinha da linha de tiro já estava construída, faltando-lhe apenas um telhado para abrigar os participantes dos torneios em caso de sol forte ou chuva.

Nas reuniões de diretoria de setembro de 1960, já se começava a pensar nas festividades alusivas ao primeiro aniversário da entidade a ser comemorado em novembro daquele ano. A comemoração teria o 1º Torneio Santa-mariense de Tiro ao Prato, a 1ª Exposição de Cães de Caça, o 2º Torneio de Pesca e o 2º Torneio de Revólver e Carabina, que deveriam

ser amplamente divulgados com as demais programações das festividades de aniversário do clube.

Embora recém-criado, o clube procurava equipar-se para prover o melhor atendimento aos interesses dos sócios esportistas. Para tanto, em agosto de 1960, foram encomendadas duas máquinas lança pratos, cartuchos e dois mil pratos, da Companhia Brasileira de Cartuchos (CBC), no valor se CR\$ 16.480,00, enviados ao representante da empresa no Rio Grande do Sul. A encomenda chegou no mês seguinte e, entusiasmada, a diretoria encomendou uma nova

lança pratos e mais cinco mil pratos, totalizando CR\$ 21.200,00.

Ainda como parte das comemorações, o sócio Osmar Armando Block propôs, em assembleia do dia 25 de outubro, que o *stand* de Tiro a ser inaugurado em 06 de novembro desse mesmo ano, recebesse o nome de “Stand de Tiro Frederico A. Treptow”. O nome seria em homenagem aos indiscutíveis benefícios prestados por esse empresário ao CCPSM, sendo colocada uma placa com a homenagem. Essa proposição já havia, inclusive, sido aprovada extraoficialmente pelos sócios e mantida em sigilo.



■ Placa comemorativa à inauguração do Stand Frederico A. Treptow no Clube Caça e Pesca de Camobi, em novembro de 1960. | Fonte: acervo da SOCEPE.

Na assembleia seguinte, em 1º de novembro de 1960, por sugestão do Presidente, formou-se uma comissão encarregada de organizar o “Torneio de Tiro ao Prato”. A comissão era constituída pelos sócios Horst Oscar Lippold, Nabor Dornelles, Edgar Prade, Egon Treptow, Adão Noé da Costa e Ronaldo Carlos Lippold. O torneio seria composto de duas rodadas de 25 tiros, sendo a primeira de 10 tiros e a segunda de 15 tiros.

Por deliberação em assembleia, a divulgação do torneio do primeiro aniversário do Clube foi publicada em matéria paga no Jornal A Razão, do dia 6 de novembro de 1960, além das notícias a serem divulgadas sobre o evento, antes e depois de sua realização.

O mesmo jornal publicou a nota sobre a inauguração da Pedana¹⁹ no Clube Caça e Pesca:

Inaugurada a Pedana de Tiro aos Pratos do Clube de Caça e Pesca de Santa Maria.

Santa Maria, 17 (do correspondente Nestor Calcagno).

A 6 deste mês, foram realizados nesta cidade sob auspícios do Clube de Caça e Pesca de Santa Maria, o 1º Torneio de Tiro ao Prato. Iniciando a reunião esportiva, foi inaugurada uma placa em homenagem ao Sr. Frederico A. Treptow, como reconhecimento pelos serviços prestados por aquele ilustre esportista. O filho do homenageado, Sr. Egon Treptow, convidado pelo Sr. Horst Oscar Lippold, presidente do Clube, que fez uso da palavra na ocasião, descerrou a placa comemorativa²⁰.

¹⁹ Pedana: plataforma, local destinado para posicionamento dos atiradores no esporte de Tiro ao Prato, conforme Horst Oscar Lippold.

²⁰ Jornal A Razão, 17 de novembro de 1960.



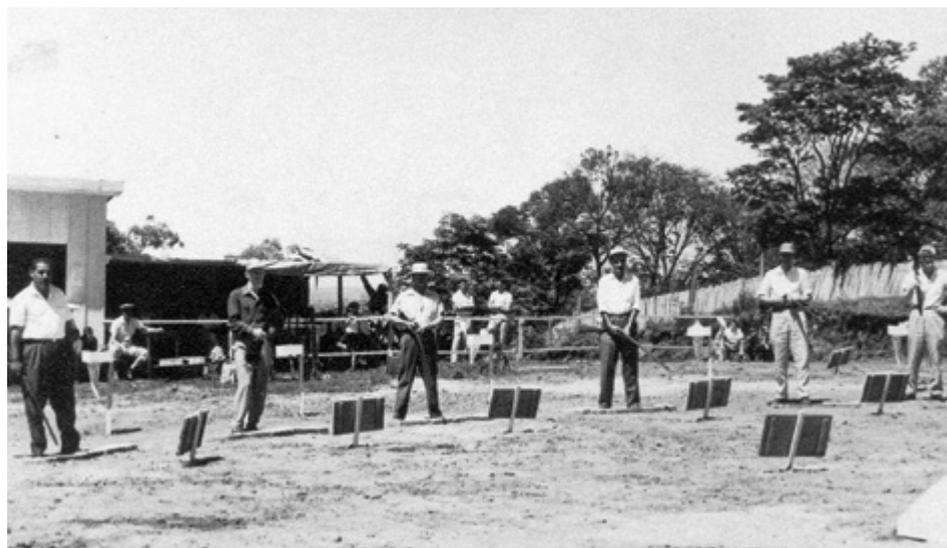
- Descerramento da placa de inauguração do Stand Frederico A. Treptow na sede do Clube de Caça e Pesca de Santa Maria por seu filho Egon Treptow (de costas), Horst Oscar Lippold, presidente do Clube de Caça e Pesca, em 6 de novembro de 1960. | Fonte: acervo da SOCEPE.



Após manifestações de vários oradores, Frederico A. Treptow, em improviso, agradeceu emocionado a homenagem. O próprio homenageado foi convidado a dar o primeiro tiro, considerando-se, dessa forma, inaugurada oficialmente a pedana.

- O homenageado Frederico Augusto Treptow dá o primeiro tiro no stand do Clube de Caça e Pesca, em 6 de novembro de 1960. | Fonte: acervo da SOCEPE.

Inauguração da 1ª Pedana de Tiro ao Prato na sede provisória do Clube de Caça e Pesca na Chácara de Frederico Augusto Treptow, em 6 de novembro de 1960. Na foto, estão: Ronaldo Carlos Lippold, Nabor Dornelles, Horst Oscar Lippold, Ênio Debus, José Washington do Carmo. | Fonte: acervo de Horst Oscar Lippold.



Os atiradores na primeira pedana do Clube Caça e Pesca, na Chácara de Frederico A. Treptow, em 1960. | Fonte: acervo da SOCEPE.

Na competição, o esportista Ronaldo Carlos Lippold foi o vitorioso, registrando 42 pontos.

Na assembleia do dia 8 de novembro de 1960, foi divulgado o resultado do Torneio de Tiro ao Prato, realizado durante os festejos do primeiro aniversário do CCPSM, ocorrido no dia 6 daquele mesmo mês. Os primeiros

cinco colocados foram, respectivamente, o sócio Ronaldo Carlos Lippold (42/50 pontos), Nabor Dornelles (40/50 pontos), Osmar Armando Block (36/50 pontos), Horst Oscar Lippold (33/50 pontos) e Dario Pires (32/50 pontos). Cabe destacar que a premiação homenageou os 15 primeiros colocados do torneio.



Entrega de diplomas aos vencedores das competições esportivas alusivas ao primeiro aniversário do CCPSM, na chácara de Frederico A. Treptow. A cerimônia foi realizada no pavilhão da Sociedade Concórdia. Da esquerda para direita: José F. A. Varella, Ronaldo Carlos Lippold, Bráulio Souza, Horst Oscar Lippold, Tolentino Marafiga, Egon Treptow. | Fonte: acervo da SOCEPE.

A sessão solene de entrega dos prêmios, taças, medalhas e diplomas aos vencedores das várias competições esportivas comemorativas ao 1º aniversário do CCPSM foi realizada em 17 de dezembro de 1960, no Pavilhão de Ginástica da Sociedade Concórdia. A festa foi um sucesso e, no final, foi servido chope acompanhado de frios aos convidados e homenageados presentes.

A proposta de introdução do arqueirismo entre as modalidades esportivas do CCPSM foi levada à reunião da diretoria em 1º de agosto de 1961 por Osvaldo Lopes Volante, convidado especial daquela sessão. O senhor Osvaldo, adepto do tiro ao alvo com arco e

flecha, expôs as conveniências da prática desse esporte no CCPSM. Referiu, também, a necessidade de regulamento próprio e material adequado para a prática. A ideia foi entusiasticamente aceita pelos diretores presentes, sendo imediatamente aprovada a criação do Departamento de Arqueirismo do Clube. Os presentes propuseram, ainda, que o visitante assumisse a direção do recém-criado departamento. Ficou então combinado que o novo diretor faria uma demonstração do esporte no domingo seguinte no Stand Frederico A. Treptow. O departamento de propaganda do clube encarregou-se da divulgação do novo esporte oferecido pelo clube aos seus sócios.

Outra modalidade muito concorrida organizada pelo clube era a exposição de cães de caça. A primeira dessas exposições foi programada como parte das atividades esportivas alusivas ao 1º aniversário do CCPSM, em novembro de 1960, tendo sido inscritos cerca de 30 cães de caça. Conforme nota publicada em um dos jornais locais, foi grande a presença do público santa-mariense, principalmente os sócios do Clube de Caça e Pesca de Santa Maria, na chácara do Sr. Frederico Treptow. O resultado do concurso premiou como Melhor Cão da Exposição, o *pointer* de nome Jaspe, de propriedade do sócio Bráulio Araújo Souza. A Melhor Cadela foi a *pointer* Luna, de propriedade de Lineu Medeiros de Barros.

Em novembro do mesmo ano, chegou ao CCPSM o material necessário para a prática do arqueirismo, encomendado de Porto Alegre pelo próprio Osvaldo Volante: 03 arcos com 12 flechas cada um, que custaram à entidade o total de Cr \$ 3.600, 00. Em seguida, para iniciarem os treinos, foram realizadas as obras no Stand de Tiro Frederico A. Treptow para receber os atletas do novo esporte. Posteriormente, diversos arcos, flechas e alvos em madeira foram desenvolvidos pelo presidente do CCPSM, Horst Oscar Lippold, na firma Fritz Lippold e Filhos Ltda.

Egon Treptow, Horst Oscar Lippold, Ronaldo Lippold e Adão Noé da Costa contaram em entrevista suas lembranças dos primeiros tempos do CCPSM e falaram da introdução da modalidade esportiva do arco e flecha no clube. O Sr. Egon recorda:

O Caça e Pesca comprou de Osvaldo Volante diversos arcos e todo mundo escolheu o arco e sobrou um que ninguém queria por que era o mais pesado deles, então tocou para mim. Ainda tenho comigo o arco e as flechas originais. As flechas quebravam, pois a madeira não era de boa qualidade.

O 1º Campeonato Santa-mariense de Arco e Flecha promovido pelo CCPSM realizou-se na sede campestre, na chácara do sócio Frederico Antônio Treptow, no dia 29 de março de 1962, um domingo, ocasião em que foram servidos refrigerantes e frios aos visitantes. Cada atirador pagava o valor de Cr\$ 100,00 pela sua inscrição.



■ O pequeno grupo entusiasta do esporte do arco e flecha durante competição em 1962, na Chácara de Frederico Treptow. Na foto, Luiz Kirchhof, Aldorindo Marafiga, Carlos Vallandro e Walter Günther Lippold. | Fonte: acervo da SOCEPE, doado por Egon Treptow.

A reportagem do Jornal A Razão, sob o título “Luiz Kirchhof da Sociedade Concórdia venceu o 2º Campeonato de Arqueirismo”, noticia a competição local realizada em 29 de março de 1962, organizada pelo Clube de Caça e Pesca de Santa Maria, na Chácara de Frederico A. Treptow. A reportagem afirmava que, de todos os competidores presentes, somente dois obtiveram boa contagem de pontos. Foram eles Luiz Kirchhof e Hélivio Machado, ambos da Sociedade Concórdia.

Na contagem final de pontos, o campeão Luiz Kirchhof obteve total de 183 e o vice-campeão Hélivio Machado, 146 pontos. Ainda de acordo com a reportagem, na competição por equipe, a Sociedade Concórdia venceu com larga vantagem, pois somou 422 pontos contra 346 do Clube de Caça e Pesca. Além de Luiz Kirchhof e Hélivio Machado, respectivamente no 1º e 2º lugares, a reportagem ainda destaca os próximos classificados, em ordem crescente: Walter Günther Lippold, do CCPSM; Egon Treptow; João Lobo D’Ávila, da Concórdia; Aluísio Otávio Vargas Ávila, da Concórdia; Jorge Alfredo Jorge, do CCPSM; Nicolau Schoprone, do Clube de Caça e Pesca de Santa Maria.

Egon Treptow ■ treina arqueirismo na sede do Clube de Caça e Pesca de Santa Maria, em Camobi. | Fonte: acervo da SOCEPE, doado por Egon Treptow.



■ Quarenta anos depois, Egon Treptow com seu arco, flechas e suporte originais, treina na sede campestre da SOCEPE. | Fonte: acervo da SOCEPE, doado por Egon Treptow.

Egon Treptow  apresentando o uso correto do seu arco que ainda guarda como relíquia. | Fonte: acervo de Eva Coelho.

O senhor Egon Treptow, além de adepto da caça e pesca, é também um entusiasta de esportes que exigem do praticante habilidade e concentração, como o arqueirismo e o tiro ao prato. O Sr. Egon ainda preserva cuidadosamente em sua residência o antigo arco com o qual praticava o esporte nos anos 60 e 70, assim como a caixa em que guarda os apetrechos necessários à prática.



 Caixa em que Egon Treptow organiza os utensílios necessários para a prática do arqueirismo. | Fonte: acervo de Eva Coelho.



■ A sede do Clube de Caça e Pesca, em Camobi. | Fonte: acervo da SOCEPE.

As atividades esportivas continuavam frequentes no Clube com o apoio dos sócios e visitantes. Os concursos eram realizados na sede campestre, onde ocupavam a pedana. Eram campeona-

tos de revólver, de carabina, de pistola, tiro ao prato e ainda os concursos de cães de caça. Quando se tratava de concursos de pesca, as competições ocorriam sempre no Cerro Chato.

Em Assembleia Geral Ordinária, no dia 29 de novembro de 1961, os sócios do CCPSM reuniram-se no Salão de Festas da Sociedade Con-córdia para, entre outros assuntos, discutirem e aprovarem o Estatuto Social do Clube, cujo Capítulo I estabelecia:

Art 1º: O Clube Caça e Pesca de Santa Maria, neste Estatuto designado Clube de Caça e Pesca de Santa Maria, fundado em 03 de novembro de 1959 em Santa Maria.

Art 2º: O CCPSM é uma sociedade civil, com personalidade jurídica distinta dos seus sócios e com prazo de duração indeterminado.

Parágrafo único: A bandeira do CCPSM é das cores vermelha e branca e formada por uma arma e caniço cruzados, tendo na parte superior a cabeça de cão e mostra na parte inferior a cabeça de um peixe, contendo intercalado no cruzamento a sigla C.C.P.S.M., o distintivo é circundado por uma banda vermelho com o nome do clube por extenso.

Art 3º: O CCPSM tem por missão a conveniência social, cultural e esportiva entre seus associados, colaborar com os poderes públicos em relação à proteção da fauna, flora e incremento do turismo.

O Capítulo II, destacava:

Dos sócios: categorias dos sócios

- Fundadores;
- Efetivos;
- Beneméritos;
- Honorários;
- Laureados

Parágrafo Único: Os sócios da categoria Beneméritos são isentos do pagamento das contribuições sociais.

Na ocasião, o Presidente propôs que fosse conferido o título de sócio honorário a Frederico Antônio Treptow, pelos relevantes serviços prestados ao CCPSM. A proposta foi aprovada.

Em uma das assembleias realizadas em março de 1963, foi sugerida a compra da área de propriedade de Frederico Antônio Treptow, para instalação da sede própria. No entanto, em julho do ano seguinte já

constava em ata que a Direção fizera o pagamento do saldo da compra da chácara de sete hectares de Antônio Dalcol Bohrer, localizada em Camobi. Segundo Horst Oscar Lippold, isso foi possível graças à quantia de CR\$750.000,00, renda de uma festa realizada para este fim.

As atividades esportivas e as festas despertavam amplo interesse na comunidade santa-mariense, e era grande a presença de visitantes, interessados e curiosos nesses momentos. Dessa forma, a diretoria do clube, sob a presidência de Nabor Dornelles, determinou, em 1964, que era o momento de promover uma grande campanha pelo aumento do quadro social do clube e tendo em vista as necessidades de melhorias da sede campestre. Em assembleia, estabeleceu-se que as propostas ofereceriam ao novo sócio o pagamento da joia de Cr\$ 2.000, 00 e a anuidade de Cr\$1.000,00. De início, 20 novos títulos de sócios proprietários seriam colocados à venda. A campanha se mostrou muito positiva, pois, em maio do mesmo ano, já havia um aumento considerável do quadro social do clube, conforme atas do conselho deliberativo.

As melhorias necessárias já ocupavam grande parte das atenções dos diretores em assembleia regulares. Mais uma vez com apoio do DAER, foram determinados o início da terraplanagem da área, a escolha dos locais para construção dos galpões e outros projetos para atender às demandas do clube, como construção dos bueiros, cercamento da área, plantação de mudas de árvores e outras providências. A atividade envolvia grande parte dos sócios encarregados das diretorias, que se dirigiam à sede campestre em momentos de folga e fins de semana para, literalmente, colocar a mão na massa e ajudar a erguer a tão sonhada sede própria.

Em épocas de dificuldades financeiras, o clube valia-se de empréstimos pessoais ou bancários e uso do Livro de Ouro para evitar a paralisação das obras de melhorias na sede campestre de Camobi. Por isso, em várias ocasiões, a Diretoria aprovou o lançamento de títulos de sócios beneméritos, que eram bem aceitos na sociedade local e foram praticamente todos vendidos. Mesmo recém-criado, o clube era uma entidade que contava com o respaldo de ter entre seus sócios pessoas conhecidas por suas atividades profissionais ou culturais na cidade, o que era motivo de orgulho de seus diretores sociais e membros da presidência,

que não mediam esforços para colocar o clube entre os mais bem aparelhados da região.

Por ocasião do quinto aniversário, o CCPSM foi contemplado pela Câmara de Vereadores de Santa Maria com o título de Entidade de Utilidade Pública pelos trabalhos desenvolvidos, serviços prestados e toda trajetória em prol do desenvolvimento sadio nos esportes e por meio das atividades culturais. A ideia foi lançada em assembleia pelo vereador e sócio do CCPSM, Abílio Dalla Corte, aprovada por unanimidade e levada para estudo e aprovada pela Câmara dos Vereadores. A Lei Municipal nº. 1.178/64 foi promulgada pelo Prefeito Miguel Meirelles, em 12 de novembro de 1964. A lei considera o CCPSM “uma entidade social desportiva de utilidade pública” e, por isso, isenta de impostos municipais.

Essa determinação foi reafirmada mais tarde, após a fusão das duas entidades e a fundação da SOCEPE, quando o Prefeito Artur Marques Pfeifer, por meio da “Lei Municipal nº1745/74, reconheceu a Sociedade Concórdia Caça e Pesca como de utilidade pública”.



No entanto, as festividades comemorativas do quinto aniversário da entidade só estariam completas quando fosse inaugurada a nova sede campestre em Camobi. Tudo foi planejado com bastante antecedência e decidiu-se que seriam realizados torneios esportivos, cujas premiações seriam taças e medalhas. No mesmo dia, seria anunciado solenemente o título concedido ao CCPSM de Entidade Social Desportiva de Utilidade Pública. Aos seus sócios, o Clube enviou convites para a festa de inauguração, como o conservado por Egon Treptow:

Convite

Santa Maria 10/11/64

Convidamos o distinto consócio e Exma. Família para as festividades de inauguração de nossa "SEDE CAMPESTRE", sita no distrito de Camobi, que realizar-se no dia 29 de novembro 1964, conforme programa em anexo.

Festa de Inauguração da sede campestre do CCPSM e também do Stand de Tiro Frederico A. Treptow, em Camobi, em 29 de novembro de 1964.
| Fonte: acervo da SOCEPE.



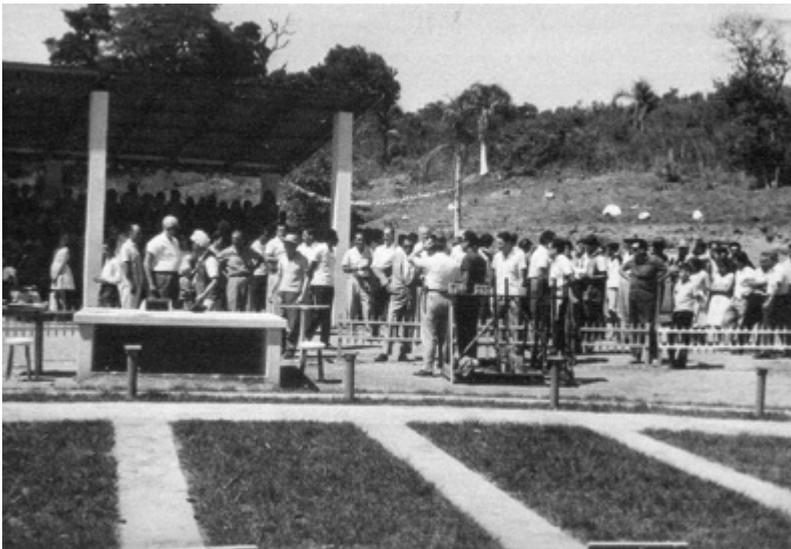


■ Pórtico de entrada do Clube de Caça e Pesca de Santa Maria, no dia da inauguração, em 29 de novembro de 1964. | Fonte: acervo da SOCEPE.

Equipe de ■
atiradores por
ocasião da
inauguração da
Pedana (29 de
novembro de
1964) do Stand
de Tiro Frederico A.
Treptow do CCPSM,
em Camobi. Entre
os atiradores,
destacam-se na
foto Frederico A.
Treptow, à extrema
direita da foto, e
Fritz Lippold, no
centro. | Fonte:
acervo da SOCEPE.



■ Vista geral da Pedana do Stand de Tiro Frederico A. Treptow em sua inauguração em 29 de novembro de 1964, com o público presente. | Fonte: acervo da SOCEPE.



As campanhas para conquistar novos sócios sempre movimentaram as diretorias do clube. Um exemplo foi o audacioso sorteio de um Volkswagem Kombi super luxo, equipado para turismo, por meio da venda de números de rifa, durante a presidência de Florisbelo Beretta Porto, em março de 1965. Foram emitidos 1.000 números a serem vendidos em forma de cartelas no valor de Cr\$ 20.000,00 cada, dando direito a prêmios mensais (utilidades domésticas) e o sorteio final do carro pela loteria federal de Natal do mesmo ano. O dinheiro da venda da rifa era colocado a juros de 5% ao mês em firmas locais por estas pagarem juros mais altos que os estabelecimentos bancários.

Em junho de 1965, o clube finalizou a compra da Kombi em uma concessionária da cidade, e o utilitário passou a ser a atração nas exposições e campeonatos na sede. O veículo também visitou as casas dos futuros compradores da rifa, atraindo curiosidade, pois, em seu interior, havia uma cama para casal, armários, bancos confortáveis como uma sala de estar, cozinha com mesa, fogão e pia e tudo necessário para viagens de lazer.

Em 09 de setembro de 1965, na reunião semanal da diretoria, Egon Treptow solicitou a autorização para fazer um seguro contra acidentes para a Kombi que estava sendo rifada em benefício do Clube. Egon justificou o pedido, considerando os riscos de acidentes a que estava sujeita tanto em uso como na garagem e a responsabilidade que tem o Clube em entregar ao contemplado um veículo novo. A Diretoria concordou e autorizou.

O sorteio da Kombi ocorreu pela loteria federal na data prevista, e o ganhador foi o senhor Euclides Londero, dono de uma fábrica de café em Santa Maria. Em comemoração ao prêmio, o ganhador promoveu um churrasco aos associados do CCPSM. Nesse dia, o CCPSM sediou o campeonato de tiros e uma demonstração de adestramento de cães pelo Núcleo do Pastoreio de Santa Maria.



Foto meramente ilustrativa de uma Kombi semelhante à mencionada. | Fonte: Flashbackers (2018).

A visão da necessidade de uma sede própria para o Clube de Caça e Pesca aumentava entre os membros da diretoria à medida que crescia o número de sócios e se difundiam as iniciativas de sucesso, como o sorteio da Kombi.

A oportunidade se apresentou à entidade na assembleia do Conselho Deliberativo de 21 de setembro de 1965, na sede social. Na ocasião, foi lida a correspondência do sócio Florisbelo Beretta Porto, que oferecia para venda uma gleba de terra de aproximadamente 50 hectares de sua propriedade no

Balneário localizado no Distrito de Itaara, a cerca de 10 km de Santa Maria. O dito balneário contava com 250 terrenos, açude entaipado e algumas benfeitorias existentes na propriedade. A oferta do proprietário era de Cr\$ 125.000.000,00 para a venda da gleba.

A oferta foi colocada em discussão, e o tesoureiro, Walter Günther Lippold, apresentou para debate os pontos favoráveis e desfavoráveis da aquisição. A oferta já havia sido apresentada à Diretoria Executiva e foi aceita, em votação secreta, por 08 votos favoráveis e 01 contra.

A quantia solicitada pelo proprietário Florisbelo Beretta Porto deveria ser paga em 42 meses, ou conforme a arrecadação do clube com a venda de títulos. O valor continuava a ser C\$ 125.000.000,00, mas por prazo indeterminado e sem juros. A assembleia aceitou por unanimidade a proposta, mas com ressalvas a serem esclarecidas pelo proprietário na próxima reunião, principalmente quanto à situação dos moradores de alguns dos lotes já vendidos e que deveriam ser transferidos para outra área ou indenizados.

O passo seguinte em busca da solução desse impasse foi a decisão da Diretoria do CCPSM em conceder carta branca ao proprietário da área, na tentativa de readquirir para o Clube os terrenos já vendidos. Para isso, o CCPSM daria 03 títulos no valor de 495 mil cruzeiros por cada terreno vendido pelo sócio Florisbelo Beretta Porto antes das negociações com o CCPSM e que, tão logo realizada a transação, os terrenos deveriam ser transferidos sem ônus por Florisbelo Beretta Porto ao CCPSM.

No entanto, apesar de todos os empenhos da diretoria executiva vigente e outra que viria, a solução para a questão dos terrenos vendidos antes da compra do balneário pelo Clube de Caça e Pesca só foi completamente alcançada vários anos depois.

A compra da gleba foi concluída em setembro de 1965, e a área da sede de Camobi foi colocada à venda para fazer frente à dívida com a aquisição da nova sede em Itaara. Quase instantaneamente, o Balneário em Itaara começou a ser ocupado e a receber melhorias para atender aos desejos dos sócios.

Durante a assembleia da Diretoria Executiva, de 29 de dezembro de 1965, aconteceu a assinatura do contrato de compra e venda do Balneário Itaara. O contrato teve como signatário comprador Horst Oscar Lippold, como Presidente do CCPSM (cargo que assumiu nessa mesma reunião em virtude da renúncia de Lourenço Renato Medeiros de Farias), e Florisbelo Beretta Porto e sua esposa Ely Von Ende Porto como vendedores.

Enquanto isso, a campanha por novos sócios conseguia a cada semana reunir dezenas de novos sócios proprietários, coroando com sucesso a iniciativa do Clube em suprir a necessidade de saldar suas dívidas com a compra do balneário.



■ Exposição dos cães pastores alemães do Núcleo Pastoreiro de Santa Maria, na Estância do Minuano, na década de 1960. Equipe de Adestradores: Ênio Alvares, Ervandil R. Alves, Carlos Eduardo Pereira da Silva, Oscar Grau, Orlando Reis Andrade e José Washington. | Fonte: acervo da SOCEPE. | Foto: acervo da SOCEPE

Em março de 1966, uma grande festa de confraternização dos sócios da CCPSM foi organizada na “sede número 2”, situada no alto da serra, no antigo Balneário Itaara, agora de propriedade do Clube de Caça e Pesca de Santa Maria. Na ocasião, as atrações iniciaram na parte da manhã com apresentações das equipes de

ginástica da Sociedade Concórdia em provas de barra, cavalo, paralela e solo, além do espetáculo com cães pastores alemães adestrados pelo aplaudido Núcleo Pastoreiro de Santa Maria. Os cães fizeram sua apresentação sob o comando dos cinófilos Oscar Menna Barreto Grau, Ervandil dos Reis, Hélio Pereira e Horst Oscar Lippold.



■ Participação dos cães do Núcleo Pastoreiro de Santa Maria num desfile em comemoração à Semana da Pátria, nas ruas centrais da cidade, nos anos 1960. Identificados os sócios de CCPSM: José Washington do Carmo, um dos fundadores do Núcleo; à frente, o menino Ricardo Lippold e, mais atrás, Oscar Menna Barreto Grau. | Fonte: acervo da SOCEPE.

Os cães pastores adestrados, Marú, Zamora, Cinay, Emerrul e Bera, participaram de provas de obediência, de ataque, saltos em altura, saltos de trampolim e busca sob as ordens de seus treinadores e provocaram os aplausos dos presentes.

Ao meio dia, a confraternização prosseguiu com um churrasco

servido aos associados e convidados, cujos convites foram adquiridos antecipadamente. A festa continuou e encerrou-se com grande animação e, aos poucos, os sócios e suas famílias foram se retirando, descendo a serra, em direção à Santa Maria, leves e prontos para mais uma semana de trabalho ou estudo.

O ano de 1966 iniciou com grandes transformações para os sócios e admiradores do Clube de Caça e Pesca. A área em Itaara com 50 hectares e um lago de 12 hectares, que, somando-se à área de 7 hectares da sede de Camobi, fazia do clube a sociedade santa-mariense com maior patrimônio em terras, até o momento. Na sede de Camobi, o Clube construiu a pedana, a linha de tiro para armas de precisão, churrasqueiras e galpão. No entanto, alguns problemas apresentados pelo local levaram a direção a investir na compra de uma nova área onde fosse possível oferecer aos sócios o necessário para suprir suas expectativas de lazer saudável, esportes os mais variados, áreas verdes, espaços cobertos e ao ar livre. O número de sócios havia crescido nos últimos anos, só nos últimos meses haviam sido vendidos cerca de 700 novos títulos, por isso, a preocupação com a ampliação da sede de Camobi.

Na temporada de 1966, os sócios tiveram suas expectativas superadas quando lhes foram oferecidos um pavilhão de madeira, churrasqueiras, parque infantil, campo de futebol de praia e piscina infantil. Essa nova oferta se deve ao trabalho braçal de membros da diretoria, dos conselhos e departamentos, que se colocaram à disposição em períodos de folga e fins de semana.

O número de sócios comprovou a certeza de que a área e o lago, cuja água limpa e corrente renova-se no inverno e verão graças a uma vertente natural, tinha todas as chances de fazer com que o Clube Caça e Pesca de Santa Maria se tornasse um dos maiores e mais bem equipados da região.

Em respeito aos sócios e pensando no aumento ainda maior do número de títulos vendidos, o CCPSM projetava para breve a realização de novas benfeitorias na área em Itaara. Entre elas, a construção de pedanas de tiro ao prato, tiro de precisão, arco e flecha. Havia também a previsão de estruturas para pesca esportiva, esqui aquático, trampolim, quadras de futebol de salão, de basquete e de vôlei, espaço para prática de ginástica de solo e de aparelhos, bocha, equitação, corrida de lancha e outros esportes. Tudo isso foi pensado para fazer da sede campestre do clube um dos espaços de referência social e esportiva da cidade de Santa Maria.

Um dos jornais locais trouxe uma nota sobre o CCPSM, em 21 de abril de 1966, com o convite para um evento patrocinado pelo clube. O evento foi um show de motonáutica e esqui aquático, a cargo das equipes campeãs Vasco da Gama, Veleiros do Sul, Jangadeiros, Tamandaré e Sava Clube. Na competição, as equipes disputariam duas provas de motonáutica: o *Tripoint* e o *Utility*. Em seguida, aconteceria a demonstração do novo esporte, o esqui aquático. A nota ainda informava que os prêmios seriam oferecidos pelo Clube de Caça e Pesca e pela Brasileira de Armas e Munições S.A.

Foi nesse ambiente de expectativa e ânimo, tanto por parte das diretorias como do corpo social, que amadureceu a ideia de fusão do Clube com a Sociedade Concórdia. O plano da fusão decorreu da necessidade do Clube Caça Pesca de ter uma sede social própria que acomodasse seus sócios confortavelmente e pelo fato de a Concórdia estar com número de sócios muito reduzido. O entusiasta Horst Oscar Lippold era presidente dos dois clubes nessa ocasião, assim como a maioria dos componentes do quadro social eram membros das duas entidades. A fusão possibilitou que, automaticamente, os sócios dos dois clubes se tornassem societários do novo clube.

No dia 26 de maio, o jornal A Razão publicou a seguinte convocação da Sociedade Concórdia:

Sociedade Concórdia
Assembleia Geral Extraordinária
Convocação

De acordo com os Estatutos Sociais, convoco ao Srs. Sócios para uma Assembleia Geral Extraordinária, que será realizada no dia **31 de maio de 1966** com a 1ª chamada às 20 horas e a segunda *as 20:30 horas*, com a seguinte ordem do dia:

FUSÃO COM O CLUBE DE CAÇA E PESCA (votação final)

LOCAL: Pavilhão de Ginástica (fundos).

Horst Oscar Lippold - Presidente

Na assembleia geral do dia 31 de maio de 1966, a Sociedade Concórdia aprovou a sua fusão com o Clube de Caça e Pesca. O mesmo ocorreu com o Clube de Caça e Pesca, que, em assembleia convocada para 7 de julho de 1966, votou favoravelmente pela fusão da entidade com a Sociedade Concórdia. O resultado da votação foi a aprovação por unanimidade, pelos 11 conselheiros presentes, da fusão do Clube Caça e Pesca com a Sociedade Concórdia.

O Jornal A Razão, de 29 de junho de 1966, publicou a convocação para assembleia extraordinária da Sociedade Concórdia e do Clube Caça e Pesca, tendo como ordem do dia a revisão e aprovação do estatuto da nova sociedade, surgida da fusão das duas entidades, bem como a eleição do Conselho Deliberativo.

Convocação
Sociedade Concórdia
e
Clube de Caça e Pesca
Assembleia Geral Extraordinária

De acordo com os Estatutos Sociais, convoco os Srs. Associados para uma Assembleia Geral Extraordinária, que realizará no dia 17 de julho de 1966 com 1ª chamada às 20 horas e 2ª chamada às 20:30 horas. Com a seguinte ordem do dia:

Revisão e aprovação do novo Estatuto para a nova Sociedade e eleição do Conselho Deliberativo

Local: Pavilhão de Ginástica (fundos)

HORST OSCAR LIPPOLD

A fusão das duas entidades locais deu origem à Sociedade Concórdia Caça e Pesca, a SOCEPE, herdeira dos ideais e dos sócios das duas agremiações. A identidade formada durante os 100 anos de história da *Deutscher Hilfsverein* e desenvolvida nos seis anos de atuação do Caça e Pesca, o cultivo da ginástica, o amor pela natureza e aos esportes, como o tiro, a pesca e a caça esportiva, a busca do convívio sadio que proporciona a preservação da cultura e da harmonia social, fortalece-se de agora em diante com a SOCEPE.

Nascida dessa união de interesses, a promissora SOCEPE chegava com a responsabilidade de dar continuidade ao trabalho em prol do convívio cordial, cultural e esportivo entre seus associados, colaborando com o desenvolvimento do turismo e estimulando o respeito ao meio ambiente.

Conforme um dos sócios fundadores, Ronaldo Lippold, a assembleia que decidiu pela fusão foi tumultuada, um processo difícil:

A fusão foi feita ali em baixo, no galpão de ginástica ... houve muita discussão e muitos achavam que [...] nunca ia dar certo porque uns iam puxar para o Clube Caça e Pesca e outros para a Sociedade Concórdia e nunca aconteceu nada disso.

Na mesma ocasião da entrevista, Egon Treptow recorda que uma das discordâncias durante a assembleia foi quanto à sigla a ser adotada: “nós queríamos que fosse SOCAPE, mas o Dr. Adelmo Simas Genro sugeriu SOCEPE, pois SOCAPE não soava bem”. E “no final foi aberta (a nova sociedade) com a sigla SOCEPE”, complementa o senhor Egon.

Esta foi talvez a maior assembleia de representantes da entidade. Após longa explanação dos trabalhos, realizou-se a votação. A proposta de fusão obteve 258 votos a favor e 53 votos contrários. Por ocasião dos 25 anos da SOCEPE, o Jornal A Razão, do dia 22 de agosto de 1991, publicou um texto do advogado Dr. Adelmo Simas Genro, do qual destacamos:

Há vinte e cinco anos atendendo recíprocos interesses sociais e econômicos, a Sociedade de Caça e Pesca e a Sociedade Concórdia fundiram-se para ostentar hoje a denominação de Sociedade Concórdia de Caça e Pesca, com a sigla SOCEPE, sugerida em assembleia geral pelo signatário deste comentário em oposição àquela que pretendia fosse a sigla SOCAPE. A Sociedade Concórdia de Caça e Pesca é hoje uma entidade pujante, graças ao espírito empreendedor e dedicado de suas sucessivas diretorias.



■ Assembleia de sócios da Sociedade Concórdia e do Clube Caça e Pesca, em 7 de julho de 1966, acolheu a proposta de fusão das duas entidades, originando a SOCEPE. | Foto: acervo da SOCEPE.

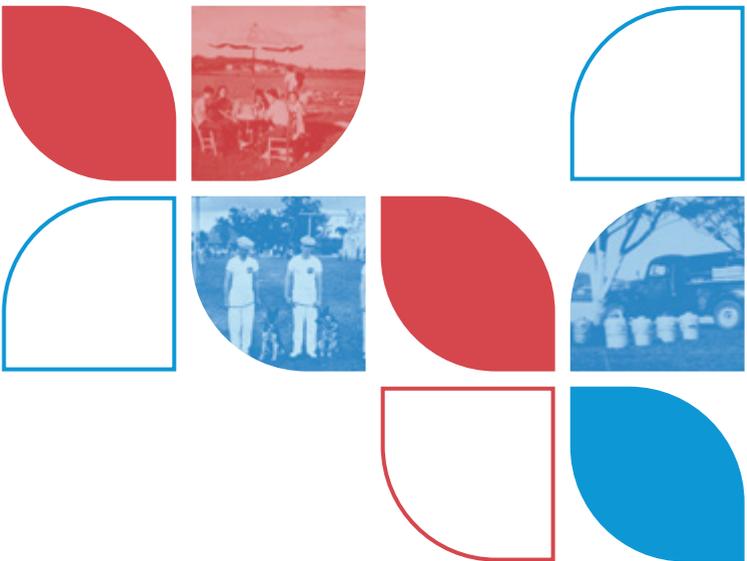
Lançada como uma sociedade moderna, com uma estrutura funcional, a SOCEPE cresceu rapidamente pensando em satisfazer uma das necessidades

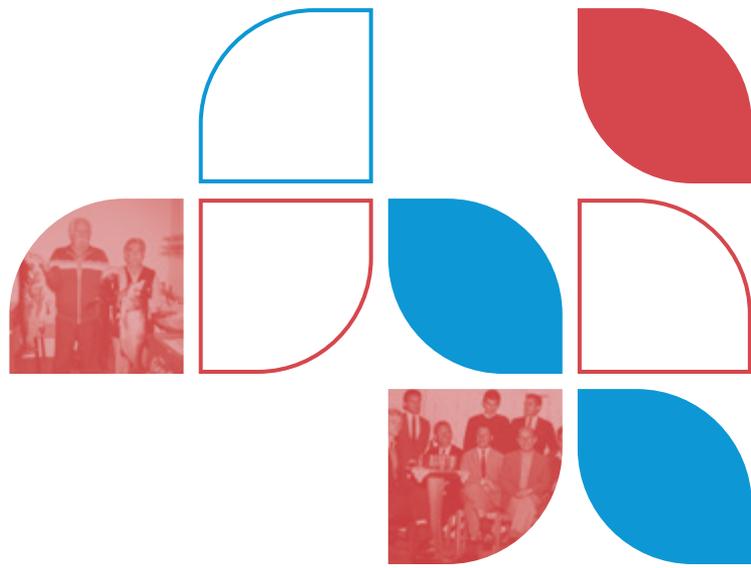
básicas da existência humana: a necessidade de lazer, de ocupação do tempo livre com qualidade de vida, criatividade e sustentabilidade.





Capítulo IV





A SOCEPE

Em 2016, a SOCEPE completou 150 anos de uma caminhada que iniciou após a fundação da *Deutscher Hilfsverein*, em 1866. Seu maior patrimônio hoje, que enriquece ainda mais a sua história, é seu expressivo número de associados. Atualmente, são aproximadamente 6.200 sócios, entre titulares e dependentes, distribuídos nas categorias remidos, efetivos, beneméritos, proprietários de 1 e 2 títulos e remidos beneméritos. Todos têm à sua disposição, nas duas sedes, as mais variadas atividades sociais, esportivas e recreativas.

A SOCEPE sempre se empenhou em oferecer aos seus sócios a melhor estrutura para prática de esportes. No início de sua trajetória, destacou-se principalmente como incentivadora da ginástica olímpica e prática do tiro esportivo, herança das entidades que lhe deram origem.

Atualmente, honrando a sua missão de oferecer lazer, cultura, esporte e bem-estar aos associados, com excelência e em sintonia com a natureza, a SOCEPE oferece a sede social no centro de Santa Maria e a sede campestre no município de Itaara. Ambas as sedes possuem infraestrutura para atividades sociais, práticas esportivas, descanso e lazer em família.

Na sede social, os associados dispõem da secretaria e recepção, salão para festas e demais atividades sociais, ginásio de esportes, academia da ginástica terceirizada e a única linha de tiro coberta da região para praticantes desse esporte.

Além disso, a Sociedade oferece à comunidade o Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Lustige Tânzler, o Grupo SOCEPE Ativa, dedicado à melhor idade, aulas de Taekwondo, Vôlei, Futsal, colônia de férias e a academia de ginástica, que é terceirizada, na sede urbana.

O senhor Horst Oscar Lippold observa que a SOCEPE é “a única sociedade da cidade que mantém a tradição do tiro, um esporte introduzido pelos alemães em quase todas as cidades que colonizaram no Rio Grande do Sul”.

Outro diferencial introduzido na sede urbana é a *Bier Haus*, inaugurada em 20 de março de 2012, que traz ambientação que remete a objetos da cultura germânica. Anteriormente, a área era ocupada por uma sauna terceirizada.



■ Salão principal de confraternizações da *Bier Haus*, inaugurada em março de 2012, na sede social da SOCEPE. | Fonte: acervo de Eva Coelho.



■ Salão principal da *Bier Haus* da sede social da SOCEPE. | Fonte: acervo de Eva Coelho.



■ Ambiente decorado e direcionado especialmente às crianças na *Bier Haus*. | Fonte: acervo de Eva Coelho.



■ Área da cozinha da *Bier Haus*. | Fonte: acervo de Eva Coelho.

O nome *Bier Haus* presta uma homenagem aos alemães que vieram para Santa Maria no século XIX, entre os quais o grupo que fundou a *Deutscher Hilfsverein*, em 1866. A ideia foi aproveitar o local para organizar um ambiente propício para reuniões semanais e festivas, para

comer, beber cerveja e jogar conversa fora. O espaço tem capacidade para 50 pessoas e é dedicado principalmente aos sócios, mas é aberto ao público em geral. É equipado com cozinha completa, ambiente tipicamente alemão, churrasqueira, área de recreação infantil e banheiros.

A seguir, são detalhados os momentos da história da SOCEPE que levaram à estrutura que conhecemos atualmente.

A Sociedade Concórdia Caça e Pesca – SOCEPE

No dia 7 de julho de 1966, os sócios da Sociedade Concórdia e do Clube Caça e Pesca reuniram-se em Assembleia Geral, no Pavilhão de Esportes da Sociedade Concórdia, na Rua Venâncio Aires, para ratificarem a fusão das duas entidades.

Horst Oscar Lippold, presidente das duas entidades na época, abriu os trabalhos da Assembleia Geral informando os termos da convocação e formando a mesa dirigente dos trabalhos e secretariado daquela sessão. Os termos da convocação foram os seguintes: a) os presentes representam as suas respectivas sociedades; b) a Assembleia Geral foi regularmente convocada; c) a convocação seria a terceira e última; d) a ordem do dia é a fusão da Sociedade Concórdia com o Clube de Caça e Pesca; e) a fusão foi previamente aprovada em assembleia geral da Sociedade Concórdia, em 31 de maio de 1966, e pelo Conselho Deliberativo do Clube de Caça e Pesca de Santa Maria, em 16 de julho de 1966. A mesa dirigente dos trabalhos foi constituída pelos sócios Jorge Alfredo Jorge, Luiz Firmino Kirchhof e Walter Günther Lippold, este último, secretário da Assembleia Geral.

Foi esclarecido pelo Presidente que a fusão já havia sido anteriormente aprovada pelos representantes das duas entidades e que as vantagens desse ato já haviam sido amplamente discutidas pelos respectivos sócios.

Colocada em votação, a fusão foi aprovada por unanimidade pelos presentes. Na ocasião, Horst Oscar Lippold informou que os respectivos patrimônios de cada uma das entidades constituintes passariam a fazer parte do patrimônio da nova entidade, a Sociedade Concórdia Caça e Pesca de Santa Maria – SOCEPE, ressalvados os direitos adquiridos dos respectivos membros.

Os sócios que estiveram presentes na assembleia assinaram a ata correspondente à fundação da SOCEPE, cujo documento original se encontra no primeiro Livro de Atas da Assembleia Geral, páginas 7, 7v, e 8, reproduzido a seguir.

Sócios fundadores da Sociedade Concórdia Caça e Pesca de Santa Maria – SOCEPE

Conforme a Ata de Fundação da Sociedade, de 7 de julho de 1966, são considerados sócios fundadores:

Acácio Baptista Rodrigues, brasileiro, casado	Erwin Rabenschlag, brasileiro, casado
Adão Noé da Costa, brasileiro, casado	Florisbelo Bereta Porto, brasileiro, casado
Adelmo Simas Genro, brasileiro, casado	Fritz Lippold, alemão, casado
Affonso Barros da Silva, brasileiro, casado	Guido F. Molz, brasileiro, casado
Alberto Ribeiro Vilar, brasileiro, solteiro	Henrique A. Zimmermann, brasileiro, casado
Almiro Heidt, brasileiro, casado	Hermes João Minozzo, brasileiro, casado
Aluísio Otávio Vargas Ávila, brasileiro, solteiro	Horst Oscar Lippold, brasileiro, casado
Armando Bondarenko, brasileiro, solteiro	Irineu Magnago, brasileiro, solteiro
Arno Fleig, brasileiro, casado	Jean Guttenkunst, iugoslavo, casado
Assis Rocha, brasileiro, casado	Jean Schoproni, iugoslavo, casado
Aurélio da Silva, brasileiro, casado	João Lobo D'Ávila, brasileiro, solteiro
Basílio Ferreira, brasileiro, casado	João Naegelen Scherer, brasileiro, solteiro
Bruno Zwetsch, brasileiro, casado	João Pedro Guedes, brasileiro, casado
Carlos Schultz, brasileiro, casado	João Pellizzer, brasileiro, casado
Cilmar Brum, brasileiro, solteiro	Jorge Alfredo Jorge, brasileiro, casado
Darcy Kumman, brasileiro, solteiro	José da Silva, brasileiro, viúvo
Diniz Antônio Garlet, brasileiro, casado	José Pereira de Miranda, brasileiro, casado
Edgar R. Prade, brasileiro, casado	José Wojtowicz, brasileiro, casado
Egon Treptow, brasileiro, casado	Luiz Aramis Drazo Coelho, brasileiro, casado
Enio Cureau, brasileiro, casado	Luiz Fermino Kirchof, brasileiro, solteiro
Erich Baecker, brasileiro, casado	Luiz Meyer, brasileiro, casado
Ernani Von Ende, brasileiro, solteiro	Manoel Carneiro Ribeiro, brasileiro, casado

Manuel Baptista Mezeck, brasileiro, casado	Oswaldo Pregardier, brasileiro, casado
Mauro Hermes M. Silva Gomes, brasileiro, casado	Pedro Leal da Rocha, brasileiro, casado
Milton Bachmann, brasileiro, desquitado	Policarpo da Silva, brasileiro, casado
Moacyr Mesquita de Ávila, brasileiro, casado	Rainer Oscar Müller, brasileiro, casado
Nabor Dornelles, brasileiro, casado	Ronaldo Carlos Lippold, brasileiro, casado
Nelson Germano Vogel, brasileiro, casado	Samuel Mesquita do Amaral, brasileiro, solteiro
Newton Viana, brasileiro, casado	Virgílio Della Méa Biazus, brasileiro, casado
Noé Gomes Borges, brasileiro, casado	Waldemar Scherer, brasileiro, casado
Olinto M. de Ávila, brasileiro, casado	Waldyr Pires da Rosa, brasileiro, casado
Orion Silva Mello, brasileiro, casado	Walter Barcellos, brasileiro, casado
Orlando Real de Andrade, brasileiro, casado	Walter Günther Lippold, brasileiro, casado
Oscar Menna Barreto Grau, brasileiro, solteiro	Willian Bachmaedecker, brasileiro, casado.

Após o momento de congratulações e júbilo entre os consócios presentes, o presidente dos trabalhos encaminhou à votação o projeto do recém-criado estatuto social da Sociedade Concórdia Caça e Pesca, já amplamente discutido e aprovado.

Em respeito ao Edital de Convocação nº 1/68 de 26, de junho de 1968, o quadro social da SOCEPE reuniu-se em 11 de julho de 1968 para escolher os membros efetivos e suplentes do seu primeiro Conselho Deliberativo, cuja principal função é “resolver ou manifestar-se em caráter decisório sobre todos os assuntos da Sociedade”. O Conselho Deliberativo ficou assim formado: membros efetivos: Manoel Carneiro Ribeiro, Ari Weber, José Waldir Goetz, Raul Londero Diaz, Carlos Guinot, Bráulio Souza, Edgar R. Prade, Erwino Rieck, Guinter Hans Stoever, Nelson José Richs, Waldyr Pires da Rosa, Jorge A. Jorge, Affonso Barros da Silva, Sizisnando Coelho, Antônio D. Bohrer, Milton Backmann, Osmar Armando Block, Nabor Dornelles, Renato Siqueira, Willy Armando Siqueira, Leo Müller, Erich Baecker, Hugo Edgar Vogel, Plínio Cassel, Moacyr Mesquita de Ávila, Rudy Fleck, James Pizarro, Policarpo da Silva, Carlos Cauduro, José Antônio Cauduro. Membros suplentes: Hermes Minozzo, Catarino

Coelho, Jean Schoproni, João Scherer, Florisbelo Beretta Porto, Egon Treptow, Amaury Dalla Porta, Venito Kotzen, Ivonir Hoehr, João Pellizer, Claudio J. Wolf, José Celestino Machado, Horst Oscar Lippold, Ronaldo Carlos Lippold e Walter Günther Lippold.

O Jornal A Razão²¹ estreou uma coluna de divulgação da SOCEPE com o título: SOCEPE EM MARCHA. A primeira edição apresentou a primeira Diretoria Executiva da Sociedade, assim composta:

Presidente: Horst Oscar Lippold

1º Vice-Presidente: João Naegelen Scherer

2º Vice-Presidente: Egon Treptow

3º Vice-Presidente: Nabor Dornelles

Vice-Presidente de Finanças: Edgar Ricardo Prade

Vice-Presidente da Secretaria: Plínio Gauer Cassel

Vice-Presidente de Esportes: Walter Günther Lippold

Vice-Presidente Social: Luiz Mayer

Vice-Presidente de Recreação: José Celestino Machado

Vice-Presidente Jurídico: Adelmo Simas Genro

Vice-Presidente do Patrimônio: Jean Guttenkunst

Vice-Presidente de Imprensa e Divulgação: Florisbelo B. Porto.

Diretores de Departamentos:

Departamento de Ginástica Masculina: João Lobo D'Ávila

Departamento de Ginástica Feminina: Silvia Pinent

Departamento de Cães Pastores Alemães: Oscar Menna Barreto Grau e Manoel Carneiro Ribeiro

Departamento de Escotismo: Orlando Real de Andrade

Departamento Centro Cultural Brasileiro Alemão: Erich Baecker

Departamento de Tiro: Ronaldo Carlos Lippold e Júlio Pereira de Andrade

Departamento de Pesca: Hermes Minozzo e Waldir Goetz

Departamento de Motonáutica e Esqui: Ronald Bossemeyer

Sede Campestre: João Pelizzer

Departamento de Obras e Planejamento: Paulo Abicht, Florêncio Della Méa, José M. Reyes, Renato Medeiros de Farias e Waldyr Pires da Rosa.

²¹ Jornal A Razão, SOCEPE em Marcha, 20 de agosto de 1966.

Os Primeiros Tempos: A Organização e a Projeção da Sociedade

A seguir, apresentamos uma rápida visão da Santa Maria da década de 1960 que acolheu a nova sociedade recreativa.

Com cerca de 130 mil habitantes, a cidade encontrava-se relativamente bem servida de água potável, saneamento e luz elétrica. Crescia e atraía cada vez mais diferentes tipos de residentes que vinham de diversas regiões e por vários motivos, principalmente em busca de melhores condições de estudo e de trabalho.

A estrutura urbana se aperfeiçoava lentamente. As mais de 300 ruas e avenidas já eram asfaltadas ou calçadas com pedras regulares. Praças, avenidas e jardins eram arborizados dando um ar alegre à cidade, principalmente na primavera quando florescem seus inúmeros ipês. Santa Maria crescia e se estendia ao sul, em direção aos morros, e para leste. Além do trem que ainda dominava os transportes para todas as direções, agora algumas estradas de rodagem haviam sido abertas, ligando a cidade à capital, à Serra e a Pelotas. As estradas ainda eram bem precárias e sem asfalto ou calçamento, o que dificultava as viagens em dias de chuva.

Como centro ferroviário e comercial, Santa Maria continuava a atrair gente de todos os lugares e, desde o início da década de 1960, tornou-se um promissor centro estudantil universitário. A Faculdade de Medicina de Santa Maria foi criada graças a um grupo de professores da Faculdade de Farmácia de Santa Maria e alguns médicos formados em Porto Alegre. Resistentes na ideia da criação da faculdade e lutando contra a indiferença e o pessimismo de uma boa parte da sociedade, o grupo deu o primeiro passo para a criação da Universidade Federal de Santa Maria, em 1960.

A sede de uma universidade federal no interior do país foi uma vitória sem precedentes que provocou o deslocamento do eixo educacional do estado da capital para o interior.

Cosmopolita e sempre aberta a novidades e avanços tecnológicos, Santa Maria assimilava a grande variedade de estilos de vida e profissões que se deslocavam para a cidade em função de serviços prestados à universidade e que a tornavam mais colorida e movimentada com gente vinda de vários países.

Em meio à agitação e ao clima de novidade, a SOCEPE iniciou a “todo o vapor”. Para bem atender seus sócios, empreendeu uma série de mudanças, entre as quais destaca-se o belo salão de festas na sede social dentro do qual funcionaria uma moderníssima boate. Enquanto não concluía a reforma, os bailes e festas eram realizados nos salões de ginástica da sede.

Ao mesmo tempo, para criar a identidade que iria marcar sua presença nas competições esportivas, de beleza e em momentos de festas e descontração, a SOCEPE lançou um concurso para a confecção de uma flâmula com distintivo do clube. Entre outras condições publicadas no jornal local, no dia 31 de agosto de 1966, as regras para o concurso estabeleciam as cores vermelha, azul celeste e branca para representarem a sociedade. O prazo para entrega das flâmulas e sugestões seria até 15 de setembro daquele ano, às 20 horas, na sede da sociedade. As regras do concurso estabeleciam ainda a obrigação da apresentação do protótipo em cores naturais e com a data da fundação da sociedade: 7 de julho de 1966. O prêmio era convidativo, nada menos que CR\$100.000,00.

Em assembleia da Diretoria Executiva, no dia 15 de setembro, o presidente solicitou que fossem apresentados os trabalhos concorrentes. Foram 25 sugestões de flâmulas e 12 de distintivos encaminhados dentro das normas e do prazo do concurso. Os membros da Diretoria Executiva examinaram atenciosamente as sugestões apresentadas e escolheram as melhores. Foi consenso de todos os avaliadores que a melhor sugestão foi o projeto apresentado pelo sócio Joel R. Coimbra Saldanha. Em segundo lugar ficou uma sugestão do mesmo candidato.

A sugestão vencedora apresentava por extenso o nome SOCIEDADE CONCÓRDIA “E” CAÇA E PESCA DE SANTA MARIA. Em vista disso, a Diretoria resolveu solicitar ao autor que fizesse uma pequena alteração: a supressão do “E” grifado, ficando apenas SOCIEDADE CONCÓRDIA CAÇA E PESCA.



■ Em primeiro plano Horst Oscar Lippold entrega a Joel Saldanha o prêmio correspondente ao primeiro lugar no concurso da flâmula da SOCEPE em 22 de setembro de 1966. Ao fundo, da direita para esquerda: Ronaldo Lippold, Jean Guttenkunst, João Scherer, Florisbelo Porto, Walter Günther Lippold e Hermes Minuzzi. | Foto: acervo da SOCEPE.

Ficou estabelecido que a Diretoria oficializasse os agradecimentos a todos os participantes por sua colaboração e interesse demonstrado. Todos os participantes do concurso foram convidados para a entrega do prêmio ao vencedor em 22 de setembro de 1966 e, a seguir, determinou-se a confecção da bandeira e dos distintivos.

O modelo vencedor traz um círculo sobre um fundo em vermelho com um aro em azul e uma figura central composta de duas mãos unidas pela palavra SOCEPE, simbolizando a fusão entre as duas entidades, segurando firmemente a corrente, em azul, que representa a união universal. Ao redor da forma circular, o título da nova sociedade surgida dessa fusão e a data de sua criação.

Em 28 de outubro de 1966, ocorreria o centenário da *Deutscher Hilfsverein*, que deu origem à Sociedade Concórdia, uma das entidades formadoras da SOCEPE. Para comemorar condignamente tão importante data, uma comissão foi organizada pela Diretoria Executiva. A comissão se responsabilizou por providenciar as apresentações de ginástica, jantar de confraternização, competições de natação e demais modalidades esportivas abertas às demais entidades esportivas da cidade. Para todas as competições, estavam previstas premiações. No dia marcado, as festividades iniciaram com apresentações de ginástica no salão da entidade, seguidas de jantar oferecido a convidados no Restaurante SOCEPE.

De acordo com ata da Diretoria Executiva da entidade, de 17 de novembro 1966, p. 29 v, “deve-se registrar esta ata para que no futuro se recorde que a presente Diretoria não mediu esforços no sentido de que as festividades tivessem êxito e que esta data de tão grande significado não passasse despercebida”. Para tanto, por meio do Departamento de Ginástica, o vice-presidente de esportes, Walter Günther Lippold, esmerou-se na organização de uma programação onde se pudesse avaliar o elevado padrão técnico dos ginastas da SOCEPE e daqueles que estão se iniciando neste esporte.

No dia marcado, as festividades iniciaram com apresentações de ginástica no salão da entidade, seguidas de jantar oferecido a convidados no Restaurante SOCEPE. Com a presença de mais de 100 associados e convidados especiais, a festa transcorreu em um ambiente de cordialidade, incluindo apresentações de ginástica dos grupos adultos e infantis, jantar, homenagens a antigos sócios e descendentes, discursos e descerramento da placa comemorativa.

Entre os convidados especiais estavam os mais antigos associados da Sociedade Concórdia: Ernesto Geis (associado mais antigo da Sociedade Concórdia), Arno Cassel, Victorio Cauzzo e Alfredo Blankenheim. Arno Brenner, Luiz Stoever e João Gressler deixaram de comparecer.

Arno Cassel e a senhora Elza Grau Lippold foram homenageados como descendentes mais antigos de membros das primeiras diretorias da Sociedade Concórdia. Ernesto Geis, Arno Cassel e Elza Grau Lippold foram convidados a descerrar a placa comemorativa ao Centenário da *Deutscher Hilfsverein* sob uma salva de palmas dos presentes.



■ Grupo de ginástica infantil feminino durante a apresentação em comemoração ao centenário da Sociedade Concórdia, em 27 de outubro de 1966, no galpão de ginástica da SOCEPE. | Foto: acervo da SOCEPE.



A equipe infantil masculina de ginástica da SOCEPE na apresentação do dia 27 de outubro de 1966. Treinadores: João Lobo D'Ávila e Luiz Kirchof, no galpão de ginástica. | Foto: acervo da SOCEPE.

Após o jantar, Adelmo Simas Genro falou em nome da SOCEPE, relembrando os acontecimentos mais importantes, parabenizando a antiga Sociedade Concórdia “pelos cem anos de lutas, glórias, sofrimentos e alegrias”.

Para encerrar as comemorações, realizou-se, no dia 30 de novembro, uma competição aberta de natação na sede campestre em Itaara. A competição obteve um grande sucesso com a participação de 65 atletas pertencentes ao Corinthians Atlético Clube, Avenida Tênis Clube e da SOCEPE.

Na ocasião, aconteceram as seguintes provas:

1ª Prova – Departamento de Motonáutica e Esqui:

100 metros nado livre, juvenil e sênior

Vencedores:

1º lugar: Nilo Sergio Cechella (Corinthians);

2º lugar: Gil Renato Abelin (Avenida Tênis Clube).

2ª Prova – Departamento de Tiro:

100 metros nado livre para juvenil feminino

Vencedoras:

1º lugar: Maria Izabel C. Pimenta (Corinthians);

2º lugar: Dulce M. D. de Moraes (Avenida Tênis Clube).

3ª Prova – Departamento de Cães Pastores Alemães:

nado livre, infantil.

Vencedores:

1º lugar: Idemar Pisani (Avenida Tênis Clube);

2º lugar: Jorge A. Fernandes (Corinthians).

4ª Prova – Departamento de Ginástica:

50 metros nado livre, infantil.

Vencedoras:

1º lugar: Denise M. D. de Moraes (Avenida Tênis Clube);

2º lugar: Vera Regina Oliveira (Avenida Tênis Clube).

5ª Prova – Departamento de Caça e Pesca:

200 metros nado livre masculino.

Vencedores:

1º lugar: Luiz A. Moreira Mendonça (Corinthians);

2º lugar: Gelásio Muller (Avenida Tênis Clube).

6ª Prova – Departamento Social:

200 metros livre feminino, categoria livre.

Vencedoras:

1º lugar: Maria Izabel C. Pimenta (Corinthians);

2º lugar: Eunice de Azevedo Cercal (Corinthians).

7ª Prova – Departamento Cultural:

100 metros nado livre juvenil Junior.

Vencedores:

1º lugar: João Carlos Cechella (Corinthians);

2º lugar: Carlos Magno Zorzan (Avenida Tênis Clube);

3º lugar: Ronaldo Farias (Avenida Tênis Clube).

8ª Prova – 28 de outubro:

650 metros nado livre feminino.

Vencedoras:

1ª lugar: Eunice Cercal (Corinthians);

2º lugar: Jussara Von Ende Porto (SOCEPE);

3º lugar: Eunice Von Ende Porto (SOCEPE).

9ª Prova – 28 de outubro:

650 metros nado livre masculino.

Vencedores:

1º lugar: Luiz Alberto Mendonça (Corinthians);

2º lugar: Nilo Sergio Cechella (Corinthians);

3º lugar: Luiz Gonzaga Fernandes (Corinthians).

No final da competição, foram entregues taças e medalhas aos vencedores. Nesse dia festivo, grande número de associados prestigiaram as provas de natação no lago da SOCEPE, em Itaara, demonstrando que a iniciativa projetou a entidade a uma posição de destaque em nossa cidade.

As empresas e entidades locais que participaram neste momento de homenagem à antiga Sociedade Concórdia e oferecendo medalhas e taças foram o Conselho Municipal de Desportos, Câmara de Vereadores, Jornal “A Razão”, SULBRA S.A., Irmãos Coelho Ltda,



■ Grupo de adestradores do Departamento de Cães Pastores Alemães da SOCEPE. Da esquerda para a direita: Ervandil R. Reis, Hélio Pereira, Oscar Menna Barreto Grau e Horst Oscar Lippold, com seus cães. Apresentação no Campus da UFSM na década de 1960. | Foto: acervo da SOCEPE.

Restaurante SOCEPE, Fritz Lippold e Filhos Ltda, Casa Ênio, Pampeiro S. A. e Fábrica Cyrilla.

Merece destaque a atuação do Departamento de Cães Pastores Alemães. Por iniciativa dos diretores Oscar Menna Barreto Grau e Manoel Carneiro Ribeiro, realizou-se a segunda exposição de cães pastores alemães em Santa Maria, em outubro de 1966, em comemoração ao centenário da Sociedade Concórdia. A exposição contou com representantes de Porto Alegre e um juiz vindo de São Paulo para avaliar a mostra canina.

A exposição realizou-se no estádio da Brigada Militar, onde

cães das melhores procedências do Brasil demonstraram sua habilidade sob o comando dos seus adestradores. A Escola de Adestramento de Cães Pastores Alemães da SOCEPE, considerada a melhor escola do sul do Brasil, teve quatro cães batendo recorde gaúcho em salto em altura.

O Núcleo Pastoreiro de Santa Maria foi criado há 50 anos, por Horst Oscar Lippold, José Washington do Carmo e David Ribeiro. Este último foi o primeiro criador de cães pastores alemães registrados em Santa Maria. Ribeiro fundou o Canil 12 de Outubro, que tinha este nome em homenagem ao Dia do Cão.

Posteriormente, outros criadores uniram-se aos fundadores, dando origem à Escola de Adestramento de Cães Pastores Alemães, que passou a constituir o Departamento de Cães Pastores do Clube Caça e Pesca de Santa Maria e, depois da fusão, um dos Departamentos da SOCEPE. Seu objetivo era realizar o adestramento de cães pastores alemães para guarda e defesa. Seu trabalho era apresentado em exposições e demonstrações de treinamento durante os quais os cães deveriam evidenciar o grau de obediência ao comando do seu adestrador.



■ Zamora, um dos cães treinados por Horst Oscar Lippold, do Departamento de Cães Pastores Alemães, vencendo barreira de 3,15m, salto em parede. Recorde gaúcho de salto em altura, na época. | Fonte: acervo de Horst Oscar Lippold.

Apesar de, atualmente, o Núcleo Pastoreiro não estar mais vinculado à SOCEPE, suas exposições continuam sendo realizadas na sede campestre da sociedade.

Ainda como destaque do primeiro ano de existência da SOCEPE, houve a vitoriosa participação de seus ginastas no Campeonato Estadual de Ginástica Olímpica na cidade de Ijuí/RS, nos dias 03 e 04 de dezembro de 1966. A Diretoria Executiva deliberou sobre a participação da delegação da categoria *seniors* de ginástica olímpica, com, no máximo, 08 componentes custeados pela entidade para participar do evento. Walter Günther Lippold foi designado representante da SOCEPE na Assembleia Geral Ordinária da Federação Rio-grandense de Ginástica Olímpica, realizada na mesma oportunidade.

A equipe de ginastas compareceu composta pelos atletas João Lobo D'Ávila, Aluísio Otávio Vargas Ávila, Moacyr Mesquita de Ávila, Luiz Kirchhof e Alcion Nunes Leite. Como técnico e chefe da delegação, Walter Günther Lippold acompanhou o grupo e tomou parte nos trabalhos da Assembleia Ordinária como secretário dos trabalhos.



■ Confraternização e homenagem da SOCEPE aos seus atletas com a presença da imprensa falada e escrita local, em 1966. Da esquerda para a direita: Walter Günther Lippold, Horst Oscar Lippold, Ubiratã Alves, João Scherer, Paulo Gomes Correa e Bento do Carmo Machado. Em pé da direita para esquerda: Regis Höer, (?) e Floriano Brasil. | Fonte: acervo da SOCEPE.

No referido evento, os atletas da SOCEPE competiram com renomadas equipes de ginastas gaúchas: Sociedade Ginástica de Ijuí, Sociedade Ginástica Porto Alegre (SOGIPA), Grêmio Náutico União de Porto Alegre, Sociedade Navegantes – São João de Porto Alegre, Sociedade Ginástica de Estrela, Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo e Sociedade Ginástica de São Leopoldo. Daí a importância da conquista.

Em relatório, Walter Günther Lippold destacou “o espírito de luta e vontade férrea dos nossos ginastas”, que conseguiram um honroso vice-campeonato estadual. Além disso, tornaram-se campeões estaduais do interior do Rio Grande do Sul na categoria por equipe e destacaram-se individualmente pela

participação de Aluísio Otávio Vargas Ávila, que venceu o campeonato estadual de salto no cavalo.

Para homenagear seus ginastas, a SOCEPE reuniu na noite do dia 20 de dezembro de 1966, no Restaurante da sede social, a sua Diretoria Executiva e membros da imprensa falada e escrita. A imprensa foi representada pelos jornalistas Amaury Fonseca e Floriano Brasil, do Jornal A Razão; Odoni Rodrigues da Rocha, da Rádio Medianeira; Valduino Rosa, da Rádio Guarathan. Nessa reunião festiva, Walter Günther Lippold leu os resultados gerais da competição e o relatório por ele entregue à Diretoria Executiva. Em seguida, a equipe homenageada, jornalistas e diretorias foram agraciados com um coquetel.

Em 15 de julho de 1970, em Assembleia Geral Extraordinária, membros da SOCEPE se reuniram para analisar o anteprojeto de estatutos elaborado por uma comissão de representantes das duas entidades que foram extintas com a criação da nova sociedade. Fizeram parte dessa comissão que elaborou o anteprojeto os sócios Walter Günther Lippold e Horst Oscar Lippold, por parte da Sociedade Concórdia, e Florisbelo Beretta Porto e Claudio Juvenal Wolf, como representantes do Clube de Caça e Pesca. Após as devidas discussões, o projeto foi posto em votação e aprovado por unanimidade, ao que se procedeu a eleição dos órgãos dirigentes na forma do estatuto da sociedade criada após a aprovação.

Segundo determinação dos Estatutos da SOCEPE, a Assembleia elegeu os membros titulares efetivos e suplentes do Conselho Deliberativo, do Conselho Fiscal e da Diretoria Executiva. Tomaram posse na Diretoria Executiva os seguintes membros: Presidente, Horst Oscar Lippold; 1º vice-presidente, Willy Armando Siqueira; 2º vice-presidente Sizisnando Coelho; 3º vice-presidente Osmar Armando Block. O presidente nomeou, também, de acordo com a determinação dos Estatutos, os vice-presidentes dos Departamentos de Finanças, Patrimônio, Divulgação, Social, Esportes e Jurídico.

Sede social da SOCEPE

Com a fusão ocorrida em 1966, a SOCEPE herdou os patrimônios imobiliários de suas antecessoras. A casa na rua Venâncio Aires, construída em 1932 para ser sede social da Sociedade Alemã e a gleba de terra 50 hectares com o lago de 10 hectares, que havia sido adquirida pelo Clube Caça e Pesca para ser sua sede campestre no distrito de Itaara.

No prédio da rua Venâncio Aires, estabeleceram-se a secretaria da sociedade e, no pavilhão de madeira, no fundo da construção, realizaram-se os treinos e competições das equipes de ginástica olímpica, adulta e infantil, os ensaios do grupo de danças, as assembleias gerais e das diretorias e a *Bierfest*, até ser construído o Ginásio Olímpico “Fritz Lippold” na década de 1980.

Durante alguns anos, no início da década de 1970, o Grupo de Escoteiros da SOCEPE ocupava o pátio do pavilhão de ginástica na sede social para a realização de reuniões, hasteamento da bandeira e fogo do conselho. Funcionava também no térreo do prédio da sede social o antigo restaurante, que, desde a época da Sociedade Concórdia, era um dos mais bem frequentados restaurantes da cidade, ponto de encontro dos políticos, literatos, artistas e das famílias santa-marienses.

A construção da nova sede social da SOCEPE

A ideia de demolir a antiga sede social para a construção de um novo prédio foi apresentada pela Diretoria Executiva em assembleia no dia 3 de abril de 1978, durante a presidência de João Naegelen Scherer (Gestão 1975-1981). A antiga sede apresentava várias rachaduras nas paredes laterais, sendo um potencial perigo aos frequentadores. A decisão foi acatada por todos os sócios presentes na assembleia e já havia recebido parecer favorável do Conselho Deliberativo. Na assembleia do dia 5 de junho do mesmo ano, com a presença dos arquitetos Paulo Adolpho Abicht, Jaime Annuncio Marcuzzo e José Maria Reyes, tratou-se do tema relativo à elaboração do projeto para a construção da nova sede social.

Em 29 de agosto, o presidente da SOCEPE, João Scherer, levou ao conhecimento da Diretoria Executiva que, durante o processo de regulamentação, o terreno onde se localizava a sede social encontrava-se em situação irregular. Constatou-se que uma parte da área ainda não possuía escritura e a outra parte estava ainda em nome da Sociedade Beneficente Alemã. Por não existir ata de transformação da Sociedade Beneficente Alemã em Sociedade Concórdia, seria necessário instaurar uma ação de usucapião para regularizar a situação, o que foi resolvido de acordo com o parecer jurídico do mesmo departamento.

Aspecto da demolição da antiga sede urbana da Sociedade Concórdia (depois SOCEPE) em 1978, iniciando pelos fundos da construção. | Fonte: acervo da SOCEPE.



Outro problema dizia respeito à divisa do terreno da SOCEPE com a área vizinha, de propriedade do senhor João Xavier, que gentilmente concordou em ceder parte de seu terreno para que a sociedade avançasse com seu muro a fim de acertar definitivamente os limites. Na reunião de 10 de abril de 1979, a diretoria registrou os agradecimentos formais ao senhor João Xavier.

Na reunião da Diretoria Executiva, no dia 17 de abril de 1979, esteve presente o engenheiro Flávio Rolim trazendo um esboço preliminar e o orçamento do estaqueamento para início das obras da futura sede social. No mesmo ano, a sociedade iniciou a compra de materiais para o início das obras da nova sede. O processo judicial de ação de despejo da parte do prédio ocupada pelo restaurante já se encontrava em andamento,

apesar de o inquilino se mostrar relutante em entregar o imóvel.

A execução de todo o projeto eletrônico e telefônico da nova sede social foi contratada pela diretoria executiva em julho de 1979 pelo valor de C\$ 30.000,00, tendo como responsável o engenheiro Wilson M. Serro.

Entre as propostas de estaqueamento das obras do novo prédio, foi aprovado o orçamento apresentado pela empresa CONTASA – Construções e Estaqueamento Ltda, de Santa Maria, dirigida pelo engenheiro Flávio Rolim. Em outubro de 1979, foi aprovada a venda do material de demolição da antiga sede à zeladora Tereza B. Pregardier por um valor simbólico de Cr\$ 300,00. Este seria o valor da contribuição espontânea a ser totalmente empregado na construção, solicitada aos sócios remidos e beneméritos.

A regularização dos terrenos correspondentes ao imóvel da antiga sede social, movida no Cartório de Imóveis da cidade, foi possível graças aos depoimentos dos associados Arno Zwetch e Osvaldo de Souza. O Juiz da Comarca local deu decisão favorável à Sociedade e, finalmente, em 12 de agosto de 1979, o vice-presidente jurídico da SOCEPE, João Josefino da Costa, apresentou em reunião da Diretoria Executiva as averbações de escrituras nº 20.229, 16.205 e 2.370 de cartório de imóveis de Santa Maria. Essas averbações foram instruídas pelo processo da justificação judicial nº 10700/1126-79, da segunda vara cível desta comarca, ficando assim registrados todos os terrenos da sede situada à Rua Venâncio Aires, 1596, em nome da Sociedade Concórdia Caça e Pesca – SOCEPE.

Em 1982, firmou-se o contrato para construção do novo prédio, a cargo da empresa EMPROTEC, Projetos e Construção Ltda. A contratação dos arquitetos Carlos Arzeno e Dílson Cechin e do engenheiro civil Sergio Roberto Barcellos foi aprovada pela reunião da Diretoria Executiva, em 25 de junho de 1984. Eles foram responsáveis pela coordenação e execução dos trabalhos na sede urbana, como a distribuição interna do espaço no subsolo e 1º piso, conforme planta, e pelas inspeções e acompanhamento da obra.

A construção da nova sede central aconteceu gradativamente conforme o orçamento da sociedade permitia. No final da década de 1980, concluiu-se, com grande esforço da diretoria, encabeçada por Waldyr Pires da Rosa, o Salão de Festas, que foi colocado à disposição dos sócios em 1989 e que seria palco de grandes promoções visando congregar a família socepeana. Nesse período, a secretaria da sede social ganhou melhorias com pinturas, grades nas janelas e início da modernização e informatização dos serviços administrativos.

No ano seguinte, prosseguiram as obras na sede central com a construção de banheiros, churrasqueira, almoxarifado, canalização das águas pluviais no subsolo, finalização da nova sala que serviria de secretaria e a transformação das antigas dependências da secretaria em salão nobre para reunião dos órgãos dirigentes da sociedade.

A modernização da secretaria da SOCEPE

Enquanto avançava a construção da nova sede, a secretaria da SOCEPE foi deslocada para as dependências que ocupa até hoje. No seu lugar original, foi instalada a sala de reunião da diretoria que ali permanece com modificações estruturais.

Neiva Luiza Dalcin, secretária executiva e gerente administrativa da SOCEPE, faz parte do quadro de funcionários desde 1996. A senhora Neiva relata que a mudança estrutural e funcional da secretaria foi uma realização gradativa, conquistada a partir de sua chegada à entidade, a convite de Carlinho Rizzatti (1º vice-presidente), durante a presidência de Horst Oscar Lippold. Como secretária executiva, incumbiu-se da modernização da secretaria, necessária para instalação do processo de sistematização e informatização.

O processo foi gradativo, pois precisou constituir a contabilidade, montar o primeiro caixa da sociedade, o departamento financeiro, o departamento contábil e de pessoal (RH), ainda hoje sob sua responsabilidade. O trabalho foi criterioso e contou com a persistência de toda a equipe da secretaria, visto que foi necessária a organização inclusive das gavetas e do material de expediente para viabilizar o início da informatização propriamente dita do setor.

O passo seguinte foi a compra de computadores pelo sistema de financiamento Leasing, aquisição de *softwares* para clubes e para a computação dos dados do quadro social, do departamento pessoal e do financeiro. Todo esse processo contou com a assessoria de um escritório de contabilidade contratado pela SOCEPE para este fim. Paralelamente, a secretária cuidava da sua atualização profissional e dos demais funcionários do setor, participando de treinamentos, congressos de clubes na cidade, na capital e em outros estados.

Ainda como parte de suas atividades profissionais, Neiva Luiza Dalcin é responsável pela redação das Atas das Assembleias da Diretoria Executiva, do Conselho Deliberativo e do Conselho Fiscal. Ela ainda

providencia a compra de material de expediente e de limpeza, cuida da organização das reuniões do conselho fiscal, da prestação de contas da diretoria, atualização dos alvarás de funcionalidade, entre outras responsabilidades.

Incansável em suas tarefas relativas à gerência administrativa que ocupa desde dezembro de 2014, Neiva Luiza Dalcin ainda participa voluntariamente dos vários eventos sociais da entidade, como o *Bierfest*, *réveillon*, festas de Natal, Páscoa, dia da criança, chás beneficentes, bailes de aniversário da entidade e jantares de escolha das rainhas na sede social e na sede campestre.

Assim como o clube, cuja secretaria ajudou a modernizar com sua participação e de seus colegas, Neiva acredita que aprendeu e cresceu muito pessoalmente e profissionalmente, enfrentando a cada dia novos desafios.

O quadro da Secretaria é hoje composto por quatro funcionários: Neiva Luiza Dalcin, Jairo Regis Rosário Oliveira, Maritieli Alves de Ávila e Camila Pereira de Souza.

Atual composição da Diretoria Executiva:

Presidente:

Antônio Firmino de Freitas Neto

1º Vice-presidente:

João Batista Guimarães

2º Vice-presidente:

Luiz Paulo Brilhante Wolle

Vice-presidente de Educação e Meio Ambiente: Flávio Luiz Foletto Eltz

Vice-presidente de Secretaria: Elágio Santana Portela

Vice-presidente de Patrimônio e Obras: Rafael Feltrin Segala

Vice-presidente Jurídico: Felipe Baggio D'Ávila

Vice-presidente de Divulgação: Sérgio Augusto Gredene Carnielutti

Vice-presidente de Esportes: Frederico Ravazi de Castro

Vice-presidente Social: Marcia Crauss.

A sede campestre da SOCEPE

O MUNICÍPIO DE ITAARA

O município de Itaara, (do tupi guarani “pedra alta”), onde está localizada a sede campestre da SOCEPE, situa-se no alto da Serra Geral, na região Central do Rio Grande do Sul, a 295 km de Porto Alegre e 12 km de Santa Maria. Faz limite ao norte com o município de Júlio de Castilhos, ao sul e leste com Santa Maria e a oeste com São Martinho da Serra.

A área do município de Itaara é de 171,1 km² e conta com uma população estimada de 5.537 habitantes (IBGE, 2021). Segundo a Prefeitura Municipal de Itaara, sua população constituiu-se de descendentes de alemães, judeus, italianos, portugueses, espanhóis e indígenas. Sua origem heterogênicamente está ligada ao desenvolvimento histórico do município de Santa Maria, ao qual pertencia como 8º Distrito até 1996.

Os primeiros habitantes da região do Pinhal, hoje Itaara, foram os indígenas do grupo Tamarly Pintoe, que por ali transitavam e que deram à região o nome de Ibitimirim. Por volta de 1634, esses indígenas foram reunidos pelos jesuítas espanhóis na redução de São Cosme e São Damião (MARTINS, 2008), visto que, na época, a região estava sob o domínio da Espanha.

A comunicação entre o povoado de Santa Maria e o planalto era realizada pela estrada que ligava Santa Maria da Boca do Monte a São Martinho da Serra até 1840, quando o governo da República Farroupilha ordenou a abertura de uma estrada ligando Santa Maria ao Pinhal, a Estrada do Pinhal (hoje Estrada do Perau).

No ano de 1857, três imigrantes alemães pioneiros na região (Jacob Albrecht, Jacob Adamy e Miguel Kroeff) compraram a área, dando início à colonização, cujo núcleo ficou conhecido como Colônia Alemã do Pinhal (Brenner, 2007), que eventualmente chegou a concorrer comercialmente com Santa Maria. A povoação sediava “várias casas comerciais e industriais, curtumes, selarias, sapatarias, etc. Nos campos eram cultivados: milho, mandioca, cana-de-açúcar, arroz, além da criação de gado” (Martins, 2008).

A Colônia do Pinhal oferecia hospedaria, alambiques, atafona, curtume, tamancaria e estabelecimentos comerciais de secos e molhados e escola pública. Primeiramente, esteve sob a jurisdição de Rio Pardo, depois passou para Cachoeira do Sul e, em 1864, tornou-se o 4º Distrito de Santa Maria por meio da Lei Provincial nº 567, com a denominação de Distrito de São José de Pinhal.

Com a instalação da subprefeitura de Itaara, em 1943, no Pinhal, o distrito já se caracterizava pelo considerável número de residências fixas e pelas casas de veraneio de famílias santa-marienses que buscavam o clima ameno da região para fugir das altas temperaturas dos verões de Santa Maria. Os lagos que servem aos balneários do município, as cachoeiras e represas que recebem água do Arroio Manuel Alves, a cobertura vegetal preservada e altura média de 400 metros acima do nível do mar colaboram para tornar o clima de Itaara agradável, em contraste com o de Santa Maria, que se encontra num vale cercada de morros.

Em 22 de outubro de 1995, foi realizado um plebiscito com a população do 8º Distrito de Itaara, que optou pela emancipação. No dia 28 de dezembro, o município foi criado oficialmente pela Lei Estadual nº 10.643 e inaugurado em 1º de janeiro de 1997.

A economia de Itaara atualmente é baseada na agropecuária voltada para produção de gêneros de primeira necessidade em pequenas propriedades familiares. A exploração de pedra basáltica e as perspectivas para a exploração do turismo de lazer em balneários, de aventura em matas e quedas d'água, cultural religioso, abrem grandes expectativas econômicas para Itaara.

ESTRUTURA ATUAL DA SEDE CAMPESTRE

Na sede campestre de 50 hectares, situada no município de Itaara, o associado da SOCEPE conta com quadras de areia para voleibol e futebol, pedanas para prática de tiro ao prato, boxes de tiro prático e pavilhão de bocha. A área de lazer oferece churrasqueiras cobertas ou ao ar livre, área para *camping*, restaurante, local coberto para prática de jogos diversos, piscina para adultos e piscina infantojuvenil, tobogã e o lago, que oferece oportunidade de várias atividades e aventuras para a garotada.

Quiosque com churrasqueiras, mesas e equipamento para refeições, próximo ao salão principal na entrada da sede campestre.
| Fonte: acervo de Eva Coelho.



Destacam-se os diversos locais de convívio social da sede campestre. O Recanto do Bosque e da Harmonia possuem churrasqueira, fogão a gás, freezer, geladeira e um espaço para 100 pessoas, que pode ser alugado para encontros e festas familiares.

O Recanto Infantil na Ilha das Crianças, com a Casa do Tarzan, concluído em 2010. Além disso, há uma pista de caminhada com 1200 metros ao redor do lago, inaugurada em 30 de abril de 2000 e vários quiosques distribuídos pela sede.



Um dos vários quiosques à disposição dos sócios na sede campestre, com mesa, bancos e churrasqueira. | Fonte: acervo da SOCEPE.

“Casa do Tarzan” no recanto infantil da “ilha”, na sede campestre da SOCEPE. | Fonte: acervo de Eva Coelho.



Um dos recantos infantis e quiosque. | Fonte: acervo da SOCEPE.

Desde 2004, o Restaurante do Lago, localizado na entrada da sede, oferece um moderno salão de festas com capacidade para 240 pessoas e completa estrutura para confraternizações. A arquiteta Carla Dexheimer foi responsável pelo projeto do restaurante, entregue aos sócios em 7 de julho de 2004. A construção do restaurante iniciou-se numa das gestões do Presidente Horst Oscar Lippold, teve continuação durante a gestão de Geraldo Falleiro e foi concluída e inaugurada no mandato seguinte, de Horst Oscar Lippold. O projeto original sofreu alguns ajustes e acréscimos sob a responsabilidade da arquiteta Juliana Jornada, mo-

dificações estas que não afetaram as características da obra.

A cerimônia de inauguração contou com a presença de ex-presidentes, conselheiros e ex-conselheiros, diretores e convidados especiais. Na ocasião, o presidente, Horst Oscar Lippold, fez o relato sobre a situação atual da SOCEPE e homenageou o ex-presidente Geraldo Falleiro e esposa, em cujo mandato deu-se continuação à construção do prédio do restaurante na sede campestre. Além disso, foi homenageado o arquiteto Marco Antônio Pedrazzi, que colaborou com o projeto da cascata do lago e da entrada de acesso ao restaurante.

O presidente Horst Oscar Lippold em seu discurso de inauguração do Restaurante do Lago na sede campestre, em 7/7/2004. Da esquerda para direita: os casais Geraldo e Helena Falleiro e Horst O. Lippold e Maria Elena Camillo. |
Fonte: acervo da SOCEPE.



Desde a inauguração, o Restaurante do Lago tem sido motivo de orgulho dos sócios e direções da entidade e se tornou o local de referência para reuniões festivas e eventos maiores, como o *réveillon* e bailes de carnaval.



Entrada principal do Restaurante do Lago na sede campestre da SOCEPE, inaugurado em 2004. Ao lado, a cascata que ornamenta os jardins da entrada do restaurante. | Fonte: acervo de Eva Coelho (2015).





■ Casa de Festas Infantis na sede campestre à beira do Lago. | Fonte: acervo de Eva Coelho.

O SALÃO DE FESTAS TIO ÓCA, NA SEDE CAMPESTRE

O Salão de Festas Infantis Tio Óca foi projetado para oferecer aos sócios um novo local para reunião com a família, suas crianças e amigos e recebeu esse nome em homenagem ao ex-presidente Horst Oscar Lippold, o Tio Óca para seus pequenos sobrinhos.

O local com 300 metros de área construída, junto ao Lago, oferece

conforto e praticidade ao associado, com um salão de moderna estrutura, cozinha e banheiros. No salão, estão disponíveis pebolim, piscina de bolinhas, hóquei de mesa e brinquedos para a diversão dos pequenos sócios. Uma moderna cozinha, com fogão industrial, mesa inox, churrasqueira e estrutura para festas infantis, complementa o conjunto.

OS PRIMEIROS TEMPOS DA SEDE

Em entrevista, o presidente da SOCEPE, Horst Oscar Lippold (gestão 2008–2010), conta que era sócio e presidente interino da Sociedade Concórdia e também presidente do Clube de Caça e Pesca quando aconteceu a fusão das entidades. O primeiro grande patrimônio da nova Sociedade foi a área em Itaara, adquirida pelo Clube Caça e Pesca de Santa Maria, antes da fusão. Para arcar com o pagamento da sede campestre, a área da sede campestre do antigo Clube de Caça e Pesca, em Camobi, foi vendida. O terreno em Itaara, recém-comprado de Florisbelo Beretta Porto, correspondia a 50 hectares de um antigo loteamento com mais de 100 lotes vendidos, onde havia apenas uma casa construída. Todos os lotes foram adquiridos posteriormente pela Sociedade, num trabalho que durou vários anos, englobando os esforços de várias diretorias. Segundo Horst Oscar Lippold, “a maioria dos lotes foram trocados por seis títulos proprietários da SOCEPE, ficando os antigos donos de terrenos como sócios. Aos que não concordaram com essa alternativa, a sociedade pagou em dinheiro e isso levou mais ou menos 10 anos para ser concluído”.

O lago era a única benfeitoria na sede campestre. Foi aberta uma estrada na divisa com as propriedades vizinhas, permitindo o acesso à sede campestre pela Estrada do Perau, até ser construída a estrada BR-158 no final dos anos de 1970.

Na época da compra, a área era coberta por uma vegetação rasteira e de mata nativa totalmente preservada. As primeiras construções e o trabalho de paisagismo iniciaram na década de 1970 com o plantio de *Pinus elliotii* na alameda principal de entrada e, mais tarde, membros das diretorias e sócios plantaram essa espécie na área do futuro *camping*.



■ Vista da sede campestre da SOCEPE em Itaara nos primeiros anos da década de 1970, quando se iniciam as instalações. | Fonte: acervo da SOCEPE.

Nos primeiros anos de funcionamento da sede campestre, iniciou-se a construção do salão de festas onde funcionam hoje as mesas de jogos. Posteriormente, foi construída a Pedana João Pellizzer de tiro ao prato e a linha de tiro de precisão para armas curtas e longas num local mais afastado, para maior segurança da área do acampamento.

Aos poucos, ao longo dos anos e graças ao trabalho incansável de vários sócios, a área foi sendo aproveitada para reflorestamento com mudas de plantas nativas e exóticas. Em 1974, foram doadas 50 mudas de araucária e 25 de acácia mimosa pela UFSM, e mais 300 mudas diversas vindas de extensão da Universidade em Faxinal do Soturno. No ano seguinte, mais 250 mudas de plantas frutíferas foram transplantadas para a sede campestre doadas pelo Colégio Agrícola da UFSM.

Em setembro de 2007, a SOCEPE adquiriu 450 mudas de árvores como canafístula, timbaúva, ingá-feijão, canela-do-brejo, guajuvira e tarumã amarelo. Além destas, foram compradas 300 mudas de jambolão, que, assim como as demais espécies, foram plantadas na sede campestre. Atualmente, o trabalho de reflorestamento da área com mudas de plantas nativas da região ainda continua com iniciativas das direções de entidades, como a Fundação Moã, do Grupo de Escoteiros da SOCEPE, na tentativa de manter a característica da cobertura vegetal original.

Com relação aos terrenos do antigo loteamento da área, o vice-presidente jurídico, advogado Luís Carlos Lobato, explanou na reunião do Conselho Deliberativo de 25 de abril de 1985, o seguinte problema: em 1975, quando atuava no departamento jurídico dessa sociedade, trabalhou com o objetivo de regularizar dos lotes da sede campestre, que até então estavam em nome do vendedor Florisbelo Beretta Porto. Na ocasião, disse ter obtido do Sr. Florisbelo uma procuração por instrumento público a fim de escriturar em nome da SOCEPE todos os lotes que haviam sido adquiridos à margem esquerda da estrada federal.

Um importante impulso foi dado para a solução do problema da legalização dos terrenos em nome da SOCEPE durante a segunda gestão do presidente Waldyr Pires da Rosa, entre 1991 e 1992. Dos 24 lotes que se encontravam em nome de terceiros, praticamente todos foram registrados em nome da sociedade. Nesse período, faltava apenas o registro de dois lotes que foram usucapidos e cujo documento tramitava

na justiça para registro e um lote já escriturado em nome da SOCEPE, carecendo ainda de um documento do antigo proprietário para ser definitivamente registrado²².

A necessidade de definição da identidade da Sociedade já na entrada da sua sede campestre foi estabelecida em assembleia no dia 12 de outubro de 1972 com a deliberação da construção de um pórtico. Após as devidas tomadas de preços, foi assinado contrato com a empresa Olienge Ltda, de Santa Maria, com projeto dos engenheiros Florêncio Della Méa, Paulo Abichit e José Reys. A construção foi possível graças aos esforços da sociedade e doações de vários sócios em forma de materiais de construção. Raul Londero Dias, 3º vice-presidente, por exemplo, doou a mão de obra do gradil de entrada da sede campestre, Nelson Riehs doou lâmpadas de mercúrio para iluminação do pórtico e Osmar Armando Block cedeu material para confecção do gradil de entrada do pórtico. Desse modo, a inauguração aconteceu no dia 6 de julho de 1974, no mesmo dia em que se inaugurou o Ginásio de Esportes Fritz Lippold, na sede social.

A estrutura atual da sede campestre da SOCEPE conta com o Restaurante do Lago na entrada da sede, logo em seguida um salão serve de área social e para convívio dos sócios, oferecendo mesa de jogos como pingue-pongue, *snooky* e outros. No salão, também se realizam festas, como a comemoração da chegada do Papai Noel e a Páscoa. Ao redor do lago, localiza-se o pavilhão coberto, com várias churrasqueiras, o Toboágua, quiosque com venda de lanches e bebidas e a área da praia. Na área da 'ilha' estão as piscinas infantil e adulto, os banheiros masculinos e femininos, chuveiros, pavilhão para festas e churrasqueiras, parque infantil e, mais além, o *camping*.

²² Conforme Relatório de Atividades da Diretoria Executiva da SOCEPE. Gestão 90/92

Lago da SOCEPE em 1960 após a aquisição pelo Clube de Caça e Pesca de Santa Maria. | Foto: acervo da SOCEPE.



O LAGO

Quando a área da sede campestre foi comprada, o lago já existia, com a mesma extensão atual de 12 ha e profundidade máxima de 4 m. Para facilitar os banhos e brincadeiras à beira d'água, foram feitos calçamentos de alguns metros a partir da orla. O lago é alimentado pelas águas do Arroio Manoel Alves, que leva esse nome em homenagem ao antigo proprietário dessas terras no século XIX (Brenner, 2008).

No intuito de povoar as águas do lago com espécies nativas de peixes, foram realizadas várias in-

vestidas no início de 1968. Estimulados pelo presidente Horst Oscar Lippold, alguns sócios adeptos da pescaria buscaram na bacia do Rio Ibicuí Mirim, na região de Canabarro, exemplares de grumatãs, piavas, jundiás, lambaris-açu, cascudos, violas, pintados amarelos e linguados. Os peixes foram marcados com a finalidade de dar início a um estudo sobre a procriação da fauna ictiológica na cidade e, principalmente, despertar o interesse pela pesca e proporcionar aos sócios momentos de distração e prática do esporte.

Participaram dessas primeiras tentativas o presidente Horst Oscar Lippold, os sócios Henrique Minozzo, Hermes Minozzo, Walter Günther Lippold, Ronaldo C. Lippold, José Valdir Goetz, Catarino Coelho, Sizisnando Coelho, Gilson Coelho e José Renato Coelho. Na ocasião, o grupo teve o apoio logístico de Egon Treptow, que transportava os peixes em tonéis de 200 litros desde o Distrito de Boca do Monte.

Em março de 1968, o Clube recebeu a doação de ovas de peixe-rei devidamente fecundadas, vindas diretamente do posto de inseminação artificial da Lagoa dos Quadros, nordeste do estado.

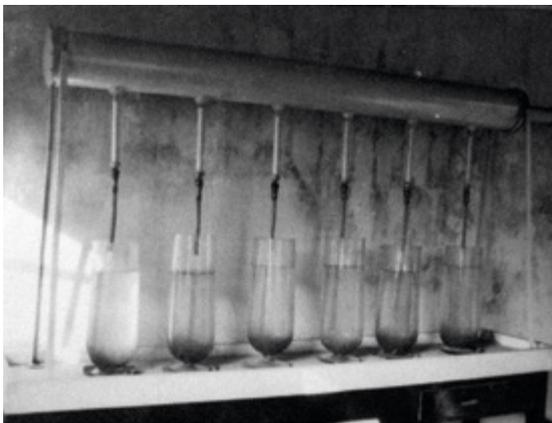
A doação foi promessa de Antônio Costa, da Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul, e as ovas vieram diretamente daquele posto para a eclosão no laboratório de inseminação artificial do Departamento de Zootecnia da Universidade Federal de Santa Maria, onde Horst Oscar Lippold era professor. A iniciativa foi responsável pelo início do povoamento do lago da SOCEPE com peixes-rei. O trabalho de povoar as águas do lago da SOCEPE com alevinos de várias espécies continua até os dias de hoje, com alevinos de várias espécies vindos da região ao redor de Santa Maria.



■ Primeira leva de alevinos de peixe-rei vinda da Lagoa dos Quadros (Osório/RS). Eram cerca de 1.200 alevinos do Laboratório da Secretaria de Agricultura do Estado, trazidos na camioneta da Secretaria. | Fonte: acervo de Horst Oscar Lippold.

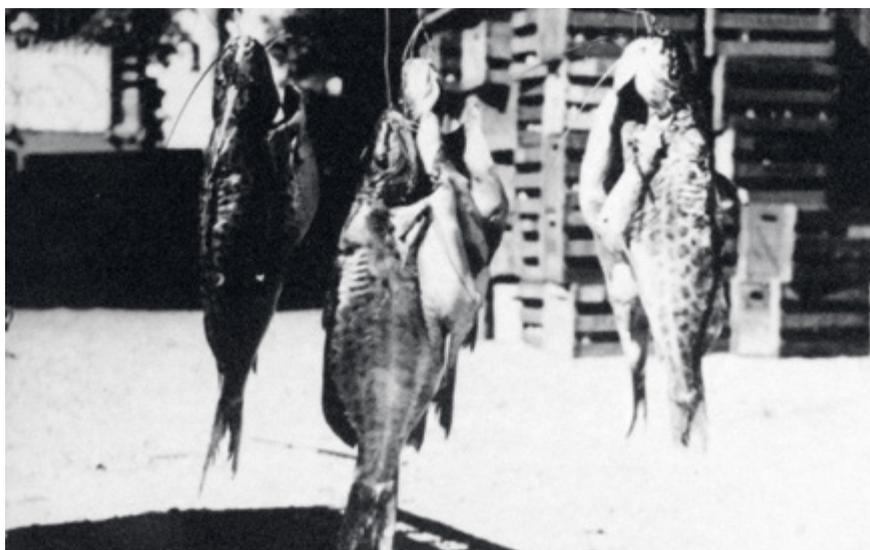
Durante a II Exposição Feira Agropecuária de Santa Maria, em novembro de 1969, a Sociedade Concórdia Caça e Pesca expôs seu trabalho com os alevinos de peixes-rei. A exposição foi admirada pelo público visitante da feira e especialmente por técnicos e professores da UFSM devido ao interesse no trabalho que favorecia não apenas a prática do esporte da pesca, como também o estímulo à pesquisa em piscicultura.

Alunos do curso de Agronomia da UFSM recebendo aula prática de reprodução do peixe-rei, ministrada pelo professor Horst Oscar Lippold, na sede campestre da SOCEPE, após a vinda dos alevinos de peixe-rei. (Década de 1970).
| Fonte: acervo da SOCEPE.



■ Cubas no interior do laboratório, nas quais se reproduz o movimento das águas e da vegetação, onde as ovas são colocadas e estão em constante movimento, como na natureza.
| Fonte: acervo da SOCEPE.

Desde 1974, por meio de um convênio com o Laboratório de Piscicultura do Departamento de Zootecnia da UFSM, o lago foi sendo povoado por cardumes de tilápias e peixes-rei. Nesse período, foi construído na sede campestre um laboratório para incubação de ovas de peixe-rei, sendo que os alevinos eram colocados no lago. Essa iniciativa pioneira na região de Santa Maria deve-se aos esforços do então presidente da SOCEPE, Horst Oscar Lippold.



Os pintados colhidos na ocasião, pesando em torno de 1.800 kg cada. | Fonte: acervo da SOCEPE.



Dois associados ajudam na coleta das piavas de cerca de 5 kg. | Fonte: acervo da SOCEPE.



As piavas coletadas no lago da SOCEPE. | Fonte: acervo da SOCEPE.

Ainda na década de 1970, os espécimes de peixes colocados no lago começaram a proliferar, permitindo a pesca esportiva dos sócios. Após horas agradáveis junto à natureza,

pescando com caniço ou linha de fundo, os pescadores podiam exhibir seus “troféus” e então saborear um belo prato de peixe ensopado ou outra iguaria que viriam a elaborar.

Cerca de três anos após a colocação dos peixes, foi feita uma coleta dos espécimes, as piavas atingiam cerca de 5 quilos, os pintados em torno de 1,800 kg e jundiás de diversos pesos, que, após a pesagem, foram transformados em delicioso almoço para os presentes.

Horst Oscar Lippold e Victor Rocha com alevinos doados pela UFSM usados para o repovoamento do lago da SOCEPE no início dos anos 2000. | Fonte: acervo da SOCEPE.



Florisbello Beretta Porto e Victor Rocha, sócios pescadores exibem seus “troféus” após uma pescaria no lago: carpas com pesos de 8 a 10 kg. | Fonte: acervo da SOCEPE.





■ O Lago da SOCEPE completamente seco. Na foto os senhores Aníbal Staggemeier que coordenou o Reforço da Taipa e o presidente do CCPSM, Horst Oscar Lippold em 1960. | Fonte: acervo da SOCEPE.

■ Jovens santa-marienses descansam à beira do Lago da SOCEPE, sob um dos guarda-sóis doados à Sociedade por empresas locais, no início da década de 1970. Da esquerda para direita: Cezar dos Santos, Marli Coelho, Elisabete Coelho, Marta Paim, Gladis Pereira Bicudo e Flavio Pereira Bicudo (em pé). | Fonte: acervo da SOCEPE.



■ Prova de Jet Sky no lago da SOCEPE, década de 1970. | Fonte: acervo da SOCEPE.



■ Assinatura com convênio de comodato entre a CORSAN e a SOCEPE sobre o lago da sede campestre em maio de 2002. Ao centro, com o microfone, o presidente da CORSAN, Dieter Wartchow, e, à sua esquerda, de blusão azul, Geraldo Falleiro, Presidente da SOCEPE. | Fonte: acervo da SOCEPE.

O Lago da SOCEPE, em completa harmonia com a paisagem do balneário, é um atrativo importante do empreendimento. Suas águas representam um fresco e tranquilidade aos visitantes no verão e se tornou o manancial que abastece a cidade de Itaara com água potável. Essa possibilidade foi ratificada em 2002, quando da visita de Dieter Wartchow, presidente da CORSAN (Companhia Rio-Grandense de Saneamento) à região central do Rio Grande do Sul.

Juntamente a sua comitiva e na presença do então presidente da SOCEPE, Geraldo Falleiro,

foram realizados testes com a água do lago que comprovaram a qualidade para o consumo humano. A CORSAN propôs para a SOCEPE que permitisse o abastecimento de Itaara com água do lago. Com a concordância da SOCEPE foi estabelecido um contrato de comodato²³ entre as duas entidades, assinado durante um almoço realizado na sede campestre na mesma ocasião.

²³ **Comodato:** é o empréstimo de bens não fungíveis. Fungível é o bem consumível e que pode ser trocado por outro exatamente igual em valor ou quantidade. Disponível em: <https://www.significados.com.br/comodato/>. Acesso em: 1 fev. 2019.



■ Orla do Lago da SOCEPE | Fonte: acervo de Eva Coelho.



■ Sócios aproveitando o sol na orla do lago da SOCEPE. | Fonte: acervo SOCEPE.

O lago faz a alegria das crianças em divertidas pescarias de lambaris com vara e anzol, em locais apropriados, em passeios e prática de pedalinhos em forma de cisnes e o toboágua à beira do lago.

Vista do lago da SOCEPE tendo no centro o Restaurante e o ancoradouro dos pedalinhos em forma de cisnes. | Fonte: acervo de Eva Coelho.



Antiga ponte ligando “o continente” à “ilha” durante os primeiros anos do balneário até a inauguração da ponte pênsil demolida após a inauguração da nova ponte. | Fonte: acervo da SOCEPE.

A ponte pênsil ligando o “continente” à “ilha” no balneário SOCEPE, inaugurada em 16 dezembro de 1989 com apresentação da Orquestra Sinfônica Santa Maria, benção do Padre Chico e discurso do Presidente Waldyr Pires da Rosa. | Fonte: acervo da SOCEPE.





■ A ponte pênsil na atualidade tendo ao fundo a vista da “ilha” com seus equipamentos de lazer. | Fonte: acervo de Eva Coelho.



■ Toboágua instalado em 2002 na orla do Lago da SOCEPE durante a Gestão de Geraldo Falleiro. | Fonte: acervo de Eva Coelho.

■ Jovens desfrutam do toboágua na orla do Lago da SOCEPE. | Fonte: acervo da SOCEPE.



MINIZOOLOGICO DA SEDE CAMPESTRE DA SOCEPE

Por definição, zoológico é um lugar específico para manter animais silvestres ou domesticados com a finalidade de exibi-los ao público. Pelo fato de a SOCEPE ser uma sociedade que reúne caçadores e pescadores esportistas, parecia perfeitamente normal que se tivesse um ambiente onde se expusessem animais da fauna silvestre regional. O zoológico seria um atrativo para crianças e adultos, valorizando a visitação à sede campestre. Na época, não havia lei específica que regulamentasse essa prática.

O minizoológico da SOCEPE, no início da década de 1970, era como uma grande gaiola em meio às árvores da parte mais baixa do terreno, junto à BR-158 e próximo à taipa do lago, entre o recanto infantil (piscina do chafariz), os banheiros e o laboratório de piscicultura. Nessa grande gaiola, eram misturadas espécies nativas de pássaros, saguis e pequenos roedores, recebidos como doação de sócios e pessoas da comunidade e de outras entidades sociais. O zelador



da sede campestre atuava também como tratador dos animais. Com o passar do tempo e o crescimento das doações, foi preciso reestruturar o minizoológico e separar algumas espécies, o que ficou a cargo do Departamento de Pesca e Parque Zoológico da SOCEPE.

As doações de amigos, sócios e de outras entidades incluíram pacas, cotias, veados, gato-do-mato, jabutis, porco do mato, bugios, seriema, capivaras, tatu-bola, furões, quatis, aves e uma anta macho. Entre as aves estavam faisões, um pavão e uma perua branca, além de pássaros e de vários espécimes que competiam pela atenção das crianças e adultos.



■ Animais da fauna silvestre doados ao minizoológico da SOCEPE, década de 1970. | Fonte: acervo da SOCEPE.

Para dar um significado mais oficial e pedagógico à iniciativa, foi firmado um Convênio, em 22 de julho de 1971, entre a SOCEPE e o Departamento de Zootecnia da Universidade Federal de Santa Maria, com o seguinte teor:

Termo de convênio – que fazem a direção do Departamento de Zootecnia da Universidade Federal de Santa Maria e a SOCEPE (Sociedade Concórdia de Caça e Pesca), nas pessoas do Dr. Paulo Tabajara Chaves Costa, como chefe do Departamento de Zootecnia e o Sr. Horst Oscar Lippold, como presidente da SOCEPE.

I – O Departamento de Zootecnia disporá das instalações da SOCEPE, para aulas práticas nos setores de Caça e Pesca, quando se faz necessário;

II – O Setor de Piscicultura do Departamento de Zootecnia fará trabalhos conjuntos com o mesmo setor da SOCEPE;

III – A SOCEPE disporá de toda a sorte de opiniões e orientações por parte dos Técnicos do Departamento de Zootecnia;

IV – O presente termo de convênio é validado por tempo indeterminado.

Santa Maria, 20 de julho de 1971. Ass. Prof. Paulo Tabajara Chaves Costa – Chefe do Departamento de Zootecnia, Horst Oscar Lippold - Presidente da SOCEPE (ATA Nº 36 da diretoria executiva, 22 de julho de 1971).

Na mesma ocasião, foi debatido um acordo com a comunidade de Candiota/RS para permuta de animais para o minizoológico. Chegaram à conclusão que haveria interesse da Sociedade na troca de animais, sendo que a SOCEPE entregaria dois exemplares de capivara, para futuramente receber outros animais como doação de Candiota.

Uma grande enchente em novembro de 1978 provocou a vazão do açude da sede campestre que não suportou a força da água das chuvas. Além dos prejuízos materiais, foi registrada a morte de vários animais do minizoológico, 3 macacos, 2 furões, 1 socó, 2 faisões, 1 marreca irerê, 3 quatis, 1 gavião e 4 jacus.

Por outro lado, em maio do ano seguinte, uma importante doação veio reforçar o valor de atração do zoológico da sociedade: uma anta macho doada por Armando José Batistela, cuja proposta de admissão foi aprovada em reunião. A Diretoria aprovou que ao doador fosse dispensado o pagamento da joia de admissão, um ano de pagamento de mensalidades e um lote do *camping* por 30 dias. O animal, que foi criado em cativeiro desde os primeiros dias de vida, atendia pelo nome de “Negro”.

Por cerca de 10 anos, a anta despertou a curiosidade de sócios e visitantes, principalmente das crianças, com seu jeito pacato. O animal morreu, provavelmente por consequência de um raio, em setembro de 1989.

Grande parte desses animais eram criados soltos nas dependências da sede campestre, o que era motivo de orgulho para a diretoria, que via no fato um sinal de respeito, conscientização e sentimento de preservação. Espécies novas foram sendo agregadas ao zoo, como marrecas pé-vermelho, piadeira, parda, marrecão da patagônia, caboclinha, tuca-no do bico verde, jacu, garças, gansos e periquitos. Muitos mamíferos também foram agregados, como capivara, veado virá, ratão do banhado e muitos outros, que fizeram a alegria da gurizada.

Em 2002, aves e pássaros foram transferidos do zoológico para um viveiro na “Ilha”, tendo em vista que o antigo espaço seria transformado em estacionamento devido à necessidade de urbanização do acesso lateral do restaurante do lago.

No entanto, com as mudanças na legislação referente a criadouros e zoológicos, particulares ou não, a SOCEPE precisou adaptar-se para

evitar sanções. Como definiu o senhor Tarso Isaia²⁴, que, no início anos 2000, era responsável pelo Departamento de Meio Ambiente da SOCEPE, o que havia na sede campestre era “mais um viveiro de aves domésticas convivendo com animais silvestres” e sua orientação era para que fosse desativado.

Já no começo dos anos 1990, o vice-diretor Carlinho Rizzatti entendia que era preciso desativar o minizoo devido aos custos que ele acarretava. Isso porque a Lei 7.173, de 14 de dezembro de 1983, determinava, no seu Art. 10, que “Os jardins zoológicos terão obrigatoriamente a assistência profissional permanente de, no mínimo, um médico-veterinário e um biólogo”.

A partir da Instrução Normativa nº 04, de março de 2002, a liberação da atividade passou a exigir a presença e assistência técnica diária de pelo menos um biólogo e um médico veterinário no zoológico, além de possuir serviço permanente de tratadores, devidamente treinados para o desempenho de suas funções. Além disso, o zoológico deveria apresentar instalações destinadas a animais excedentes, munidas de equipamentos e instalações que atendessem às necessidades dos animais alojados, possuir um setor destinado a quarentena dos animais, administração da alimentação, entre outras exigências e restrições.

Por isso, nesse período, o pequeno zoológico precisou ser desativado. Os animais maiores foram entregues ao Parque Oásis, em Itaara, que já possuía certa estrutura, obteve licença e poderia recebê-los. Os altos custos gerados pelo sustento do zoológico também contribuíram para a desativação, principalmente com a necessidade de manter o pessoal da limpeza, tratadores, zootecnistas, biólogos e veterinários.

²⁴ Chefe do escritório regional do IBAMA em Santa Maria, em conversa pelo telefone com a autora em janeiro de 2013.

Situação da sede campestre após o vendaval de 2002 agosto. | Fonte: acervo da SOCEPE.



ENCHENTES E TEMPORAIS ATINGINDO A SEDE CAMPESTRE

Em 1978, uma enchente provocou uma inundação na sede campestre, deixando estragos materiais de toda ordem e a morte de inúmeros animais do minizoológico que não puderam ser socorridos a tempo. Em assembleia, a Diretoria da SOCEPE descartou qualquer falha humana como sendo responsável pela enxurrada, deduzindo que o “ladrão” do açude não deu vazão suficiente à forte chuva. Nenhum funcionário que estava em serviço na ocasião foi, portanto, responsabilizado. A grande vazão provocou a fuga dos peixes que povoavam o açude, o que foi considerado uma grande perda.

Um devastador temporal ocorrido em 7 de setembro de 2009 causou estragos na sede campestre, danificando principalmente o salão de festas, que ficou totalmente destruído, e dezenas de estruturas cobertas com telhas de barro, cimento, telhas de amianto e fibra de vidro nas áreas do *camping* e da piscina. O forte vento seguido de chuva de granizo deixou um estrago estimado em cerca de R\$ 200.000,00.

O Restaurante do Lago foi um dos únicos lugares poupados pelo vendaval e continuou funcionando normalmente enquanto ocorria a avaliação dos estragos e organização da reconstrução.



■ Salão de Festas do Restaurante do Lago, um dos locais atingidos pelo temporal de granizo em setembro de 2009. | Fonte: acervo da SOCEPE.



■ Situação da Sede Campestre durante a enchente de 2005. | Fonte: acervo da SOCEPE.



■ Situação da piscina para adultos da sede campestre após a enxurrada de 2014. | Fonte: acervo da SOCEPE.

Por conta do ocorrido, todas as atividades sociais agendadas para a sede campestre, como festas de casamento, formaturas e atividades do dia das crianças, foram suspensas, e os trabalhos de reconstrução foram feitos em etapas para que não ficasse

prejudicada a abertura da temporada de verão em dezembro daquele ano. Graças ao esforço e agilidade de todos os responsáveis pela direção, administração e diretorias, ao abrir-se a temporada de verão, a sede já estava novamente em condições de uso.

Esportes em destaque durante a trajetória da SOCEPE

Ao longo de sua história, a SOCEPE se destacou pelo incentivo dado a diversas modalidades esportivas. A seguir, relata-se o histórico das atividades com mais destaque desde o início das atividades da sociedade até os dias atuais.

GINÁSTICA OLÍMPICA

A ginástica olímpica é o nome pelo qual era conhecida no Brasil a ginástica artística. Trata-se de uma das modalidades da ginástica. A palavra vem do grego *gymnastiké* e significa “a arte ou ato de exercitar o corpo para fortificá-lo e dar-lhe agilidade”. Os exercícios corporais sistematizados podem ser realizados no solo ou com auxílio de aparelhos e são aplicados com objetivos educativos, competitivos, terapêuticos, entre outros. A palavra ginástica unida à palavra artística compõe um conjunto de atividades que fazem parte dos Jogos Olímpicos.

A tradição da ginástica olímpica entre os descendentes alemães em Santa Maria é notória desde o final do século XIX e início do século XX. Nessa época, o esporte olímpico era cultivado em grupos formados para esse fim, como o Club Gymnastico e o Turnverein Jahn. Esse último clube, com sede na Rua Silva Jardim, foi extinto em 1917 por possuir estatutos somente na língua alemã e não em língua portuguesa, como exigia a legislação brasileira.

O professor Alcion Nunes Leite, atleta (1966-1972) que atuou como treinador (1973-1986) das equipes da SOCEPE, define a ginástica olímpica nas seguintes modalidades ou aparelhos: cavalo com alças, argolas, barras paralelas, barra fixa, barras assimétricas e trave olímpica. De acordo com o professor, o atleta de ginástica olímpica é completo quando é capaz de desenvolver todas essas modalidades.

A Sociedade Concórdia Caça e Pesca, como herdeira da tradição da ginástica olímpica da Sociedade Concórdia, que tantos títulos trouxe para a cidade nos anos 1960, soube desde o início honrar essa característica. Com trabalho e dedicação dos atletas e técnicos que se esmeravam no cuidado com os treinos de seus atletas desde a mais tenra idade, a ginástica continuou atuante na nova sociedade. Os grupos de atletas infantis, masculino e feminino, eram treinados por membros da equipe adulta. Os pequenos atletas apresentavam-se em eventos internos da SOCEPE e também na cidade e região. Os atletas juvenis e adultos (seniores) competiam em âmbito local, regional e nacional, levando as cores da sociedade cada vez mais longe e voltando condecorados, para orgulho dos socepeanos.

A coluna de estreia do informativo “SOCEPE em Marcha”²⁵ trouxe a notícia do resultado da competição de ginástica entre a Sociedade Ginástica de Ijuí e a equipe da SOCEPE, informando que os ginastas santa-marienses venceram a equipe de Ijuí, tanto individualmente como na modalidade em equipe. Foram os seguintes os resultados:

Equipes:

1º lugar: SOCEPE, com 131,55 pontos

2º lugar: Sociedade Ginástica Ijuí, 105,95 pontos

Individual:

1º lugar: Luiz Kirchhof, da SOCEPE, com 45,05 pontos

2º lugar: Alúcio Otávio Vargas Ávila, da SOCEPE, com 44,90 pontos

3º lugar: João Lobo d'Ávila, da SOCEPE, com 41,60 pontos

4º lugar: José Oliveira, de Ijuí, com 38,15 pontos

5º lugar: Moacyr Mesquita de Ávila, da SOCEPE, com 36,75 pontos.

Na ocasião, competiram 10 ginastas, e os santa-marienses representantes da SOCEPE conseguiram colocações entre os cinco primeiros lugares.

²⁵ Jornal A Razão, SOCEPE em marcha, 20 de agosto de 1966.

Ainda com relação à ginástica socepeana, a coluna trouxe a notícia que a Federação Rio-Grandense de Ginástica havia convocado os atletas Aluísio Otávio Vargas Ávila, João Lobo d'Ávila, Luiz Kirchhof e Moacyr Mesquita de Ávila para participarem nos treinos preliminares para formação da Seleção Gaúcha de Ginástica, que participaria do campeonato brasileiro, realizado no mês de novembro de 1966, na capital paulista.

No referido campeonato, o ginasta Moacyr Mesquita de Ávila sagrou-se campeão no salto no cavalo e o ginasta Aluísio Otávio Vargas Ávila sagrou-se campeão brasileiro por equipe, juntamente com seus companheiros de Porto Alegre, e o 5º lugar individual do Brasil. Aluísio destacou-se como sendo o único ginasta do interior gaúcho a participar do campeonato brasileiro em São Paulo, em 1966.

O diretor de ginástica, Walter Günther Lippold, conclui seu relatório sobre o desempenho da ginástica da entidade referindo que o Departamento de Ginástica da SOCEPE elevava o nome de Santa Maria e do Rio Grande do Sul por meio do ginasta Aluísio.

Em seguida à fusão, o recém-formado Departamento de Ginástica da SOCEPE criou o Boletim SOCEPE “com a finalidade de divulgar o que acontece, o que se faz no Departamento de Ginástica, criticar (críticas construtivas) o que no nosso entender estiver errado”. Mais adiante, o editorial justifica que “inicialmente o nosso Boletim será editado trimestralmente. Como se verifica é uma publicação modesta e barata, no entanto, é uma realidade”. A tiragem do número 1 foi de 60 exemplares mimeografados e custou “apenas Cr\$1.500,00 (hum mil e quinhentos cruzeiros) e um pouco de boa vontade”²⁶.

Conforme o Boletim, o Departamento de Ginástica era composto por praticantes masculinos e femininos. Entre estes, o grupo infanto-juvenil masculino era treinado pelos instrutores João Lobo D'Ávila e Luiz Kirchhof. Desse grupo, faziam parte: Dilmar Pregadier, Danilo Mesquita, João Ivan, Carlos Ávila, João A. Kirchhof, Roberto Lippold, Vitor Bernardo, Paulo E. Mesquita, Ronaldo Lippold Filho, Ricardo Jobim Lippold,

²⁶ Boletim informativo do Departamento de ginástica da SOCEPE – Ano 1, n. 1, julho/setembro 1966. Acervo: SOCEPE.

Cleber Mesquita, Glauco Thocozan, Vinicius Treptow, José Luiz Barreto, Edgar Stoever, Werner Stoever, Claudio Roth, Duilio Dalla Corte, Carlos M. Carli, Luiz G. Stoever, José Azevedo, Paulo Aita, Miguel Ângelo Carli, Roberto Guerrero, Moacyr Lopes Sobrinho, Alexandre Campos e Emilson Padilha.

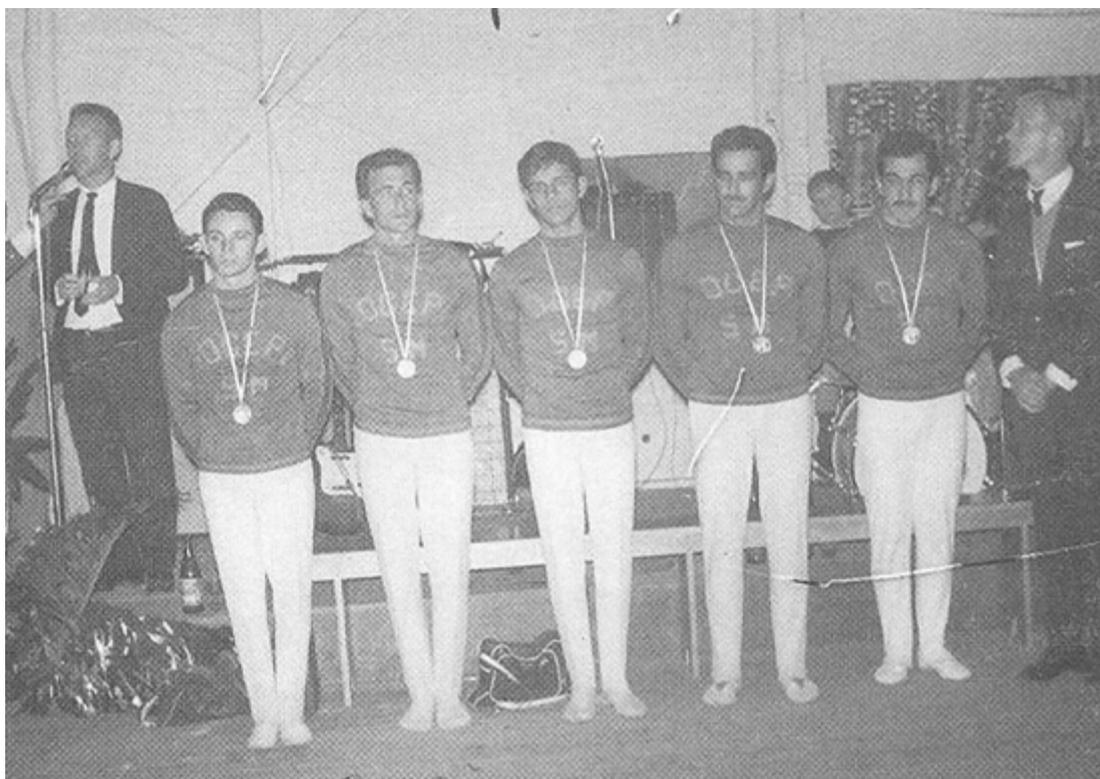
O grupo masculino principiante, que tinha como instrutor o atleta João Lobo D'Ávila, era composto por Alcion Nunes Leite, Lademir Cruspieri, Paulo Ortiz e Gladstone Prola.

O grupo dos seniores era representado por João Lobo D'Ávila, Moacyr Mesquita de Ávila, Aluísio Otávio Vargas Ávila e Luiz Kirchhof, além do atleta porto-alegrense Carlos Pinent. Eram treinados por Walter Günther Lippold e, mais tarde, por Moacyr Mesquita de Ávila.

O grupo feminino infanto-juvenil era treinado por Sylvia Pinent. Era composto pelas atletas Vera Kirchhof, Cinthya Lippold, Dulce Mesquita, Anelize Brum, Maria Andréia Thocozan, Eliana Treptow, Tânia Ávila, Elizabeth Lopes, Tânia Mara Rech, Eneida Reis, Tânia Jobim Lippold, Odete Cauduro e Ingrid Marianne Baecker. A iniciante neste grupo era Maristela Ávila.

Outra grande conquista da equipe de ginástica olímpica aconteceu no segundo semestre de 1967, quando a delegação de atletas chefiadas pelo presidente Horst Oscar Lippold conquistou em Porto Alegre o título de campeã estadual de juniores e ótimas colocações individuais no Campeonato Estadual de Ginástica Olímpica. A colocação dos atletas da SOCEPE foi a seguinte:

- 1º lugar: Aluísio Otávio Vargas Ávila, com 47,50 pontos;
- 2º lugar: Moacyr Mesquita de Ávila, com 44,75 pontos;
- 3º lugar: Luiz Kirchhof, com 43,65 pontos;
- 5º lugar: Alcion Nunes Leite, com 41,70 pontos;
- 6º lugar: João Lobo D'Ávila, com 40,65 pontos.



■ Equipe da ginástica Olímpica da SOCEPE: Campeã Estadual, título conquistado em Porto Alegre em 1967, da esquerda para a direita: Luiz Kirchhof, João Lobo D'Ávila, Alcion Nunes Leite, Moacyr Mesquita de Ávila, Aluísio Otávio Vargas Ávila, Walter Günther Lippold (diretor técnico da Ginástica) e Horst Oscar Lippold, presidente da SOCEPE, em 1967. | Fonte: acervo da SOCEPE.

Os rapazes e moças das equipes de ginástica olímpica da SOCEPE destacavam-se em competições estaduais e regionais, como aconteceu durante os 2º Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul, em abril de 1968. Em tal campeonato, a equipe feminina formada por Sonia Vieira, Ingrid Marianne Baecker, Maristela Ávila e Maristela Lamaison foi campeã sob a orientação de Aluísio Otávio Vargas Ávila. Na mesma

ocasião, a equipe de ginástica masculina formada por João Lobo D'Ávila, Aluísio Otávio Vargas Ávila, Luiz Kirchhof, Alcion Nunes Leite, treinados por Walter Günther Lippold, conquistou também o primeiro lugar.

Outro destaque importante foi a participação de três ginastas mirins da equipe da SOCEPE no 1º Campeonato Brasileiro de Ginástica, em São Paulo, em 26 de julho de 1969. Os três ginastas mirins da

SOCEPE convocados para esse campeonato foram Vinicius Treptow, de 8 anos, Harold Persi, 7 anos, e Charles Persi, 8 anos, que, juntamente, com os demais atletas convocados, dirigiram-se a São Paulo de ônibus desde Porto Alegre. A Delegação Gaúcha foi dirigida pelo Professor Capra e, em São Paulo, ficou hospedada no Departamento de Educação Física e Esportes de São Paulo (DEFE). Na competição, os gaúchos alcançaram o título de vice-campeões brasileiros de ginástica infantil.

Vinicius Treptow obteve o oitavo lugar, conseguindo a melhor colocação individual infantil entre os ginastas gaúchos. Na volta a Santa Maria, os atletas mirins foram homenageados por seus colegas e dirigente. Em entrevista, Aluísio Otávio Vargas Ávila destacou que esse grupo de atletas infantis, ao qual pertenciam os três jovens que foram a São Paulo, teria sido, na sua avaliação, a equipe infantil que alcançou o melhor nível entre as equipes da SOCEPE até aquela data. O professor Aluísio Otávio foi treinador das equipes olímpicas da SOCEPE até o início da década de 80 e hoje é professor da Universidade do Estado de Santa Catarina. Alguns desses atletas chegaram a fazer parte da seleção brasileira de ginástica olímpica amadora. O professor cita ainda exemplos da sua consideração: o atleta Carlos Ávila, hoje é técnico esportivo; Luiz Fernando, que foi campeão brasileiro infantil; Paulo Freitas, que treinava com equipe alemã, foi considerado o melhor atleta da equipe da SOCEPE, alcançando o mais alto nível técnico. Os atletas Paulo, Luiz Fernando e Glauco viajaram com a equipe brasileira para fazer estágio em ginástica olímpica na Escola Superior de Esportes na cidade de Colônia, Alemanha, conforme destaca o professor Aluísio Otávio Vargas Ávila.

Em janeiro de 1970, conforme o informativo anteriormente citado, as equipes feminina e masculina de ginástica da SOCEPE estiveram no Rio de Janeiro a fim de aperfeiçoarem-se tecnicamente. O grupo de atletas partiu em excursão ao Rio de Janeiro com passagens pagas pelos círculos de pais e mestres dos respectivos colégios em que estudavam. O ginasta Péricles Medeiros (o Péco), hoje professor aposentado da UFSC, lembra que o grupo foi para o Rio de Janeiro naquela ocasião acompanhado pelo ginasta Aluísio Otávio Vargas Ávila e do treinador Walter Günther Lippold e sua esposa. Durante a visita, todo o grupo ficou hospedado na Escola de Educação Física da Urca, aos pés do Pão de Açúcar.

Momentos de descontração do grupo de ginastas da SOCEPE durante a visita à Escola Superior de Educação Física (RJ-1970). Da esquerda para direita: Vera Kirchhof, Cinthya Lippold, Lucia Carli, Maria Irany Knackfuss, Ingrid Marianne Baecker, Péricles Medeiros, Lucia Nobre, Aluísio Otávio Vargas Ávila, Marco Antônio Coelho, Manoel Nobre, Fernando Birriel, Alcion Leite, ao pé do Pão de Açúcar. | Fonte: acervo de Péricles Medeiros.



O Departamento de Ginástica Olímpica destacou-se em Porto Alegre junto à Federação Gaúcha de Ginástica com suas atletas no início da década de 1970, classificando-se em 3º lugar por equipe. As atletas socepeanas que participaram do evento foram Carmem Freire, Adelina Mendes, Letícia Nobre, Sandra Regis, Neusa Einlof e Francelina Freire.

Nesse mesmo período, houve a organização da Sociedade em vários aspectos, incluindo a estruturação da sede campestre. As equipes esportivas da Sociedade empenhavam-se em treinar intensivamente para bem representá-la nas competições regionais. As equipes masculinas e femininas

se destacaram na competição de Ginástica para Juniores, realizada em Porto Alegre, em 27 de setembro de 1970. O grupo de ginastas masculinos, representados pelos atletas Péricles Medeiros, Alcion Nunes Leite, Carlos Ávila, Marco Antônio Coelho, Carlos Teixeira e Fernando Burriel venceram as provas. Nas provas femininas, competiram as ginastas Lucia Nobre, Ingrid Marianne Baecker, Vera Kirchhof, Regina Maria Badke, Lucia Carli, Maria Inês Knackfuss e Cinthya Lippold. Segundo a Ata nº 8 da Diretoria Executiva da SOCEPE, a participação das equipes foi possível graças à colaboração do Conselho Municipal de Desporto de Santa Maria.



■ Atletas da equipe infanto-juvenil SOCEPE, durante premiação. Da esquerda para direita: Vinicius Treptow, Ricardo Lippold, Roberto Lippold e Miguel Ângelo Carli. Ao fundo: Horst Oscar Lippold e José Celestino Machado em cerimônia de premiação em 1967. | Fonte: acervo da SOCEPE.



■ Atletas da equipe juvenil da SOCEPE. Da direita para a esquerda: Lucia Carli, Vera Kirchhof, Tania Lippold, Cyntia Lippold, durante cerimônia de premiação, em 1967. | Fonte: acervo da SOCEPE.

Péricles Medeiros recorda aspectos interessantes e momentos gratificantes do convívio com os colegas e treinadores durante o período de 1968 a 1971, em que atuou como atleta olímpico da SOCEPE. Péricles destaca que, inicialmente, foi treinado por Walter Günther Lippold e por João Lobo D'Ávila. Logo a seguir, Aluísio Otávio Vargas Ávila assumiu o comando da equipe.

Péricles conta que “a ginástica do Aluísio, para mim, sempre foi algo de excepcional qualidade. Impressionava-me sua alta concentração e, sobretudo, sua elegância”.

Em 1968, com poucos meses de treino, Péricles passou a integrar a equipe da ginástica composta por Aluísio Otávio Vargas Ávila, Moacyr Mesquita de Ávila, João Lobo D'Ávila, Luiz Kirchhof e Alcion Nunes Leite.

Os treinos dos grupos de ginástica realizavam-se no galpão situado aos fundos da sede da SOCEPE, na rua Venâncio Aires. Péricles lembra com carinho e narra com riqueza de detalhes a época de convívio com o grupo em momentos de treino e relaxamento. Descreve, por exemplo, que “o galpão era quente no verão e frio no inverno. O banho no inverno após o treino era uma aventura, pois pelas frestas das tábuas entrava um ventinho terrível. O chuveiro era elétrico com fios à vista, não inspirando confiança alguma”. No fim do treino, “gritávamos ‘Osvaldoooooo’, para o zelador, que vivia numa casa ao lado do tal galpão, vir fechar as portas e apagar as luzes”, conta o entrevistado.

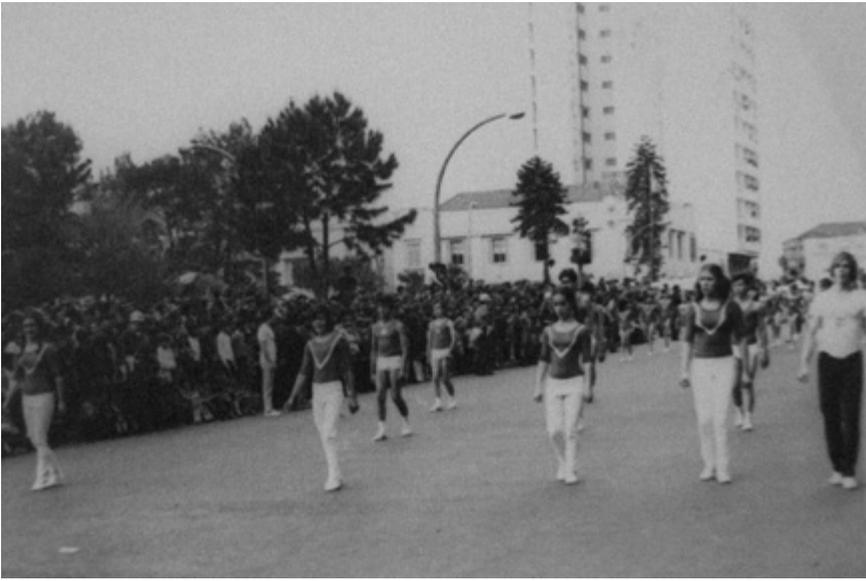
Sincero, Péricles afirma que “nunca cheguei a ser um atleta de destaque talvez por não ter braços fortes e não gostar da musculação que certamente os desenvolveriam. Qualquer movimento ou exercício que fosse tipicamente de força era uma barreira intransponível para mim”. Diz que, nas argolas, era um “perfeito fiasco”, mas no solo, onde pouco se usa dos braços, “quebrava o galho a até que dava uma boa enganada”.

O ex-atleta ainda conta que cada atleta tinha lá seu ponto fraco. Porém ser “ruim” no cavalo era quase normal, pois esse aparelho, embora não pareça, é realmente muito difícil. Apesar de tudo, sentia-se amparado, pois os bigodes do Aluísio e do Moacyr “metiam medo e respeito nos adversários”.

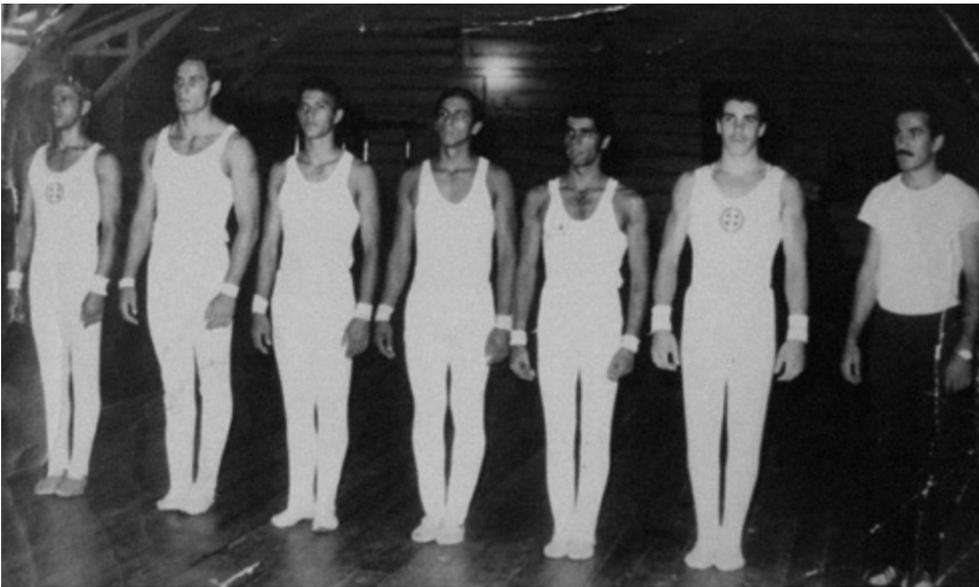
Os treinos no galpão da ginástica eram quase sempre com música de uma vitrola. Os discos (de vinil), de músicas mexicanas, eram, em sua maioria, emprestados ou doados (o atleta não recorda corretamente) por Ney Almeida, que trabalhava com eventos na SOCEPE.

O ambiente nos treinos era muito bom, fizeram grandes amigos entre as pessoas que apoiavam o esporte da ginástica olímpica, inclusive assistindo os treinos que eram, geralmente, à noite. E, no final dos treinos, o grupo saía para jantar “num restaurante (o Restaurante Vera Cruz) quase ao lado da sede da SOCEPE, quem sobe a Venâncio Aires”.

O grupo de ginastas masculinos convivia com a equipe feminina principalmente nas apresentações em escolas, quartéis, desfiles cívicos e em outros eventos, como a inauguração da TV Imembuí. Faziam parte da equipe feminina, no período em que Péricles atuava, Vera Kirchhof, Lucia Carli, Lucia Coelho da Costa Nobre, Letícia Coelho da Costa Nobre, Maria Irazy Knackfuss, Tânia Lippold, Ingrid Marianne Baecker e Cinthya Lippold. Quase todas com 13, 14 anos de idade.



■ “Parada da Mocidade” (provavelmente em 1972). Da esquerda para a direita: primeira linha: Lucia Coelho da Costa Nobre, irmã da gringa Knackfuss, ?, Letícia Coelho da Costa Nobre, “Gringa” Knackfuss (Maria Irary Knackfuss) e Fernando Burriel, desfilando pelo Colégio Manoel Ribas, onde eram estudantes. Nas últimas filas, aparecem Paulo Freitas e Glauco Pavão. | Fonte: acervo de Péricles Medeiros.



■ Os ginastas numa apresentação em 1970. Da esquerda para direita: Alcion Leite, Marco Antônio Coelho, Péricles Medeiros, Carlos Teixeira, Flavio (?), Carlos Ávila e o treinador Aluísio Otávio Vargas Ávila. | Fonte: acervo de Péricles Medeiros.

A equipe masculina era formada por Alcion Nunes Leite, Marco Antônio Coelho, Péricles Alves

Medeiros, Fernando Birriel, Carlos Teixeira, Flávio, Carlos Ávila e o treinador Aluísio Otávio Vargas Ávila.

Péricles contribui ainda com o quadro a seguir apresentando as competições nas quais seu grupo participou de 1968 a 1971.

Competição	Entidade promotora	Local e ano
Troféu Vanguarda	F.R.G. (*)	Ijuí /1968
Troféu Vanguarda	F.R.G. (*)	N. Hamburgo/1968
Campeonato Estadual Intercolegial	F.R.G. (*)	Santa Maria/1969
Campeonato Santamariense Estudantil de Ginástica	Prefeitura Municipal de Santa Maria	Santa Maria/1969
Campeonato Estadual Júnior	F.R.G. (*)	Porto Alegre/1969
Torneio Cidade contra Cidade	Prefeituras	Santa Maria/1969
Estágio de Treinamento na E.S.E.F do Exército	SOCEPE	R. de Janeiro/1970
II Semana de Santa Maria	Prefeitura Municipal de Santa Maria	Santa Maria/1970
Competição Interna de Ginástica Olímpica	SOCEPE	Santa Maria/1970
Campeonato Estadual Júnior de Ginástica Olímpica	F.R.G. (*)	Porto Alegre/1970
Torneio Classe Aberta	F.R.G. (*)	Porto Alegre/1971
V Jogos Imembuí	TV Imembuí	Santa Maria/1971
Campeonato Estadual de Ginástica - 1ª. Categoria	F.R.G. (*)	Santa Maria/1971

(*) Federação Rio-grandense de Ginástica

O texto a seguir, de autoria do próprio professor Aluísio Otávio Vargas Ávila, publicado no “SOCEPE em boletim”, de janeiro de 1970, na página 7, ilustra bem os sentimentos do grupo de ginástica da sociedade, nesse período.

Ginástica

Um esporte cheio de graça e beleza. Um complexo de vigor físico e mental.

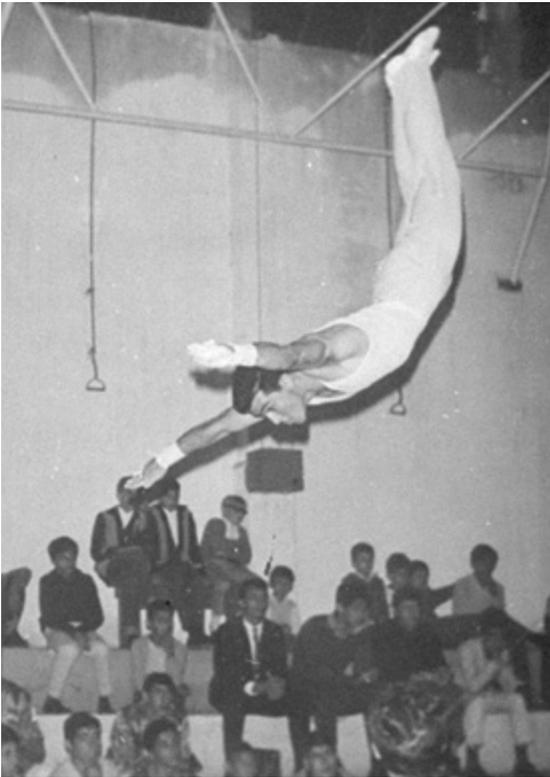
A ginástica é um esporte, uma arte. É vontade de viver. Com ela, busca-se a robustez do físico e a recuperação da mente. Com ela obtemos o nosso próprio bem-estar e do meio em que vivemos.

O que mais nos desperta na ginástica olímpica é a perfeição insuperável de seus movimentos, a expressão de superioridade e segurança, com que são executados os exercícios, desde os mais fáceis até os mais arriscados.

Os exercícios são compostos de maneira harmoniosa e atrativa. O ginasta procura executar sua prova como o músico a sua melodia.

O objetivo da ginástica é uma técnica sempre mais perfeita, uma combinação harmoniosa e interessante, uma total liberdade nos movimentos e uma execução perfeita de maneira a nunca ferir a estética da figura que apresenta.

A maior glória do ginasta é a criação do seu exercício, principalmente quando nele exista um elemento ou combinação inventado pela sua própria imaginação.



■ Ginasta Aluísio Vargas Ávila num salto mortal de barra no Campeonato Estadual de Ginástica em novembro de 1965, em Santa Maria. | Fonte: acervo de Aluísio Vargas Ávila.



■ Cleberton Copetti, ginasta da SOCEPE numa parada de mão em argolas em julho de 1980, em Santa Maria. | Fonte: acervo de Aluísio Vargas Ávila.

Diploma conferido à Sociedade Concórdia Caça e Pesca em 1969 pelo Ministério da Cultura por intermédio de sua Divisão de Educação Física, em “reconhecimento pelo seu trabalho de dinamização da Educação Física no Rio Grande do Sul”. | Fonte: acervo da SOCEPE. | Foto: Eva Coelho



O professor Alcion Leite conta que passou a fazer parte da equipe de ginástica olímpica da SOCEPE aos 16 anos, quando o grupo formado por Moacyr Mesquita de Ávila, Aluísio Otávio Vargas Ávila, João Lobo D'Ávila e Luiz Kirchhof preparava-se para disputar o Campeonato Estadual de Ijuí/RS, considerado de classe máxima. No entanto, a equipe oficial da SOCEPE era composta de quatro, e o número mínimo de atletas exigido para participação naquele evento era cinco. Alcion então foi chamado para completar o grupo.

Quando entrou para a Sociedade Concórdia, em março de 1966, Alcion havia apenas começado a treinar e, em dezembro, foi convidado para participar do campeonato. O professor lembra: “então eu fui o quinto homem, caso contrário eu não teria como participar da competição como sênior”. Seu esforço foi recompensado. Neste campeonato Alcion Nunes Leite foi considerado atleta revelação do Rio Grande do Sul e ele lembra: “... eu tinha muita facilidade para a ginástica, pois era muito ágil” e “essa foi a principal equipe da SOCEPE”, considera Alcion.

Outro grande momento da equipe de ginástica olímpica masculina da qual participou Alcion foi o Campeonato Brasileiro de Interclubes em São Paulo, no final do ano de 1970. Na ocasião, conforme narra Alcion:

A nossa foi a terceira equipe do país, nós disputamos em 1970 no tempo que o seu Aluísio era o técnico e o diretor de ginástica era o Walter Lippold. Foi em São Paulo, conhecido como Campeonato Brasileiro de Interclubes, [...] os clubes de ginásticas foram para São Paulo disputar e nós saímos em terceiro no país.

O entrevistado conta que uma equipe de ginástica olímpica era composta de seis atletas: cinco titulares, que computavam nota, e um reserva. Na competição, participaram os seis atletas, mas só foi contada a pontuação das cinco melhores notas. O professor lembra que o Campeonato Brasileiro de 1970 lhe marcou muito.

Fomos a São Paulo de ônibus de linha, [...]. Chegamos lá, os clubes todos grandes [...] e no final por sorteio eu fechei o campeonato brasileiro com a última prova, [...] nessa competição no finalzinho do aparelho eu caí da barra e me machuquei feio, mas no somatório da equipe ficamos em terceiro do país, então foi o maior título que a equipe da SOCEPE teve.

O professor Alcion destaca ainda ser muito grande e importante o apoio recebido pela ginástica olímpica por parte da diretoria da SOCEPE e, segundo ele, foi essa modalidade esportiva que identificou a SOCEPE. Para Alcion, a ginástica olímpica

foi introduzida na Concórdia pelo Seu Fritz Lippold, pai do seu Horst. Foi ele, Fritz Lippold, que lançou a ginástica que estimulou os filhos, o Walter e o Ronaldo a serem ginastas e aí tudo começou. Eu tive a oportunidade de conhecer o Walter que foi meu primeiro técnico, o técnico da equipe oficial da SOCEPE.

Em outubro de 1971, a sociedade recebeu correspondência do Conselho Municipal de Desporto, parabenizando a SOCEPE pela conquista dos títulos de campeão de ginástica olímpica masculina e campeão de Tiro. As conquistas foram dos atletas e atiradores da entidade, que muito se empenhavam em elevar o nome da sociedade e enaltecer o esporte santa-mariense.

Conforme ofício de 22/09/1971 recebido pela SOCEPE da Federação Rio-grandense de Ginástica, tal feito foi motivo de alegria: a “bela vitória conquistada pela equipe infantil da SOCEPE no recente Campeonato Estadual desta categoria, bem como pelas posições destacadas obtidas pelos seus representantes jovens”. O mesmo documento convocava os atletas Glauco Pavão, Paulo Freitas, Carlos Teixeira, Fernando Burriel e Lucia Coelho Nobre e os professores Carlos Ávila e Aluísio Otávio Vargas Ávila para participarem como técnicos da referida competição, em Porto Alegre, naquele mesmo mês.

Em 1972, a SOCEPE era uma das poucas instituições da cidade de Santa Maria que ofereciam amplos espaços e estrutura para prática de esportes individuais ou em grupos, como as modalidades olímpicas. Portanto, era no seu ginásio de esporte (o antigo pavilhão de ginástica de madeira) que as diversas escolas da cidade disponibilizavam aos seus alunos as várias atividades esportivas, conforme acordo firmado entre a SOCEPE e o Departamento Estadual de Desporto – DED. Por meio de ofício (Ofício nº 399/72), a 8ª Delegacia de Ensino, sediada em Santa Maria, determinou que os alunos das escolas secundárias da cidade

recebessem suas aulas de Educação Física no ginásio de esporte da sociedade. Assim, estudantes de escolas, como Colégio Estadual Manoel Ribas, Colégio Estadual Maria Rocha, Colégio Sant'Anna, Colégio Estadual de Camobi, Instituto de Educação Olavo Bilac, Colégio Industrial Cilon Rosa, Colégio Perpétuo Socorro e Ginásio Estadual Coronel Pillar²⁷, frequentavam as instalações da sede urbana da SOCEPE. Os alunos eram treinados pelo professor Aluísio Otávio Vargas Ávila, responsável pelo departamento de ginástica da Sociedade, e por seus atletas auxiliares.

De acordo com o mesmo ofício, o professor Aluísio Otávio Vargas Ávila foi indicado para ser o coordenador do Centro de Ginástica Olímpica da SOCEPE. No entanto, em janeiro de 1973, o professor Aluísio afastou-se da SOCEPE, tendo sido substituído pelo professor Alcion Nunes Leite. Alcion era atleta de ginástica olímpica da SOCEPE e havia começado a dar aulas de ginástica para as equipes e atuar como professor auxiliar em 1966, trabalhando nesse cargo até 1972. O professor Alcion relata:

Em 1973 fui contratado oficialmente como professor, aí eu parei, já não competia mais, só formando equipes e paralelo à equipe de ginástica olímpica nós tínhamos, sempre funcionou, o departamento de ginástica geral que era para senhoras [...] e dava aulas também para homens, condicionamento físico, que na época não havia academias. Só tinha dois lugares em Santa Maria ofereciam estas modalidades: nós e o professor Rochedo.

Junto com o Professor Alcion, foi contratado o professor recém-formado em Educação Física, Marco Antônio Coelho, também atleta da equipe de ginástica olímpica da SOCEPE para atuar como instrutor das equipes. Ambos passaram a orientar os grupos que vinham das escolas secundárias, conforme a determinação do Departamento Estadual de Desporto de 1972. Alcion lembra que, quando o professor Aluísio se afastou, desfizeram-se as equipes de ginástica olímpica, que tantas vezes foram campeãs. Outras se formaram, mas não com as mesmas características.

²⁷ Nessa relação das escolas conveniadas, usou-se a nomenclatura da época do acordo.

Nesse período da década de 1970, a ginástica era muito valorizada, aconteciam vários torneios e competições em todos os pontos do estado. Cidades como Ijuí, Santa Cruz do Sul, Porto Alegre e Cachoeira do Sul tinham equipes fortes competindo em memoráveis torneios estaduais e também fora do estado, e Santa Maria esteve entre essas equipes, representada pela SOCEPE. Por isso, o professor Alcion Nunes Leite tentou recuperar essa fase, organizando, com ajuda do seu colega Marco Antônio Coelho, novas equipes com os alunos das escolas conveniadas, como os grupos do Instituto Olavo Bilac e do Colégio Santa Maria. O objetivo era treinar os atletas para participar de várias competições estaduais de ginásticas na categoria juniores. Por ocasião da entrevista, o professor Alcion Nunes Leite comentou:

Ganhamos várias vezes aqui os campeonatos de melhor categoria, campeonatos Juniores, porque tinha muito naquela época. Tinha campeonato Júnior e campeonato sênior. E nós fomos várias vezes campeões.

Para que isso acontecesse, as equipes de colegiais que defendiam a SOCEPE treinavam quatro horas por dia, de segunda a sexta, à noite. Às vezes, também aos sábados pela manhã, com persistência e trabalho regrado.

Várias equipes foram formadas e disputaram campeonatos, conforme o informativo interno da SOCEPE²⁸. “A equipe de ginastas esteve disputando o Campeonato Estadual de Ginástica Olímpica Juvenil em São Leopoldo, no dia 26 de maio de 1979. Depois de uma grande atuação, a garotada da SOCEPE sagrou-se campeã com muitos méritos. Obteve-se, ainda, o título de Campeão Individual Juvenil com o atleta Antônio Luiz do Canto Vinadé”. O grupo foi a São Leopoldo, na ocasião, chefiado pelo Diretor de Esportes da SOCEPE Uivani Tomazetti e pelos professores Alcion Nunes Leite e Carlos Alberto Teixeira.

Os atletas da SOCEPE participantes dessa competição foram: Antônio Luiz do Canto Vinadé, Sílvio José Martins Vasconcelos, Renato Oliveira Ribeiro, Fabrício Oliveira Azzolin, Marcelo Lehmann, Jairo Leitão Ungareti e Juliano Martins e Souza.



■ Os atletas da SOCEPE campeões no Campeonato Estadual de Ginástica Olímpica Juvenil de São Leopoldo, maio de 1979: o Técnico Alcion Nunes Leite, Fabricio Azzolin, Silvio Vasconcelos, Juliano Souza, Marcelo Lehmann e Jairo Ungareti. | Fonte: acervo da SOCEPE.

Em novembro de 1979, o professor Ivon Chagas da Rocha Junior assumiu a direção do Departamento de Ginástica da SOCEPE e, no ano seguinte, seguia para Porto Alegre para participar de reuniões que tratariam da reorganização dos cursos de ginástica na capital e interior. Ivon retornou com resultados bastante proveitosos quanto às novas perspectivas para os ginastas da SOCEPE.

No ano seguinte, em 15 de outubro, um grupo de sete meninas atletas participou da competição de ginástica “II Super Equipes” no Ginásio do Instituto Porto Alegre (IPA) sob a coordenação da professora Elaine Gonçalves e supervi-

são geral do professor Ivon Chagas da Rocha Junior.

A equipe conquistou o 4º lugar na classificação geral, o troféu destaque por equipe, a classificação individual no 2º lugar para a ginasta Sandra Pena da Silva e 4º lugar para a ginasta Vera Laura Rigo.

Em 1989, os atletas olímpicos do Rio Grande do Sul preparavam-se para a eliminatória da seleção gaúcha de ginástica olímpica realizada em julho em Porto Alegre. Na ocasião, foram escolhidos os participantes dos Jogos Escolares Brasileiros a realizar-se em Brasília naquele mesmo mês. Entre os participantes da eliminatória, estava o atleta da SOCEPE, Jeferson

Villanova (11 anos de idade), filiado à Federação Rio-grandense de Ginástica, que se classificou em primeiro lugar entre os 16 participantes com uma média de 9,36 pontos. A seleção gaúcha que foi a Brasília disputar o campeonato nacional estudantil compunha-se de Jeferson Villanova, de Santa Maria; André Distel, de Porto Alegre; Luciano Tondo, de Passo Fundo.

Durante os dias 21, 22 e 23 de julho de 1989, as competições ocorreram no ginásio do Clube do Exército em Brasília. A seleção gaúcha classificou-se em quarto lugar entre os estados, mas o destaque ficou com o atleta da SOCEPE Jeferson Villanova, que obteve o primeiro lugar em salto sobre cavalo com a média de 9,45. Foi o único

gaúcho a participar das finais da competição. Jeferson, pela sua brilhante atuação, passou a compor a Seleção Brasileira Estudantil na categoria Infanto-juvenil, sendo mais um atleta na galeria de campeões dessa modalidade na SOCEPE. A responsabilidade técnica dos atletas nesses eventos foi do professor Arno Cassel Neto.

Ainda em 1989, a equipe de ginástica participou em todas as etapas da primeira etapa do Campeonato Estadual de Ginástica Olímpica, em que Arno Cassel Neto, na categoria adulto B, obteve o 1º lugar. Fabiano Villanova, categoria B, obteve o 3º lugar; Jeferson Villanova, categoria infantil B, ficou em 3º lugar; M. Franca, categoria infantil B, em 3º lugar.

Os atletas Fabiano Villanova e Jeferson Villanova durante o Campeonato Estadual de Ginástica Olímpica em 1989, na SOGIPA, em Porto Alegre. | Fonte: acervo de Fabiano Villanova.





■ Da esquerda para direita: Fabiano Villanova, Arno Cassel Neto e Jéferson Villanova, na Rodoviária de Porto Alegre, com destino a um dos campeonatos dos quais participaram na capital gaúcha como atletas da SOCEPE. | Fonte: acervo de Fabiano Villanova.

A promoção do Campeonato foi da Federação Rio-grandense de Ginástica, à qual a SOCEPE era filiada, e realizou-se na Sociedade Ginástica Porto-Alegrense (SOGIPA).

As dificuldades enfrentadas pelos atletas do esporte olímpico da SOCEPE não diminuíram seu ânimo e sua garra, que os levavam a se dedicar com entusiasmo aos treinos e aos torneios, voltando sempre condecorados pelas suas conquistas.

Apesar de todos os esforços e várias premiações, a equipe de ginástica olímpica da SOCEPE foi sendo gradativamente dissolvida,

e a modalidade desapareceu dos quadros esportivos da entidade no final da década de 1980. O problema foi o foco da explanação do professor Alcion Nunes Leite, Diretor do Departamento de Ginástica, na reunião da Diretoria Executiva, em 04 de junho de 1985, quando explicou os motivos da falta de adeptos à Ginástica Olímpica: falta de limpeza, falta de forração para o esporte do solo, enfim, a falta de condições físicas do pavilhão de esporte da SOCEPE.

Pelo menos até o início do ano de 1992, os treinos das equipes olímpicas continuaram sendo

realizados no Ginásio Fritz Lippold na sede central da SOCEPE. No final desse mesmo ano, durante a presidência de Waldyr Pires da Rosa, o ginásio foi desocupado porque necessitava de reformas urgentes, pois já oferecia perigo aos ocupantes. As equipes foram desfeitas e os atletas passaram a treinar em outros locais e até em outras cidades.

Arno Cassel Neto fez parte do último grupo de atletas olímpicos que treinava na SOCEPE. Arno era estudante de educação física na UFSM e se dedicou por 17 anos à ginástica, treinando e preparando atletas. Por ocasião do fechamento do ginásio para reformas, lamentou-se em sua publicação “Para onde vão os 17 anos de trabalho desenvolvidos na SOCEPE?”²⁹. Como integrante da seleção brasileira de ginástica olímpica até 1991 e devido à decisão sobre o ginásio, Arno Cassel Neto estava sem treinar desde fevereiro daquele ano e considerou que “seu trabalho de alto nível ficaria comprometido sem os treinamentos”³⁰. Assim como Arno, outros atletas deixaram Santa Maria para treinar em grandes centros, como o Rio de Janeiro.

Segundo informações colhidas junto ao senhor Carlinho Rizzatti, a desativação do esporte olímpico no início da década de 1990 foi justificada pelo baixo número de atletas e porque a maioria destes não pertencia ao quadro social da entidade. O custo para manter profissionais capacitados e o equipamento era grande e não atendia aos interesses da maioria dos associados. Estrategicamente, a diretoria decidiu focar em atividades que abrangessem o maior número de associados, como o voleibol. Carlinho é consultor de gerenciamento de empresas em Santa Maria e participou da formação de várias diretorias da SOCEPE desde 1974 até início de 1991.

Hoje, não existe mais a modalidade de ginástica em Santa Maria. Em julho de 1996, por decisão da Diretoria Executiva, todo o equipamento de ginástica olímpica, que não era mais usado pela SOCEPE, foi doado ao Centro Social Urbano Irmão Stanislaw de Santa Maria.

²⁹ Jornal A Razão de Santa Maria, de 9 de abril de 1992.

³⁰

A ginástica olímpica foi determinante para o fortalecimento social, cultural e esportivo da Sociedade Concórdia Caça e Pesca de Santa Maria nos seus primeiros anos após a sua fusão com o Clube de Caça e Pesca em 1966. A tradição e a eficácia da ginástica introduzida pelo alemão Fritz Lippold, na Sociedade Concórdia de Santa Maria, no início dos anos 1950 e que foi legada como herança à SOCEPE, garantiu a projeção necessária à Sociedade. Como recorda o professor Alcion Nunes Leite, os herdeiros do “seu” Fritz nunca deixaram de apoiar as equipes e seus técnicos. Walter atuava como ginasta e técnico e Ronaldo e Horst Lippold como membros de várias diretorias. A ginástica, portanto, projetou o nome de Santa Maria para o Rio Grande do Sul e para o Brasil, criou vínculos de amizades entres os atletas, inculcando neles a noção de trabalho em grupo, responsabilidade e competição sadia.

VOLEIBOL

O Departamento de Voleibol da SOCEPE surgiu no final da década de 1980 como iniciativa de um grupo incentivador desse esporte. Entre estas pessoas, estava Sérgio Edmundo Pedroso Ávila, que atuava como colaborador junto à equipe de voleibol do Corinthians Atlético Clube de Santa Maria. Quando o grupo do Corinthians foi desativado, ele, que era sócio da SOCEPE, conseguiu trazer para a entidade seus atletas a convite do então presidente, Waldyr Pires da Rosa.

Havia necessidade de um departamento que agregasse atletas desse esporte para tornar possível a participação da sociedade no Campeonato Citadino, pois há vários anos a SOCEPE estava afastada das competições esportivas dessa modalidade na cidade.

Em 1989, formou-se a equipe que conquistaria o Campeonato Citadino de Voleibol naquele ano, composta por Benhur Skrebsky, Clairton Fonseca, Claudio Pereira (Ganso), Giuliano Gogo, Ivan Silva Junior (Gugu), Sergio Freitas, Jorge Tambara, Marcelo Pereira, Roberto Beck, Jean-Pierre C. Ávila. O técnico era Rafael Prado, o auxiliar técnico era Silvio Rosa e os dirigentes eram Waldyr Pires da Rosa e Wilson Freitas.



■ Equipe Campeã do Citadino de Santa Maria em 1989. Em pé: Silvio, Miúdo, Jorge, Serginho, Benhur, Jean-Pierre; Roberto (Magrão), Rafael e Wilson Freitas. Sentados: Gugu, Giuliano, Ganso, M. Manica e Clairton. | Fonte: acervo de Sérgio Ávila.

Uma equipe de voleibol é composta de 12 atletas, comissão técnica e colaboradores. Foram os seguintes os títulos conquistados pelo Departamento de Voleibol da SOCEPE sob a Diretoria de Sergio Pedroso Ávila (1989-1992):

- Campeão Citadino de Voleibol Masculino (1989);
- Vice-Campeão Torneio Integração Masculino (1990);
- Campeão da 4ª Taça Cidade de Santa Maria 1991);
- Vice-Campeão Iº Voleimania da Liga Santa-mariense de Vôlei (1991);
- Campeão Torneio Cidade de Cachoeira do Sul (1991);
- Campeão 2º Torneio Independência (1991);
- Vice-Campeão Festival Juvenil de Voleibol (1991);
- Campeão Citadino de Voleibol Masculino (1991);
- Campeão Torneio Vôlei/Verão C. A. Esportivo (1992);
- Campeão da Taça Cidade de Santa Maria (1992);
- Campeão do 2º Torneio Regional de Vôlei do Salto do Jacuí (1993);
- Campeão do III Voleiagito Sobradinho (1993).



■ Conquista da Taça AABB em 25 de agosto de 1991, equipe da SOCEPE campeã no Torneio Cidade de Cachoeira do Sul. | Fonte: acervo de Sérgio Ávila.



■ Troféus comemorativos das importantes conquistas da equipe de Vôlei da SOCEPE no ano de 1991, ano do Jubileu de Prata da entidade. | Fonte: acervo de Sérgio Ávila.

Em 1991, atletas do Voleibol da SOCEPE foram destaque em campeonatos que participaram:

- Wagner Brutt foi melhor atacante e Jean-Pierre C. Ávila foi o melhor levantador no Voleiagito de Sobradinho; Fabrício Farias foi o melhor atacante e Jean-Pierre C. Ávila foi o melhor levantador do Torneio Cidade de Cachoeira do Sul;
- Jean-Pierre foi o atleta destaque no Torneio Independência da Liga Santa-Mariense de Vôlei.

A “Marinete”,
ônibus usado
para as viagens
da equipe de
Vôlei da SOCEPE
aos torneios, em
frente ao salão da
Festa do Feijão em
Cachoeira do Sul,
em 1991.
| Fonte: acervo de
Sérgio Ávila.



Segundo Sérgio Pedroso Ávila, as viagens da equipe de vôlei para torneios em outras cidades eram custeadas pela própria equipe, que, com aprovação da entidade, organizava rifas para suprir as necessidades de aluguel do ônibus (chamado carinhosamente de “Marinete”) que transportava os atletas até o local dos campeonatos.

Sérgio Ávila nomeia os atletas que se destacaram no Voleibol da SOCEPE no ano de 1992: Marcelo Hoer, Marcelo Mânica Pereira, Wagner Brutt, Henry Jesus Retamar, Sérgio N. de Almeida Freitas, Sandro Leal Ruviano, Jean-Pierre Chagas Ávila, Paulo Gomes Bonhorst, Luciano Samaniotto Neto,

Fabrizio M. Farias, Lucio A. M. Lorenzon, Cesar A. M. Alcântara, Gedson Leal Gomes, Edgar Lopes Borges, Ereci R.R. Martins, Roberto Langer, Claudio O. Rodrigues Neto, Cristiano L. Bettega, Juliano S. Saron e Tiago. K. C. de Barros.

Em 1992, a equipe de Voleibol da SOCEPE sagrou-se tricampeã do cidadão de vôlei.

Em fevereiro de 2008, o Projeto Equipe de Minivôlei foi implantado na SOCEPE visando ao treinamento de voleibol para crianças. A iniciativa foi de Carolina Maronês e Matheus Lippold com apoio de Alexandre Zanine, árbitro do vôlei e diretor do departamento de Esporte da SOCEPE na época de lançamento do projeto.

A ideia do projeto era adaptar as crianças para o vôlei utilizando bola mais leve, quadra menor e rede mais baixa. O foco era especialmente crianças de 4 a 10 anos de idade.

Para introduzir essa modalidade na SOCEPE, os dois treinadores buscaram parceria com empresas locais, que patrocinaram a confecção de camisetas e compra de material esportivo.

Segundo a profissional de educação física e técnica Amira Aqel, que se uniu à equipe para atuar como técnica de voleibol na SOCEPE, em 2009, os principais objetivos do projeto eram fortalecer o minivôlei masculino e feminino por meio da divulgação de uma equipe já estruturada e fortalecida com novos atletas.

Também buscavam “fomentar a prática de voleibol competitiva, principalmente nas equipes de base e amadora adulta, para participar de torneios e campeonatos a nível regional e estadual e promover a saúde, o lazer e a educação por meio deste esporte”, explica Amira Aqel.

Os grupos faziam treinamentos na quadra de Esportes do Ginásio Fritz Lippold e, em 2009, participaram do Campeonato Estadual de Minivôlei em Novo Hamburgo. A cada três meses, eram realizados jogos em parceria com o Colégio Marista de Santa Maria, no Campeonato de Integração.

Além de Novo Hamburgo, as equipes infantis participaram de campeonatos em São Leopoldo e Porto Alegre. As viagens eram feitas de ônibus custeados pela SOCEPE, e o grupo não pernoitava nas cidades visitadas e eram acompanhados pelos instrutores.

O Projeto Minivôlei era aberto à participação tanto de sócios como não sócios da SOCEPE. Em 2009, foi criada uma equipe masculina, que continuou sob o comando da técnica Amira Aqel até 2014. Ainda em 2009, surgiu a Copa SOCEPE de Voleibol, que acontecia em quatro etapas, para os grupos feminino e masculino e perdurou durante quatro edições.

A partir de 2009, a técnica Amira Aqel foi a responsável pelo treinamento dos grupos de atletas do voleibol adulto, mirim e infantil que participam da Escolinha de Vôlei da SOCEPE. Segundo Amira Aqel,

o minivôlei (masculino e feminino) iniciou os treinamentos com 12 atletas em março, a faixa etária atingida era de 7 a 13 anos chegando a ter 25 no período de agosto até o término do ano. Os treinos eram realizados duas ou três vezes na semana, totalizando seis horas semanais, chegando até oito horas em algumas semanas. Durante o ano, como já havia meninos que participavam a mais tempo do voleibol no clube, felizmente houve a entrada de mais meninos, e conseguimos montar uma equipe mirim masculina de voleibol e participar de um torneio.

No verão de 2009, foi organizado na SOCEPE um time feminino adulto 4x4 para competir nos Jogos de Verão da RBS, alcançando o 2º lugar na etapa final em Rosário do Sul. Essa equipe feminina de vôlei de areia mais tarde passou a treinar o estilo *indoor*, em quadras fechadas.



■ Equipe de Vôlei Feminino da SOCEPE, vice-campeã dos Jogos de Verão da RBS 2009, em Rosário do Sul. Da esquerda para direita de camiseta branca da esquerda para direita: Amira Aqel, Lidiane Bertê, Raquel Corrêa, Caroline Garske, Ana Paula Poerske e o treinador Matheus Lippold. | Fonte: acervo de Amira Aqel.

Alunos da Escolinha de Vôlei da SOCEPE em treinamento com a Professora Amira Aqel no Ginásio Fritz Lippold. | Fonte: acervo de Amira Aqel (2012).



A Escolinha de Voleibol trabalha com um grupo misto de alunos de 7 a 13 anos que só participam em torneios locais no colégio Santa Maria, no Centro Desportivo Municipal e no Clube Dores. Nesses torneios não há classificação, e os participantes só recebem medalhas. Em 2011, a técnica Amira Aqel levou a equipe masculina mirim da SOCEPE para a Copa Sinodal de Voleibol de São Leopoldo, em comemoração aos 75 anos do Colégio Sinodal. Os atletas tinham nessa época entre 9 e 13 anos e eram treinados por Amira Aqel, que, junto com Carol Maronês, era

também uma das responsáveis pelo Departamento de Vôlei da Sociedade. O objetivo das técnicas era de projetar o vôlei da cidade em âmbito estadual.

No certame, a equipe da SOCEPE competiu com as equipes da SOGIPA, do Colégio Sinodal Verde, do Colégio Sinodal Preto e do Colégio Online.



Atuação da equipe de Vôlei da SOCEPE treinada por Amira Aqel durante a Copa Sinodal 75 Anos, de Vôlei mirim e infantil, em setembro de 2011. | Fonte: acervo de Amira Aqel.



■ Troféu para o 1º lugar conquistado pela equipe de Vôlei mirim Masculino da SOCEPE na 20ª Edição da Intercolegial de Voleibol, em Novo Hamburgo em 2012. | Fonte: acervo de Eva Coelho.



■ Troféu para o 2º lugar conquistado pela equipe de Vôlei mirim Masculino na 7ª Copa Farroupilha, 2013. | Fonte: acervo de Eva Coelho.

Em 2012, a equipe foi campeã do Intercolegial em Novo Hamburgo. Esses grupos de atletas fizeram viagens durante o ano de 2012, patrocinadas pela SOCEPE, participando de torneios em Novo Hamburgo, Porto Alegre e São Leopoldo.

Durante o ano de 2013, o objetivo do projeto foi treinar as equipes para o Intercolegial Estadual de Novo Hamburgo e para a Copa Sinodal de São Leopoldo.

Quanto ao grupo de atletas mirim, faixa de 10 a 13 anos, Amira Aqel destaca que realizou apenas uma viagem em 2013. Foram a São Leopoldo para participar da Copa do Colégio Sinodal, que aconteceu em um fim de semana de julho. Em seguida, estavam em Porto Alegre, no Colégio Farroupilha, onde participaram da Copa Farroupilha de Voleibol, conquistando o 2º lugar. A equipe era composta por seis meninos na quadra e seis no banco.



- A equipe de atletas mirins de 12–14 anos do Vôlei da SOCEPE na conquista do 2º lugar da Copa Farroupilha, no Colégio Farroupilha em Porto Alegre em julho de 2013. De pé da esquerda para direita: Luca, Sonyanderson, Gabriel, Lucas, Amira Aqel e Rodolpho; no chão: Douglas, João, Otávio, Giordano. | Fonte: acervo de Amira Aqel (2013).



- O atleta mirim da equipe de Vôlei da SOCEPE Gabriel, destaque como melhor jogador e melhor atacante da Copa Farroupilha, no Colégio Farroupilha em Porto Alegre em julho de 2013. Junto à treinadora Amira Aqel, recebe a premiação do Técnico Pablo do Colégio Farroupilha. | Fonte: acervo de Amira Aqel (2013).

Equipe masculina adulta de Vôlei da SOCEPE, vencedores do Troféu Rainha da Fronteira em Bagé, 2013. Em pé da esquerda para direita: Rodner, Bruno Aldo, Vinicius e Maico; Sentados: da esquerda para direita: Cesar, Ederson, Cristian e Marcos. | Fonte: acervo de Amira Aqel (2013).



O Voleibol da SOCEPE é aberto também a atletas masculinos adultos, e seu objetivo principal é promover a prática do esporte para lançar equipes que venham a participar em campeonatos locais, regionais e estaduais. Os treinos acontecem no Ginásio de Esportes Fritz Lippold, na sede social, e no verão as atividades podem ser desenvolvidas na sede campestre em Itaara. Todas as modalidades são abertas a sócios e não sócios.

O grupo de atletas adultos vem treinando desde 2009, e até 2014 foram coordenados pela técnica Amira Aqel. Em 2009, com a técnica Carol Maronês,

conquistou o 2º lugar em Rosário do Sul, trazendo o Troféu Jogos de Verão. O grupo alcançou o 2º lugar no Troféu Lajeado – série Prata, em 2010. No ano seguinte, foi vice-campeão entre 17 equipes participantes e, por fim, vice-campeão do Citadino de Vôlei de Santa Maria do ano de 2012.

A equipe adulta masculina fez duas viagens no ano de 2013, sendo a primeira à cidade de Bagé e a segunda a Ijuí. Em Bagé, o grupo participou do Torneio Troféu Rainha da Fronteira, conquistando o 1º lugar. Em Ijuí, não conseguiram chegar às finais. A SOCEPE ajudou no transporte dos atletas e parte de sua alimentação.



■ Troféus à esquerda: Troféu equipe vice-campeã Jogos de Verão Vôlei 4x4; Rosário do Sul, 2009. No centro: Troféu Lajeado de Vôlei, 2º lugar Adulto, Série Ouro Masculina, 2011. À direita: Torneio Aberto Masculino do Vôlei, Vice-Campeão, Santa Maria, 2012. | Fonte: acervo de Eva Coelho.



■ À Esquerda: 1º lugar Vôlei mirim Masculino na 20ª Edição da Intercolegial de Voleibol, Novo Hamburgo, 2012; ao centro: Troféu Campeão do Vôlei Masculino da Copa Rainha da Fronteira, 3ª Etapa, Bagé, 2013; À direita: Troféu Lajeado de Vôlei Aberto Série Prata, 2010. | Fonte: acervo de Eva Coelho.



■ Equipe masculina adulta de vôlei da SOCEPE disputando o troféu Lajeado, do qual foi vice-campeã em 2011. | Fonte: acervo de Amira Aqel.



■ Troféu 4º Lugar masculino no XI FESTIVOLEI de Santa Cruz do Sul, 2010. | Fonte: acervo de Eva Coelho.



■ Taça Santa Maria conquistada pela equipe masculina de vôlei da SOCEPE, 2014. | Fonte: acervo de Eva Coelho.



■ Participação nos Jogos Champagnat no Colégio Marista de Santa Maria em 2014. | Fonte: acervo de Eva Coelho.

Amira Aqel considera que “o projeto da SOCEPE envolvendo o voleibol masculino no ano de 2011 trouxe significativos resultados em termos de novos praticantes de voleibol, bem como uma equipe adulta competitiva que já treinava desde o ano de 2009 e se fortaleceu nos anos de 2010 e 2011”.

Amira afirma também que o voleibol masculino da SOCEPE está em evolução, sobretudo

nas categorias de base masculino. Já com a equipe adulta, “esperávamos disputar mais campeonatos, porém os poucos que disputamos fomos bem e conseguimos ter uma equipe competitiva no ano de 2011, tornando-se exemplo para as categorias de base”.

Segundo Amira, as meninas que participam do projeto “jogaram torneios apenas internos, devido a estas serem de gerações diferentes”.

ESCOLINHA DE FUTSAL DA SOCEPE

O professor de educação física, Mário Cesar da Silva Dutra, ingressou como funcionário e como professor da SOCEPE em 1990 ministrando aulas numa academia de ginástica situada no subsolo da sede social.

Foi durante a gestão de Horst Oscar Lippold (1994-1996), quando se concluiu a ampliação e modernização do Ginásio Fritz Lippold, que foi criada a Escola

de Futsal Guri Bom de Bola, inaugurada em 1995. A ideia da escolinha surgiu com a necessidade de criar uma forma de o aluno se apegar ao clube e acolher atletas dos 7 aos 15 anos.

Vários professores atuaram como instrutores da Escolinha de Futsal, enquanto o Professor Mário, o proprietário, assumiu também como instrutor na Escolinha em 2016.



■ Atletas da Escolinha de Futsal da SOCEPE, campeã do Torneio de Futsal Infantil em 1995, acompanhado por Alex Zanini, vice-presidente de esportes da SOCEPE, e pelo Prof. Fabiano Pinto. | Fonte: acervo da SOCEPE.

A Escolinha de Futsal da SOCEPE é aberta a sócios e a não sócios e trabalha com as seguintes categorias de atletas: Categoria SUB-15, para os meninos nascidos entre 2003 e 2004; SUB-13, para os nascidos entre 2005 e 2006; categoria SUB-11, para nascidos entre 2007 e 2008; Categoria SUB-9, para os meninos nascidos entre 2009 e 2010; Categoria SUB-7, para os nascidos entre 2011 e 2012.

Atualmente, cada categoria reúne em torno de 20 atletas que treinam no Ginásio Fritz Lippold duas vezes por semana. Os treinos são intensificados por ocasião dos campeonatos.

Desde 2017, os grupos da Escolinha têm participado de Campeonatos locais e conquistado premiações importantes:

- Copa Dores 2017 e 2018: conquistaram medalhas na categoria sub-13, com o 3º lugar;
- Copa Santos 2018: as categorias sub-13 e sub-15 conquistaram o vice-campeonato.



■ Equipe de Futebol de Salão Sub-15 treinada pelo Professor Mario entre 2017 e 2018. Da esquerda para a direita: Japa, Diego, Leandro, João e Prof. João. Agachados: Canhoto, Tailon, Tólio, Toco e Tonetto. | Fonte: Informativo da SOCEPE – fevereiro de 2018.



■ Equipe de tiro ao prato da SOCEPE na década de 1970. Da esquerda para direita: Florisbello Beretta Porto, Ênio Sarturi, João Pelizzer, Romeu Frassetto, Ronaldo Carlos Lippold, José Teixeira, Horst Oscar Lippold. | Fonte: acervo da SOCEPE.

TIRO AO PRATO E TIRO PRÁTICO

Desde a aprovação dos Estatutos da SOCEPE, em 1970, a equipe de tiro que veio organizada do Clube Caça e Pesca esteve vinculada ao Departamento de Tiro, estruturado a partir das Diretorias de Tiro ao Prato e de Tiro Prático. Os seus primeiros vice-diretores foram Ronaldo Carlos Lippold e Júlio Pereira de Andrade e entre as primeiras provas e competições esportivas realizadas na sede cam-

peste estavam as provas de tiro. As principais modalidades eram: tiro ao prato, tiro ao pombo, tiro de precisão, tiro de revólver e tiro de carabina. Os atiradores que faziam parte da equipe da SOCEPE nesse período inicial eram: Horst Oscar Lippold, João Pelizzer, José Celestino Machado, José Teixeira, Júlio Pereira de Andrade, Osmar Armando Block e Ronaldo Carlos Lippold.

Como exemplo da atuação importante dessa equipe, destaca-se a participação na prova de tiro ao pombo no Interestadual de Caxias do Sul, de 18 a 19 de abril de 1970. Durante o certame, a equipe de tiro ao pombo da SOCEPE, formada pelos esportistas Romeu Frassetto, João Pelizzer, José Teixeira, João Teixeira, Florisbelo Beretta Porto e Horst Oscar Lippold, fez uma atuação esmerada e conquistou o importante título desportivo. Em seguida a essa participação, os atiradores da SOCEPE estiveram em Pelotas e, por fim, em Erechim, para outra jornada do Interestadual de Tiro ao Pombo, onde conquistaram a sua terceira vitória nesse período.

A equipe da modalidade de tiro ao pombo empenhou-se da mesma forma nas competições esportivas. O grupo organizou uma animada caravana de atiradores para o Torneio de Tiro em Curitiba (SC) no dia 6 de novembro de 1970. Por outro lado, a diretoria de Tiro da SOCEPE organizou, nos dias 17 e 18 de novembro daquele ano, o Torneio Interestadual de Tiro ao Pombo, realizado na sede campestre da entidade. Equipes de Porto Alegre, Pelotas, Erechim, Rio Grande e Curitiba (Santa Catarina) estiveram presentes no torneio. A prova principal, ocorrida no dia 17, foi vencida pelo atirador da SOCEPE Ronald Carlos Lippold.

Os atiradores da SOCEPE destacavam-se individualmente ou em equipe nos campeonatos locais e estaduais das várias modalidades, como tiro de carabina 22, tiro de revólver, tiro ao prato e ao pombo, durante as décadas de 1970-1980.

A Lei nº 5.197, de 03 de janeiro de 1967, regularizava a caça e a pesca, o uso de arma de caça e esporte e ainda reconhecia os clubes e sociedades amadoristas que reuniam esportistas da caça e da pesca, conforme segue:

Art. 11. Os clubes ou Sociedades Amadoristas de Caça e de tiro ao voo poderão ser organizados distintamente ou em conjunto com os de pesca, e só funcionarão validamente após a obtenção da personalidade jurídica, na forma da Lei Civil e o registro no órgão público federal competente.

Art. 12. As entidades a que se refere o artigo anterior deverão requerer licença especial para seus associados transitarem com arma de caça e de esporte, para uso em suas sedes durante o período de defeso e dentro do perímetro determinado.

Art. 13. Para exercício da caça, é obrigatória a licença anual, de caráter específico e de âmbito regional, expedida pela autoridade competente.

Atualmente, não é mais permitida a prática do tiro ao pombo. Por outro lado, realizam-se provas de tiro ao prato em caráter local, intermunicipal e interestadual. Os esportistas do tiro devem ser registrados no Exército Nacional para obter o seu Certificado de Registro (CR), existindo uma legislação própria para esse tipo de esporte, tudo controlado pelo Exército. Em 08 de março de 2001, a Portaria nº 04 do Departamento Logístico (D log), estabeleceu as Normas que regulam as atividades dos atiradores:

Art. 1º. Definir as normas administrativas que regulam a aquisição, propriedade e utilização de armas e munições, por atiradores e entidades esportivas de tiro, devidamente registrados no Exército, para a prática das modalidades desse esporte, desde que regulamentadas nacional e internacionalmente

Na área de exercício do esporte do tiro na sede campestre da SOCEPE, no Stand João Pelizzer da Linha de Tiro, existem doze boxes para o tiro prático com arma calibre 22. A pedana de tiro ao prato possui máquinas lança-pratos automáticas que soltam um prato por vez por atirador, simulando o voo de uma ave. A prática desse esporte depende muito da agilidade e da pontaria do esportista. Durante as provas, são efetuados 100 ou 200 arremessos de pratos por atirador.

O tiro ao prato configura-se como um dos esportes olímpicos e foi adotado desde a criação do Clube de Caça e Pesca de Santa Maria, antecessor da SOCEPE. Atualmente, “a SOCEPE é a única agremiação da cidade credenciada para a prática do esporte do Tiro ao Prato” (PAVAN, 2014, p.2)³¹.

Em outubro de 1993, aconteceu a inauguração oficial do Tiro Noturno na sede campestre, contando com a presença da imprensa local,

³¹ Pavan, P. Tiro ao Prato – Ele é bom de mira. **Diário de Santa Maria**, Esportes, p. 12, 10 de set. 2014.

Pedana para
Tiro Noturno,
inaugurada na
sede campestre em
outubro de 1993.
| Fonte: acervo da
SOCEPE.



diretores de departamentos da sociedade e esportistas do tiro, moradores locais e visitantes. Na ocasião, em torno de cem atiradores de diversos municípios gaúchos e um competidor de Santa Catarina participaram dos torneios. A iniciativa, a estrutura dos *stands* e a qualidade dos torneios suscitaram elogios recebidos dos visitantes que participaram da competição.

A concretização da aspiração do grupo de atiradores esportivos da SOCEPE em adequar o Stand João Pelizzer com a iluminação apropriada para o tiro noturno foi possível graças às doações espontâneas de atiradores, como Victor Rocha, Marcos Pedrazzi, Elvori Hambrecht, Hélio Cândido Barichello e Nelço Aguirre, e ao empenho do então Diretor do Tiro ao Prato, Wilson Visentini.

O Departamento de Tiro ao Prato realizou, no dia 26 de setembro de 2001, uma prova em homenagem a Egon Treptow, que é o mais antigo atirador em atividade na sociedade e participa de atividades desde a fusão da Sociedade Concórdia com o Clube de Caça e Pesca. Foi uma merecida homenagem a quem se dedicou à SOCEPE por 35 anos e ainda consagra grande parte de seu tempo às atividades do tiro esportivo. A “Prova Egon Treptow” tornou-se efetiva desde 2010, destacando-se como a última prova de tiro ao prato do calendário anual no Departamento de Tiro da SOCEPE.

A prova foi criada como homenagem a Treptow por sugestão do então diretor do Departamento de Tiro, Luiz Paulo Wolle, e concede aos participantes o Troféu Egon Teptow.



■ Troféu concedido a Egon Treptow homenageado na Prova Egon Treptow, na sua 4ª edição em 2014. | Fonte: acervo de Egon Treptow.



■ Troféu entregue a Egon Treptow como "Homenagem Especial do Tiro ao Prato" pela sua assiduidade e dedicação a toda a Sociedade e seus companheiros. | Fonte: acervo de Egon Treptow.

Egon conhecia um clube em Ijuí/RS que reunia caçadores e pescadores e levou a ideia aos irmãos Lippold, Ronaldo, Walter e Horst e outros companheiros com as mesmas afinidades esportistas. Amadureceram o plano e acabaram por criar o Clube Caça e Pesca de Santa Maria (CCPSM) em 1959. Desde então, participou dos momentos importantes do Clube de Caça e Pesca e, mais tarde, da Sociedade Concórdia de Caça e Pesca

(SOCEPE), exercendo atividades de direção, sociais e as ligadas ao seu esporte favorito, o tiro.

Na Linha de Tiro, o sócio dispõe também de arquibancadas, banheiros, churrasqueiras e da Casa do Atirador "Egon Treptow", que surgiu na década de 1980 para acolher os esportistas e as famílias durante competições ou treinos. A Casa também é aberta para reuniões e festas familiares de todo o quadro social.

A equipe de tiro ao prato participa de competições previstas no calendário estadual, competindo com outras sociedades e já recebeu várias premiações. É uma equipe composta por jovens e membros mais experientes, principalmente homens. Excepcionalmente, existem mulheres competindo.

Em 18 de outubro de 2014, a equipe da SOCEPE conquistou o segundo lugar geral na etapa final da Liga Nacional de Tiro ao Prato e do Campeonato Brasileiro (representando o estado), realizada na cidade de Governador Celso Ramos, em Santa Catarina.

De acordo com reportagem em jornal local sobre o ranking final da Liga Nacional, “o time de Santa Maria terminou em oitavo lugar, entre 49 equipes do país. Entre os destaques individuais de Santa Maria estão os atiradores Seco Manica, primeiro colocado na etapa final na Classe AA, Átilla Abella, vencedor do *ranking* na Liga Nacional Classe D e Marcos Cavalheiro, primeiro lugar na final da Liga na Classe D”³².

³² Diário Santa Maria. Esportes. Bons resultados: Equipe de tiro do Prato da SOCEPE, 18 novembro de 2014.

Integrantes da equipe da SOCEPE participantes da última etapa da Liga Nacional em Santa Catarina, 2014. Da esquerda para a direita: Seco Manica, Roberto Schmits (atleta da seleção brasileira e treinador da SOCEPE), Marcos Cavalheiro e Vitor Treptow³².



Conforme informação de Ricardo Manica Pereira, diretor do Tiro ao Prato do Departamento de Tiro Esportivo da SOCEPE, a equipe de tiro da SOCEPE não havia participado de torneios estaduais até 2011, quando se fez presente no Campeonato Anual Gaúcho, que acontece durante o ano em 10 cidades do estado.

Santa Maria está entre as cidades sede, e os jogos são realizados na sede campestre da SOCEPE. O torneio decide quais as 10 melhores equipes que vão acolher o campeonato de tiro ao prato para o próximo ano. Em 2012, após 17 anos, a SOCEPE voltou a sediar o Campeonato Gaúcho de Tiro ao Prato. Nessa ocasião, o atirador Celso Souza da equipe anfitriã foi o primeiro atirador de Santa Maria a sagrar-se campeão gaúcho de tiro ao prato.

A equipe de Tiro ao Prato possui diversas conquistas. Em 2013, a equipe da SOCEPE ficou em 5º lugar no *ranking* geral do campeonato gaúcho. O atirador Ricardo Manica Pereira ficou em 1º lugar no campeonato gaúcho, quebrando 100 pratos de 100 lançados. No âmbito interno, realiza-se todo o ano uma competição de tiro ao prato que estabelece o *ranking* interno com troféus e premiações.

Ricardo Manica, o Seco, é integrante da categoria AA principal da modalidade *Trap* Americano. O feito foi conquistado em 2015 devido a seu desempenho nos últimos campeonatos, principalmente na etapa regional Sul da Liga Nacional (realizado em Criciúma/SC), onde conquistou o primeiro lugar entre mais de 200 competidores (Pavan, 2014). A categoria AA é conferida aos atletas que têm um índice de acerto superior a 96% em quatro séries de 25 pratos, totalizando 100 tiros.

Os pratos (de 10 a 11 cm de diâmetro) são lançados por uma máquina, aleatoriamente, numa velocidade que alcança de 70 a 80 km/h. A modalidade *Trap* Americano não é olímpica.

A equipe do tiro ao prato da SOCEPE teve um novo motivo para comemorar desde o início de outubro de 2015. Foi nessa data, durante o Campeonato Gaúcho de Tiro ao Prato em Vacaria/RS, que o grupo de cerca de 30 integrantes da SOCEPE conquistou um expressivo título quando a “equipe *Trap* SM ergueu duas taças nas modalidades de *trap* americano *single* (um prato) e *trap* americano *double* (dois pratos).

O resultado de outubro de 2015 foi o seguinte:

Trap Americano Single

Classe AAA

1º Lugar: Ricardo Manica Pereira

Classe A

1º Lugar: Átila Moura Abella

Classe B

3º Lugar: João Carlos Dipp

Categoria Master

1º Lugar: Mauro Marciano G. de Freitas

5º lugar: Felipe Teixeira

Trap Americano Double

Casse B

2º Lugar: Ricardo Manica Pereira

3º Lugar: Luiz Paulo Brilhante Wolle

Classe C

1º Lugar: Celso André Souza

2º Lugar: Marcos Borges Fortes Cavalheiro

4º Lugar: Átila Moura Abella

5º Lugar: Mauro Marciano G. de Freitas

Classe D

2º Lugar: João Carlos Dipp

4º Lugar: Nilton Delmar Marques

Categoria Master

1º Lugar: Felipe Teixeira



■ Grupo Campeão Gaúcho de Tiro ao Prato - *Trap Americano Single e Trap Americano Double* em 2015 Vacaria/RS. | Fonte: Informativo da SOCEPE – outubro de 2015.

Novo momento de glória e coroamento dos esforços dos atletas do tiro da delegação da *Trap SM* ocorreu em agosto de 2018, quando a delegação do tiro ao prato da SOCEPE participou e fez bonito no *The Grand American World Trapshooting Championship*, o Mundial de Tiro ao Prato em Sparta nos Estados Unidos. Era a maior delegação do Brasil na competição, com nove atiradores esportivos, e voltaram com medalhas e recordes.

O empresário Carlos Augusto Costa Beber foi campeão numa categoria e vice em outra; João Carlos Dipp veio com o 3º Lugar em uma das provas. A dupla também venceu o 100/100, isto é, a façanha de acertar 100 pratos com 100

tiros dados. Os atletas Átila Abelha, Mauro Marciano e Victor Treptow também realizaram o feito: 100 tiros/100 pratos acertados.



■ Vítor Treptow (segurando o *score*) ao lado dos colegas de equipe, Lauda (a partir da esquerda), Dipp e Dogoy, durante as provas do Mundial de Tiro ao Prato em Sparta, EUA, agosto de 2018. | Fonte: <https://diariosm.com.br/esportes/atirador-de-santa-maria-%C3%A9-campe%C3%A3o-mundial-de-tiro-ao-prato-nos-eua-1.2086016>. Acesso em: 21 abr. 2019.

A SOCEPE oferece a seus sócios a oportunidade da prática do tiro desportivo em três modalidades. No tiro ao prato, o atirador pratica em alvos móveis lançados por uma máquina. A modalidade simula o voo de uma ave, e o tiro é executado com espingarda de calibre 12. Tal modalidade pode ser praticada pelos sócios na sede campestre em Itaara, no Stand de Tiro João Pelizzer. Esse *stand* é considerado o melhor do estado devido ao seu espaço físico e equipamentos e aos critérios que seguem rigorosamente as normas da Confederação Brasileira de Tiro e Confederação Internacional de Tiro.

A segunda modalidade é o tiro prático, que é executado em alvos fixos e móveis fixos. Essa modalidade simula uma ação de combate e exige equilíbrio, velocidade e raciocínio rápido. O objetivo é acertar os tiros no menor tempo possível. Pode ser praticado com arma de fogo curta. A SOCEPE oferece o Stand de Tiro Frederico A. Treptow, na sede central, para prática dessa modalidade com alvo fixo a uma distância máxima de 25 metros, dependendo da arma utilizada.

A terceira modalidade, o tiro à bala, pode ser praticada no *stand* de tiro na sede campestre ou no Stand Frederico A. Treptow na sede central, onde pode-se praticar as modalidades de Saque Rápido, Precisão, Silhueta Metálica, *Steel Challenger*, Duelo, entre outras.

Nos *stands* da sede central da SOCEPE, cerca de 150 sócios praticam alguma das modalidades de tiro desportivo. A Sociedade oferece também a modalidade de tiro desportivo para mulheres.

O Stand de Tiro Frederico A. Treptow

Em 31 de julho de 1996, durante a gestão do Presidente Horst Oscar Lippold, foi inaugurado o Stand de Tiro Frederico A. Treptow. O *stand* está localizado no subsolo da sede central da SOCEPE, em Santa Maria. O local é composto por uma área de linha de tiro de precisão para arma curta e uma sala de recepção, onde os frequentadores podem aguardar sua vez de praticar o tiro. Ainda há uma sala com arquibancadas e parede de vidro duplo especial que protege contra os projetis, onde o associado apreciador do esporte do tiro pode acompanhar o desenrolar dos treinos ou provas.



■ Sala do Stand de Tiro Frederico A. Treptow, na sede central com os sete boxes para treino de tiro de precisão com comandos elétricos. | Fonte: acervo da SOCEPE.

O isolamento acústico da sala permite conforto e salubridade aos demais departamentos da sociedade que funcionam no prédio. Por fim, há o salão com sete boxes com comandos elétricos que dão segurança aos atiradores em qualquer circunstância durante os treinamentos e provas. Ali, são ministradas aulas de tiro com professores especializados. Os treinos podem ser assistidos por pessoas que estão aguardando sua vez de praticar.

Para garantir tranquilidade durante os treinos e competições, a SOCEPE oferece ao praticante o equipamento necessário para

prática segura do tiro: alvos móveis com comandos elétricos individualizados, equipamentos de proteção (óculos e abafador de ruídos), um material complementar composto por regulamentos, legislação, vídeos, biografias e publicações técnicas e um monitor, que orienta sobre o manuseio da arma, procedimentos de segurança e uso da munição.

A sociedade organiza um calendário anual das competições esportivas de tiro ao alvo desenvolvidas na sede urbana e na sede campestre e cuida das suas realizações.

O tiro prático tornou-se competitivo na década de 1950 na Califórnia, Estados Unidos, e baseia-se na execução de exercícios de precisão, potência e velocidade. Suas pistas de competição apresentam alvos distribuídos em diferentes distâncias e diversos posicionamentos para testar a agilidade do atleta. A modalidade chegou ao Brasil em 1980, quando um delegado do Rio Grande do Sul passou a ministrar aulas, repassando os ensinamentos que trouxe de um curso no exterior.

A modalidade do tiro prático pode ser dividida em três etapas. 1) *light*, para pistolas de calibre 380, que podem ser compradas em lojas de armas; 2) *production*, com pistolas de calibre restrito, que são armas de fábrica e não podem sofrer modificações e podem ser adquiridas somente com autorização do Exército Brasileiro; 3) *standart*, com armas que podem sofrer alterações e que também são adquiridas somente com autorização do Exército Brasileiro.

A pontuação do atleta é estabelecida conforme o local que a munição atinge o alvo, sendo que o árbitro acompanha o competidor para zelar pela segurança e garantir o cumprimento das regras da competição. Os resultados são definidos a partir do estabelecimento dos pontos nos alvos e o tempo gasto para atingi-los. Para competir, é preciso ser sócio de um clube de tiro, ter autorização do Exército Brasileiro, ter permissão para comprar o equipamento, além de filiar-se a uma federação. No Rio Grande do Sul, o campeonato é organizado pela Federação Gaúcha de Tiro Prático (FGTP).

Os competidores Carlos Nobre Pozzobon e Jean Jacques, pai e filho, respectivamente, foram os campeões de Santa Maria em 2013. Jean Jacques marcou 1.050 pontos e não foi ultrapassado por nenhum outro adversário nas 20 etapas realizadas em cidades gaúchas e foi declarado campeão estadual da categoria *light* B. No mesmo ano, Carlos Nobre Pozzobon tornou-se campeão gaúcho da categoria *production* sênior.

Em março de 2014, no Campeonato de Tiro Prático em Novo Hamburgo/RS Jean Carlo de Oliveira Jacques, atleta do tiro prático da SOCEPE, conquistou o 1º Lugar – *Light A*; o atleta Carlos Norberto Pozzobon conquistou o 1º Lugar – *Production* Sênior e Giovanni Jacques Millani, o 3º Lugar *Production*.

Procurando oferecer aos seus atiradores as melhores oportunidades de treinamento e habilitação do tiro prático, a SOCEPE trouxe para Santa Maria a dupla de referência na modalidade no Brasil: Roberto e Jaime Saldanha, pai e filho, para ministrar cursos de capacitação nesse esporte. O curso foi ministrado em duas etapas em 2012 e se estendeu a atiradores locais e de outras cidades. Vinte e cinco alunos de Santa Maria, São Luiz, Alegrete, Rosário do Sul, Porto Alegre e Santana do Livramento participaram da qualificação. Os 15 integrantes da SOCEPE eram ranqueados tanto no âmbito nacional como estadual.

Roberto Saldanha, um dos ministrantes do curso, é um multicampeão nacional, sul americano e mundial e comentou sobre a estrutura da sede campestre da SOCEPE: “é um dos melhores locais que conheço para prática do tiro”.

Jaime e Roberto Saldanha são dois atletas do tiro prático na modalidade *International Practical Shooting Corporation* (IPSC), que utiliza arma curta, como revólver e pistola, para esse esporte que exige concentração, sensibilidade e equilíbrio físico e mental. Jaime Saldanha é atualmente considerado o 10º melhor do mundo na sua categoria.

Ginásio de esportes *Fritz Lippold*

Em outubro de 1972, a SOCEPE recebeu do Ministério da Educação e Cultura uma verba de Cr\$ 50.000,00 para iniciar a construção do novo pavilhão de ginástica na sede social em substituição ao antigo “galpão de ginástica” herdado da sua antecessora Sociedade Concórdia. Para tanto, cumprindo os trâmites legais, passou a circular no jornal da cidade o edital de tomada de preço para a construção do pavilhão. A empresa vencedora do edital foi a ENCOPROL, contratada pela SOCEPE pelo valor de Cr\$ 152.865,10 e representada pelo engenheiro Máximo Knackfuss no contrato assinado em novembro de 1972.

O pavilhão construído media 37 metros de comprimento por 23 metros de largura, permitindo a realização de competições de vôlei, futebol de salão, basquete e outros. Servia também para grandes eventos sociais e conferências.

Inauguração da primeira etapa do Ginásio Fritz Lippold em 1974. O Presidente Adão G. Neves discursa por ocasião do descerramento da placa alusiva, na presença do casal Fritz e Elza Lippold e Horst Oscar Lippold. | Fonte: acervo de Horst Oscar Lippold.



A inauguração do novo espaço esportivo, que recebeu o nome de Ginásio de Ginástica Olímpica “Fritz Lippold”, aconteceu no dia 6 de julho de 1974. O nome foi uma homenagem ao antigo sócio da Sociedade Concórdia e do Clube Caça e Pesca, progenitor de três membros dessas entidades, Ronaldo Lippold, Horst Oscar Lippold e Walter Günther Lippold, e incentivador da ginástica olímpica na Sociedade.

Quando o jovem Fritz Lippold veio da Alemanha para o Brasil como imigrante, após chegar ao porto de Paranaguá, no Paraná, viajou para o sul a cavalo e acabou se estabelecendo em Santa Maria, onde conheceu a jovem descendente de imigrantes alemães, Elza Grau, com quem se casou.

Trabalhando como marceneiro, estabeleceu uma oficina na cidade e integrou-se à Sociedade Concórdia como sócio, professor e grande incentivador da ginástica olímpica, atividade à qual já se dedicava na Alemanha.

No ginásio olímpico “Fritz Lippold”, desenvolviam-se todas as atividades esportivas da Sociedade. O espaço, até então, era reduzido e, em 1992, foi colocado em prática um projeto de ampliação de 50% de sua área, durante a presidência de Waldyr Pires da Rosa. A ampliação do ginásio visou facilitar a prática dos diversos esportes, principalmente voleibol e futebol de salão, e proporcionar um local mais amplo para os grandes eventos sociais, como a *Bierfest*.

Na gestão de Horst Oscar Lippold, em maio de 1995, o ginásio estava com a parte de alvenaria completa e se preparava para receber a cobertura. Já estavam prontas as reformas dos banheiros e do assoalho próprio para a prática de esportes de salão, em madeira de ipê (orçado em aproximadamente R\$14.000,00), e a instalação elétrica. Para come-

morar o bom andamento da obra, foi realizado um jantar em julho de 1995, com a participação de associados, diretorias, colaboradores e convidados especiais. O jantar foi o primeiro evento social realizado no novo ginásio “Fritz Lippold”, cuja reinauguração foi marcada para dezembro do mesmo ano, coincidindo com o Baile da Cerveja.



■ Ginásio de Esporte Fritz Lippold na sede social da SOCEPE, cuja primeira etapa foi inaugurada em 1974 e a conclusão foi em 1995. | Fonte: acervo de Eva Coelho.

TAEKWOND

Taekwondo significa “caminho dos pés e das mãos” e é uma arte marcial cuja origem remonta à antiga Coréia há mais de 2000 anos e tornou-se conhecida mundialmente a partir da Segunda Guerra Mundial. As técnicas incluem 70% de golpes de perna e 30% de punho.

Difundiu-se rapidamente pelo mundo como arte marcial de defesa pessoal e chegou ao Brasil na década de 1970, trazida pelo grão-mestre Sang Min Cho, enviado oficialmente pela International Taekwondo Federation. Em 2000, o *taekwondo* foi incluído oficialmente como um esporte olímpico durante as Olimpíadas de Sidney, Austrália³³.

O *taekwondo* tem como objetivo maior o desenvolvimento motor da criança, flexibilidade, equilíbrio e autoestima. Para o jovem, visa desenvolver disciplina, autocontrole e autoestima e, no adulto, busca o trabalho físico para evitar o sedentarismo e é importante para defesa pessoal. Para cada faixa etária, o *taekwondo* é um trabalho diferente, pois precisa ser moldado e equilibrado de acordo com o objetivo pretendido.

A filosofia do *taekwondo* sustenta-se na cortesia, integridade, perseverança, autocontrole, espírito indomável. Os benefícios de sua prática regular para adultos e crianças incluem a disciplina, autoconfiança, coordenação motora, fortalecimento muscular e concentração (Informativo Socepe, 2011). De maneira global, espera-se que, com o tempo, o *taekwondo* transforme a criança/jovem em um adulto com mais autocontrole e capacidade de enfrentar obstáculos na vida.

Na SOCEPE, as atividades dessa modalidade iniciaram com a professora Rosana Ferreira de Vasconcellos, faixa preta (2º DAN), filiada à Federação Gaúcha de Taekwondo, que formou um grupo de aproximadamente 15 atletas faixas pretas (1º Dan) e 5 atletas da categoria infantil. O grupo da SOCEPE é filiado à Federação Gaúcha de Taekwondo, sediada em Porto Alegre desde 2003 e reconhecido pela Confederação Brasileira de Taekwondo (CBTKD). Os atletas foram selecionados ao longo desses anos para representar o Rio Grande do Sul no Campeonato Brasileiro de Taekwondo.

Os exames de faixa preta acontecem em Porto Alegre, com a presença de quatro mestres, e os das faixas coloridas são realizados em Santa Maria. Isso acontece porque o Mestre (com graduação acima do 4º Dan) é o único que pode fazer exames de faixa preta.

A equipe da SOCEPE participou de diversos campeonatos reconhecidos pela Confederação Gaúcha de Taekwondo ao longo dos anos, totalizando 23 campeonatos regionais, 5 copas regionais, 2 campeonatos do MERCOSUL, 2 *Open*, 3 campeonatos internacionais e 3 campeonatos brasileiros.

A equipe se classificou 5 vezes em 1º lugar, 4 em 2º lugar, 8 em 3º lugar e 5 vezes em 4º lugar.

Atletas que conquistaram vagas para o Campeonato Brasileiro de Taekwondo

Vanessa Pereira (2003): 1º lugar na categoria Poomsae

Roger Araújo, Pedro Chaves e Eduardo Athayde (2008): infantil

Roger Araújo e Alexandre Bordin (2009): infantil

Eduardo Athayde (2009): juvenil

Gilberto Zolotorevskw (2009): adulto

Roger Araújo (2010): juvenil

Rosana Ferreira de Vasconcellos e Rejane Fidêncio (2013): *master*

Rosana e Rejane conquistaram o 1º lugar no Campeonato Brasileiro de Taekwondo em Belém do Pará.

Faixa Preta Vanessa Ferreira, primeiro lugar no Brasil Open em Londrina, Paraná em 2003, com a professora Rosana Ferreira de Vasconcellos e o Presidente da SOCEPE na época, Horst Oscar Lippold. | Fonte: acervo de Rosana Ferreira de Vasconcellos.



Os atletas que conquistaram a faixa preta em 2009. | Fonte: acervo de Rosana Ferreira de Vasconcellos.

Durante o ano, os alunos realizam dois exames para troca de faixa colorida com a avaliação do Mestre da federação gaúcha de Taekwondo, Olzemir Antônio

Machado (7º Dan). Em 2012, a SOCEPE realizou o exame de 44 alunos, que foi o maior exame do Rio Grande do Sul em número de alunos de faixas coloridas.

No ano de 2004, realizou-se o I Festival de Taekwondo Interno, somente para atletas da SOCEPE e, até hoje, já foram realizados nove festivais, abertos ao público geral.



■ Os atletas do Taekwondo que participaram do Festival Interno da SOCEPE em 2012. | Fonte: acervo de Rosana Ferreira de Vasconcellos.



■ Atletas da SOCEPE participantes do Festival de Esportes em 2013. | Fonte: acervo de Rosana Ferreira de Vasconcellos.



Professora Rosana Ferreira de Vasconcelos e a primeira turma do Taekwondo iniciada em 1995, com seus troféus. | Fonte: acervo de Rosana Ferreira de Vasconcelos.

A relação das conquistas do Taekwondo da SOCEPE e o número considerável de medalhas e troféus acumulados demonstram, principalmente, a competência,

persistência, garra e amor à prática dessa arte marcial evidenciada pelas suas equipes que se renovam com o tempo, mas que mantêm a identidade que as caracteriza.

No quadro a seguir, constam os resultados dos campeonatos e trocas de faixa dos quais participou a equipe de Taekwondo da SOCEPE, desde sua criação, em 1995, até o ano de 2018.

Ano	Conquista	Campeonato	Local
1996	3º lugar	Torneio Estadual Cidade de Formigueiro	Formigueiro, RS
	4º lugar	IV Campeonato Sul Brasileiro	Santa Cruz do Sul, RS
1997	4º lugar	I Campeonato Sul Brasileiro	Venâncio Aires, RS
	3º lugar	VI Campeonato Sul Brasileiro	Santa Cruz do Sul, RS
1998	1º lugar	II Campeonato Sul Brasileiro	Venâncio Aires, RS
	2º lugar	VIII Campeonato Sul Brasileiro	Santa Cruz do Sul, RS
1999	3º lugar	IX Campeonato Nacional Sul Brasileiro	Santa Cruz do Sul, RS
2000	2º lugar	III Campeonato Sul Brasileiro	Venâncio Aires, RS
	2º lugar por equipe	X Campeonato Nacional	Santa Cruz do Sul, RS
	1º lugar	Copa Regional	São Sepé, RS
2001	1º lugar	I Campeonato Estadual	Santa Maria, RS
	1º lugar	IV Campeonato Sul Brasileiro	Venâncio Aires, RS
	3º lugar	XI Campeonato Nacional	Santa Cruz do Sul, RS
	4º lugar	I Copa Sul Taekwondo de Rio Grande	Rio Grande, RS
2002	3º lugar	II Copa Santa Maria	Santa Maria, RS

2003	1º lugar – Categoria Poomsae: Vanessa Pereira	Brasil Open	Londrina, RS
2004	1 medalha de ouro Categoria Luta: Willian Andrade 2 medalhas de prata Lucas e Matheus 3 medalhas de bronze Categoria Poomsae: Roger e Matheus	Copa Regional	Porto Alegre, RS
2005	2 medalhas de ouro Vanessa Pereira e José Walter	I Open Internacional	Porto Alegre, RS
	9 medalhas de ouro e 3 de prata Lucas e Matheus	Copa MERCOSUL	
	2 medalhas de bronze – Categoria Poomsae e Kiorugui: Roger e Matheus	III Copa União Taekwondo	
2006	4º lugar em luta	Open	Porto Alegre, RS
2007	3º lugar: equipe de Poomsae	III Campeonato de Taekwondo	Caxias do Sul, RS
2008	3 medalhas de ouro 4 medalhas de prata	III Conesul de Taekwondo	Capão da Canoa, RS
	2 medalhas de bronze – Poomsae e Kiorugui 3º lugar por equipe – Poomsae	Troféu 245	Gravataí, RS
2009	1º lugar Poomsae 4º lugar em luta 7 medalhas de ouro, 3 em prata e 1 em bronze – Poomsae e Kiorugui; 7 medalhas de ouro, 3 de prata e 1 de bronze – Poomsae e Kiorugui	I Combate e Luta de Taekwondo	Carazinho, RS
2010	2º lugar em luta	III Copa Santa Maria	Santa Maria, RS
	3º em Poomsae	Campeonato de Gravataí	Santa Maria, RS
2011	3º lugar, 4 medalhas de ouro e 6 medalhas de prata	Copa Gravataí de Taekwondo	Gravataí, RS

2013	6 medalhas de ouro 3 de prata – Poomsae e Kiorugui	Campeonato Guaíba de Taekwondo	Guaíba, RS
2015	Exame de troca de faixa (60 alunos)	Ginásio da SOCEPE	Santa Maria, RS
	Festival de Taekwondo	Ginásio da SOCEPE	
2016	I lugar em Kiorugui: Jean de Lima, Agatha Xisto e Henrique Borba 2º lugar em Kiorugui: Emanuel Vieira e Lenin Nannov	Copa Gravataí	Gravataí, RS
	Exame de troca de faixas (71 alunos)	Ginásio da SOCEPE	Santa Maria, RS
	1º lugar Kiorugui: Henrique Copetti, Jean de Lima, Fernando Pereira, Allan Vaz, Agatha Xisto e Ana Gabriela Dornelles 2º lugar Kiorugui: Emanuel Vieira, Mateus Gonçalves, Lenin Rannov, Rafael Freitas, Artur Silveira e Paulo Moutinho	Campeonato de Canoas – 3º Ranking	Canoas, RS
2017	Exame de troca de faixa (68 alunos)	Ginásio da SOCEPE	Santa Maria, RS
	2º lugar: Rafael Freitas e Emanuel Vieira	Campeonato Estadual	Guaíba, RS
2018	29 de junho	Seminário de técnicas de competição com o Mestre Olzemir Junior – SOCEPE	Santa Maria, RS
	Exame troca de faixa (31 alunos)	SOCEPE	Santa Maria, RS
	Aprovados para Faixa Preta 1º Dan: Jade Bachmann, Luan Rimoli, Jean de Lima, Agatha Xisto e Jonas Albino Aprovado para Faixa Preta 3º Dan: Rafael Freitas	14º Festival Taekwondo SOCEPE	



■ Troféus conquistados pelo Taekwondo da SOCEPE ao longo de sua trajetória. | Fonte: acervo de Rosana Ferreira de Vasconcellos.



■ Atletas do Taekwondo da SOCEPE. | Fonte: acervo de Rosana Ferreira de Vasconcellos.



■ Atletas do Taekwondo da SOCEPE com suas medalhas conquistadas em 2008. | Fonte: acervo de Rosana Ferreira de Vasconcellos.

PIQUE ACADEMIA

A Pique Academia foi criada em 1990, pelos professores de educação física Mário Cesar da Silva Dutra e Maria Medianeira Toaldo Dutra, localizada até hoje no subsolo da sede central da SOCEPE.

Com o aval do Presidente Waldyr Pires da Rosa (1992), o casal trouxe para a sede da SOCEPE seus aparelhos de musculação e, juntos, montaram a Pique Academia MM Atividades Físicas Ltda.

Após o término da gestão do presidente Waldyr Pires da Rosa, ambos permaneceram como professores de ginástica aeróbica e musculação na SOCEPE e como proprietários da Academia Pique. Em 2005, estabeleceram uma filial na Rua dos Andradas, iniciando a expansão da empresa, buscando sempre a qualificação profissional para melhor atender às necessidades da demanda.

A academia está constantemente procurando expandir suas ofertas de produtos que incluem a ginástica aero-local, musculação, treinamento funcional, Muay Thai, Jump Circuit, trabalho com Personal Trainer, avaliação física, ginástica para melhor idade, dança de salão, capoeira e zumba.

Todas as modalidades são abertas aos sócios e não sócios da SOCEPE.



■ Aulas realizadas na Pique Academia na SOCEPE. | Fonte: Pique Academia (2019).



■ Aulas realizadas na Pique Academia na SOCEPE. | Fonte: Pique Academia (2019).

Outras atividades culturais desenvolvidas na SOCEPE

24º GRUPO DE ESCOTEIROS DA SOCEPE

O 24º Grupo de Escoteiro da SOCEPE foi fundado em 05 de julho de 1970 e teve origem no Grupo de Escoteiro Pindorama, vinculado ao Colégio Santa Maria. O funcionário da secretaria da SOCEPE, Jairo de Oliveira, relatou que aconteceu uma cisão no Grupo de Escoteiros Pindorama e que três dos componentes, Luís Carlos Rocha (o Rocha), Geraldino Barbosa de Oliveira e Maria Júlia Rosário de Oliveira, resolveram deixar o grupo. Em seguida, Luís Carlos Rocha foi convidado pela direção da SOCEPE para fundar um grupo de escoteiros na entidade.

Na sua entrevista, Jairo de Oliveira conta que, naquele mesmo ano, juntamente com seus pais, Geraldino e Maria Júlia, passou a fazer parte do novo grupo de Escoteiros da SOCEPE, que tinha sede provisória em uma das salas da sede social.

Conforme explica Jair de Oliveira, “o escoteiro tem várias etapas para serem concluídas até fazer a promessa. O grupo de escoteiro tem que ser registrado também, não é somente um mero agrupamento. Temos os princípios, as organizações e regras, tudo de acordo com o Movimento Escoteiro do Brasil”.

Como todo o grupo de escoteiros, o 24º Grupo, a partir de sua fundação, teve como ideário o Movimento Escoteiro Mundial, criado em 1907, por Lorde Robert S. S. Baden-Pawell, de cunho educacional, voluntário, apartidário, sem fins lucrativos, objetivando o desenvolvimento do jovem e priorizando a honra, o trabalho em equipe e a vida ao ar livre, além da valorização da fraternidade, lealdade, respeito e disciplina³⁴.

Conforme Jairo de Oliveira, a organização estabelece os distritos de escoteiros, como o distrito de escoteiros de Santa Maria, que reúne

todos os grupos da cidade; a região escoteira, que reúne todos os grupos do Rio Grande do Sul e, por fim, a União dos Escoteiros do Brasil, reunindo todas as regiões do país. Para que o grupo de escoteiros da SOCEPE fosse registrado, deveria cumprir todas as etapas necessárias até a promessa. Todos os escoteiros que ingressaram no novo agrupamento, como Jairo de Oliveira, eram “promessados” como lobinhos. Portanto, já haviam atravessado todas as etapas para fazer a promessa, e o 24º Grupo pôde solicitar seu registro na União dos Escoteiros do Brasil em 1970.

O entrevistado ainda relata que a história de sua família sempre foi muito relacionada ao movimento do escotismo em Santa Maria e ele entrou para o Grupo de Escoteiros Pindorama no Colégio Santa Maria em 1968. Em 1970, seu pai ingressou como artesão no grupo, e sua mãe foi a primeira chefe dos lobinhos (ou Akelá dos lobinhos) do 24º Grupo de Escoteiros, depois de participar de todos os cursos necessários.

O 24º Grupo de Escoteiros realizou seu primeiro acampamento em 1970, durante um programa em prol da expansão do escotismo no Rio Grande do Sul, o “Expansão 70”. O Acampamento realizou-se na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, com a participação de escoteiros de todo o estado, além de participantes da Argentina e do Uruguai. Apesar de recém-criado, o 24º Grupo recebeu distinção com a conquista de uma “Eficiência em Arrumação”, realizada pelos lobinhos durante as inspeções no campo para averiguar a arrumação das barracas, roupas, comidas e panelas.

Para que o grupo pudesse exercitar a vida ao ar livre, em contato com a natureza e desenvolver suas práticas de trabalho em equipe, em maio de 1972, o Departamento de Escotismo providenciou a construção de uma casa na Sede Campestre. A SOCEPE cedeu madeiramento e uma área em terreno alto, no “Belvedere”, para construção da casa, o restante das despesas ficou a cargo do Departamento de Escoteiros. Enquanto era construída a casa, o grupo reunia-se no pátio do pavilhão de ginástica na sede central, onde desenvolviam suas atividades de reuniões, hasteamento da bandeira e fogo do conselho.

A nova casa do escoteiro na sede campestre proporcionava o pátio para fogo de conselho, hasteamento das bandeiras e reuniões para promessas dos escotistas.



■ O Grupo de escoteiros e lobinhos na comemoração dos 20 anos do 24º Grupo de Escoteiros em frente à antiga sede do Grupo no pavilhão de ginástica da SOCEPE, na rua Venâncio Aires. | Fonte: acervo da SOCEPE.

Tradicionalmente, o movimento escotista realiza o *jamboree*, acampamentos internacionais de escoteiros que se realizam periodicamente. O maior desses movimentos é o *Jamboree* Mundial. Há ainda *Jamborees* Regionais, como o Pan-americano e o Europeu, e nacionais (também chamados de Acampamentos Nacionais). No ano de 1971, aconteceu o *Jamboree* no Japão e, como o grupo não poderia comparecer ao evento, prepararam o “*minijamboree*” na cidade de Cruz Alta.

Cada grupo do Rio Grande do Sul deveria representar um país e apresentar sua cultura, incluindo trajés típicos, culinária, danças, localização e demais dados culturais. O grupo da SOCEPE apresentou a Tunísia e, conforme

a avaliação de Jairo de Oliveira, foi uma experiência inesquecível para todos os escoteiros que participaram.

O 24º Grupo de Escoteiros possui os quatro ramos da hierarquia dos escoteiros, que são os lobinhos e as lobinhas (de 6 e meio a 10 anos), os escoteiros (de 11 a 14 anos), *os seniores* (de 15 a 17 anos) e os pioneiros (de 18 a 21 anos). Este último ramo, uma verdadeira raridade em âmbito nacional, “pois poucas pessoas na sociedade brasileira se dedicam quando adultos a ajudar o próximo e a comunidade, que é o objetivo final da atividade”, explica Jairo Oliveira.

Em 1988, o grupo da SOCEPE implantou de forma pioneira em Santa Maria o escotismo feminino, para atender aos pré-requisitos



■ Fogo de Conselho “Cadeia da Fraternidade”, realizado em 06 de novembro 2006 pelo 24º Grupo de Escoteiros, da SOCEPE, como despedida da sede antiga, antes de ocupar a nova sede. | Fonte: acervo da SOCEPE.

do Documento III expedido pela União dos Escoteiros do Brasil (em Brasília). O grupo iniciou com 8 lobinhas e, no segundo semestre de 1989, inaugurou o grupo das escoteiras. Em agosto de 1990, foi criada a tropa guia, com meninas de 15 a 17 anos.

Com a devida permissão da diretoria executiva da SOCEPE, uma nova casa construída pelos próprios escotistas, foi inaugurada na sede campestre, o que era um antigo sonho dos escoteiros. A nova casa de alvenaria, mais ampla, com dependências necessárias

para reuniões, cozinha, banheiros masculinos e femininos, salas de chefia e das patrulhas, pátio para fogo de conselho, hasteamento e promessas.

A pedra inaugural da nova casa na sede foi lançada em junho de 2001. Em 06 de novembro de 2006, o 24º Grupo de Escoteiros organizou uma cerimônia que iniciou à noite com o “Fogo de Conselho”, em frente à antiga casa no belvedere. Durante a cerimônia, os escoteiros relataram histórias que marcaram suas atividades na antiga sede e entoaram canções de despedida.

A nova sede do 24º Grupo de escoteiros erguida na sede campestre da SOCEPE na noite de sua inauguração em 06 de novembro de 2006. | Foto: acervo da SOCEPE.



A nova sede ocupa uma área de 11m x 18m e conta com um salão, uma cozinha, dois banheiros e um depósito. A festa de entrega foi organizada pelo próprio grupo e contou com a presença do então Presidente do Grupo de Escoteiros, Helmut Staggemeier, do conselheiro Victor Rocha, do casal Gonçalino e Salete da Silva e o então Presidente da SOCEPE, Horst Oscar Lippold.

Na ocasião, Helmuth Staggemeier agradeceu pela nova casa e convidou a todos para conhecê-la. O evento encerrou-se com um jantar preparado pelo Grupo

Escoteiro. A cerimônia e o jantar contaram com a presença de ex-escoteiros, ex-chefes, associados e diretoria da SOCEPE.

Momentos de conquistas marcaram a história do Grupo de Escoteiros da SOCEPE em 1992. Em maio daquele ano, as escoteiras Gisele Hoër Chagas e Verônica Pereira Coitinho foram condecoradas pela União dos Escoteiros do Brasil – com sede em Brasília – com título nacional de escoteiras “Lis de Ouro”. As duas foram as primeiras escoteiras do interior do estado a conquistar o título.

Ainda em 1992, o escotista Adriano Severo Figueiró foi iniciado na “Reunião do primeiro Grupo de Giwall”, recebendo insígnia de madeira vinda de Genebra, na Suíça. Eduardo Stoeber, Adriano Severo Figueiró e Fernando Antonio Valença Floresta são os únicos escotistas da SOCEPE detentores da Insígnia da Madeira.

A Insígnia da Madeira é entregue a um chefe quando este completa o curso avançado. Trata-se de um colar com duas contas de madeira, réplica dos que foram entregues por Baden Pawell aos formandos do primeiro curso, em 1919.



■ Distintivo Lis de Ouro como a concedida em 1992 às escoteiras Gisele Chagas e Verônica Pereira Coutinho do Grupo de Escoteiros da SOCEPE. | Disponível em: <http://www.escoteiros.org.br>. Acesso em: 4 nov. 2013.



■ Insígnia de Madeira como a que foi conferida ao escoteiro Adriano Severo Figueiró do Grupo da SOCEPE em 1992. | Disponível em: <http://www.escoteiros.org.br>. Acesso em: 4 nov. 2013.

Ajuri é uma importante atividade dos escoteiros no âmbito nacional, regional e local. O termo, de origem tupi, significa mutirão. Para o movimento escotista no Brasil, o termo Ajuri designa as atividades escoteiras caracterizadas pelas concentrações de Tropas/Patrolhas/Grupos distritais, regionais ou nacionais. Essas concentrações têm a finalidade de confraternizar em qualquer data ou fato, e o termo tem sido usado ainda como forma de competição entre os grupos (modalidade do Mar) e Ajuri Nacional dos Escoteiros do Ar (Escoteiros da modalidade do Ar).

As atividades de integração entre os grupos podem ser distinguidas como distritais, regionais, nacionais e internacionais, nas quais são desenvolvidas atividades específicas, como a Aventura Sênior e o Mutirão Pioneiro. No âmbito nacional, o grupo da SOCEPE esteve presente no Ajuri Nacional, no Parque Nacional Osório em Tramandaí, em 1990; no Jamboree Farroupilha; no Acampamento de Caxias do Sul, no 2º ESCO-BANDE; no Acampamento de Escoteiros e Bandeirantes, em 2006, e no Jamboree Nacional, em 2012, no Rio de Janeiro. Os lobinhos participaram da Rota da Paz em Tramandaí, RS, em 2012.

Recentemente, o Grupo de Escoteiros SOCEPE esteve presente em grandes eventos estaduais e nacionais. Conforme a jornalista e escotista, Carmem Staggemeier Xavier, o grupo destacou-se na Aventura Nacional Sênior (No Espírito Santo, em julho de 2016), em Jambolão (em Feliz, RS, em janeiro de 2017), na Aventura Regional Escoteira (em Viamão, RS, em 2016 e 2018), no Jamboree Nacional (em Barretos, SP, em julho de 2018), no Acampamento Regional de Lobinhos (em Lajeado, RS, em outubro de 2015 e em Novo Hamburgo, RS, em novembro de 2017).

Internacionalmente, participaram do Rover Moot, no Chile e no Peru, do Jamboree Pan Americano, na Bolívia e do Jamboree na Guatemala.

Segundo Helmut Staggemeier, o grupo realiza atividades voluntárias de âmbito social e comunitário, como o Projeto Galha Azul, que consiste no plantio de árvores nativas, ajudando na renovação e recuperação do meio ambiente. O grupo participa também da Campanha da Cartinha de Natal dos Correios, quando os escoteiros vão até os Correios e escolhem as cartas das crianças, voltam com o pedido para casa a fim de providenciarem os brinquedos. Na época do Natal, fazem a entrega dos presentes às crianças.

Todo o ano, participam das campanhas do agasalho. Também organizam a Festa da Páscoa, em que os escotistas escolhem uma entidade carente, preparam os ninhos com doces e entregam às crianças em meio a atividades recreativas. A cada ano, na época da Feira do Livro de Santa Maria, os escotistas preparam gincanas de arrecadação de livros e doam a uma escola carente. Em 2013, por exemplo, a Escola Municipal Alfredo Lenhart, em Itaara, foi a escola que recebeu as doações. Além dessas atividades, o 24º Grupo participa das atividades cívicas de Santa Maria na Semana da Pátria e na Semana do Município.

Faz parte do projeto anual das lideranças do Grupo Escoteiros da SOCEPE levar os participantes em uma viagem cultural e de formação durante um fim de semana. O Presidente do 24º Grupo em 2013, o senhor Helmuth Staggemeier, relata que já fez várias viagens desse tipo pelo Rio Grande do Sul, visitando São José do Norte, Porto Alegre, as Ruínas de São Miguel, Santa Cruz do Sul e a Quinta da Estância de Viamão.

Em cada cidade ou local visitado, eles desenvolvem um extenso programa de contato com a cultura ou com a natureza local. As visitas, brincadeiras e tarefas realizadas nessas ocasiões envolvem os escoteiros, os chefes e os pais, que sempre acompanham as excursões.

O casal Lígia e Helmuth Staggemeier destacam que essa atividade anual visa à integração com os membros do Grupo e envolvimento dos pais para que vivenciem e apoiem as atividades de seus filhos. Para preparar a logística da viagem, os organizadores entram em contato com um grupo de escoteiros do local a ser visitado para conseguir um local para o pernoite, diminuindo assim as despesas.

Para custear parte da passagem de ônibus, as patrulhas organizam-se em campanhas que ajudam também a preservar o meio ambiente. A pequena Erika Staggemeier Xavier esclarece como foi a participação de sua patrulha na preparação da viagem para Viamão, em novembro de 2013:

Na viagem à Quinta da Estância em Viamão, em 16 de novembro, para diminuir o custo da passagem de ônibus, o grupo fez rifas, campanha da latinha cuja coleta foi vendida para reciclagem, o que representa uma forma de preservar o meio ambiente. Na viagem tivemos aula de biologia sobre répteis. Fizemos um circuito de arborismo e uma trilha dentro d'água,

de pés descalços, num percurso de três quilômetros. E ainda nos divertimos no futbarro (na lama) e, após, no banho de água fria. Experimentamos ainda a corrida do carrinho de lomba.

Conforme Ligia Staggemeier, o grupo da SOCEPE organiza também o Jangadão, na sede campestre. Eles fabricam as jangadas com materiais recicláveis, colocam uma patrulha inteira sobre a jangada e percorrem um trajeto pelo lago. Cada patrulha ou grupo percorre o trecho com obstáculos e, no final, existe um troféu. Às vezes, a jangada afunda, mas sempre há o acompanhamento de bombeiros nessas ocasiões. Para os pequenos, são organizadas várias brincadeiras, como boliche humano com garrafas pets cheias d'água colocadas ao final de um escorregador criado com uma lona ensaboada no declive do terreno.

As próximas fotos ilustram alguns momentos memoráveis do 24º Grupo de Escoteiros da SOCEPE.



- Encontro de ex-integrantes do 24º Grupo de Escoteiros de vários anos, em frente à Casa do Escoteiro na sede campestre da SOCEPE em 2017. Sentados: Helmut Staggmeier;(?); Chefe Américo; Eduardo Stoeber; Thales Kessler; Fernando Antonio Valença Floresta; Jairo Oliveira; Júlio Segala; Em pé: Sonia Saldanha; Ursula; (?); (?); Leandro Streher (de casaco preto e cinza); Henrique Fuelber; Fernanda Sansone; Alexandre Chaves Lopes, Carmem Staggmeier Xavier; Maria Gorete; Ervin H. R. Filho, Elisabete, Alice Souza Pinto (primeira escoteira do Grupo), Rafael Sillognay. | Fonte: acervo de Helmut Staggmeier.



■ Grupo de escoteiros, lobinhos, guias, seniores, pioneiros, ex-presidentes, diretores e a Akelá dos lobinhos, reunidos em frente à casa dos escoteiros na sede da SOCEPE em 15 de dezembro de 2018, dia do encerramento das atividades de 2018. | Fonte: acervo de Helmut Staggmeier.



■ Componentes do 24º Grupo de Escoteiros da SOCEPE em visita ao Jardim das Esculturas em Júlio de Castilhos, 2018. | Fonte: acervo de Helmut Staggmeier.



■ Cerimônia do Fogo de Conselho de fevereiro de 2018. Esta cerimônia sempre ocorre quando há acampamento do grupo. Depois dela são realizados jogos noturnos do qual participam apenas escoteiros e seniores. | Fonte: acervo de Helmut Staggmeier.

CAMPING DA SOCEPE

A ideia de aproveitar ao máximo o sossego, o verde e o ar puro da sede campestre da SOCEPE teria surgido entre os sócios e a diretoria ainda no final da década de 1960 e evoluiu até dar origem ao *camping*. Horst Oscar Lippold conta que o primeiro sócio a se aventurar a acampar na sede campestre foi Frantz Brucker, que instalou sua barraca de fabricação própria à sombra dos *Pinnus elliottii*, árvores exóticas plantadas por volta de 1970, onde posteriormente surgiu a área de *camping*.

O regulamento do *camping* foi aprovado em reunião da diretoria executiva em 29 de janeiro de 1974, durante a presidência de Adão Neves. O regulamento estabelecia, entre outras determinações, a existência do cargo de diretor do *camping*. Entre seus afazeres, constam encaminhar à diretoria as reivindicações pelo melhoramento da área, indicadas pelos usuários do acampamento. Em 1976, durante a presidência de João Nae-gelen Scherer, a diretoria executiva aprovou as normas para o Camping:

Art.1º - o uso do Camping da SOCEPE, área dos lotes, área de lazer, duchas, sanitários e tanques destinam-se exclusivamente aos associados, dependentes e visitantes;

Art.2º - O uso das dependências do camping (área dos lotes, área de lazer, duchas, sanitários e tanques) destinam-se aos associados, dependentes e visitantes que queiram acampar;

Art.3º - A reserva somente poderá ser feita por um associado ou sua esposa;

Art. 4º - No momento da reserva o responsável deverá indicar o tempo de permanência no lote escolhido e efetivar o pagamento da taxa correspondente;

Art. 5º - A reserva somente deverá ser efetivada até por 30 dias consecutivos. (...)

De 1976 até pelo menos 1988, o *camping* restringia-se à área de ilha. Depois foi transferido para um espaço mais para o interior, em meio às árvores nativas. O *camping* é conhecido por ser um espaço de alegre convívio entre as famílias de sócios e amigos. Diversas atividades são programadas para incentivar a socialização entre crianças, jovens e adultos, como campeonatos de pesca do lambari com caniço, campeonatos de pingue-pongue e de voleibol, bailes e bailinhos. As vagas na área dos acampamentos (lotes) sempre são muito disputadas e, há alguns anos, a cada início de temporada, filas eram formadas na porta da secretaria da sede em Santa Maria para reservas de lotes.

A criação do Departamento de Camping foi sugestão de um grupo de associados campistas em 1993 e foi aprovada pela presidência da SOCEPE. O Departamento de Camping tem como objetivo principal evitar transtornos na organização e distribuição das vagas do acampamento.

Atualmente, o *camping* pode ser considerado um dos mais confortáveis da região de Itaara, oferecendo infraestrutura completa com água, luz, banheiros com

chuveiros quentes, áreas com pias para lavar louça e tanques. A SOCEPE tem se preocupado sempre em manter as necessidades dos campistas em dia e a infraestrutura atualizada.

As famílias adeptas do *camping* costumam montar suas barracas com todo o indispensável para passar dias sem preocupações a não ser aproveitar ao máximo as opções de lazer oferecidas pelo balneário.



■ Estrutura coberta com churrasqueiras, pias e mesas, próxima ao *camping*.
| Fonte: acervo de Eva Coelho.

Área do Camping com estruturas metálicas para as barracas. | Fonte: acervo de Eva Coelho.



O “continente” visto da “Ilha”. | Fonte: acervo de Eva Coelho.

A BOCHA DA SOCEPE

Em agosto de 1969, um grupo de praticantes de bocha da SOCEPE foi até a diretoria executiva da sociedade para relatar a necessidade de um lugar com estrutura adequada à prática do seu esporte favorito. Assim, formou-se uma comissão para a elaboração do projeto da cancha de bocha da sede campestre. No mês seguinte, um grupo com a anuência da Diretoria iniciou a construção de uma cancha de bochas na “ilha”, no local onde hoje se localiza o Recanto das Crianças. Segundo Raneli Rossato, sócio praticante da bocha, a cancha de terra foi posteriormente coberta por telhas de amianto, fazendo com os jogos pudessem ser realizados em dias de chuva.

De acordo com o senhor Raneli, o local permaneceu sem muito uso, inclusive pelos praticantes mais assíduos, até a década de 1980. Por iniciativa do diretor de esporte da SOCEPE, Carlinho Rizzatti, a cancha foi transferida para outro local próximo ao *stand* de tiro. O novo salão, com três canchas modernas medindo 24m x 4m e com cobertura de asfalto pintado, era coberto com telha francesa. Segundo Carlinho Rizzatti, a iniciativa foi direcionada a atrair os sócios moradores de Itaara praticantes do esporte.

Por muitos anos, o salão de bocha foi muito procurado, principalmente aos domingos, pelos associados que buscavam um local para recreação e prática do esporte. Dessa forma, o salão logo precisou ser reformado. Para isso, a melhor solução foi a transferência da cancha para o chamado Recanto do Bosque (à direita da entrada principal da sede campestre), em um galpão de construção mista, em madeira e alvenaria. No início dos anos 1990, esse galpão já estava deteriorado, necessitando de modernização e manutenção. Em 1995, a direção da SOCEPE anunciou a mudança da cobertura, construção de mais uma cancha, vestiário e banheiros. Na época, a reforma e sua validade foram muito discutidas por outras diretorias, que questionavam a necessidade dos gastos previstos, tendo em vista que as canchas de bochas eram utilizadas por um pequeno número de associados e que, naquele momento, a prioridade, entre outras, seria renovar a copa na sede campestre, utilizada pela totalidade dos sócios.



■ Jogo de bocha no novo salão, inaugurado em 1997. | Fonte: acervo da SOCEPE.



■ Novo pavilhão de bocha da SOCEPE, inaugurado em 1997. Encontra-se na entrada da sede campestre, no chamado Recando do Bosque. | Fonte: acervo de Eva Coelho.

Mesmo assim, o novo pavilhão de bochas foi inaugurado em 1997, com uma solenidade simples, com a presença de autoridades de Itaara, diretoria da SOCEPE, convidados especiais

e as equipes dos balneários Lermen, Parque Serrano, CTG Quêrência do Pinhal e SOCEPE. O espaço possuía três canchas sintéticas e mais uma ampla área de festa.



■ Uma das canchas de bocha que receberam nova pintura em junho de 2019. | Fonte: acervo de Eva Coelho.

Em outubro de 2017, com as instalações já deterioradas, houve a interdição do pavilhão principal por cerca de quatro meses e até mesmo uma discussão sobre a possibilidade da demolição do salão para construção de um novo pavilhão.

Finalmente, a direção optou pela reforma geral interna do salão de bocha, que foi entregue aos sócios com três canchas reformadas, salão de festas, adaptações para cadeirantes e pintura externa. Uma das três canchas foi adaptada para portadores de necessidades especiais, com instalação no piso de um carpete próprio e marcações das raias do jogo, um pouco diferente das exigidas para a prática comum.

As reformas e adaptações foram muito bem aceitas pelos sócios praticantes, que entendem que a atividade desgasta a estrutura e necessita de uma manutenção constante.

Segundo Reinelí Rossato, que ainda pratica a bocha com seu grupo de amigos, a cancha é muito utilizada de maneira recreativa por grupos de amigos, que se reúnem nos fins de semana para jogar, tomar umas cervejas, conversar e dar boas risadas.



■ A cancha central revestida com carpete, adaptada para atletas cadeirantes em 2019 | Fonte: acervo de Eva Coelho.

O histórico jogo de bocha no Brasil

Conforme Oliveira (2017), as origens do jogo de bocha remontam aos tempos da Grécia Antiga. Os italianos popularizaram a cultura desse jogo nos vários continentes para os quais migraram, tendo chegado ao sul do Brasil no século XIX, onde o jogo se popularizou, fazendo hoje parte da cultura local.

A característica principal do esporte é proporcionar a convivência pacífica entre os grupos, estimulando amizades e redução das desigualdades sociais. A bocha é considerada um esporte que exige habilidades, entusiasmo e paciência de seus atletas, “além de compreensão e conhecimentos específicos, de táticas, estratégias, técnicas, ética e, acima de tudo, respeito pelos companheiros e adversários” (Oliveira, 2017, p. 40).

A partida de bocha exige terrenos planos (as canchas), a presença de arbitragem, que é quem organiza o jogo, e o uso das regras oficiais pelos jogadores, que devem usar uniforme de sua equipe com registro de sua federação.

As canchas, que oficialmente devem ter a extensão 26,5 m de comprimento por 4 m de largura, evoluíram desde as canchas de grama, areia, saibro, asfalto e, atualmente, as forradas de carpete. No Brasil, em 1995, a Confederação Brasileira de Bocha e Bolão determinou que o piso da cancha para competição deveria ser de asfalto (sinteco), o que provocou maior lentidão das partidas devido à demora das bochas em rolar no sinteco. Em 2009, as Confederações determinaram que os pisos fossem de carpete, o que tornou a rolagem das bochas mais rápida. Dessa forma, o Brasil igualou-se aos outros países em relação às regras do jogo. Essa paridade contribuiu para que o jogo fosse considerado um esporte olímpico que passará a fazer parte das Olimpíadas a partir de 2024.

As mudanças na SOCEPE, de 2017 a 2018, incluíram o salão remodelado e três canchas em medidas oficiais, para atender às necessidades das regras sul americana e mundial de bocha, que exigem carpete, e, ao mesmo tempo, para se agregar a um trabalho pioneiro na Região Sul e no Brasil em prol da Bocha em Cadeira de Rodas.



■ Salão de festas
junto à cancha de
bocha em 2019.
| Fonte: acervo de
Eva Coelho.

Criada há pouco mais de três anos, a Bocha em Cadeira de Rodas visa proporcionar a inclusão da pessoa com deficiência em um esporte que agrega a todos por não exigir uma condição física específica. Com o apoio da Federa-

ção Gaúcha de Bocha e Confederação Brasileira de Bocha e Bolão (CBBB), a Bocha em Cadeiras de Rodas (BCR) já está incluída no circuito estadual de competições, com etapas em diversas cidades do estado.

Bocha para cadeirantes na SOCEPE

Claudia Ravazi de Castro foi a primeira mulher a praticar a bocha em cadeira de rodas no estado do Rio Grande do Sul e carregou a bandeira da SOCEPE no campeonato estadual de Bocha em Cadeira de Rodas com boas conquistas e se esforça para divulgar a prática da bocha na SOCEPE.

Claudia diz que

“buscava um esporte que ajudasse na manutenção do condicionamento físico e a bocha surgiu como uma boa opção. Fui gostando cada vez mais. Iniciei jogando pelo Cruzeiro, mas assim que foi sinalizada a reforma da cancha da SOCEPE eu passei a defender as cores do clube que considero minha segunda casa. Santa Maria tem uma tradição muito grande na bocha e quero muito que a SOCEPE volte a ter o salão da bocha ocupado pelos associados. Quando estou treinando, os associados vêm conversar, animados em ver o salão aberto, em poder jogar. Essa é a intenção, afinal a bocha é o esporte que faz amigos”.

Claudia Ravazi de Castro, atleta cadeirante de bocha da SOCEPE com suas medalhas e troféus conquistados. | Fonte: acervo de Claudia Ravazi de Castro.



Grupo de dança folclórica Alemã Lustige Tänzer

O Grupo de Dança Folclórica Alemã Lustige Tänzer foi criado no Clube Esportivo de Santa Maria em 1990 e, em 2003, um grupo de seis ou sete pessoas foi para a SOCEPE, onde conseguiu um espaço para seus ensaios, com apoio do então presidente, Horst Oscar Lippold. O grupo havia se desligado do

clube de origem e hoje sua sede é a SOCEPE.

Criado com “o objetivo de manter viva a tradição e a cultura alemã, divulgando e despertando as raízes étnicas”, o grupo hoje conta com 60 pessoas, entre dançarinos e colaboradores, conforme Guilherme Soares Kirchhof, coordenador e componente do Lustige Tänzer.



■ Grupo de Danças Lustige Tänzer na ocasião da apresentação durante a *Bierfest* de 2011, na SOCEPE, em Santa Maria. | Fonte: GDFA Lustige Tänzer (2018).



■ Participantes do Grupo de Danças Lustige Tänzer durante o Encontro de Grupos de Danças folclóricas alemãs em Harmonia RS, no ano de 2014. | Fonte: GDFA Lustige Tänzer (2018).

■ Participação do Grupo de Danças Lustige Tänzer Oktoberfest de Blumenau/SC em outubro de 2018. | Fonte: GDFA Lustige Tänzer (2018).



Os dançarinos dividem-se nas categorias adulto, juvenil, infantil e mirim. Atualmente, a coordenação geral está a cargo de Guilherme Soares Kirchhof, a coordenação das danças de adultos é de Lucas Küster, a coordenação de danças mirim é de Ana Paula Dumke Küster e a coordenação de danças juvenil e infantil é de Aline Weber. Os ensaios ocorrem semanalmente, divididos em categorias, às quartas-feiras ensaia o grupo infantojuvenil e, aos domingos, o grupo mirim e o adulto. O candidato a dançarino não necessita ser sócio da SOCEPE e as inscrições para novos membros estão abertas o ano inteiro.

As apresentações do Lustige Tänzler acontecem em encontros de grupos de danças folclóricas, na *Bierfest* da SOCEPE e em jantares alemães. Sempre aplaudido com entusiasmo, o grupo enriquece os eventos dos quais participa, como os Encontros de Grupos Folclóricos, a Oktoberfest de Santa Cruz do Sul, Agudo, Três Passos, Arroio do Meio, Harmonia, Dois Irmãos e Ijuí. Em 2018, apresentou-se na Oktoberfest de Blumenau, SC.

As apresentações do grupo geralmente ocorrem mensalmente e, para o ano de 2019, receberam convite para se apresentarem em Restinga Seca, Nova Petrópolis e em Blumenau.



■ Estreia do novo traje típico bávaro do Grupo de Danças Lustige Tänzler, na Sociedade Concórdia de Boca do Monte, em Santa Maria, em 6 de maio de 2017. | Fonte: GDFA Lustige Tänzler (2018).



■ Grupo de Danças Folclóricas em ensaio no Ginásio de Esportes Fritz Lippold na SOCEPE, em 2015. Com Rubimar Marques Cardoso, Nathália Gündel Schütz, Eduardo Gündel, Daniele Liscano Toescher, Leticia Bordin Toescher, Aline Weber, Daniel Vargas, Guilherme Kirchhof, Marcia Kirchhof, Igor Mello Willeke, Maicon Scherer, Claudia Brito, Carine Gündel e Rossano Schütz. | Fonte: GDFA Lustige Tänzer (2018).

Os grupos de dança de origem alemã no Rio Grande do Sul são filiados à Associação Cultural Gramado de Danças Alemãs, que funciona na Casa da Juventude, em Gramado, onde todos os grupos oficiais filiados se reúnem. Segundo Guilherme Kirchhof, são cerca de 280 grupos de quase todos os estados brasileiros, mais Paraguai, Argentina e Bolívia.

As coreografias das danças são disponibilizadas pela Casa Cultural Alemã de Gramado.

O Lustige Tänzer desenvolve oficinas de danças com cerca de 30 crianças no Clube Concórdia de Boca do Monte (Distrito de Santa Maria), além de estimular a dança alemã em um grupo de mais de 20 crianças e um grupo de adultos no centro de Santa Maria.

O aprendizado da língua germânica faz parte do ensino da dança para os pequenos desde os três anos de idade, pois é de consenso dos coordenadores de dança que essa atividade, agregada ao conhecimento da língua, da história e cultura da região de origem das músicas germânicas, desenvolve o gosto musical e o respeito às diferenças culturais.

Acreditando que a dança é capaz de desenvolver a coordenação motora da criança e do jovem,

o grupo de danças procura incentivar também o convívio sadio entre os participantes, criando vínculos de amizade e responsabilidades entre seus membros.

Alguns pais e colaboradores do grupo acompanham os dançarinos em suas viagens para participar de eventos e nas apresentações, apoiando na organização³⁵ e logística.

³⁵ SOCEPE. Publicação da Sociedade Concórdia Caça e Pesca. Outubro 2015.



■ Categorias Mirim, Infantil, Juvenil e Adulto em apresentação na Sociedade Concórdia de Boa do Monte/RS em 6 de maio de 2017. | Fonte: GDEFA Lustige Tänzer (2018).



■ O Grupo SOCEPE Ativa em visita à sede campestre, comemorando o encerramento das atividades de 2018. Da esquerda para a direita: Regina, Mírian Palma, Nahyr, Maria Dalla Porta, Maria Otilde, Mary, Salete Ramos, Ester, Marta, Leda, Marly, Eulógia, Norma, Eloir e Prof^{ta} Maria. | Fonte: acervo de Maria Conceição Xavier.

O grupo SOCEPE Ativa

O grupo SOCEPE Ativa tem como objetivo socializar práticas que visem à melhor qualidade de vida por meio da prática de exercícios físicos e do convívio social em um ambiente amigável e está aberto a sócios e não sócios. O SOCEPE Ativa surgiu em 5 de maio de 2005 e atualmente conta com cerca de 25 senhoras com idade a partir de 50 anos, que se reúnem duas vezes por semana na sede social da SOCEPE. O grupo é coordenado pela profes-

sora de educação física Maria da Conceição Xavier e se reúne para um bate-papo descontraído, troca de ideias e exercícios físicos.

Além da ginástica no salão de festa da sociedade, o grupo desenvolve atividades esportivas e sociais, como passeios, viagens, encontros com outros grupos, almoços e chás que estimulam o convívio, o desenvolvimento da autoestima associado ao lazer e consolidando laços de amizade.

O grupo é focado nos princípios de solidariedade, amizade e respeito mútuo, participando de atividades como campanhas de donativos, chás beneficentes e na escolha de suas rainhas e princesas.

É consenso entre as participantes que a socialização e as atividades físicas regulares proporcionam uma melhor qualidade de vida e a prevenção de doenças.



■ Passeio ao Jardim Botânico da UFSM em 2018. Da esquerda para direita: Mary, Alvaniza, Salete Silva, Saete Ramos, Gley, Marly, Eloyr, Silvia Palma, Leda, Norma, Nilza Ravazi, Vania Saccol (*in memorian*) e Mírian Palma. Sentada: Prof^ª Maria. | Fonte: acervo de Maria da Conceição Xavier.



■ O chá do reencontro em 2019. Da esquerda para direita: Nahyr, Eloir, Mírian Palma, Leda, Marly, Norma, Mary, Alice, Saete Ramos, Vânia Saccol (*in memorian*), Alvanize, Gley, Eulógia, Vera. Sentadas: Maria, Annellies, Saete Silva, Maria Dalla Porta. | Fonte: acervo de Maria da Conceição Xavier.



Retorno das atividades em 2019. Da esquerda para direita: Matilde, Ione, Regina, Nahyr, Salete Ramos, Glecy, Leda, Marly, Norma, Maria Otilde, Wilma, Mírian Palma, Mary e Prof^{ta} Maria. | Fonte: acervo Maria da Conceição Xavier.



Equipe de organização do chá SOCEPE Solidária, durante o Chá da Primavera de 2009. | Fonte: acervo da SOCEPE.



■ Grupo SOCEPE ativa no Chá Solidário em 2011. Da esquerda para direita: Nahyr, Salete Ramos, (?), Míriam Palma (de faixa), Vânia Saccol (*in memoriam*), Lita (*in memoriam*), Silvia e Annelise; agachadas: Salete Silvia, Prof^{ta} Maria, Marta e Maria Dalla Porta. | Fonte: acervo da SOCEPE | FOTO: acervo da SOCEPE

Os chás da SOCEPE

Os chás, que têm fins beneficentes, sempre foram os eventos sociais mais concorridos da SOCEPE. Inicialmente, eram denominados Chás de Senhora, Chá das Mães, Chá da Primavera, Chá de Outono, Chá de Inverno, pois é tradição realizá-los nos meses de maio e setembro com o propósito de confraternização entre as senhoras.

Atualmente, realiza-se um só grande evento com essas caracte-

terísticas, que é denominado Chá SOCEPE Solidária. Quando surgiu, na década de 1990, a renda angariada pela venda dos convites passou a ser destinada para entidades assistenciais e, em casos eventuais, para atletas carentes da SOCEPE. Para isso, existe uma lista de espera de entidades locais, cujas prioridades são estudadas pela Comissão Organizadora do Chá para a entrega da renda arrecadada.

Durante os chás, é de praxe organizar homenagens às senhoras do quadro social da SOCEPE que se destacaram por sua atuação na sociedade. Além disso, ocorre sorteio das rifas com brindes oferecidos pelo comércio local e pelos membros da comissão organizadora, além de desfiles de moda e a participação do Grupo SOCEPE Ativa.

A festa reúne anualmente cerca de 200 pessoas e acontece em uma tarde de alegre convivência das convidadas, animadas pela participação de grupos musicais ou artistas locais convidados.

A comissão organizadora é composta na maioria pelas esposas dos membros da diretoria da SOCEPE. As rainhas das várias modalidades têm participação importante nos chás, na venda de rifas, na recepção, sorteios e acolhimento das convidadas. O ingresso vendido para o chá solidário inclui o *buffet* composto de salgados e tortas doces fornecidos por empresas locais, o chá, que é providenciado pela comissão organizadora, além do bingo beneficente. Todos os eventos dessa modalidade são realizados sem fins lucrativos.

Algumas entidades que ocuparam espaço na sede da SOCEPE

Ao longo do tempo algumas entidades particulares ocuparam espaço na sede da Sociedade Concórdia depois da SOCEPE.

Em 1964 o recém-criado Instituto Cultural Brasileiro Alemão alugou umas salas na Sociedade Concórdia até depois da criação da SOCEPE. Em 1969 o Instituto retirou-se da sede da SOCEPE, retornando, no entanto, em 1995 quando então permaneceu até o ano 2000.

Atualmente, o Instituto Cultural Brasileiro Alemão atende seu público na sede própria situada à Rua Marechal Floriano Peixoto em Santa Maria.

Outro grupo que ocupou espaços na sede social da SOCEPE foi o Balé Ivone Freire, que esteve vinculado à sociedade desde 1966 até meados do ano de 1970 sempre sob a responsabilidade do Departamento de Balé da SOCEPE chefiado pela Professora Ivone Freire.

Ivone Freire chegou a reunir grupos de 50 bailarinos, meninas e meninos e adolescentes que saíam em apresentações pelas cidades vizinhas em nome da SOCEPE e apresentavam solenemente seu trabalho em sessões abertas ao público nas salas de apresentações da cidade, a cada final de ano.

Atualmente o Balé de Ivone Freire está em sua sede própria na Rua do Barão do Triunfo.

A Família Zietlow
Quentel durante a VIIª
Festa da Cerveja da
SOCEPE, em 1967, no
pavilhão de ginástica. Da
esquerda para a direita
o senhor Carlos Quentel
e sua esposa senhora
Yvone Zietlow Quentel,
Carlos Guilherme
Quentel, sua irmã Nádia
Quentel e Aldo Jose Viola
Coelho, amigo da família.
Sobre a mesa os canecos
de cerveja, alusivos
à festa. No cartaz ao
fundo, identificação da
Banda da vizinha cidade
de Agudo, que animava
a festa da cerveja. |
Foto: acervo de Carlos
Guilherme Quentel.



As festas da SOCEPE

A BIERFEST

A *Bierfest*, a Festa da Cerveja da SOCEPE, é uma das tradições sociais e culturais herdadas da Sociedade Concórdia e realiza-se desde 1961. Atualmente, as festas da cerveja acontecem no mês de novembro ou dezembro, no Ginásio de Esportes Fritz Lippold, na sede social urbana. No início dos anos 1960, a festa era realizada no pavilhão de ginástica da Concórdia e não havia escolha da rainha. Algum tempo depois da fusão, já pelos anos 1970, o antigo pavilhão

de ginástica tornou-se pequeno para abrigar os sócios da SOCEPE, e a Festa da Cerveja de 1972 foi realizada no Clube Atiradores Santa-mariense.

Em 1973 e nos anos seguintes, a festa passou a acontecer na sede campestre de Itaara, num grande pavilhão de madeira, depois demolido para dar lugar a um novo espaço de convívio social, o Salão de Festas Infantis da SOCEPE, chamado carinhosamente de Tio Oca.

Entre 1981 e 1988, os famosos Bailes da Cerveja da SOCEPE não foram realizados por motivos internos. As direções da época tentaram substituí-los pelo Festival do Chopp, realizado em 19 de dezembro de 1981, e pelo 1º Baile do Chopp, que aconteceu em 11 de janeiro de 1985.

Em 1989, o costume da festa da cerveja foi dignamente recuperado com a realização da 21ª *Bierfest* com o título oficializado. Desativada por dez anos, depois de ser realizada durante 20 anos, a *Bierfest* voltou para ficar. A festa foi realizada no Salão de Festas do Balneário SOCEPE, que foi tomado pela alegria e descontração dos presentes. A banda Tricolor, de Taquari, uma das mais famosas bandinhas da tradicional música alemã, animou a festa. A rainha eleita foi Adriana Pimentel Santana. A volta da tradicional festa da cerveja da SOCEPE levou a entidade “de volta às suas origens, e o seu sucesso foi o reinício de tudo”³⁶.

Em 1995, com a inauguração do Ginásio de Esportes Fritz Lippold, a *Bierfest* voltou a ser realizada na sede urbana. Atualmente, o grupo responsável pela organização e realização conta com aproximadamente 50 pessoas, incluindo o presidente e o vice-presidente da SOCEPE e suas esposas, membros da diretoria, vice-diretores de departamento e esposas, membros do Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Lustig Tänzer, funcionários da secretaria e a coordenadora de eventos da entidade.

Segundo Silvia Regina Plein Ziegler, secretária da SOCEPE há 17 anos, as reuniões relativas à *Bierfest* acontecem regularmente desde o início do ano. Nas reuniões, são discutidos o cardápio a ser servido na festa, o conjunto musical a ser contratado, os grupos folclóricos a se apresentarem, os fornecedores do *buffet* e das bebidas, o patrocínio para os copos, preços e distribuição dos convites a serem vendidos, a data da festa e sua promoção.

A preparação de tão importante evento inclui ainda a escolha dos casais anfitriões oriundos do Departamento Social, que se encarregam da venda dos convites, da decoração típica alemã do salão e da organização geral da festa. Antecipadamente, também acontece a escolha da Rainha da *Bierfest* entre jovens preferencialmente vinculadas a um grupo

³⁶ Informativo da SOCEPE gestão 89/90, fevereiro de 1990.

de danças folclóricas alemãs ou que tenham conhecimento da dança e da cultura alemã. O compromisso da Rainha da *Bierfest* restringe-se apenas à ocasião da festa para a qual foi escolhida e resume-se em acolher com simpatia os convidados e participar com alegria das apresentações das danças que fazem parte do ritual da festa.

A festa inicia com apresentação de danças folclóricas alemãs pelos grupos de danças adulto e infantil convidados pela diretoria da SOCEPE. Em seguida, todos dançam a *Polonese*³⁷, desde a rainha da festa até os convidados. A cada ano, uma banda alemã é convidada para animar a festa com músicas típicas e animar os participantes. Já participaram, entre outras, a Bandinha de São Pedro do Sul; a Bandinha de Santa Cruz do Sul; a Bandinha de Teotônia, denominada Banda Melodia; a Banda de Florindo Ivan e seu conjunto, de Agudo; a Banda América, de Agudo; a Banda Ghermania, de Santa Cruz do Sul. Conforme Tatiane Bovo, coordenadora de eventos da SOCEPE, além da música típica para festas alemãs, as bandinhas executam vários ritmos para agradar a todos os gostos.

Na edição da *Bierfest* de 2012, a Banda Charm's foi convidada a participar da *Bierfest*, juntamente com o Grupo de Danças Folclóricas Alemãs Lustige Tänzer. A animação foi geral quando Julia Zanini e Vinicius Guasso foram coroados como o casal *Die Kleiner Kinder* da noite, e a senhorita Melinda Martinbianco assumiu a coroa de Rainha da *Bierfest* de 2012.

Funcionários da SOCEPE e participantes do grupo de danças Lustige Tänzer encarregam-se com antecedência da decoração do salão, o Ginásio de Esportes da sede social urbana para a festa, bem como da montagem das mesas e camarotes. A decoração prima pelo uso das cores da bandeira alemã, amarelo, vermelho e preto em painéis decorados com temas germânicos, cenas típicas que lembram cidades de regiões alemãs.

A *Bierfest* tem reunido, em média, 450 pessoas, que, vestidas a caráter, são animadas ao som de bandinhas alemãs e se divertem com chope, cerveja e comida típica germânica. A festa caracteriza-se por ser uma reunião essencialmente familiar, com diversão para crianças, jovens e adultos.



■ Cenário típico da *Bierfest* no ginásio de esportes da SOCEPE em 1996.
| Fonte: acervo da SOCEPE.

O *buffet*, comida tipicamente alemã, normalmente vem da cidade de Santa Cruz do Sul. Como na maioria das festas alemãs, a edição da *Bierfest* de 2012 serviu pratos típicos da cozinha alemã, como Joelho de Porco, linguiça bock, chucrute, cucas variadas (pães doces cobertos com farofa crocante e frutas), batata ao vapor, tatu recheado, lombo assado e diversas sobremesas. Na madrugada, para recompor as forças dos

participantes, são servidas cucas de acordo com a culinária alemã e são distribuídas para degustação durante toda a festa.

Quem compra o convite, tem direito a uma mesa ou camarote com 16 ou 24 lugares, canecos ou copos, jantar típico, um barril de chope com 30 ou 50 litros e ao baile. Desde 2010, além da cerveja, vem sendo ofertado também o chope. No entanto, nas mesas é servido apenas cerveja.



■ A dança da *Polonese* durante a *Bierfest* de 2010, sob a animação do grupo *Lustig Tänzer* de danças típicas alemãs, das rainhas da *Bierfest*, do casal *Die Kleiner Kinder* da festa e dos participantes da festa. | Fonte: acervo da SOCEPE.



■ Outro ângulo da *Bierfest* de 2010, no ginásio Fritz Lippold. | Fonte: acervo da SOCEPE.

Queima de fogos de artifícios na noite de *Réveillon* de 2009, no Restaurante do Lago, na sede campestre da SOCEPE. | Fonte: acervo da SOCEPE.



O RÉVEILLON

O primeiro *réveillon* da SOCEPE aconteceu durante a presidência de Geraldo Falleiro, no início dos anos 2000. A festa, que começou como uma iniciativa simples para marcar a virada de ano dos sócios e suas famílias, hoje é uma das festas mais concorridas. A cada ano, há uma lista de espera para os convites para a grande noite de 31 de dezembro. Com a inauguração do Restaurante do Lago, na sede campestre, o *réveillon* passou a ser realizado nos dois salões do prédio, no térreo e no primeiro andar, de frente para o lago.

São vendidos em média 230 convites para o salão superior e 140 convites para o salão inferior, que corresponde ao salão de refeições e lancheria do Restaurante do Lago. Cada convite dá direito à mesa com espumante, a assistir ao festival de queima de fogos, ao jantar e ao baile. A família toda se diverte, tranquilamente e com segurança, pois o evento conta com a participação de grupos que promovem a recreação dos pequenos enquanto os adultos festejam e a interação das crianças com os adultos.



■ Réveillon no Restaurante do Lago na sede campestre da SOCEPE. | Fonte: acervo da SOCEPE.

A cada ano, a organização da festa fica a cargo de uma das renomadas empresas locais que se encarrega da decoração e do *buffet* típico das ceias de final de

ano, enquanto a banda faz a animação.

Todas as edições do *réveillon* da SOCEPE contam com a presença da Rainha de Festas da Sociedade.

O CARNAVAL

Com o carnaval de 1971, iniciou-se um convênio entre o Clube Atiradores Santa-mariense e os sócios da SOCEPE para a realização conjunta dos bailes de pré-carnaval e de carnaval na sede social do Clube Atiradores Santa-mariense.

Em 7 de janeiro de 1971, a diretoria executiva da SOCEPE comunicou o recebimento do ofício do Clube Atiradores Santa-mariense nos seguintes termos:

temos a grata satisfação de levar ao conhecimento de Vossa Senhoria que, em sessão realizada dia 29 do mês em curso, a diretoria desse clube aprovou o convênio com essa sociedade, para que seu quadro social, mediante apresentação da carteira, tomasse parte nos bailes de carnaval que se realizarão nas datas abaixo: 23/01/1971 – baile pré-carnaval e escolha da rainha; 06/02/1971 – baile pré-carnaval e coroação; 07/02/1971 – reunião de carnaval e baile infantil; 22/02/1971 – baile de carnaval; 23/02/1971 – baile de carnaval e infantil”. Através do convênio, os sócios da SOCEPE precisavam apenas apresentar a carteira social, enquanto a sociedade contribuía com o Clube Santa-Mariense com a importância de Cr\$1.500,00.

A iniciativa se fez necessária porque os sócios passaram a exigir um espaço maior e com melhor estrutura para acomodá-los em bailes de carnaval, e o antigo galpão da ginástica da sede da SOCEPE necessitava de melhorias para a realização desse tipo de evento.

Esse acordo de realização conjunta dos eventos de carnaval entre as duas entidades perdurou durante toda a década de 1970. O convênio entre as duas entidades para a realização dos bailes infantil e adulto se renovaria em 1981, com o pagamento de Cr\$ 20.000,00 a título de colaboração para o Clube Santa-mariense. Foi quando houve um mal-entendido entre as diretorias das duas entidades, e a SOCEPE ficaria com a realização apenas dos bailes no período pré-carnaval. Essa decisão não agradou a diretoria da SOCEPE e o convênio foi desfeito.



■ Durante o Carnaval de 2009, o animado Bloco Batata Fritz numa pausa durante um dos bailes que acontecem no Restaurante do Lago. | Fonte: acervo da SOCEPE.

O carnaval da SOCEPE na atualidade

Finalizado o convênio entre SOCEPE e Clube Santa-mariense, foi preciso definir onde realizar os bailes de carnaval da SOCEPE. A solução foi realizá-los no conhecido e amplo salão do galpão crioulo, junto ao lago na sede campestre, onde hoje é o Salão Tio Óca. Desde a década de 80, os bailes carnavalescos passaram a ser realizados ali, até ser inaugurado o Restaurante do Lago, em 2004.

Na primeira noite dos bailes, havia a coroação da rainha do carnaval adulta. A rainha do carnaval infantil era coroada no domingo de carnaval à tarde, quando também ocorria o concurso de fantasia infantil. O sucesso dos bailes devia-se, em grande parte, à alegria e animação dos blocos dos foliões, como o Bloco do Camping, Bloco dos Jovens e o Bloco do Batata.

Em 2009, o Bloco Batata Fritz foi “oficialmente” organizado, formado por aproximadamente 50 pessoas, entre jovens e adultos que se divertem juntos no carnaval organizado pela SOCEPE no Restaurante do Lago.

As rainhas adultas e as infantis visitavam as outras entidades sociais de Itaara durante as Festas de Momo, onde também ocorrem os bailes de carnaval.

Nos bailes de carnaval da SOCEPE, toda a família se diverte jun-

ta, seja fazendo parte do bloco ou não. A partir de 2011, uma Lei Federal proíbe a participação de menores de 12 anos em blocos ou bailes junto com adultos. Foi criado, então, um bloco infantil, cujas festas ocorrem nos domingos de carnaval à tarde. Durante a festa dos adultos, uma recreacionista é contratada para organizar as brincadeiras infantis no salão de festas do Restaurante do Lago, e os pais podem, no primeiro andar do mesmo prédio, divertir-se com tranquilidade.



■ O Bloco Infantil do Batata Fritz, durante o carnaval de 2009, no Restaurante do Lago, na sede campestre da SOCEPE. | Fonte: acervo da SOCEPE.



■ Noite Tropical com baile e jantar típico num verão na década de 1990, no Galpão Crioulo da sede campestre. | Fonte: acervo da SOCEPE.

A NOITE TROPICAL DA SOCEPE

A partir de 1976, quando foi realizada a primeira festa de carnaval na sede campestre, os sócios divertiam-se com jantar e muita música à beira do lago.

Já em 1991, os jovens promoveram na sede campestre a 1ª Noite Tropical. Na ocasião, a Rainha do Carnaval da SOCEPE de 1990, Flávia Mendes Batista, passou a faixa e o título de Rainha do Carnaval para Maitielli Coelho Fellipa. As próximas festas realizadas com

essas características passaram a ser denominadas Noite Tropical pelos participantes. A Noite Tropical é realizada na orla do lago na sede campestre com objetivo de envolver e integrar os campistas e demais participantes.

Realizada inicialmente ao ar livre, no Salão de Jogos ou no Galpão Crioulo, a noite passou a ser realizada no salão do Restaurante do Lago após a sua inauguração.



■ Jovens anfitriões da Noite Tropical em 1997. | Fonte: acervo da SOCEPE.

De acordo Maria Elena Camillo, a Noite Tropical era originalmente uma festa semelhante a um luau, já que era realizada na época do verão, em dias de carnaval. Mais tarde, em 2009, a festa foi incluída no calendário de festas da SOCEPE como uma das noites do carnaval, a “noite do meio”, no sábado. Na oportunidade, a senhorita Rafaela Roatt Refosco foi escolhida como Rainha do Baile Tropical.

As danças da festa são aquelas típicas de carnaval e outros diversos ritmos que alegam a noite dos participantes de todas as idades e, durante as brincadeiras, ocorre a coroação da Rainha da Noite Tropical. A ceia oferecida também é característica das chamadas noites tropicais: frios,



■ Local decorado para a festa da Noite Tropical de 1997 à beira do lago, na sede campestre. | Fonte: acervo da SOCEPE.

pratos leves, frutas e coquetéis. Os grupos comparecem vestidos a caráter, com roupas leves, coloridas e com estampa das características das festas havaianas.

A Noite Tropical sempre atraiu a participação dos jovens, inclusive na organização do evento, que, por muitos anos, esteve a

Grupo de Jovens do Departamento Jovem da SOCEPE, organizadores da Noite Tropical, durante a festa em 1999. | Fonte: acervo da SOCEPE



Sócios se divertem no carnaval na sede campestre da SOCEPE. | Fonte: acervo da SOCEPE.

cargo do Departamento Jovem da Sociedade. Conforme Maria Elena Camillo, esse interesse se deve à popularidade do carnaval. Nos últimos anos, no entanto, os frequentadores não se interessam mais pelo jantar tropical oferecido, o que fez com que a comissão optasse por excluí-lo da progra-

mação. A festa ocorre ao sabor e ritmo carnavalesco, e são servidos petiscos a cargo do Restaurante do Lago. Hoje, não se realiza mais a escolha da Rainha da Noite Tropical, mas a festa continua como uma animada noite de carnaval da SOCEPE, com frequência expressiva de sócios de todas as idades.

As rainhas da SOCEPE

RAINHA DE FESTA

A escolha da Rainha de Festas da SOCEPE é uma tradição que vem desde a Sociedade Concórdia, que apresentou, em 1953, como sua Rainha de Festas, a senhorita Rute Lippold.

As Rainhas de Festa são escolhidas pela diretoria da sociedade para as seguintes categorias: Rainha Infantil, meninas de 08 a 11 anos e Rainha adulta, a partir dos 15 anos. De acordo com Maria Elena Camillo, não existem critérios oficiais que estabeleçam a escolha das rainhas. Como não há concurso interno, as meninas são escolhidas entre as mais sociáveis, que se destacam pela simpatia e amabilidade. Suas atividades são representar a sociedade em festas de outras entidades na cidade e região, de acordo com sua categoria, e comparecer em festas e outros eventos da SOCEPE.

RAINHA DOS BALNEÁRIOS

Na década de 70, as direções dos Balneários da Região Centro do Estado reuniram-se e organizaram o primeiro concurso para escolha da Rainha dos Balneários da Região. A escolha foi realizada no Balneário SOCEPE, no dia 27 de fevereiro de 1977, e foi escolhida a senhorita Stela Maris Varela Souza, representante da SOCEPE, sendo a primeira Rainha de Festas da sociedade.

A cada ano, o concurso para escolha da Rainha dos Balneários realiza-se em um dos balneários da região centro do estado. Cada sociedade ou clube participante envia suas candidatas para concorrerem ao título de rainhas adulta, juvenil, infantil e mirim.

O concurso existe desde 1977 e é promovido pelo Jornal A Razão de Santa Maria, reunindo candidatas representantes dos balneários filiados à Associação das Entidades Balneárias de Santa Maria (ASEBASM), criada em 27 de abril de 1985, quando o município de Itaara ainda era

distrito de Santa Maria. Entre as filiadas da ASEBASM está a SOCEPE. A associação tem o objetivo de lutar pelos objetivos comuns, representar os clubes sociais, preservar a natureza, incentivando o turismo e defendendo os direitos e interesses comuns das entidades balneárias.

A diretoria da SOCEPE promove seus concursos internos da Rainha dos Balneários e Rainhas da Piscina. Para o concurso Rainha dos Balneários, as jovens escolhidas deverão obedecer aos seguintes critérios: a) a candidata da categoria mirim deverá ter idade entre 7 e 9 anos, completos no dia do concurso; b) a candidata infantil deverá ter idade entre 10 a 12 anos, completos no dia do concurso; c) a candidata juvenil deverá ter idade entre 13 a 15 anos, completos no dia do concurso e d) a candidata adulta deverá ter no mínimo 16 anos, completos até o dia do concurso.³⁸

RAINHA DO CARNAVAL

O concurso que escolhe a Rainha do Carnaval nem sempre acontece por falta de candidatas inscritas. A participação das rainhas é solicitada pela Sociedade quando existem eventos ou outra atividade que exija a representatividade social das rainhas. A Rainha do Carnaval comparece a eventos carnavalescos quando se faz necessária a representação em eventos da sociedade e outras entidades. Isso acontece também com as rainhas do balneário e da piscina. Todas as candidatas às categorias de rainha do carnaval, quando convidadas, devem concorrer em nome da SOCEPE em concursos locais e regionais de sua categoria.

³⁸ Disponível em: <http://balnearioouroverde.com.br/wp-content/uploads/2012/02/regulamento-rainha-2012.pdf>. Acesso em: 18 jan.2014



■ Público durante escolha de rainhas da SOCEPE. | Fonte: acervo da SOCEPE.

RAINHA BROTINHO

Em 1978, a diretoria executiva da SOCEPE decidiu promover o concurso Rainha Broto e Brotinho da SOCEPE, do qual participariam meninas de 9 a 14 e de 3 a 8 anos, respectivamente. O concurso teria a coordenação da senhorita Tania Seeger Moura, Rainha da *Bierfest* de 1977.

O primeiro concurso foi realizado no final do mês de janeiro de 1978 e teve como escolhida Renata

Najar Machado, como Rainha Brotinho, e Bianca Najar Machado, como Rainha Broto da SOCEPE.

Em 1983, no Balneário da SOCEPE, realizou-se pela primeira vez a escolha da Rainha Brotinho do Balneário. Concorreram 14 meninas de 8 a 14 anos, e Anne Eyre Caldas foi a eleita.

Para a lista completa de rainhas da SOCEPE e fotos das primeiras e das atuais rainhas, ver anexo.

Algumas comemorações na SOCEPE

OS 25 ANOS DA SOCEPE

Em 1991, a SOCEPE comemorou 25 anos de fundação, que foram celebrados com grandes eventos durante todo o ano: concursos de rainhas, homenagens às mães, aos pais, festas da criança, festa da cerveja, jantares, bailes, boates, bingos, o Natal e o carnaval.

Em julho de 1991, o então presidente Waldyr Pires da Rosa, no seu segundo mandato consecutivo, idealizou uma flâmula comemorativa à data. Em um fundo branco emoldurado por linhas vermelhas e azuis, cores da sociedade, está o emblema da SOCEPE, dois pulsos unidos representando a união das duas entidades que lhe deram origem, a Sociedade Concórdia e o Clube de Caça e Pesca de Santa Maria, representadas abaixo por seus símbolos. As festividades iniciaram em 5 de julho de 1991 com um coquetel comemorativo oferecido aos órgãos dirigentes da sociedade, às autoridades, à imprensa e convidados especiais. Na oportunidade, foi apresentada a Rainha do Jubileu de Prata, Patrícia Piekala, que recebeu a faixa de Stella Maris Block, primeira Rainha do Balneário SOCEPE.

Na ocasião, também foi entregue um cartão de prata à funcionária mais antiga da sociedade, a senhora Neuza Lenes, e, em seguida,



foi reinaugurada a Galeria dos ex-presidentes como uma homenagem a todos que dirigiram a SOCEPE nesses 25 anos. A senhora Elsa Grau Lippold, mãe dos ex-presidentes Horst Oscar Lippold e Walter Günther Lippold, foi convidada para descerrar as fotos dos ex-presidentes. A galeria ficou localizada nas novas instalações do Salão Nobre, inaugurado também nessa data. O Salão Nobre é desde então o local destinado a reuniões de dirigentes e foi reformado na gestão do presidente Waldyr Pires da Rosa.

No dia 6 de julho, a diretoria jovem organizou um jantar dançante com música ao vivo, o qual obteve grande sucesso entre os associados. No dia seguinte, ocorreu um culto ecumênico na sede campestre e, após, um almoço festivo, lotando totalmente o salão de festas. Nessa oportunidade, foram entregues diversas premiações relativas a competições realizadas em comemoração ao jubileu de prata. Durante o almoço na sede campestre, uma placa de prata foi entregue à João Henrique Scott, funcionário mais antigo que trabalha na sede campestre. O dia festivo foi encerrado com uma festa junina promovida pelo 24º Grupo de Escoteiros da SOCEPE.

O aniversário de fundação da SOCEPE sempre é comemorado pelos dirigentes e sócios, que não deixam passar em branco uma data tão importante.



■ Jantar comemorativo do 27º aniversário da SOCEPE, em 1993, no Salão de Festas. O presidente da SOCEPE, Horst Oscar Lippold, e sua esposa, Maria Elena Camillo, prestigiam a Rainha de Festas Cátia Druzian. | Fonte: acervo da SOCEPE.

CAPÍTULO IV

Jantar comemorativo do 29º aniversário da SOCEPE, em 1995. No centro: Daniella Riehs, Rainha de Festas de 1994; à esquerda Geraldo Falleiro e Helena Falleiro; o presidente Horst Oscar Lippold e Maria Elena Camillo. | Fonte: acervo da SOCEPE.



Jantar Baile do 32º aniversário da SOCEPE em 1998, na sede social. Da esquerda para a direita: Pedro e Gerci Mai; Cristiane Pedrazzi, Rainha de Festas de 1997; Cristiane Bassan, Rainha de Festas de 1998; o casal presidente Geraldo Falleiro e Helena Falleiro; Maria Elena Camillo e Horst Oscar Lippold. | Fonte: acervo da SOCEPE.



Comemoração do 30º aniversário da SOCEPE, em 1996, no Salão de Festas da entidade. Junto à Rainha de Festas, Micheline Bastianello, da esquerda para a direita, estão Noeli Rizzatti, Maria Elena Camillo e Horst Oscar Lippold. | Fonte: acervo da SOCEPE.



OS 35 ANOS DA SOCEPE

Várias comemorações marcaram o aniversário de 35 anos de fundação da SOCEPE, iniciando em maio de 2001, quando foi reinaugurado o Salão de Festas da sociedade, que recebeu ar condicionado central e infraestrutura necessária para festas, palestras ou seminários.

Em 30 de junho, aconteceu o Chá de Inverno das Senhoras da SOCEPE, no novo salão, e, em 7 de julho, aconteceu o baile dos 35 anos, organizado pela diretoria, funcionários e casais anfitriões. Nessa data, houve o lançamento da página oficial da SOCEPE na internet e a homenagem à senhora Marli Pinto, com o título de sócia benemerita pelos serviços prestados ao clube. Também como parte das festividades, a Rainha de Festas 2001, senhorita Betina Shwartz, recebeu a faixa de sua antecessora, senhorita Liliane Jornada. A noite culminou com o jantar e o baile, animado pelo conjunto Balança Brasil.

OS 40 ANOS DA SOCEPE

Em 8 de julho de 2006, ocorreu um jantar baile em homenagem aos 40 da SOCEPE, no salão de festas da sede social. Durante o baile, os convidados foram recepcionados pelas atuais rainhas da SOCEPE, Lilian Varasquini Teixeira, Rainha de Festas Adulta, e Thassia Moura da Silva, Rainha Adulta do Balneário.

O casal presidente, Maria Elena Camillo e Horst Oscar Lippold, e o casal vice-presidente, Salete e Gonçalo Silva, foram responsáveis pelo cerimonial e distribuíram as lembranças em homenagem aos convidados especiais. Na ocasião, foram coroadas Paola Cristina Ferigolo e Luiza Berlatto Silva, como Rainha de Festas Adulta 2006/2007 e Rainha de Festas Infantil 2006/2007, respectivamente.

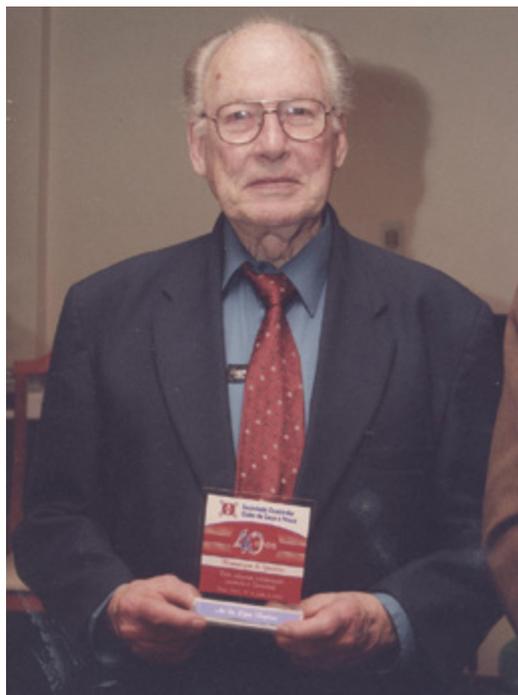
Durante o baile, foram homenageados aqueles sócios que idealizaram, defenderam e realizaram a fusão da Sociedade Concórdia com o Clube de Caça e Pesca e participam da história da sociedade desde sua fundação: Adão Noé da Costa, Carlos Bueno da Foutoura, Egon Treptow, Darci Zamonato, Ronaldo Carlos Lippold, Waldyr Pires da Rosa e Horst Oscar Lippold.

Após as homenagens e o jantar, ocorreu o baile com animação musical.

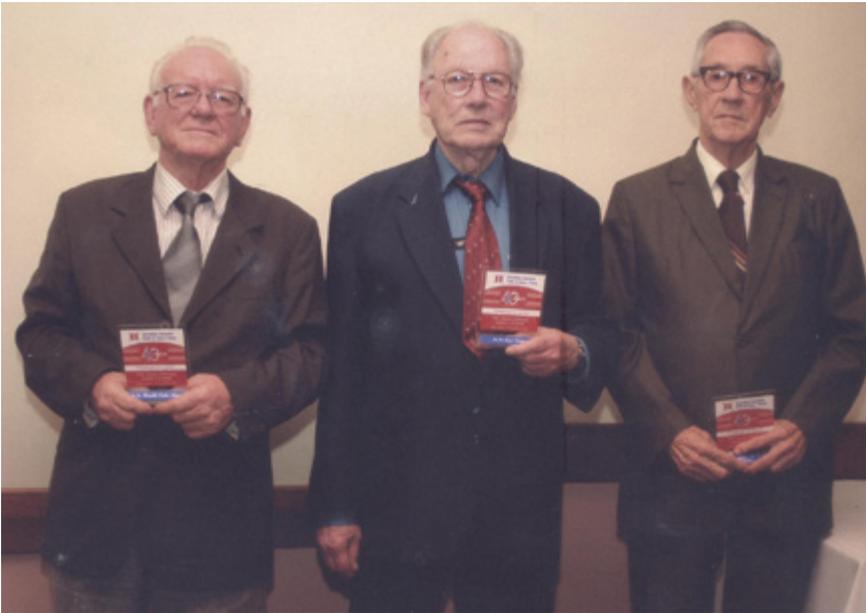
Geraldo Falleiro ■
entrega a troféu
ao homenageado,
Adão Noé da
Costa, um dos
idealizadores e
realizadores da
fusão que deu
origem à SOCEPE,
em 1966. | Fonte:
acervo da SOCEPE.



■ O ex-presidente da SOCEPE, Waldyr Pires da Rosa,
recebeu a homenagem entregue pela Rainha da 36ª
Bierfest, Marcia Kirschoff. | Fonte: acervo da SOCEPE.



Egon Treptow recebeu a ■
homenagem pela sua atuação
em defesa da fusão, em 1966.
| Fonte: acervo da SOCEPE.



■ Ronaldo Carlos Lippold, Egon Treptow e Adão Noé da Costa, homenageados pela atuação no movimento de fusão da Sociedade Concórdia com o Clube de Caça e Pesca, que resultou NA SOCEPE, em 1966. | Fonte: acervo da SOCEPE.



■ Durante o Jantar Baile dos 33 anos da SOCEPE, da esquerda para a direita: Danton e Regina Coelho, Pedro e Gerci Mai, Victor Rocha, Helena e Geraldo Falleiro, Jairo Oliveira, Neiva Dalcin, Silvia Plein Ziegler, Maria Medianeira dos Santos, Rainha do Carnaval da SOCEPE e Itaara de 1999, Micheline Varaschin, Rainha de Festas da SOCEPE 1999, Cristiane Bassan, Rainha de Festas da SOCEPE 1998, Patrícia, Noeli e Carlinho Rizzatti, Paulo e Elizabeth Bassan.

■ O presidente Horst Oscar Lippold recebe da Rainha de Festas de 2006, Paola Cristini Ferigolo, o troféu em homenagem de gratidão aos idealizadores da fusão que originou a SOCEPE, em 1966. | Fonte: acervo da SOCEPE.



Cerimônia de abertura da 1ª Semana Alemã de Itaara, na sede campestre da SOCEPE. Da esquerda para a direita: Marly Pinto, (?), José Antônio Brenner, (?), Rut Marquette, secretária de turismo de Itaara, Hans Peter Gerwy, (?) e Horst Oscar Lippold, presidente da SOCEPE na ocasião. | Fonte: acervo da SOCEPE.



COMEMORAÇÕES DOS 147 ANOS DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ EM ITAARA

Em 12 de setembro de 2004, foi comemorada a data que marca os 147 anos de colonização alemã em Itaara e 180 anos da imigração alemã no Rio Grande do Sul. A SOCEPE foi palco das solenidades de comemoração que aconteceram na sede campestre, em Itaara. Os eventos iniciaram com a narração do historiador José Antônio Brenner, responsável pela pesquisa his-

tórica sobre os alemães e descendentes na região de Santa Maria e Itaara. A seguir, houve a explanação do representante da Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul e coordenador das festividades relativas aos 180 anos da imigração alemã no Rio Grande do Sul, senhor Hans Peter Gerwy, e o pronunciamento do presidente da SOCEPE, Horst Oscar Lippold.



■ Grupo de escoteiros e lobinhos do 24º Grupo em missão de plantio de mudas de Araucárias na sede campestre da SOCEPE no encerramento da Semana dos 147 anos da colonização Alemã em Itaara. Mudas doadas pela Fundação Moã de Santa Maria. | Fonte: acervo da SOCEPE.

Após o momento oficial, os convidados assistiram a apresentações do grupo de danças folclóricas alemãs Immer Lüstig e, complementando a tarde festiva, foi servido um café colonial no salão do Restaurante do Lago, ao mesmo tempo em que se apresentava o grupo Drei Kameraden (Três Camaradas) com músicas típicas alemãs tocadas com gaitas de boca.

No final de semana seguinte, em 18 de setembro, aconteceu o encerramento da Semana Alemã, iniciando a programação com o plantio de mudas de araucária por escoteiros do 24º Grupo de Escoteiros da SOCEPE. Em seguida, houve degustação dos vinhos da Vinícola Velho Amâncio, de Itaara, enquanto os dançarinos do Grupo de Dança Folclórica Alemã Lüstige Tänzer, vinculado à SOCEPE, faziam suas apresentações.

As comemorações da 1ª Semana da Colonização Alemã em

Itaara encerraram-se com um jantar típico germânico servido aos convidados presentes na sede campestre da SOCEPE.



■ José Antônio Brenner, pesquisador da imigração alemã em Santa Maria e Itaara no momento de sua explanação sobre a história de Itaara, durante evento. | Fonte: acervo da SOCEPE.

HOMENAGEM AO PATRONO DA SOCEPE

Em 2012, aconteceu uma homenagem ao patrono da SOCEPE, Horst Oscar Lippold. Oscar nasceu em 1935 e tem dedicado grande parte de seus dias à SOCEPE, desde a época de sua sucessora, a Sociedade Concórdia. Junto a seu pai, o alemão radicado em Santa Maria, Fritz Lippold, e seus irmãos, Walter e Ronaldo, inicialmente dedicou-se à ginástica olímpica ligada à Sociedade Concórdia. Mais tarde, com o surgimento do Clube de Caça e Pesca, do qual foi um dos fundadores, dedicou-se à caça, à pesca e ao tiro e, alternadamente com colegas da direção, trabalhava para o fortalecimento do clube.

Empenhando-se comprometidamente a cada etapa do crescimento do Clube Caça e Pesca de Santa Maria e, junto com seus colegas, teve participação crucial na decisão pela fusão da Sociedade Concórdia com o Clube de Caça e Pesca, na Assembleia de julho de 1966, criando a SOCEPE.

Em quase meio século de existência da SOCEPE, Horst dividiu-se entre sua família, a profissão e a entidade, seguindo passo a passo o seu crescimento, ocupando por diversas vezes a presidência, além de outros cargos nos intervalos entre as gestões, vivenciando os momentos felizes e os preocupantes. Foram 22 anos ocupando a presidência com total zelo e dedicação pelo clube que ajudou a criar e a se fortalecer que, nas palavras do próprio Horst, “até sua vida se confunde com a da SOCEPE”.

O reconhecimento por essa dedicação veio como uma homenagem surpresa organizada pelo presidente João Prevence (Gestão 2012-2014), que conseguiu apoio unânime à sua proposta em assembleia da sociedade. A proposta consistia na concessão do título de honra de Patrono da Sociedade Concórdia Caça e Pesca – SOCEPE a Horst Oscar Lippold pela sua atenção permanente à entidade.

Patrono é aquela pessoa que defende uma determinada causa, o protetor de uma instituição ou academia, o homenageado. A concessão de tal título a Horst é a manifestação do reconhecimento de seus amigos e companheiros de jornada. A homenagem e a entrega do título realizaram-se no salão de festas da sede social da SOCEPE em 6 de dezembro de 2012 e contou com a participação da família do homenageado, amigos próximos, autoridades locais e convidados especiais.



- Momento após o descerramento do quadro do Patrono da SOCEPE. Da esquerda para direita: Victor Chagas da Rocha, Horst Oscar Lippold e Ronaldo Carlos Lippold e, ao fundo, João Carlos Provença, presidente da SOCEPE. | Fonte: acervo de Horst Lippold.

O presidente da SOCEPE, na ocasião do evento, João Carlos Provença, abriu a solenidade com considerações sobre a importância do trabalho do homenageado em prol do crescimento da entidade e seus esforços para manter a

união entre os sócios. Seguiram-se as falas das autoridades convidadas, dos familiares e dos amigos. Por fim, o descerramento do quadro do homenageado, que passará a ocupar lugar de destaque na sala de reuniões na sede central.



■ O Patrono da SOCEPE rodeado pelos colaboradores da entidade durante a festa. | Fonte: acervo de Horst O. Lippold.



Miniatura do quadro original entregue ao homenageando Horst Lippold. | Fonte: Acervo de Eva Coelho.

HOMENAGEM AOS 150 DA *DEUTSCHER HILFSVEREIN*

Em 28 de outubro de 1866, famílias de origem germânica do município de Santa Maria criaram a Comunidade Evangélica Alemã e a *Deutscher Hilfsverein* (Sociedade Beneficente Alemã) para amparar-se mutuamente e solidarizar-se com os novos colonos alemães que chegavam a Santa Maria.

Em 1936, os sócios da *Deutscher Hilfsverein* comemoraram os 70 anos da entidade, homenageando o grupo de 18 alemães que a criaram com o propósito de amparar moral e materialmente os demais patrícios e seus descendentes, aqui radicados.

Portanto, em 2016, a *Deutscher Hilfsverein* completaria cento e cinquenta anos de fundação, e a SOCEPE quis homenagear a sociedade e aos seus fundadores, Otto Brinckmann, o presidente, e Franz Weimann, vice-presidente, ambos de origem germânica.

A comprovação de que a SOCEPE teve origem com a *Deutscher Hilfsverein* foi feita em 2013 com a extensa e valiosa pesquisa do professor José Antônio Brenner sobre os alemães povoadores de Santa Maria no século XIX. A SOCEPE surgiu da fusão da Sociedade Concórdia e do Clube de Caça e Pesca em 1966 e é, portanto, descendente direta da entidade alemã. A confirmação da data de fundação da SOCEPE, em 28 de outubro de 1866, foi realizada em assembleia no ano de 2016.

Assim, a SOCEPE foi confirmada como a sociedade mais antiga de Santa Maria e uma das mais antigas do Rio Grande do Sul. Essa constatação traz orgulho à SOCEPE, o que levou a uma homenagem a Otto Brinckmann, um dos fundadores da *Deutscher Hilfsverein*, em 28 de outubro de 2016.

O militar Brinckmann veio para ao Brasil em 1851 como capitão de artilharia de um pelotão de 2.000 militares prussianos contratados pelo exército brasileiro para lutar contra os exércitos de Oribe e Rosas na Região do Prata. Após a guerra, licenciado do exército, Brinckmann veio para a região de Santa Maria e estabeleceu-se como agrimensor em 1855. Faleceu em 4 de janeiro de 1903 e foi sepultado no Cemitério Evangélico Alemão, hoje incorporado ao Cemitério Municipal de Santa Maria.

Túmulo do fundador
da *Deutscher
Hilfsverein*, Otto
Brinckmann, que
recebeu a placa em
homenagem aos 150
anos da agremiação
em 2016. | Fonte:
foto de José Antônio
Brenner, parte do
acervo da SOCEPE.



Como parte da homenagem, a SOCEPE restaurou o túmulo e afixou nele uma lápide com o seguinte texto em homenagem aos fundadores da *Deutscher Hilfsverein*:

Homenagem aos 150 anos

A Sociedade Concórdia Caça e Pesca de Santa Maria, por meio de sua Diretoria (Gestão 2016/2018), presta seu preito de gratidão e reconhecimento aqueles que fundaram a *Deutscher Hilfsverein* (Sociedade Alemã de Assistência) em 1866 para amparar os imigrantes alemães recém-chegados a Santa Maria e que deu origem a nossa Sociedade. Sua primeira Diretoria foi:

Otto Brinckemann – presidente

Francisco Weinmann – Vice-Presidente

Guilherme Ficher – Secretário

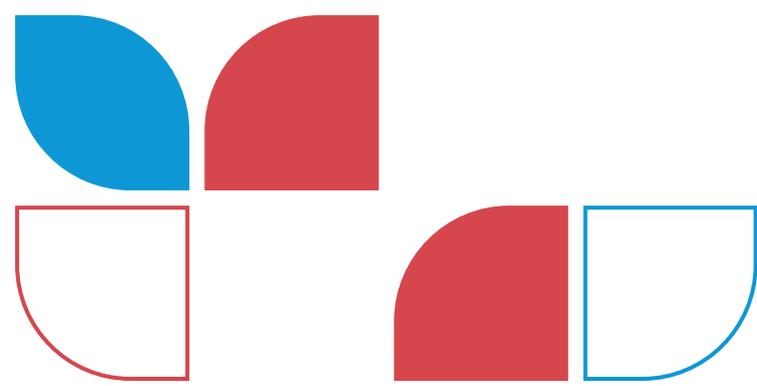
Pedro Cassel – Tesoureiro

Nicolau Elhers, Jacob Krebs, Felipe Schirmer e Jacob Maurer – diretores do mês;

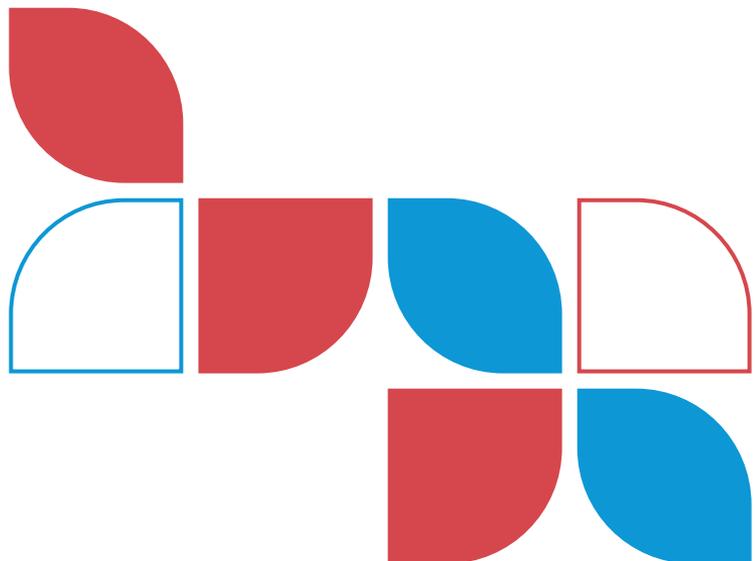
Durante a II Guerra, passou a chamar-se Sociedade Concórdia e, em 1966, unindo-se ao Clube Caça e Pesca passou a chamar-se Sociedade Concórdia Caça e Pesca de Santa Maria, a nossa SOCEPE.

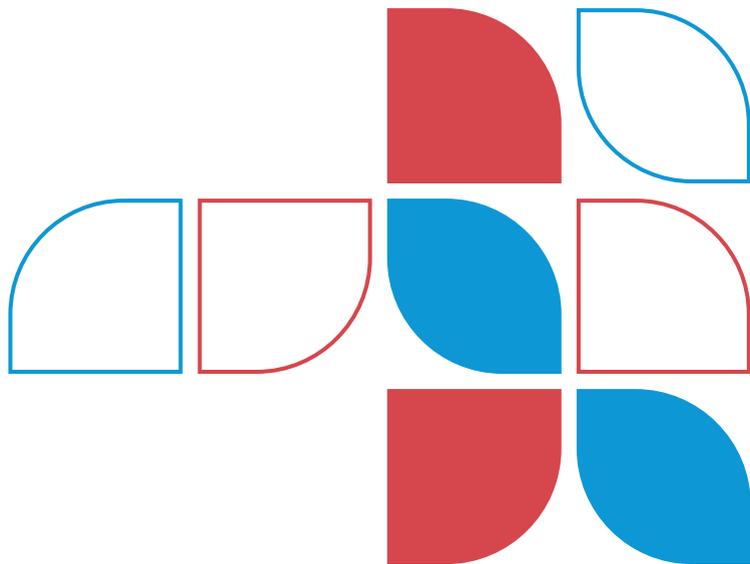
Santa Maria, 28 de outubro de 2016.





Referências





ALMANACH MUNICIPAL DE SANTA MARIA. Santa Maria, Anno Primeiro, 1899. Acervo da Casa Memória Edmundo Cardoso de Santa Maria.

AVÉ-LALLEMANT, R. **Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)**. São Paulo: Itatiaia, 1980.

AZEVEDO, A. Alemães em Santa Maria. *In: Revista Commemorativa do Primeiro Centenário de Fundação de Santa Maria*. Porto Alegre: Editora do Globo, 1914.

BARROS, E. Instrução Pública. *In: Revista Commemorativa do Primeiro Centenário de Fundação de Santa Maria*. Porto Alegre: Editora do Globo, 1914.

BELÉM, J. **História do Município de Santa Maria: 1797-1933**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2000.

BOLETIM INFORMATIVO DO DEPARTAMENTO DE GINÁSTICA DA SOCEPE, v. 1, n. 1, jul./set., 1966. Acervo da SOCEPE.

BRENNER, J. A. **Pinhal – 150 anos – Itaara**. Comunicação pessoal. 2007.

BRENNER, J. A. **Anotações para a História do Deutscher Hilfsverein de Santa Maria**: Sociedade Beneficente Alemã 1913-1937. Comunicação pessoal, 2010b.

BRENNER, J. A. **Imigração alemã**: a saga dos Niederauer. Santa Maria: Editora da UFSM, 1995.

BRENNER, J. A. O pioneirismo de Johann Friedrich Mergener e os vinhos Laydne. **Palaión**, Santa Maria, v. 2, n. 1, p. 74-104, 1992.

BRENNER, J. A. **Os Cassel de Santa Maria, desde o Glantal**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2010a.

BRENNER, J. A. SOCEPE: 139 anos desde o *Deutscher Hilfsverein*. **Jornal A RAZÃO**, Segundo Caderno, 27 de outubro de 2005, p. 1.

CAMBOIM, A. F. Chronica da Páročhia Evangélica Allemã de Santa Maria. *In: Revista Commemorativa do Primeiro Centenário de Fundação de Santa Maria*. Porto Alegre: Editora do Globo, 1914.

DALMOLIN, C. **Em nome da pátria**: italianos e ítalo-brasileiros na região central do RS. 2012. Disponível em: <http://labhstc.ufsc.br/files/2012/09/catiadalmolin.doc>. Acesso em: 25 set. 2010.

FLASCHBAKERS. [20--?]. Disponível em: http://www.flashbackers.com.br/v2/index.php?option=com_content&view=article&id=168:Kombi. Acesso em: 17 jun. 2010.

FOLETTTO, V. T.; KESSELER, J.; JACKS, N.; BISOGNIN, E. L. **Apontamentos sobre a história da arquitetura de Santa Maria**. Santa Maria: Pallotti, 2008.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). Disponível em: <https://www.fee.rs.gov.br/indicadores/>. Acesso em: 26 set. 2011.

GDFa LUSTIGE TÄNZER. [20--?]. Disponível em: <https://www.facebook.com/lustigetanzler/photos/a.767072773466104/767074030132645/?type=3&theater>. Acesso em: 14 mar. 2019.

KREUTZ, L. Língua de referência na escola teuto-brasileira. *In*: CUNHA, J. L. da; GÄRTNER, A. (org.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**: história, linguagem, educação. Santa Maria, Editora da UFSM, 2003. p.133-157.

LOPES, J. U. S. *et al.* Folclore e Tradição. *In*: CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA DE SANTA MARIA. **Santa Maria Cidade Cultura**. Santa Maria: Pallotti, 2003, p. 52-63.

MARCHIORI, J. N. C.; NOAL FILHO, V. A. **Santa Maria, relatos e impressões de viagem**. Santa Maria: Editora da UFSM, 1997.

MARTINS, T. C. **(Re)Pensar o Desenvolvimento de Itaara** – Discussões acadêmicas em prol do município, história, geografia, economia e turismo. Câmara Municipal de Vereadores de Itaara. Itaara: Gráfica Multipress, 1998.

MAUCH, C.; VASCONCELOS, N. **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade e história. Canoas: Editora da ULBRA, 1994.

O SOCEPEANO, v. 3, n. 5, p. 5, 1979. Acervo da SOCEPE.

OLIVEIRA MESQUITA, P. S. *In*: Marchiori, J. N. C.; Noal Filho, V. A. **Santa Maria, Relatos e Impressões de Viagem**. Santa Maria: Editora da UFSM, 1999. p. 237-240.

OLIVEIRA, D. L. **Bocha, lazer e alto rendimento**. Porto Alegre: Bocha, 2017.

PIQUE ACADEMIA. [20--?]. Disponível em: <https://www.facebook.com/PiqueAcademia/photos/a.871690169510182/2049750228370831/?type=3&theater>. Acesso em: 29 ago. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAARA/RS. Histórico do Município de Itaara. [19--?].

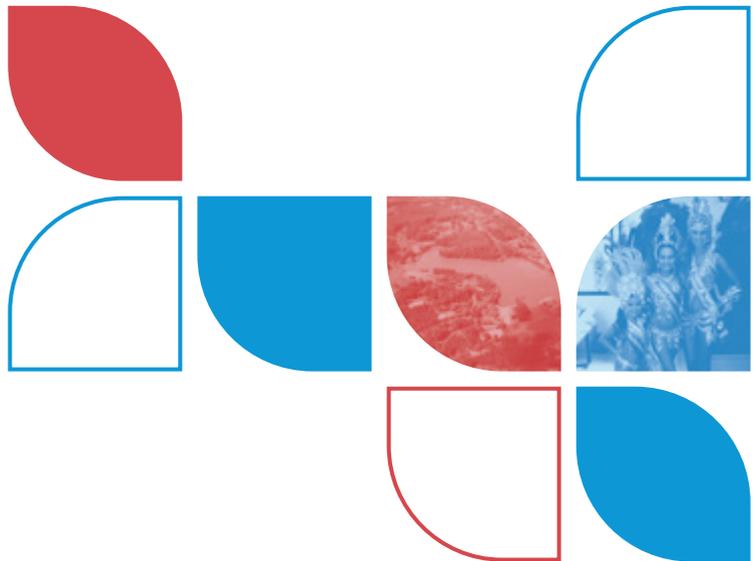
PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAARA/RS. Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto de Itaara/RS. Itaara/RS e sua História. [19--?].

SOCEPE em Boletim, v. 1, n. 1, p. 8, abr., 1970. Acervo da SOCEPE.





Anexos



Relação das Rainhas da História SOCEPE

Os anos omitidos correspondem àqueles em que não houve rainhas ou que não foi possível obter registros.

Rainhas de Festas

1953 - Rute Lippold (1ª Rainha de Festas da Sociedade Concórdia)

1977 - Stela Maris Souza (1ª Rainha de Festas da SOCEPE)

1989 - Jovelina Peters Vieira (adulta)

- Patrícia Rizzatti (infantil)

1990 - Claudia Moresco (adulta)

- Daniele Taschetto (infantil)

1991 - Patrícia Piekala

1992 - Sandra Mara de Souza Ávila

1993 - Cátia Druzian

1994 - Daniella Riehs

1995 - Patrícia Rizzatti

1996 - Micheline Bastianello

1997 - Cristiane Pedrazzi (Rainha da AESRSM - 1998)

1998 - Cristiane Cervi Bassan

1999 - Michele Varaschini

2000 - Juliana Jornada

2001 - Betina Fleig Schwartz

2002 - Aline Périco Mortari

2003 - Crístielle Roat Braga

2004 - Sandra Machado Silva

2005 - Lilian Varaschini Teixeira

2006 - Paola Cristini Ferigolo (adulta)

- Luiza Berlatto Silva (infantil)

- 2007 - Andressa Zanini (adulta)
- Liz Adamy Zanini Silva (infantil)
- 2008 - Lauren Sattis Onofrio (adulta)
- Geórgia Portela Quevedo (Rainha Infantil das Entidades Sociais de Santa Maria - 2011)
- 2009 - Vanessa Lovatto Palma (adulta)
- Emanuelle Fernandes Refosco (Rainha Infantil da Associação das Entidades Sociais Recreativas de Santa Maria - 2009)
- 2010 - Verônica Dutra Cólvero (adulta)
- Julia Adamy Zanini (infantil)
- 2011 - Marina Dutra Cólvero (adulta)
- Antonella Rosauero Gnocatto (Rainha Infantil das Entidades Sociais e Recreativas de Santa Maria - 2011)
- 2012 - Vitoria Ramos Streppel (adulta)
- Ana Clara Ferraz Oliveira (infantil)
- 2013 - Alexa K. Zampiere (adulta)
- Ana Gabriela Bovo Dorneles (infantil)
- 2014 - Lueine Pozzobon

Rainhas da *Bierfest*

- 1961 - Rute Lippold
1968 - Tânia Lippold
1970 - Eliane Treptow
1972 - Lílian Marotto
1973 - Elenara Saenger de Araújo
1976 - Rosiclei Malcorra Allebrand
1977 - Tania Seeger de Moura
1978 - Adriane Maioli
1980 - Heleniza Portela Carli
1989 - Adriana Pimentel Santana (21º *Bierfest*, primeira rainha da nova fase da *Bierfest* na sede campestre)
1990 - Carmem Ligia Staggemeier
1992 - Sandra Staggemeier

1993 - Melissa Machado
1996 - Sandra Seidel
1997 - Ana Cristina Jungton
1998 - Sibebe Waucher
1999 - Zélia Jungton
2000 - Michelle Staggmeier Félix
2001 - Iarema de Barros
2002 - Carolina Grisil Heldwein
2003 - Natássia Leilane Schimitt
2004 - Adriana Gündel
2005 - Marcia Kirchhoff
2006 - Leticia da Rosa Oliveira
2007 - Aline Weber
2008 - Carine Güindel
2009 - Joseane Soares
2010 - Ana Paula Kister
2011 - Letícia Taecher
2012 - Melinda Martinbianco
2013 - Stephane Giovana Nunes

Casal Die Kleiner Kinder

2004 - Lourenzo Najar e Giovana Seidel Wauthier
2005 - Luã Vier Heckler e Ingrid Kirshoff
2007 - Eduardo Lippold Camila e Isadora Waters
2008 - Luiza Eduardo Brito e Sandro Luiz Petter Medeiros
2010 - Erika Sttaggemeier Xavier e Gabriel Weber Zimmermann
2011 - Bruna Luiza Piedras e Juan Gabriel Rosauero
2012 - Julia Zanini e Vinicius Grasso
2013 - Nathalia Gündel Schultz Lucas Denardin

Rainhas do Balneário SOCEPE

- 1977 - Stela Maris Varela Souza (1ª Rainha dos Balneários de Santa Maria)
1978 - Gilvana Mello
1979 - Lia Mara Silva de Souza (Rainha dos Balneários de Santa Maria)
1980 - Liege Nunes Martins.
1981 - Márcia Ferreira
1982 - Kátia Fleig
1983 - Janne Eyre Caldas (infantil) (Rainha Brotinho dos Balneários - 1985)
1984 - Magda Silveira Gomes
1985 - Claudia Luz Amaral
1986 - Sadimara A. Zanine (adulta)
 - Roseana Ventura Alves (infantil)
1987 - Marise W. da Costa (adulta)
 - Thaise Flores Nunes (infantil)
1988 - Cristiane Caurio (adulta)
 - Diossana Mattos Wesz (infantil)
1989 - Jovelina J. Peters Vieira (adulta)
 - Patrícia Oliveira Rizzatti (Rainha Infantil dos Balneários de Santa Maria)
1990 - Claudia Adriane Moresco (Rainha adulta dos Balneários de Santa Maria)
 - Daniele de Araújo Tasquettol (Rainha infantil dos Balneários de Santa Maria)
1991 - Marlize Bastianello da Rosa (adulta)
 - Cintia Bezerra (infantil)
1992 - Sandra Mara de Souza Ávila (Rainha adulta dos Balneários de Santa Maria)
 - Etiane Nunes Pinto (infantil)
1993 - Ana Paula W. Soares (adulta)
 - Carolina Camillo Rabelo (infantil)
1994 - Maitê Coelho Fellipa (adulta) (Garota Dourada - 1989)
 - Márcia C. Gabbi (infantil)
1995 - Carla Lucenir Cunha da Silva (Rainha dos Balneários de Santa Maria)
1996 - Claudiana Barbieri

- 1997 - Micheli Pistóia (adulta)
- Camila Stock (juvenil)
- Andressa de Oliveira (infantil)
- 1998 - Caroline Lawich (adulta)
- Suzielen Pereira Cruz (juvenil)
- Alice Siqueira Brilhante (infantil)
- 1999 - Vanessa Krüguer (adulta)
- Waleska Cardoso (juvenil)
- Renata Cervo (infantil)
- 2000 - Camila Kapp Stock (adulta)
- Rafaela Koller Zanella (juvenil) (Garota Verão 2003 e Miss Brasil 2006)
- Pauline Martins Sperb (infantil)
- 2001 - Andressa Stanque Machado (adulta)
- Hanriete Chioquetta de Mello (juvenil)
- Julia Monjardini Minussi (infantil)
- 2002 - Gelmari Mello de Mello (adulta)
- Juliana dos Santos Pippi (infantil)
- 2003 - Pâmela Bella Guarda (adulta)
- Graziella Farias Beltrame (juvenil)
- Raissa Grimaldi (infantil)
- 2004 - Bruna Manzon (adulta) (Rainha adulta dos Balneários de Santa Maria)
- Juliana dos Santos Pippi (juvenil)
- Taynara Michel Ouriques (infantil)
- 2005 - Camila Moraes Pavani (adulta)
- Thandara Souza da Silva (juvenil)
- Karolini Manzon (infantil) (Miss Santa Maria - 2005)
- 2006 - Thássia Moura da Silva (adulta)
- Vanessa Lovato Palma (juvenil)
- Tarcieli da Costa Martins (infantil)
- 2007 - Sofia Rodrigues da Silva (adulta)
- Tassiana Paim Brondani (juvenil)
- Emanuele Fernandes Refosco/Isabela Marques Kumer (infantil)
- 2008 - Andressa Zanini (adulta)
- Ivna Camillo Porciuncola (juvenil)
- Geórgia Portella Quevedo (infantil)

- 2009 - Pâmela Bortoluzzi (adulto)
- Rafaela Refosco (juvenil)
- Antonella Gnocatto/Bárbara Bohrer (infantil)
- 2010 - Verônica Cólvero (adulta)
- Luciane de Freitas Pozzobon (juvenil)
- Emanuelli Refosco (infantil)
- 2011 - Natália Fantinel Dias (adulta) (Rainha dos Balneários de Santa Maria)
- 2012 - Andressa Zanini (adulta)
- Stefany Bianca Guindel Flores (infantil) (Rainha dos Balneários de Santa Maria)
- 2013 - Marilinda de Abreu Correa (Rainha Balneários Regional)
-

Rainha Brotinho

- 1978 - Renata Najjar Machado
-

Rainhas do Carnaval

- 1979 - Leslie Mara Cavalheiro
- 1990 - Flavia Mendes Batista
- 1991- Maitieli Coelho Felippa (adulta)
- Daniela Vey (infantojuvenil)
- Tatiane Hoer (infantil)
- 1993 - Priscila Oliveira (adulta)
- Melissa Leiria (infantil)
- 1994 - Micheli Hoer (adulta)
- Etiane Pinto (infantil)
- 1995 - Karla Monassa Felippa (adulta)
- Naiane Cruz Ramos (infantil)
- 1997 - Kellen Caldas
- 1998 - Danielle Farret
- 1999 - Maria Medianeira dos Santos - (Rainha do Carnaval de Itaara)

- 2009 - Georgia Quevedo (infantil)
2010 - Marina Dutra Colvero (adulta)
 - Ana Gabriela Bovo Dorneles (infantil)
2011 - Guilia Cancian (adulta)
 - Taiane Gnocatto de Freitas (infantil)
2012 - Renata Colvero Dorneles (rainha mirim do Carnaval de Santa Maria)
 - Antonella Rosauro Gnocatto (Rainha do Carnaval Infantil de Itaara)
 - Gleiane Ruviano (2ª Princesa adulta do Carnaval de Santa Maria)
-

Rainhas da Noite Tropical

- 2003 - Sandra Machado da Silva
2004 - Andressa Zanini
2006 - Mariana Townsend
2007 - Namise Roveder Costa
2008 - Vanessa Lovatto Palma
2009 - Rafaela Roat Refosco
2010 - Marina Colvero
-

Rainhas da Piscina

- 2007 - Sofia Rodrigues da Silva (adulta)
2008 - Verônica Colvero (adulta)
 - Marina de Aguiar Camillo (juvenil)
 - Liz Adamy Zanini Silva (infantil)
2012 - Larissa Vieira (adulta)
 - Amanda Brutti (juvenil)
 - Laura Vendrúsculo (infantil)
 - Isadora Teixeira (mirim)

Rainhas da SOCEPE Ativa

Silvia Palma Julião
Míriam Medianeira Lovatto Palma
Nahyr Rodrigues
Vania
Leda Miolo
Alvanisa Sausem

Rainhas da SOCEPE que receberam outros títulos

1989 - Maitê Felippa (Garota Dourada)
1990 - Leandra Costa da Costa (Miss Santa Maria adulta)
1990 - Thaisa Flores Nunes (Miss Santa Maria Juvenil)
1990 - Daniela Araújo Taschetto (Miss Santa Maria infantil)
1991 - Patrícia Piekala (Rainha dos 25 anos da SOCEPE)
1992 - Maitiele Coelho Felippa (Rainha do Voleibol de Santa Maria)
1995 - Fabiana La Flor Ziegler (Garota Verão)
1993 - Aline Correa Moro (Miss Santa Maria infantil)
1999 - Franciele Dalla Lana (Garota Verão da SOCEPE)
2003 - Rafaela Koller Zanella (Garota Verão 2003)
2006 - Rafaela Koller Zanella (Miss Brasil)
2011 - Renata Bovo Dorneles (Mini Miss RS, Miss das Américas e Miss Talento do RS)
2012 - Marilinda Correa (Musa do Sol)
2013 - Ana Gabriela Bovo Dorneles (Beleza Gaúcha Infantil)
- Antonella Rosauo Gnoccoato (Embaixatriz do Turismo Brasil infantil)

Galeria de Rainhas da SOCEPE

As primeiras e as atuais de cada categoria



■ Rute Lippold – Rainha de Festas da SOCEPE em 1953 e Rainha da Bierfest de 1961

■ Lueine Pozzobon – Rainha de Festas da SOCEPE de 2014



■ Stephane Giovana Nunes – Rainha da Bierfest da SOCEPE de 2013



■ Stela Maris Varela Souza – Rainha do Balneário da SOCEPE em 1977



■ Marilinda de Abreu Correa – Rainha do Balneário da SOCEPE de 2013

Da esquerda para a direita: Renata Colvero Bovo Dorneles, Antonella Gnocatto e Gleiane Ruviaro – Rainhas do Carnaval da SOCEPE de 2012





■ Sandra Machado da Silva – Rainha da Noite Tropical da SOCEPE de 2003



■ Marina Colvero – Rainha da Noite Tropical da SOCEPE de 2010



■ Larissa Vieira – Rainha das Piscinas da SOCEPE em 2012

Relação dos Presidentes da Sociedade Concórdia Caça e Pesca de Santa Maria

Horst Oscar Lippold

07/07/1966 – 15/07/1971

João Naegelen Scherer

15/07/1968 – 27/02/1969

Romeu Frassetto

27/02/1969 – 15/07/1969

Walter Günther Lippold

15/07/1969 – 15/07/1970

Osmar Armando Block

29/07/1971 – 29/02/1972

Adão Neves

29/02/1972 – 15/07/1975

João Naegelen Scherer

15/07/1975 – 15/05/1981

Sérgio Librelotto

30/05/1981 – 30/06/1984

Hector Menna Barreto

26/07/1984 – 28/07/1988

Waldyr Pires da Rosa

29/07/1988 – 30/07/1992

Horst Oscar Lippold

31/07/1992 – 30/07/1998

Geraldo Falleiro

31/07/1998 – 15/07/2002

Horst Oscar Lippold

15/07/2002 – 15/07/2004

15/07/2004 – 15/07/2006

15/07/2006 – 15/07/2008

15/07/2008 – 15/07/2010

15/07/2010 – 15/07/2012

João Carlos Provensi

10/08/2012 – 31/07/2014

Élvio Rabenschlag

1º/08/2014 – 31/07/2018

Antônio Firmino de Freitas Neto

1º/8/2018 – 31/07/2020

João Carlos Dippe

1º/8/2020 – 31/07/2022

César Augusto Finger

1º/8/2022 – 31/07/2024

Luiz Paulo Brilhante Wolle

1º/8/2024 –

Fotos da SOCEPE

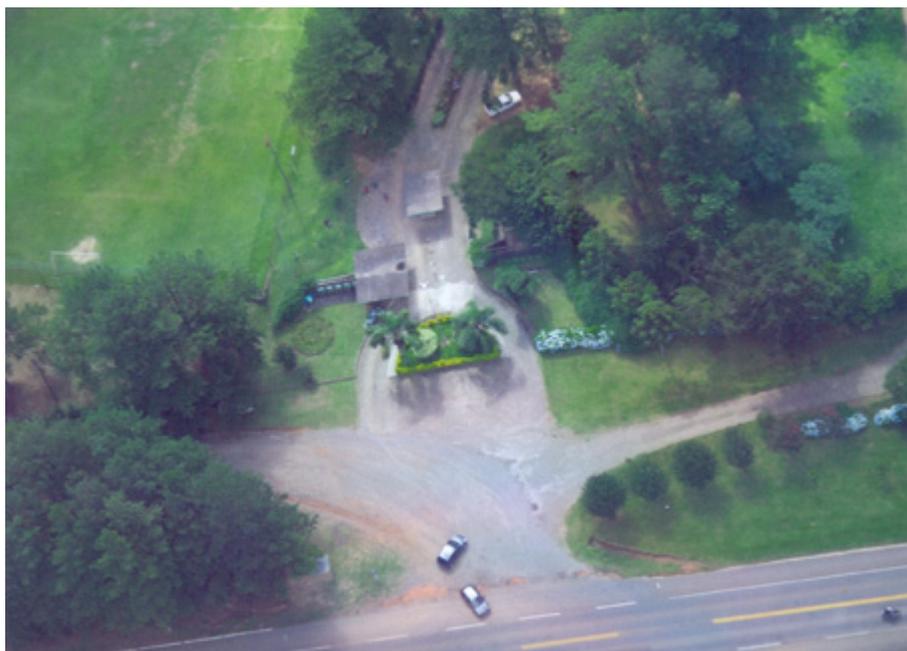
Natal na Sede Campestre



■ Dia da Criança na sede campestre com palhaços da empresa Bem Faceiros e da esquerda para direita na primeira fileira: Luiz Toniolo Pozzobon, Horst Oscar Lippold, Maria Elena Camillo, Tatiane Bovo Dornelles, Marivone Provensi e João Provensi; na fileira abaixo: Rosana Ferreira de Vasconcellos, Sílvia Plein Ziegler e Neiva Dalcin. | Fonte: acervo da SOCEPE.



Fotos Aéreas da Sede Campestre da Socepe em Itaara Realizadas pela Base Aérea de Santa Maria



A) Pórtico de entrada da sede campestre da SOCEPE em Itaara. | Fonte: acervo da SOCEPE.



B) Vista da entrada pela BR 158, com o pórtico, cancha de bocha, restaurante do lago, ponte pênsil, “ilha” e lago. | Fonte: acervo da SOCEPE.



■ C) Vista parcial da praia, tobogã, salão de jogos, churrasqueiras, restaurante do lago, pavilhão de bochas, casa do zelador, piscinas na “ilha”. | Fonte: acervo da SOCEPE.

D) Sede campestre ■ da SOCEPE, com destaque para piscinas, ponte pênsil, quadras de esportes, área de camping, área de plantação de *pinus ellioti* e a estrada vicinal. | Foto: Acervo da SOCEPE

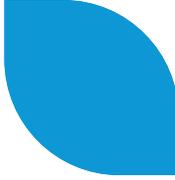
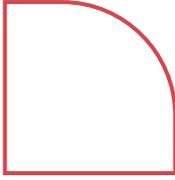
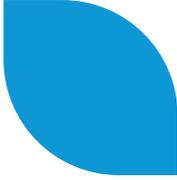
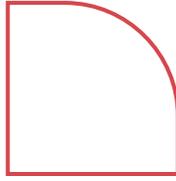
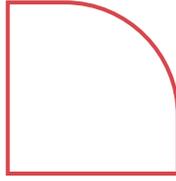
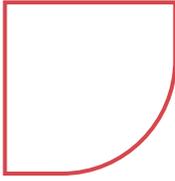
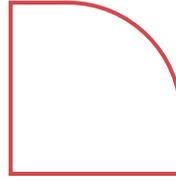
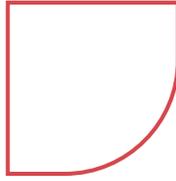




- F) No alto, as piscinas, quadras de esportes, *camping*, casa do escoteiro, Linha de Tiro, com as arquibancadas e casa do atirador, e área onde caem os pratos da linha de tiro. | Fonte: acervo da SOCEPE.



■ Vista geral a partir do Recanto Champanhat (propriedade Marista), com linha de tiro ao centro e ao fundo a cidade de Itaara. | Fonte: acervo da SOCEPE.





TIPOGRAFIA
Kepler Std | Abril Display

